

SIMONE DORNELAS DE CARVALHO

**OS ADVÉRBIOS GRADUADORES NA FALA RURAL E NA FALA
URBANA DE MINAS GERAIS**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2019

SIMONE DORNELAS DE CARVALHO

**OS ADVÉRBIOS GRADUADORES NA FALA RURAL E NA FALA
URBANA DE MINAS GERAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e da Mudança Linguística
Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2019

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C331a Carvalho, Simone Dornelas de.
Os advérbios graduadores na fala rural e na fala urbana de Minas Gerais [manuscrito] / Simone Dornelas de Carvalho. – 2019.
230 f., enc. : il., fots, tabs, grafs, maps (color) + 1 CD.
Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.
Inclui CD com as transcrições dos dados rurais de Luisburgo/MG e as transcrições dos dados urbanos de Belo Horizonte.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 168-172.
Anexos: f.173-175.
Apêndices: f. 176-230.

1. Línguas portuguesa – Regionalismos – Luisburgo (MG) – Teses. 2. Língua portuguesa – Variação – Luisburgo (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa – Regionalismos – Belo Horizonte – Teses. 4. Língua portuguesa – Variação – Belo Horizonte – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Mudanças linguísticas – Teses. 7. Língua portuguesa – Advérbio – Teses. I. Cohen, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

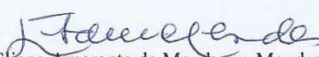
OS ADVÉRBIOS GRADUADORES NA FALA RURAL E NA FALA URBANA DE MINAS GERAIS

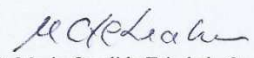
SIMONE DORNELAS DE CARVALHO

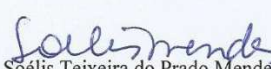
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 02 de agosto de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - Orientadora
UFMG


Prof(a). Eliana Amarante de Mendonça Mendes
UFMG


Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra
UFMG


Prof(a). Soélis Teixeira do Prado Mendes
UFOP


Prof(a). Idalena Oliveira Chaves
UFV

Belo Horizonte, 2 de agosto de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre me guiar nessa jornada;

A minha admirável orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, pelos sábios e valiosos aconselhamentos, pela generosidade em me orientar ao longo desses anos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras (Poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que participaram da minha formação acadêmica e do meu crescimento profissional: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias, Prof.^a Dr.^a Maria Cândida Trindade Costa Seabra, Dr. Mário Alberto Perini e Prof. Dr. Tommaso Raso.

Às professoras Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Coelho (UFMG) e Prof.^a Dr.^a Tânia Ferreira Rezende, da Universidade Federal de Goiás (UFG), pelas preciosas sugestões no Exame de Qualificação;

Aos professores membros da banca examinadora pelo interesse e pela disponibilidade;

À Prof.^a Dr.^a Miriam Hermeto de Sá Motta por me receber no Núcleo de História Oral (NHO)/ Fafich (UFMG) e por me contar um pouco sobre o projeto;

Ao meu amado esposo Edesio e a meus queridos filhos Dirceu, Sofia e Heitor pelos gestos de amor e pelas palavras de carinho;

A minha amada mãe que partiu recentemente e que sempre acreditou em meus sonhos;

A meu saudoso pai que, desde a minha infância, vibrava com minhas conquistas;

A meus irmãos e a meus sobrinhos que, mesmo distantes, deram apoio à minha carreira acadêmica;

À amiga Maryelle pela disposição contínua em me ajudar nos períodos de intenso estudo e pela inestimável amizade;

À amiga Simone Gomes por ouvir minhas inquietações acadêmicas e pessoais;

Ao amigo Carlos pelas conversas descontraídas e pela indicação dos dados do NHO;

À Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) por ter concedido o meu afastamento;

Aos amigos da E. E. Margarida de Melo Prado pelas palavras de incentivo e pela amizade sincera;

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

A presente tese de doutorado tem por objetivo analisar os graduadores em amostras de fala de duas localidades mineiras, Luisburgo e Belo Horizonte, contemplando-se assim os dois polos extremos do *continuum* de urbanização, proposto por Bortoni-Ricardo (2004), o rural e o urbano. Considerando-se a relação entre língua, sociedade e cultura, esta pesquisa baseia-se nos trabalhos de L. Milroy (1987) e J. Milroy (1992) e ainda nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004), que associam as escolhas linguísticas do falante às questões socioculturais. Os *corpora* que serviram de base para este estudo são constituídos de 24 amostras de fala: 12 entrevistas de Luisburgo e 12 entrevistas de Belo Horizonte, coletadas de acordo com normas preconizadas em pesquisas dialetais e sociolinguísticas. Foram descritas as relações sintático-semânticas estabelecidas pela categoria dos graduadores, conforme os estudos descritivos de Ilari *et al.* (1996 [1990]; 2002 [1992]; 2014), gerados a partir de dados reais de fala do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC). Trata-se de um referencial teórico bem sedimentado, desenvolvido durante anos de estudo sobre a categoria adverbial. Ademais, os dados urbanos de Belo Horizonte assemelham-se aos inquéritos do NURC. Em relação à conexidade do graduador e seu escopo, sob um ponto de vista sintático-semântico, esta análise baseia-se em Waugh (1977), que pressupõe a “situação de modificação” estabelecida entre os elementos contíguos na sentença. Uma análise dos escopos dos graduadores, a saber, adjetivo, verbo e advérbio, de acordo com as tipologias semânticas, foi proposta tendo como referência Dixon (2004) para os adjetivos, Garcia (2004) para os verbos e Ilari *et al.* (2014) para os advérbios. Os resultados da análise quantitativa dos graduadores demonstraram que em ambos os *corpora* a predominância dos intensificadores é evidente em relação aos atenuadores que apresentam um número bastante reduzido. Em relação ao graduador e seu escopo, a ordem de preferência entre os intensificadores é adjetivo, verbo e advérbio; entre os atenuadores, a ordem preferencial é verbo, adjetivo e advérbio. Na análise dos graduadores em situação de combinação, a maior recorrência de uma mesma combinação se manifesta com maior frequência nos dados rurais e a maior variedade de combinações, com diferentes itens que se combinam, ocorre mais frequentemente nos dados urbanos. A análise da classificação da tipologia semântica dos escopos mostrou que há uma diversidade de tipos nas duas localidades. Os tipos semânticos com maior frequência de ocorrência são os mais gerais: entre os adjetivos, as classes valor, propensão humana, idade e propriedade física são as mais frequentes; entre os verbos, a classe dos afetivos; e entre os advérbios, a classe dos qualificadores. Como resultado dessa análise,

foi possível correlacionar o uso dos graduadores às características socioculturais desses grupos de falantes. Na quantificação e nas escolhas lexicais foram encontradas semelhanças e diferenças entre as duas localidades. Apesar de ambas terem combinações variadas e repetitivas, a recorrência maior de combinações indica um vocabulário focalizado nos dados rurais; e a variedade maior de combinações indica um vocabulário difuso nos dados urbanos.

Palavras-chave: Advérbios. Graduadores. Dados da Fala Mineira. Contexto Sociocultural.

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the graders in speech samples from two Brazilian cities in Minas Gerais state, Luisburgo and Belo Horizonte, thus contemplating the two extreme poles of the urbanization *continuum*, proposed by Bortoni-Ricardo (2004), the rural one and the urban one. Concerning the relation between language, society and culture, this research is based on the works of L. Milroy (1987) and J. Milroy (1992) as well as on the studies of Bortoni-Ricardo (2004), they all associate the speaker linguistic choices to sociocultural issues. The *corpora* underlying this study are composed of 24 speech samples: 12 interviews from Luisburgo and 12 interviews from Belo Horizonte, collected according to norms advocated in dialectal and sociolinguistic research. The syntactic-semantic relations established by the graders category were described according to the descriptive studies of Ilari *et al.* (1996 [1990]; 2002 [1992]; 2014), generated from real speech data from Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC - the Urban Standard Language Study Project). It is a well-established theoretical framework developed for years of study on the adverbial category. In addition, the urban data from Belo Horizonte are similar to NURC surveys. As to the connectivity between the grader and its scope, from a syntactic-semantic point of view, this analysis is based on Waugh (1977), which presupposes the “modification situation” established between the contiguous elements in a sentence. An analysis of graders scope, namely, adjective, verb and adverb, according to semantic typologies, was proposed using as reference Dixon (2004) for adjectives, Garcia (2004) for verbs and Ilari *et al.* (2014) for adverbs. The graders quantitative analysis result demonstrated that in both *corpora* the predominance of the intensifiers is evident in relation to the attenuators which are in a very small number. As to the grader and its scope, the preferred intensifier order is adjective, verb and adverb; among the attenuators, the preferred order is verb, adjective and adverb. In the analysis of combinatorial graders, the greatest recurrence of the same combination occurs more frequently in rural data and the greatest combinations variety with different lexical items occurs more frequently in urban data. The scopes semantic typology classification analysis showed that there is a diversity of types in both places. The most frequent semantic types are the most general ones: among adjectives, the values classes, human propensity, age and physical property are the most frequent; among verbs, the affective class; and among adverbs, the qualifiers class. As a result of this analysis, it was possible to correlate the use of the graders with the sociocultural characteristics of these speakers’ groups. Similarities and differences were found in the quantification and in the lexical choices between

the two localities. Although both have varied and repetitive combinations, the greater recurrence of combinations indicates a vocabulary focused in rural data; and the greater variety of combinations indicates a diffuse vocabulary in urban data.

Keywords: Adverbs. Graders. Minas Gerais Speech Data. Sociocultural Context.

RESUMEN

La presente tesis de doctorado tiene por objetivo analizar a los graduadores en muestras de habla de dos ciudades brasileñas en el estado de Minas Gerais, Luisburgo y Belo Horizonte, contemplando así los dos polos extremos del continuum de urbanización, propuesto por Bortoni-Ricardo (2004), el rural y el urbano. La investigación se basa en los trabajos de L. Milroy (1987) y J. Milroy (1992) y en los estudios de Bortoni-Ricardo (2004), que asocian las opciones lingüísticas del hablante a las cuestiones socioculturales. Los corpora que sirvieron de base para este estudio se componen de 24 muestras de habla: 12 entrevistas de Luisburgo y 12 entrevistas de Belo Horizonte, recogidas de acuerdo con normas preconizadas en investigaciones dialectales y sociolingüísticas. Se describieron las relaciones sintáctico-semánticas establecidas por la categoría de los graduadores, según los estudios descriptivos de Ilari *et al.* (1996 [1990]; 2002 [1992]; 2014), generados a partir de datos reales de habla del Proyecto NURC - Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Proyecto de Estudio de la lengua estándar urbana). Es un referencial teórico bien sedimentado, desarrollado durante años de estudio sobre la categoría adverbial. Además, los datos urbanos de Belo Horizonte se asemejan a las encuestas del NURC. En cuanto a la conexión entre el graduador y su alcance, desde un punto de vista sintáctico-semántico, este análisis se basa en Waugh (1977), que presupone la “situación de modificación” establecida entre los elementos contiguos en la sentencia. Un análisis de los ámbitos de los graduadores, a saber, adjetivo, verbo y adverbio, según las tipologías semánticas, fue propuesto teniendo como referencia Dixon (2004) para los adjetivos, Garcia (2004) para los verbos e Ilari *et al.* (2014) para los adverbios. Los resultados del análisis cuantitativo de los graduadores demostraron que en ambos corpora el predominio de los intensificadores es evidente en relación a los atenuadores que presentan un número bastante reducido. En cuanto al graduador y su alcance, el orden de preferencia entre los intensificadores es adjetivo, verbo y adverbio; entre los atenuadores, el orden preferencial es verbo, adjetivo y adverbio. En el análisis de los graduadores en situación de combinación, la mayor recurrencia de una misma combinación se manifiesta con mayor frecuencia en los datos rurales y la mayor variedad de combinaciones, con diferentes ítems léxicos, ocurre más frecuentemente en los datos urbanos. El análisis de la clasificación de la tipología semántica de los ámbitos mostró que hay una diversidad de tipos en las dos localidades. Los tipos semánticos que ocurren con mayor frecuencia son los más generales: entre los adjetivos, las clases valor, propensión humana, edad y propiedad física son las más frecuentes; entre los verbos, la clase de los

afectivos; y entre los adverbios, la clase de los calificadores. Como resultado de este análisis, fue posible correlacionar el uso de los graduadores a las características socioculturales de esos grupos de hablantes. En la cuantificación y en las elecciones léxicas se encontraron similitudes y diferencias entre las dos localidades. A pesar de que ambas tienen combinaciones variadas y repetitivas, la recurrencia mayor de combinaciones indica un vocabulario enfocado en los datos rurales; y la variedad mayor de combinaciones indica un vocabulario difuso en los datos urbanos.

Palabras-clave: Adverbios. Graduadores. Datos de la Habla de Minas Gerais. Contexto Sociocultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Redes sociais de alta densidade.....	52
Figura 2 –	Redes sociais de baixa densidade.....	52
Figura 3 –	Falantes do polo rural do contínuo de urbanização.....	166
Figura 4 –	Falantes do polo urbano do contínuo de urbanização.....	167
Fotografia 1 –	Plantações de café arábica no município de Luisburgo.....	27
Fotografia 2 –	Colheita do café com o uso do pano em Luisburgo.....	28
Fotografia 3 –	Praça da Liberdade, construída na época da fundação da nova capital, circunscrita à Avenida do Contorno.....	31
Fotografia 4 –	Pequena propriedade rural em Luisburgo, rodeada pelos cafezais.....	35
Fotografia 5 –	Imagem panorâmica da Região Central de Belo Horizonte.....	38
Fotografia 6 –	Colégio Sagrado Coração de Maria no bairro Serra em Belo Horizonte.	40
Gráfico 1 –	Quantificação geral dos graduadores nos <i>corpora</i>	85
Gráfico 2 –	Distribuição das classes de intensificadores e de atenuadores nos <i>corpora</i>	85
Gráfico 3 –	Distribuição dos 1.068 intensificadores nas duas localidades.....	86
Gráfico 4 –	Distribuição dos 54 atenuadores nas duas localidades.....	86
Gráfico 5 –	Frequência dos intensificadores, por lexia, nos <i>corpora</i>	87
Gráfico 6 –	Frequência dos atenuadores, por lexia, nos <i>corpora</i>	87
Gráfico 7 –	Quantificação das lexias intensificadoras nas duas localidades.....	88
Gráfico 8 –	Quantificação das lexias atenuadoras nas duas localidades.....	89
Gráfico 9 –	Distribuição geral dos intensificadores quanto ao escopo.....	94
Gráfico 10 –	Distribuição dos intensificadores por escopo nas duas localidades.....	95
Gráfico 11 –	Distribuição geral dos atenuadores quanto ao escopo.....	102
Gráfico 12 –	Distribuição dos atenuadores por escopo nas duas localidades.....	103
Quadro 1 –	Perfil do Informante de Luisburgo.....	34
Quadro 2 –	Perfil do Informante de Belo Horizonte.....	37
Quadro 3 –	Tipos de redes e transição rural-urbana.....	54
Quadro 4 –	A “gramática da conexidade” e a “gramática da coesão”	62

Mapa 1 –	As mesorregiões de Minas Gerais.....	23
Mapa 2 –	Regiões Geográficas Intermediárias do estado de Minas Gerais.....	24
Mapa 3 –	Divisão dialetal de Minas Gerais.....	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	<i>Tokens e types nos corpora</i>	41
Tabela 2 –	Intensificador <i>muito</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	96
Tabela 3 –	Intensificador <i>mais</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	97
Tabela 4 –	Intensificador <i>bem</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	98
Tabela 5 –	Intensificador <i>tão</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	99
Tabela 6 –	Intensificador <i>demais</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	100
Tabela 7 –	Intensificador <i>bastante</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	101
Tabela 8 –	Atenuador <i>quase</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	104
Tabela 9 –	Atenuador <i>meio</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	105
Tabela 10 –	Atenuador <i>pouco</i> e seu escopo nos <i>corpora</i>	105
Tabela 11 –	Intensificador <i>muito</i> + adjetivo nos dados rurais.....	110
Tabela 12 –	Verbo + intensificador <i>muito</i> nos dados rurais.....	111
Tabela 13 –	Intensificador <i>muito</i> + advérbio nos dados rurais.....	112
Tabela 14 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>muito</i> nos dados rurais.....	123
Tabela 15 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>muito</i> nos dados urbanos.....	125
Tabela 16 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>mais</i> nos dados rurais.....	126
Tabela 17 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>mais</i> nos dados urbanos.....	128
Tabela 18 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>bem</i> nos dados rurais.....	129
Tabela 19 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>bem</i> nos dados urbanos.....	130
Tabela 20 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>tão</i> nos dados rurais.....	130
Tabela 21 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>tão</i> nos dados urbanos.....	131
Tabela 22 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>demais</i> nos dados rurais.....	132
Tabela 23 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>demais</i> nos dados urbanos.....	132

Tabela 24 –	Tipo semântico do adjetivo combinado com <i>bastante</i> nos dados rurais.....	133
Tabela 25 –	Tipo semântico do adjetivo e o atenuador <i>quase</i> nos dados rurais.....	134
Tabela 26 –	Tipo semântico do adjetivo e o atenuador <i>quase</i> nos dados urbanos.....	134
Tabela 27 –	Tipo semântico do adjetivo e o atenuador <i>meio</i> nos dados rurais.....	135
Tabela 28 –	Tipo semântico do adjetivo e o atenuador <i>meio</i> nos dados urbanos.....	135
Tabela 29 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> muito</i> nos dados rurais.....	137
Tabela 30 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> muito</i> nos dados urbanos.....	139
Tabela 31 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> mais</i> nos dados rurais.....	140
Tabela 32 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> mais</i> nos dados urbanos.....	141
Tabela 33 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> bem</i> nos dados rurais.....	141
Tabela 34 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> bem</i> nos dados urbano.....	142
Tabela 35 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> demais</i> nos dados rurais.....	142
Tabela 36 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> demais</i> nos dados urbanos.....	143
Tabela 37 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> bastante</i> nos dados rurais.....	143
Tabela 38 –	Tipo semântico do verbo combinado com <i> bastante</i> nos dados urbanos.....	144
Tabela 39 –	Tipo semântico do verbo e o atenuador <i> quase</i> nos dados rurais.....	145
Tabela 40 –	Tipo semântico do verbo e o atenuador <i> quase</i> nos dados urbanos.....	146
Tabela 41 –	Tipo semântico do verbo e o atenuador <i> pouco</i> nos dados rurais.....	147
Tabela 42 –	Tipo semântico do verbo e o atenuador <i> pouco</i> nos dados urbanos.....	147
Tabela 43 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i> muito</i> nos dados rurais.....	148
Tabela 44 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i> muito</i> nos dados urbanos....	149
Tabela 45 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i> mais</i> nos dados rurais.....	150
Tabela 46 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i> mais</i> nos dados urbanos.....	150
Tabela 47 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i> bem</i> nos dados rurais.....	151
Tabela 48 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i> bem</i> nos dados urbanos.....	151

Tabela 49 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i>tão</i> nos dados rurais.....	152
Tabela 50 –	Tipo semântico do advérbio combinado com <i>tão</i> nos dados urbanos.....	152
Tabela 51 –	Tipo semântico do advérbio e o atenuador <i>quase</i> nos dados rurais.....	153
Tabela 52 –	Tipo semântico do advérbio e o atenuador <i>quase</i> nos dados urbanos.....	154
Tabela 53 –	Tipo semântico do advérbio e o atenuador <i>pouco</i> nos dados rurais.....	154
Tabela 54 –	Tipo semântico do advérbio e o atenuador <i>pouco</i> nos dados urbanos.....	155
Tabela 55 –	Tabela resumitiva dos tipos semânticos dos adjetivos nos <i>corpora</i>	162
Tabela 56 –	Tabela resumitiva dos tipos semânticos dos verbos nos <i>corpora</i>	162
Tabela 57 –	Tabela resumitiva dos tipos semânticos dos advérbios nos <i>corpora</i>	163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALEMIG	Atlas Linguístico do Estado de Minas Gerais
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
CEFET/MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Cf.	Conferir
Dieese	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FDC	Fundação Dom Cabral
FJP	Escola de Governo da Fundação João Pinheiro
GT	Gramática Tradicional
HARAS	homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPAC MG	Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Minas Gerais
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
NHO	Núcleo de História Oral
NURC	Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Qv	Qualificativo
SN	Sintagma Nominal
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 As regiões de Minas Gerais	22
2.2 Contextualização histórico-cultural das localidades pesquisadas	26
2.2.1 <i>O município de Luisburgo</i>	26
2.2.2 <i>O município de Belo Horizonte</i>	29
2.3 Constituição dos corpora, normas de transcrição e perfil dos informantes	32
2.4 A ferramenta computacional AntConc	41
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	44
3.1 A relação entre língua, sociedade e cultura	44
3.1.1 <i>O contínuo rural-urbano</i>	45
3.1.2 <i>As redes sociais</i>	47
3.2 A categoria gramatical advérbio	55
3.2.1 <i>O advérbio nas gramáticas tradicionais</i>	55
3.2.2 <i>A problemática da classificação tradicional do advérbio na língua portuguesa</i>	59
3.2.3 <i>Propostas linguísticas de categorização dos advérbios</i>	61
3.2.4 <i>Os advérbios graduadores nos estudos da “Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta”</i>	68
3.2.5 <i>Os advérbios graduadores nos estudos da fala rural do português brasileiro</i>	71
3.3 A conexão entre o advérbio e seu escopo	74
3.3.1 <i>O advérbio em situação de modificação</i>	75
3.3.2 <i>A tipologia semântica dos escopos dos advérbios graduadores</i>	77
4 ANÁLISE DOS DADOS	84
4.1 Análise Quantitativa	84
4.1.1 <i>Análise comparativa da quantificação geral</i>	90
4.2 Descrição dos graduadores quanto ao escopo	93
4.2.1 <i>Graduadores intensificadores</i>	93
4.2.2 <i>Graduadores atenuadores</i>	102
4.2.3 <i>Análise comparativa do comportamento dos graduadores e seus escopos</i>	106
4.3 Combinação dos graduadores com seus escopos	108

4.3.1 <i>Combinação dos intensificadores com seus escopos</i>	112
4.3.2 <i>Combinação dos atenuadores com seus escopos</i>	120
4.4 Classes semânticos dos escopos	121
4.4.1 <i>Os intensificadores e as classes semânticas dos adjetivos</i>	122
4.4.2 <i>Os atenuadores e as classes semânticas dos adjetivos</i>	133
4.4.3 <i>Os intensificadores e as classes sintático-semânticas dos verbos</i>	136
4.4.4 <i>Os atenuadores e as classes sintático-semânticas dos verbos</i>	144
4.4.5 <i>Os intensificadores e as classes semânticas dos advérbios</i>	148
4.4.6 <i>Os atenuadores e as classes semânticas dos advérbios</i>	153
4.5 Análise comparativa: o uso dos graduadores e o contexto sociocultural	155
4.5.1 <i>Os advérbios graduadores na fala rural e na fala urbana</i>	156
4.5.2 <i>O repertório linguístico-cultural dos falantes</i>	163
4.6 Considerações Finais	165
REFERÊNCIAS	168
ANEXOS	173
APÊNDICES	176

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutorado tem por objetivo descrever e caracterizar os graduadores na fala rural de Luisburgo/MG e na fala urbana de Belo Horizonte/MG, levando-se em conta as relações sintático-semânticas estabelecidas por essa categoria adverbial. Segundo a categorização de Ilari *et al.* (2014), aqui adotada, o graduador, habitualmente denominado advérbio de intensidade ou intensificador na literatura gramatical, envolve dois processos que são reunidos sob a denominação mais geral de *graduadores*, subdividindo-se em dois tipos: *intensificadores* que indicam “graduação para mais” e *atenuadores* que indicam “graduação para menos”.

O presente estudo dá prosseguimento a observações pouco exploradas sobre os intensificadores na minha dissertação de mestrado que versou sobre a ordem do adjetivo adnominal em dados rurais mineiros (CARVALHO, 2014). Assim, deu-se continuidade à análise dessa subcategoria adverbial a partir de *corpora* da fala mineira.

A proposta inicial desta tese era, portanto, nessa linha, analisar a modificação do adjetivo pelo graduador dentro do sintagma nominal (SN) nos dados rurais. Contudo, considerando a possibilidade de expandir este estudo para além da relação adjetivo e advérbio, a pesquisa delimitou sua análise no estudo dos graduadores, tomando por escopo não só o adjetivo, mas também o verbo e o advérbio. Ademais, viu-se a necessidade de ampliar a amostra de dados, integrando-se o polo urbano à análise, de forma a contemplar os dois polos extremos do *continuum* de urbanização, um rural e outro urbano, conforme estudos de Bortoni-Ricardo (2004).

Apesar de a classe dos graduadores ser preenchida “por um número relativamente pequeno de itens”, como expõe Perini (2005, p. 116), seu estudo não foi exaustivamente realizado. Ilari *et al.* (1996 [1990], p. 94) reforçam que “sabemos muito pouco sobre o papel dos intensificadores, ou melhor, que a semântica de expressões como *meio, muito, mais, menos*, etc. é um campo até hoje inteiramente inexplorado”. Assim sendo, essa análise visa focalizar esses aspectos dos menos explorados nos estudos do advérbio.

Silva (2016) reforça que a intensificação, também denominada de grau (ou gradação) nos estudos da linguagem, apesar de ser um processo produtivo e muito importante na interação verbal, não tem recebido a devida atenção nas pesquisas linguísticas. Para o autor, a gradação é uma das estratégias discursivas mais utilizadas nos processos intercomunicativos – dos mais simples e descontraídos aos mais formais.

Os *corpora* que oferecem base empírica a esta pesquisa são constituídos de 24 amostras de fala: 12 entrevistas de informantes rurais de Luisburgo/MG e 12 entrevistas de informantes urbanos de Belo Horizonte/MG. As amostras de Luisburgo foram coletadas para a minha pesquisa de mestrado, entre abril e setembro de 2012, e as amostras de Belo Horizonte foram coletadas pelo Núcleo de História Oral, vinculado ao Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich/UFMG), entre o decênio 1990-2000.

Com base na descrição e na caracterização dos *corpora*, esta pesquisa parte da hipótese inicial de que o uso dos graduadores vai apresentar diferenças no repertório linguístico dos falantes rurais e dos falantes urbanos, conforme as particularidades de cada localidade desses moradores, já que a língua reflete a cultura da comunidade.

A organização da tese está desdobrada, incluindo este capítulo de Introdução em que se apresentam os objetivos e questões norteadoras da análise, em mais três capítulos, assim, explicitados:

No capítulo 2, Procedimentos Metodológicos, é feita a contextualização histórico-cultural dos municípios de Luisburgo e de Belo Horizonte, demonstrando-se o modo de vida de seus moradores. Também são expostos os procedimentos adotados na coleta, no levantamento e no tratamento dos dados. Nesse capítulo, também são apresentados o perfil dos informantes, fazendo-se o detalhamento da constituição dos *corpora*, a descrição das normas de transcrição adotadas e a especificação do programa utilizado para organização dos dados.

No capítulo 3, Pressupostos Teóricos, são descritos os pressupostos teóricos nos quais se encaixam este trabalho, bem como expostos os conceitos pertinentes a esta pesquisa, tanto no que se refere à parte sociolinguística quanto à parte gramatical. Para tanto, são considerados os estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2011), sobre o *continuum* de urbanização e sobre o repertório linguístico do grupo, e as pesquisas de L. Milroy (1987) e J. Milroy (1992) sobre redes sociais. Dessa maneira, dá-se sequência aos trabalhos que observaram a rede social dos informantes, tais como as pesquisas de Rezende (2008), Alves (2008), Silva Sampaio (2009), Almeida Mendes (2009), Ribeiro (2017) entre outras.

Esse capítulo expõe ainda o quadro teórico descritivo de Ilari *et al.* (1996 [1990]; 2002 [1992]; 2014), com base nos dados de fala do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC), para categorizar o advérbio. Esses autores elaboraram uma proposta de classificação, considerando as relações sintático-semânticas dos advérbios e as similaridades de usos dessa categoria. Esse referencial teórico é adequado à análise aqui apresentada, pois descreve as peculiaridades do texto oral: “a língua falada é hesitante, interrompida, redundante, não

planejada, fragmentada, incompleta, pouco elaborada, com pouca densidade informacional, frases curtas e simples” (CASTILHO, 2017)¹. Além disso, os dados urbanos deste estudo aproximam-se dos inquéritos do NURC. Esse capítulo também traz a descrição dos graduadores nos estudos da fala rural do português brasileiro, conforme Rodrigues (1974), Assis Veado (1982) e Vilefort (1985). Essas pesquisas inovam os estudos dialetológicos, uma vez que analisam os aspectos morfossintáticos da fala rural em diferentes regiões do Brasil, a saber, Piracicaba em São Paulo, Januária em Minas Gerais e Morrinhos em Goiás.

Nesse capítulo teórico, a pesquisa de Waugh (1977), que levam em conta a análise dos traços semânticos dentro da sintaxe, demonstra a “situação de modificação” que envolve as relações de contiguidade entre o graduador e seu escopo (categoria afetada), como em “muito bom”, “gostar muito” e “muito bem”. Ademais, são estabelecidas classes semânticas para essas categorias que servem de escopo aos graduadores: são descritas as pesquisas de Dixon (2004), para as classes do adjetivo, as pesquisas de Garcia (2004), para as classes do verbo, e os estudos de Ilari *et. al.* (2014), para as classes do advérbio.

No capítulo 4, Análise dos Dados, é realizada a análise quantitativa dos dados que descreve e identifica os graduadores nos dados rurais e nos dados urbanos. Em seguida, são feitas a descrição e a análise dos graduadores em relação às categorias gramaticais adjetivo, verbo e advérbio, ou seja, os escopos, comparando-se os resultados das duas localidades. Também são realizadas a distribuição e a análise desses escopos em tipos semânticos, a fim de encontrar características lexicais particulares que se combinam na relação de modificação. Com base na interpretação e na discussão desses dados, é feita uma análise comparativa, considerando-se o uso dos graduadores e a relação entre língua, sociedade e cultura, e, em seguida, são acrescentadas as considerações finais.

¹ Entrevista concedida pelo Prof. Ataliba T. de Castilho a Carlos Fioravanti, da revista “Pesquisa Fapesp”, em setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/ataliba-teixeira-de-castilho-o-linguista-libertario-parte-3>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os dados nos quais a análise da presente tese será baseada e está dividido em quatro seções: na seção 2.1, a título de contextualização da procedência dos informantes desta tese, são apresentadas as regiões mineiras onde se localizam os municípios de Luisburgo e de Belo Horizonte. A seção 2.2 descreve o contexto histórico-cultural das localidades pesquisadas e está subdividida em duas subseções: a 2.2.1 traz a descrição de Luisburgo, e a 2.2.2 traz a descrição de Belo Horizonte. Na seção 2.3, detalham-se a composição dos *corpora*, as normas de transcrição e o perfil dos informantes. Na seção 2.4, apresenta-se a ferramenta computacional AntConc utilizada para a quantificação dos dados.

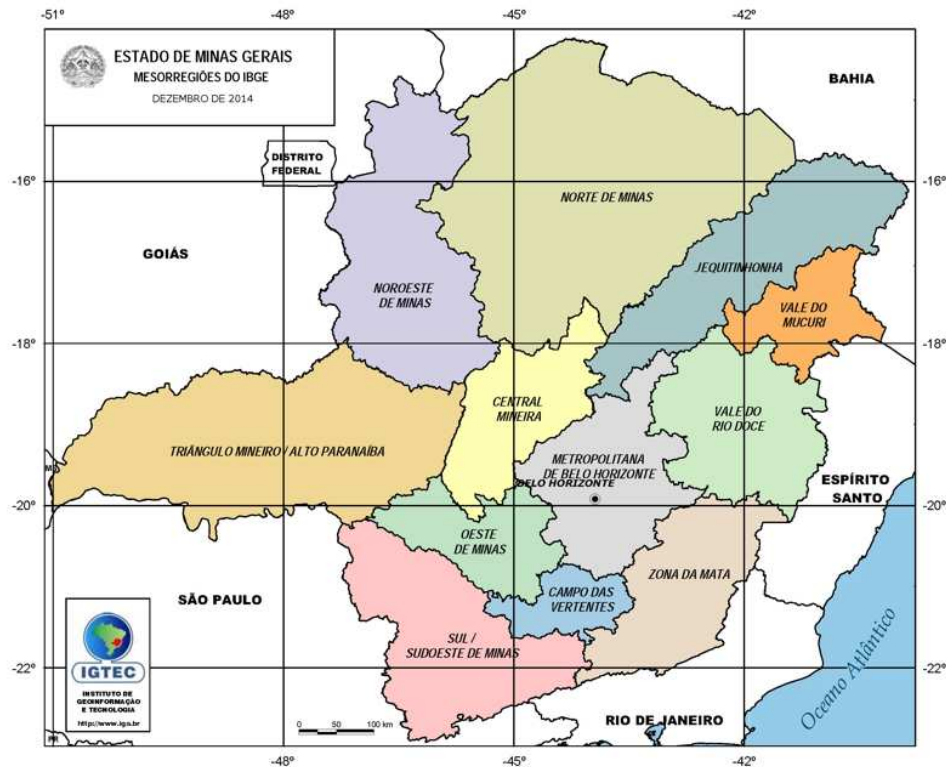
2.1 As regiões de Minas Gerais

Os municípios pesquisados, Luisburgo e Belo Horizonte, que distam entre si 303 km um do outro, contemplam duas regiões geográficas diferentes de Minas Gerais. Constituem, portanto, dois campos de pesquisa distintos dentro do estado de Minas Gerais.

No quadro regional das Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, produzido na década de 1980, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esses municípios se localizam nas seguintes regiões: Luisburgo está situado na Mesorregião da Zona da Mata, na Microrregião de Manhuaçu; e Belo Horizonte está situado na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, na Microrregião de Belo Horizonte.

No Mapa 1, a seguir, podemos visualizar as 12 mesorregiões de Minas Gerais, a saber, Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata.

Mapa 1 – As mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: GOVERNO DO ESTADO DE MINAS. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/geografia/localizacao-geografica>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Recentemente, o IBGE (2017) realizou a revisão dessas unidades mesorregionais e microrregionais do Brasil, que passaram a receber os nomes de Regiões Geográficas Intermediárias e de Regiões Geográficas Imediatas, nessa ordem. Segundo o Instituto, esse novo quadro traz “um retrato mais detalhado do território brasileiro e dos seus atributos”:

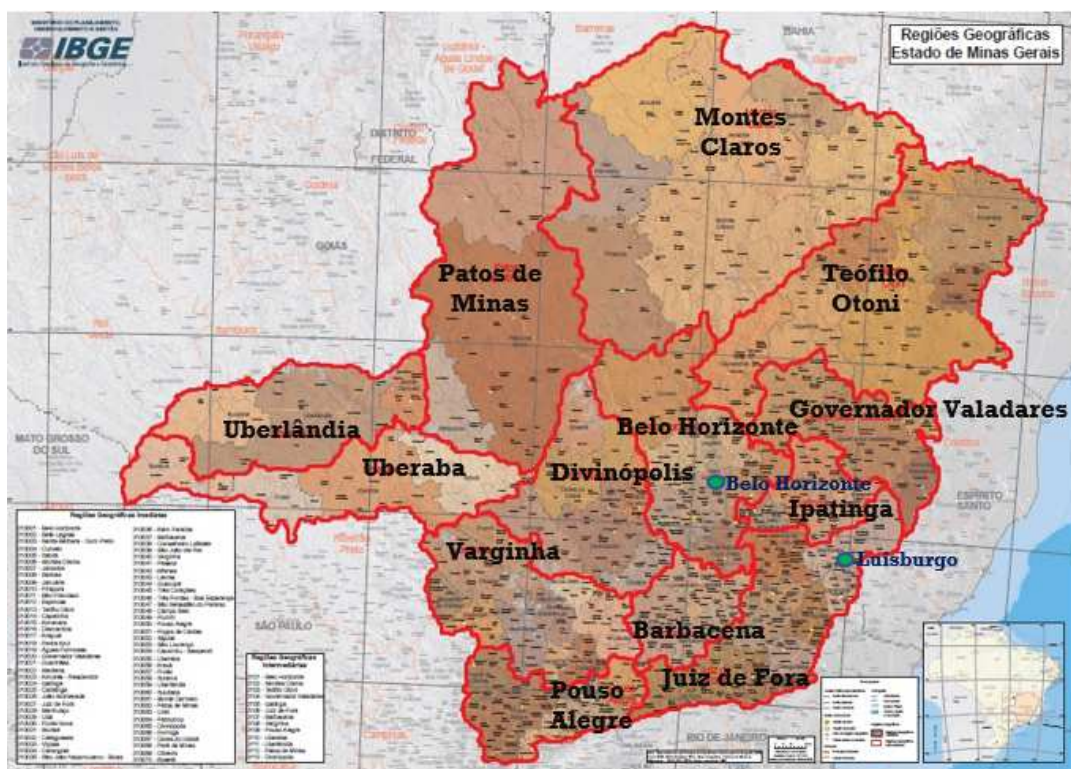
As Regiões Geográficas Intermediárias organizam o território, articulando as Regiões Geográficas Imediatas por meio de um polo de hierarquia superior diferenciado a partir dos fluxos de gestão privado e público e da existência de funções urbanas de maior complexidade. [...] As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturadas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciários, entre outros. (IBGE, 2017)

Nessa classificação atual, Luisburgo se localiza na Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora, na Região Geográfica Imediata de Manhuaçu; e Belo Horizonte encontra-se na

Região Geográfica Intermediária de Belo Horizonte, na Região Geográfica Imediata de Belo Horizonte.

O Mapa 2 abaixo permite visualizar as 13 Regiões Geográficas Intermediárias mineiras, a saber, Belo Horizonte, Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Ipatinga, Juiz de Fora, Barbacena, Varginha, Pouso Alegre, Uberaba, Uberlândia, Patos de Minas e Divinópolis. Nesse mesmo mapa, é possível identificar os municípios de Luisburgo e de Belo Horizonte.

Mapa 2 – Regiões Geográficas Intermediárias do estado de Minas Gerais

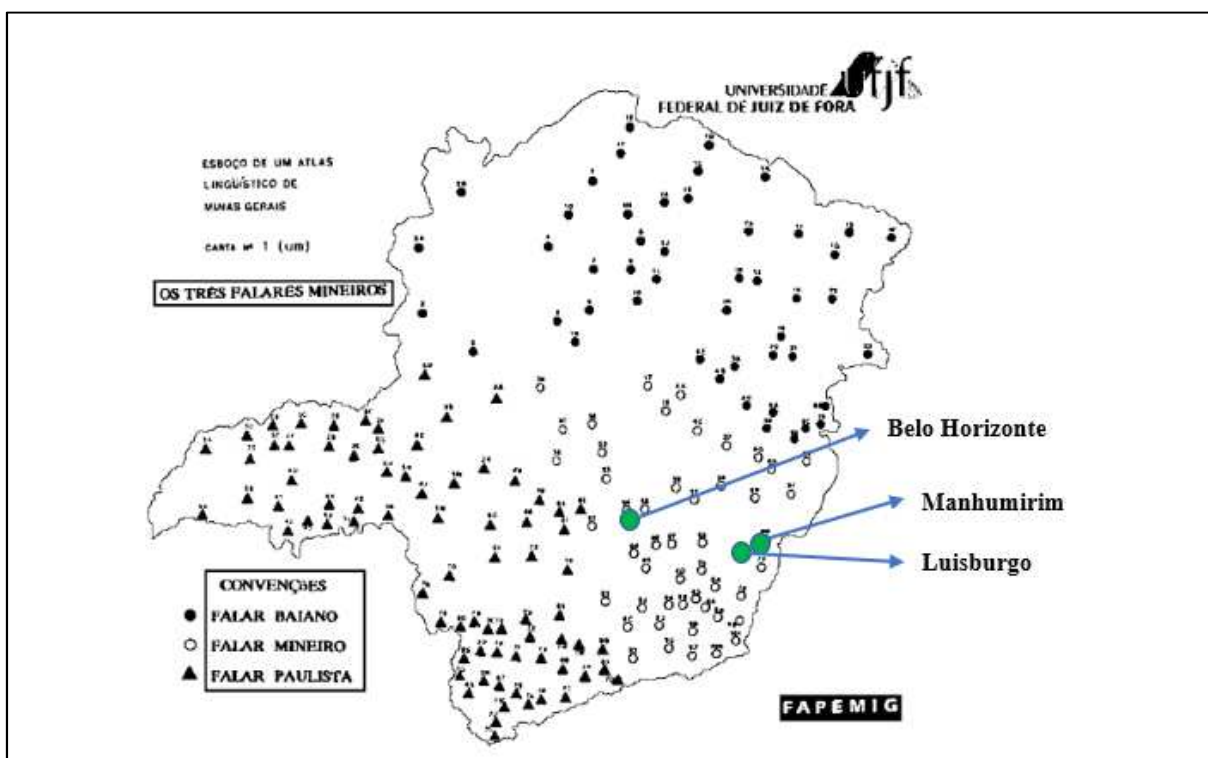


Fonte: IBGE, adaptado. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm?c=1>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Apesar de esses municípios estarem inseridos em duas regiões geográficas diferentes, ambas as localidades estão situadas na isoglossa correspondente ao falar mineiro, conforme o esboço do Atlas Linguístico do Estado de Minas Gerais (ALEMIG), organizado por Zágari (Cf. J. RIBEIRO *et al.*, 1977). De acordo com Zágari (1998), os falares se referem às realizações linguísticas de agrupamentos humanos, associadas à pronúncia, ao ritmo de fala e à escolha lexical. O autor distingue três falares em Minas Gerais – o falar mineiro, o falar baiano e o falar paulista, como se verifica no Mapa 3.

Nos estudos de Zágari (1998), foram pesquisados 184 pontos no estado de Minas Gerais. Belo Horizonte foi um dos municípios selecionados dentro da isoglossa do falar mineiro. Como Luisburgo não foi escolhido, procuramos o ponto mais próximo ao município e encontramos o ponto de Manhumirim que, por ser limítrofe, possibilitou identificar qual seria a provável localização de Luisburgo no mapa de Zágari (1998). No Mapa 3, podemos observar esses três municípios, os quais estão inseridos dentro da isoglossa do falar mineiro.

Mapa 3 – Divisão dialetal de Minas Gerais



Fonte: ZÁGARI, 1998, p. 46. Adaptado.

Acerca do falar mineiro, Zágari (1998, p. 32) destaca que “Minas Gerais apresenta acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais distintas em, pelo menos, três de suas regiões, independentemente de seus estratos sociais”. Para o autor, “esses falares, que possuem características próprias em seu aspecto fonético e no ritmo da fala, não se divergem no aspecto sintático, cuja gramática passa a funcionar de acordo com os estratos sociais e o maior ou menor índice de escolaridade”.

A seção seguinte expõe a contextualização histórico-cultural das duas localidades pesquisadas.

2.2 Contextualização histórico-cultural das localidades pesquisadas

Conforme já foi dito, os municípios de Luisburgo e de Belo Horizonte estão situados na isoglossa do falar mineiro. Embora tenham essa característica em comum, esses dois municípios pesquisados possuem características socioculturais, demográficas e espaciais muito distintas.

2.2.1 O município de Luisburgo

Conforme dados do IBGE (on-line), o distrito com a denominação de São Luís foi criado pela Lei Municipal nº 26, de 25 de outubro de 1901, subordinado ao município de Manhuaçu. Pela Lei Estadual nº 843, de 07 de setembro de 1923, o distrito de São Luís passou a se chamar Luisburgo. Em 21 de dezembro de 1995, pela Lei Estadual nº 12030, foi elevado à categoria de município, desmembrando-se de Manhuaçu, e, constituído do distrito sede, foi instalado em 1º de janeiro de 1997.

Segundo o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Minas Gerais (IPAC MG/2013) do município de Luisburgo, desde as suas origens, os habitantes tinham a agricultura como a principal fonte econômica. Após a chegada da cultura do café, em 1849, as primeiras plantações surgiram às margens do ribeirão São Luís. O ribeirão recebeu esse topônimo em decorrência do nome do padroeiro da vila – o santo italiano São Luís Gonzaga.

Entre 1860 e 1974, a vila de São Luís recebeu novos grupos de colonos. Muitos imigrantes europeus, suíços, alemães, portugueses, italianos, turcos e libaneses, chegaram à vila em busca de uma região de clima mais ameno.

Em 1890, o Sr. Juvenil de Abreu, escrivão do tabelionato local, foi o responsável pela mudança do nome do distrito de São Luís. O novo topônimo, Luisburgo, originou-se da combinação do nome “Luís”, santo da Igreja Católica e padroeiro da antiga vila, e do sufixo “burgo” de origem alemã, que significa “pequena povoação ou vila, formada a partir do comércio”. Trata-se de um sufixo muito comum em nomes de cidades europeias.

Ainda hoje, Luisburgo tem sua economia voltada basicamente para a agricultura, destacando-se a produção cafeeira. Localizado em uma região montanhosa e de topografia irregular, está inserido em um conjunto de municípios produtores de café arábica na “Região das Matas de Minas”. Essa região, situada em uma área de Mata Atlântica, no leste do estado mineiro, é marcada pela predominância de produtores familiares de café (Cf. FOTOGRAFIA 1).

Fotografia 1 – Plantações de café arábica no município de Luisburgo



Fonte: Foto do acervo pessoal, tirada durante o período das gravações dos dados em 2012.

Devido à recente emancipação, o município não possui infraestrutura autossuficiente: não há hospitais e agências bancárias. Lá, o comércio é formado basicamente por pequenas lojas de roupas, açougue, mercearias, padaria, lojas de material de construção e agropecuário e posto de combustível, conforme descrito por Carvalho (2014).

Ao analisar a sociabilidade rural de Luisburgo, Carvalho (2014, p. 20) destaca que a estrutura rural do município, assim como a organização rural da região, apresenta uma divisão peculiar, baseada em propriedades de determinadas famílias, denominadas “córregos”. O “córrego” é estruturado por “grupos rurais de vizinhança”, que na área paulista corresponde à definição tradicional de “bairro”, exposta por Cândido (1982):

Este [bairro] é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoamento ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. (CÂNDIDO, 1982, p. 62)

Cândido (1982, p. 83) assinala que “semelhante homogeneidade favorece o isolamento cultural e a estabilização das formas sociais” e que esse “isolamento” das comunidades rurais deve ser entendido em referência ao “grupo de vizinhança” e não ao indivíduo ou à família

apenas. Nesse sentido, os contatos intergrupais dificilmente significam oportunidade de experiências novas: “por toda parte, as mesmas práticas festivas, a mesma literatura oral, os mesmos processos agrícolas, o mesmo equipamento agrícola” (Cf. FOTOGRAFIA 2).

Fotografia 2 – Colheita do café com o uso do pano em Luisburgo



Fonte: Foto do acervo pessoal, tirada em 2015.

Com uma população predominantemente rural, Luisburgo possui 4.398 (71%) residentes na zona rural e 1.836 (29%) habitantes na zona urbana, segundo dados do Censo 2010. Essa maior predominância da zona rural deve-se basicamente a dois fatores: (i) os moradores rurais não veem a oportunidade de melhoria econômica na zona urbana, incluindo a possibilidade de conseguir emprego; (ii) são moradores que têm um sentimento arraigado à vida no campo, apresentando as seguintes características: o amor ao cultivo da terra, a preservação dos costumes, a participação nas festividades (festas da igreja, forrós) e celebrações (casamentos e batizados), o espírito de solidariedade (os moradores auxiliam uns aos outros na colheita do café ou na colheita de outros grãos e realizam mutirão para a construção das moradias).

Dentro do cenário mineiro, Luisburgo está na faixa média de desenvolvimento humano, com um valor de 0,608 pontos. Situa-se na 755ª posição no *ranking* estadual, segundo dados do relatório do Índice de Desenvolvimento Humano do município (IDH Municipal) de 2010².

² Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – Luisburgo-MG. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/luisburgo_mg. Acesso em: 10 fev. 2019.

2.2.2 O município de Belo Horizonte

A história do município inicia-se no ano de 1701 quando o bandeirante João Leite da Silva Ortiz chegou à serra de Congonhas à procura de ouro e de pedras preciosas. Impressionado com a topografia e com o clima da região, fundou ali a Fazenda Cercado. Aos poucos, o progresso da fazenda atraiu outros moradores, dando início ao povoado denominado Curral del Rei. O arraial foi desenvolvendo-se ao redor da Capelinha de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Com a Proclamação da República, ganhou força a ideia de se retirar a capital de Ouro Preto, que representava a suntuosidade do período monárquico. Várias localidades foram pesquisadas para a concretização do projeto de construção da nova capital. Foi então que o Arraial do Curral del Rei foi escolhido e completamente demolido, com a transferência de seus habitantes para outro local. A nova capital, inteiramente planejada e construída, foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897.

Para explicar o desenvolvimento da capital ao longo dos anos, o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) iniciou há mais de uma década a elaboração da Coleção Didática “História dos Bairros de Belo Horizonte”, resultado do projeto homônimo, coordenado pelos pesquisadores Cíntia Aparecida Chagas Arreguy e Raphael Rajão Ribeiro. Lançados em 2008, os cadernos do projeto englobam nove unidades administrativas, conhecidas como regionais. São elas: Barreiro, Centro-Sul, Leste, Norte, Nordeste, Noroeste, Pampulha, Oeste e Venda Nova.

Segundo a coleção, “o plano da nova capital, elaborado por uma equipe de engenheiros, arquitetos e outros técnicos, previa uma cidade dividida em três áreas: uma área central, denominada urbana; em torno desta, uma outra denominada suburbana; e uma terceira área, chamada rural” (ARREGUY; RIBEIRO, 2008, p. 9).

Dessa forma, a área central urbana, dentro dos limites da Avenida do Contorno, receberia toda a infraestrutura de transportes, de educação, de saneamento e de assistência médica, abrigando os edifícios públicos, moradias de secretários de Estado e demais funcionários estaduais, além de instalar os estabelecimentos comerciais. A região suburbana não recebeu de imediato a mesma infraestrutura urbana, por isso possuía padrões mais flexíveis de urbanização. Já a área rural ficaria na periferia, funcionando como uma espécie de “cinturão verde” para suprir a cidade com produtos hortigranjeiros.

Esses cadernos didáticos esclarecem que a área urbana de Belo Horizonte cresceu inicialmente com planejamento, recebendo toda infraestrutura. No entanto, as áreas fora dos limites da Avenida do Contorno cresceram de forma mais desorganizada e os bairros surgiam

com pouco ou nenhum serviço urbano. Com isso, surgiram vilas e favelas não só nos arredores desses bairros, mas também próximas aos bairros da área central.

De acordo com Passos (2016), entender o processo de construção da cidade de Belo Horizonte é importante para entendermos as especificidades do seu processo de formação sócio-histórico que a distingue de outras capitais do país, tais como as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Segundo a autora, Belo Horizonte hierarquizou seu território, relegando às camadas populares e aos trabalhadores a área suburbana e a rural, tornando-se um local de segmentação.

Conforme informações do Caderno Regional Pampulha, nas décadas de 1940 a 1950, devido à expansão das indústrias e às oportunidades de trabalho, a cidade continuou crescendo, surgindo muitos bairros, ainda com precária infraestrutura urbana. Impulsionados pela urbanização, novos bairros foram criados no lugar das chácaras, dos sítios e das fazendas. Em bairros como Santa Rosa, Dona Clara, Jaraguá, Itapoã, entre outros, até a década de 1960, era possível “avistar algumas vaquinhas passeando por suas ruas...”. Desse modo, devido aos processos de ocupação ao longo dos anos, atualmente, Belo Horizonte difere-se muito daquela projetada e construída há mais de 110 anos.

Hoje, Belo Horizonte é totalmente urbanizado, não havendo área rural no município. Dados recentes do Censo 2010 indicam que a capital mineira possui 2.375.151 habitantes. Com 1,54% do PIB nacional, é a quarta cidade mais rica do Brasil e está entre os sete municípios com a melhor infraestrutura do país. Posicionada em um eixo logístico do Brasil, a capital é servida por uma malha viária e ferroviária que a liga aos principais centros e portos do país. Recebe voos nacionais e internacionais pelo Aeroporto de Confins e voos executivos e regionais pelo Aeroporto da Pampulha.

Contando atualmente com uma desenvolvida rede de hotéis, restaurantes e agências bancárias, Belo Horizonte constitui um dos principais polos de turismo e de negócios do país. O município abriga importantes monumentos, parques e museus. Possui diversificado setor de comércio e de prestação de serviço. Apresenta a menor taxa de desemprego entre as capitais do Brasil, com índice de 8%, de acordo com os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2010) (Cf. FOTOGRAFIA 3).

Fotografia 3 – Praça da Liberdade, construída na época da fundação da nova capital, circunscrita à Avenida do Contorno



Fonte: Foto do acervo pessoal, tirada em janeiro de 2019.

No setor educacional, dispõe de importantes instituições públicas, que são consideradas centros de referência, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), a Escola de Governo da Fundação João Pinheiro (FJP) e a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Além disso, destaca-se a presença de instituições privadas renomadas, tais como a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e a Fundação Dom Cabral (FDC).

O Índice de Desenvolvimento Humano de Belo Horizonte³ é considerado alto, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Os dados do relatório de 2010, divulgados em 2013, indicam que o valor de 0,810 pontos é o segundo maior IDH de Minas Gerais, atrás apenas de Nova Lima (0,813).

A seção seguinte traz as informações dos falantes pesquisados nessas duas localidades e as normas adotadas na transcrição das entrevistas.

³Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – Belo Horizonte - MG. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/belohorizonte_mg. Acesso em: 10 fev. 2019.

2.3 Constituição dos *corpora*, normas de transcrição e perfil dos informantes

A escolha da composição dos *corpora* se deu em virtude de algumas características em comum no perfil dos informantes, que serão descritas na sequência. Com o objetivo de abrigar os polos rural e urbano do “*continuum* de urbanização”, descrito por Bortoni-Ricardo (2004), os dados que constituem os *corpora* são compostos por 24 amostras de fala: 12 entrevistas de moradores rurais de Luisburgo, coletadas e transcritas durante a minha pesquisa de mestrado (Cf. CARVALHO, 2014) e 12 entrevistas de informantes urbanos de Belo Horizonte, coletadas e transcritas pelo Núcleo de História Oral (NHO), entre o decênio 1990-2000. As transcrições das entrevistas de Luisburgo e de Belo Horizonte se encontram no *CD-ROM*, anexado a esta tese. Uma amostra de cada uma dessas transcrições se encontra no Apêndice B.

Os dados de Luisburgo obedecem a normas consagradas em pesquisas dialetais: “os informantes pesquisados têm idade igual ou superior a setenta anos, de ambos os sexos (masculino e feminino); são nascidos e com permanência na localidade pesquisada e são analfabetos ou com baixo grau de escolaridade” (CARVALHO, 2014, p. 25).

Dos critérios mencionados, os informantes do Núcleo de História Oral cumprem o perfil etário, o gênero e a permanência na localidade pesquisa. Distintamente, possuem um grau de escolaridade maior em relação aos moradores rurais.

Os informantes do NHO, criado em 1989, vinculado ao Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich/UFMG)⁴, estão inseridos no grupo de informantes “Histórias das Cidades” que conta com um total de 18 entrevistados. Desse total, foram selecionadas 12 entrevistas para esta pesquisa, levando-se em conta a maior proximidade aos critérios já explicitados.

A duração das entrevistas também foi um ponto considerado para a captação dos dados do Núcleo. Precisava-se que o outro *corpus* tivesse uma duração similar às gravações de Luisburgo, que têm cerca de 30 a 40 minutos de extensão. As entrevistas do Núcleo, embora tenham um número mais elevado de horas, algumas com vários dias de gravação, permitia fazer um recorte das transcrições. Dessa forma, foi selecionada a primeira sessão das entrevistas do Núcleo, correspondente a cerca de 30 minutos de gravação do lado A da fita 01. Nesse intervalo, a temática dos dados urbanos é muito similar aos dados rurais, pois aborda tópicos como infância, família, trabalho e estudo.

⁴ Atualmente o núcleo é coordenado pela Prof^a Dr^a Miriam Hermeto de Sá Motta.

As normas de transcrição dos dados rurais, conforme Carvalho (2014), seguem a metodologia do *Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*⁵, utilizada em vários trabalhos. Já o Núcleo de História Oral possui critérios próprios de transcrição. Ainda que diferentes, julgamos que essas normas do Núcleo não interferem no presente estudo e podem ser mantidas por se tratar da análise de fenômeno sintático-semântico (Cf. Anexos).

Para melhor visualização do perfil dos informantes rurais e urbanos, foram elaborados dois quadros, contendo o número do informante; as iniciais dos entrevistados, respeitando-se a indicação da transcrição; a localidade onde residem os falantes; a idade; o sexo; o grau de escolaridade; a naturalidade; a profissão.

O Quadro 1, a seguir, apresenta o perfil dos informantes rurais de Luisburgo. É composto por 12 informantes que residem nos córregos rurais Boa Esperança, Pedra Dourada, Gameleira, Lage e Fortaleza. Esses informantes são idosos com idade acima de 70 anos. Destes, 8 são mulheres e 4 são homens. Cabe lembrar aqui que, no Brasil, as mulheres são maioria nessa faixa etária, portanto, é mais difícil encontrar informantes idosos do sexo masculino na região pesquisada. Além disso, são informantes com baixo grau de escolaridade: 9 são analfabetos e os outros 3 possuem 1º ano primário, 2º ano primário e 4º ano primário. Todos nasceram e permaneceram na comunidade rural. Todos são lavradores que cultivam sua própria terra com a ajuda dos familiares para a produção do café. Como se pode observar, trata-se de um perfil bastante homogêneo.

⁵ Projeto apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante Mendonça Cohen (Cf. DOGLIANI; COHEN, 2011).

Quadro 1 – Perfil do Informante de Luisburgo

Inf.	Iniciais	Córrego	Idade	Sexo	Escolaridade	Naturalidade	Profissão
01	J.F.	Boa Esperança	71	M	analfabeto	Natural da comunidade	lavrador
02	A.S.	Pedra Dourada	82	F	analfabeto	Natural da comunidade	lavradora
03	E.R.	Boa Esperança	78	F	analfabeto	Natural da comunidade	lavradora
04	N.A.	Boa Esperança	84	F	analfabeto	Natural da comunidade	lavradora
05	J.S.	Gameleira	81	M	2º ano primário	Natural da comunidade	lavrador
06	M.S.	Gameleira	76	F	analfabeto	Natural da comunidade	lavradora
07	M.A.	Lage	97	F	analfabeto	Natural da comunidade	lavradora
08	N.E.	Boa Esperança	75	M	analfabeto	Natural da comunidade	lavrador
09	D.P.	Boa Esperança	70	F	1º ano primário	Natural da comunidade	lavradora
10	N.C.	Fortaleza	78	F	analfabeto	Natural da comunidade	lavradora
11	O.R.	Pedra Dourada	80	M	analfabeto	Natural da comunidade	lavrador
12	J.P.	Pedra Dourada	75	F	4º ano primário	Natural da comunidade	lavradora

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Esses informantes rurais acumulam vários laços sociais – amigo(a), irmão(ã), primo(a), esposo(a), cunhado(a), compadre/comadre – interagindo em diferentes situações, tais como casamentos, batizados, festas juninas, forrós, cultos, missas, plantio, colheita, dentre outras.

Entre os entrevistados rurais, sete são irmãos (03,11) e (02, 05, 07, 08, 10) e oito possuem outros vínculos conjugais, com a formação de 4 casais: (01, 03); (05, 06); (08, 09) e (11, 12). Dentro da consanguinidade, também há a relação parental de primos entre os informantes (01, 04); (02, 05, 06, 07, 08, 10); (02, 05, 07, 08, 09, 10), com a formação de dois dos casais já mencionados (05, 06) e (08, 09). Além desses liames, o compadresco estreita ainda mais a relação afetiva desses falantes: os irmãos normalmente são *compadres* e *comadres* uns dos outros, passando a usar esses Qualificativos (Qvs)⁶.

Além do grau de parentesco e afetivo, observam-se nessas famílias que compõem as comunidades rurais o espírito de solidariedade, a colaboração nas tarefas rurais, a preservação dos valores religiosos e a participação nas atividades de lazer. Com isso, os moradores rurais,

⁶ Mendes (2000, p. 86) explica que a função Qualificativo (Qv), localizada à esquerda do antropônimo, na maioria das vezes, é exercida por títulos honoríficos como senhor, dom, doutor, cônego, reverendo, padre, vigário, desembargador, etc. Segundo Carvalho (2014, p. 32), os itens lexicais “comadre”/“compadre” e também o participial “falecido”, quando precedidos de nome próprio, devem ser acrescentados a essa lista de Qvs.

pela própria constituição do córrego, possuem relações sociais bastante imbricadas e assumem atitudes positivas frente ao modo de ser e de viver na localidade rural.

Em Luisburgo, esses pequenos proprietários rurais, relativamente estáveis, cultivam sua própria terra para a produção da cafeicultura familiar. De acordo com Cândido (1982, p. 81), é nessa camada intermediária que se localizam “as manifestações mais típicas, visto que a superior tende com o tempo a se desligar dela, acompanhando a evolução dos núcleos urbanos; e a inferior nem sempre possui condições de estabilidade”.

Cândido (1982, p. 45), citando Saint-Hilaire (1938), acentua que “a reforma do sistema da agricultura, com o uso do arado e dos adubos, fixaria o homem na terra, suprimindo a necessidade de buscar chão sempre novo”. Com isso, o uso de inovações agrícolas mais simples e de baixo custo em Luisburgo, quer seja pelo manuseio de pequenos equipamentos como a derriçadeira que auxilia na “panha” de café quer seja pela utilização de novas técnicas de plantio de café, favorece a fixação desse morador da área rural sob estudo.

Dessa forma, a conservação da propriedade rural produtiva não só garante a moradia e a alimentação, mas também possibilita preservar a cumplicidade, o pertencimento de grupo, a fidelidade, a convivência, a ajuda mútua, as tradições culturais e as atividades lúdico-religiosas (Cf. FOTOGRAFIA 4).

Fotografia 4 – Pequena propriedade rural em Luisburgo, rodeada pelos cafezais



Fonte: Foto do acervo pessoal, tirada em janeiro de 2015.

Nesse sentido, esses falantes apresentam uma fala muito semelhante, isto é, os temas são recorrentes – os mesmos ‘causos’ e as mesmas experiências de vida. Rezende e Sousa Filho (2017) corroboram essa questão ao afirmarem que as práticas linguísticas das áreas rurais constituem uma marca identitária do homem rural.

Nos trechos a seguir, as informantes contam de modo bastante aproximado a experiência de serem picadas por um animal peçonhento, durante a lida na roça:

... cumecei panhá a rama / o pé de chuchu... a rama um pé de mamono... a / o pé de manono iscapuliu pra lá e eu levei a mão... mas nã tava chujo ninhum lugá qu’eu tava panhano ... tornei levá mão longe assim pra panhá / pra puxá a gaia de manono pra cabá de panhá as foia de chuchu... um trem me deu **ũa figada no dedo** aqui o’... quase murri cum isso aqui o’... tava sozinha e Deus... e eu fui punha tudo cuntúá... minha mão foi inchano... foi **ruxiano** meus dedo...[...] eu nã sei o que... **nunca descubriu o que pôde sê** (Informante: A.S. 82 anos, sexo feminino, lavradora, analfabeta; Residência: Córrego Pedra Dourada)

... aqui mesmo poco prazo eu tava panhano café levei ã ferruada de bicho que **nóis nã vimo o que que é...** foi prciso eu pará no hospital... deu **ũa figada assim na parma da mão** que nã ficô marca... com poco a mão tava alta e **roxa...** (Informante: D.P., 70 anos, sexo feminino, lavradora, 1º ano primário; Residência: Córrego Boa Esperança)

Outra característica a ser destacada sobre o modo de vida rural desses informantes refere-se ao matrimônio. Comumente se casam com parentes ou vizinhos já conhecidos desde a infância. Essa escolha do cônjuge ainda dependente da aceitação do pai, uma vez que nesse tipo de sociedade patriarcal, os filhos moram “nas terras” de seus genitores. Essa organização familiar também contribui para a permanência desses moradores na zona rural. De acordo com Cândido (1982, p. 230), na zona rural, casar é necessário: “sem companheira, o lavrador pobre não tem satisfação no sexo, nem auxílio na lavoura, nem alimentação regular”. Tal proximidade dos genitores com seus filhos pode ser observada na fala do morador rural de Luisburgo:

já lá vamo aqui com uns trinta e / quase quarenta ano aqui ... que a gente mora aqui... graças a Deus formei meus cafezim e Deus tem ajudado e os minino tudo formô e casaro e já tudo casado... agora hoje graças a Deus eu vivo mais a minha isposa... mas eis mora tudo junto né... tá direto nunca me desprezaro... mora tudo comigo aqui...” (Informante: NE, 75 anos de idade, masculino, casado, não escolarizado, natural da comunidade)

Diferentemente desse perfil dos moradores rurais, os falantes urbanos de Belo Horizonte não se conhecem e não realizam atividades em comum, excetuando-se o casal (8, 10). Apresentam um perfil heterogêneo, de forma a compor o grupo “Histórias da Cidade” do NHO: são informantes mais velhos que moram na capital há muitos anos e conhecem as histórias da

cidade, tais como o surgimento dos bairros, o exercício da profissão e a vida estudantil na capital, entre outras.

O Quadro 2, a seguir, indica o perfil dos informantes urbanos de Belo Horizonte. É constituído por 12 informantes que residem há muitos anos em Belo Horizonte ou nasceram na capital. São informantes, em sua maioria, idosos: 9 possuem idade superior a 70 anos e 3 possuem idade superior a 60 anos. Desse grupo, 8 são mulheres e 4 são homens. Esses informantes possuem um grau de escolaridade diversificado: 2 possuem ensino superior, 4 possuem ginásial completo/curso normal, 2 possuem ginásial incompleto, 2 possuem 4º ano primário, um possui 3º ano primário e um possui 2º ano primário. Dentre eles, 5 nasceram em Belo Horizonte e 7 vieram de cidades mineiras diferentes: Lambari, Diamantina, Salinas, Carmo do Paranaíba, Sete Lagoas, Conceição do Turvo e Sabará. Em sua maioria, vieram do interior para estudar nos internatos, depois permaneceram na cidade, casaram-se e constituíram família. O perfil profissional desses falantes urbanos também é bastante variado: 4 donas de casa, 2 professoras/escritoras, 1 artista plástico, 1 costureira, 1 lapidário de pedras preciosas, 1 funcionária pública federal, 1 médico, 1 sapateiro. Como se observa, esses informantes constituem um perfil socioeconômico diversificado.

Quadro 2 – Perfil do Informante de Belo Horizonte

Inf.	Iniciais	Localidade	Idade	Sexo	Escolaridade	Naturalidade	Profissão
01	A.L.O.	BH	86	F	superior	Lambari/MG	professora
02	A.L.	BH	91	M	4º ano primário	Belo Horizonte	artista plástico
03	A.Z.	BH	90	F	3º ano primário	Belo Horizonte	costureira
04	A.P.R.	BH	65	M	2º ano primário	Diamantina/MG	lapidário
05	B.B.B.	BH	62	F	ginásial completo	Belo Horizonte	dona de casa
06	D.L.	BH	73	F	ginásial completo	Salinas/MG	dona de casa
07	D.F.F.	BH	79	F	curso normal	Carmo do Paranaíba/MG	dona de casa
08	I.M.	BH	78	F	ginásial incompleto	Sete Lagoas/MG	funcionária pública
09	J.F.	BH	91	M	superior	Conceição do Turvo/MG	médico
10	L.S.	BH	67	F	ginásial incompleto	Belo Horizonte	dona de casa
11	N.S.	BH	95	F	curso normal	Sabará/MG	professora
12	S.P.	BH	81	M	4º ano primário	Belo Horizonte	sapateiro

Fonte: Elaborado pela autora, 2017, a partir dos dados do NHO.

Ampliando-se as informações do Quadro 2, no que refere ao perfil profissional, é importante mencionar que, entre as donas de casa, duas eram casadas com médicos e uma com engenheiro. Duas dessas mulheres tiveram que deixar o trabalho por imposição dos maridos como condição para se casarem. Atuantes no mercado de trabalho no passado, uma trabalhou como funcionária pública federal do antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e a outra como escriturária na Secretaria de Segurança, no Departamento de Estatística Policial e Criminal. Isso mostra que essas mulheres possuem uma situação socioeconômica mais favorável.

Levando em conta esse perfil dos moradores urbanos, podemos notar que esses falantes estão propensos a interagir com um número maior de pessoas em diferentes contextos sociais, o que é bastante comum a um grande centro urbano, como é Belo Horizonte (Cf. FOTOGRAFIA 5).

Fotografia 5 – Imagem panorâmica da Região Central de Belo Horizonte



Fonte: Foto do acervo pessoal, tirada em janeiro de 2019.

Além disso, são falantes que têm uma preocupação com o domínio da língua padrão, conforme se pode observar nestes trechos da fala urbana:

eh... a gente não falava uma palavra de gíria, nós não, nunca xingamos nome feio. Nunca! Lá em casa, você nunca ouviu. A gente brigava muito, mas nome nunca, você nunca viu nome feio lá dentro de casa. Ela soube educar muito bem a família, mas era muito rigorosa mesmo. (Informante: D.F.F., 79 anos, sexo feminino, dona de casa, curso normal; Residência: Belo Horizonte)

Trabalhava não, era funcionário. Estou muito relaxada para falar. [...] Afinal de contas... eu estou falando sem capricho... Deve ter muito erro de gramática. N.S. (Informante: N.S., 95 anos, sexo feminino, professora, curso normal; Residência: Belo Horizonte)

Nesse sentido, esses falantes urbanos tendem a valorizar a educação. No trecho, a seguir, a informante conta sobre seu período de internato no Colégio Santa Maria. No passado, considerado um dos melhores colégios de Belo Horizonte, a instituição tinha o orgulho de formar boas mães de família. Outra instituição renomada da época era o antigo Colégio *Sacré Couer de Marie*, atual Colégio Sagrado Coração de Maria (Cf. FOTOGRAFIA 6).

... eu estudava em Lavras. Terminei o primário lá, o quarto ano. Depois, eu entrei para o colégio de freiras, mas o colégio era muito fraco. E mamãe sempre sonhando que a gente viria para o Colégio Santa Maria. [...] Porque mamãe veio de uma terra que é uma terra de tradição, que é Serro. Né? Serro é uma terra de tradição, terra de gente muito culta e tudo. [...] Tinha, inclusive, o Colégio *Sacré Couer*, que era um colégio muito bom. Mas, o sonho dela é que a gente estudasse no Colégio Santa Maria. (Informante: D.L., 73 anos, sexo feminino, dona de casa, ginásio completo; Residência: Belo Horizonte)

Fotografia 6 – Colégio Sagrado Coração de Maria no bairro Serra em Belo Horizonte



Fonte: Foto do acervo pessoal, tirada em fevereiro de 2019.

A partir dessa descrição dos falantes pesquisados, podemos observar que o perfil de informantes de Luisburgo é bastante homogêneo, típico de uma zona rural de uma cidade pequena mais isolada: são nativos da localidade que se casam, moram e cuidam se sua propriedade com o auxílio dos familiares, de modo que suas relações interpessoais são bastante fechadas. Diferentemente, os falantes de Belo Horizonte partilham de um perfil diversificado, próprio de uma grande cidade: são falantes de origens socioculturais diferentes, cujas relações de amizade e de parentesco tendem a se dispersar dentro da comunidade.

Na seção seguinte, será descrita a ferramenta computacional utilizada para a quantificação dos dados de Luisburgo e de Belo Horizonte.

2.4 A ferramenta computacional AntConc

Nesta pesquisa, foi utilizado o programa computacional AntConc⁷ para organizar os dados e para assegurar a confiabilidade dos resultados. A utilização dessa ferramenta permite contabilizar o número de itens lexicais de cada *corpus*, gerar listas de palavras e situar cada ocorrência dentro do contexto de uso. Para tanto, foram realizadas algumas etapas que serão detalhadas a seguir.

Realizada a seleção das entrevistas dos *corpora*, passou-se à etapa de compilação propriamente dita. Primeiramente, foram excluídas todas as falas dos pesquisadores, bem como os cabeçalhos das entrevistas, para que somente a fala dos informantes pudesse ser analisada. Em seguida, os textos foram copiados e salvos em formato *plain text* (.txt), com a codificação de caracteres Unicode UTF-8, que é um padrão internacional projetado para exibir todos os caracteres das línguas do mundo em uma única codificação.

Na sequência, os dados foram carregados no programa e foi feita a aproximação do número de palavras para que não houvesse favorecimento de determinado *corpus*. Com isso, identificou-se o número de *tokens* e de *types*. O termo “token” refere-se ao número total de itens no *corpus*, independentemente da frequência com que são repetidos, enquanto o termo “type” refere-se ao número de itens distintos nos dados.

Tabela 1 – *Tokens e types nos corpora*

<i>Corpora</i>	<i>Tokens</i>	<i>Types</i>
Luisburgo	52.377	4.170
Belo Horizonte	52.372	5.305
Total	104.749	9.475

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se observa na Tabela 1, cada *corpus* possui aproximadamente 52.370 *tokens*. O total de *types* em Luisburgo é de aproximadamente 4.000 itens léxicos e em Belo Horizonte o total é de mais de 5.000 *types*. Essa diferença de mais de 1.000 *types* em relação ao *corpus* rural

⁷ Ferramenta computacional desenvolvida pelo Prof. Dr. Lawrence Anthony da Universidade de Waseda (Japão). O AntConc encontra-se disponível para *download* em <<http://www.laurenceanthony.net/software.html>>.

pode ser justificada pelo fato de os falantes terem maior grau de escolaridade, o que interfere no repertório linguístico desses falantes. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou influencia em seu repertório sociolinguístico” (Cf. Quadro 3, na seção 3.1.2, do capítulo 3).

Concluída essa etapa, uma lista de palavras (*Word List*) foi gerada pelo programa para se ter uma visão mais geral dos dados. Em seguida, foi observado o excerto para ver onde o termo ocorreu dentro do texto. Por fim, essas ocorrências em seu contexto particular foram salvas em formato *Word (.doc)*.

A análise dos advérbios graduadores reconhecidos, que serão apresentados nos trabalhos do capítulo teórico a seguir, foi iniciada após serem excluídos manualmente os pronomes indefinidos homônimos os quais não serão analisados nesta pesquisa. Conforme Cegalla (2008, p. 187) os pronomes desse grupo exprimem quantidade, dentre eles estão: *muito, pouco, bastante, demais, tanto*. Para tanto, seguem algumas amostras desses itens que foram removidos da análise: (i) *muito*, por exemplo, “foi ãa das maió festa... tinha gente... mas né em quantidade grande... *muito* trem de cumê”; (ii) *pouco*, por exemplo, “inté *poco* tempo ele falô “ah fica muita vontade de vendê isso aqui pa i’ po Divino”...”; (iii) *bastante*, por exemplo, “nóis cunversemo ali *bastante* tempo”, (iv) *demais*, por exemplo, “purque nós aqui mora den’da istrada é puera *dimais* da conta...”; (v) *tanto*, por exemplo, “Porque eu estava acostumado vê *tanto* italiano, falavam com o sotaque deles”. Como se vê, nessas ocorrências, tais pronomes tomam por escopo o substantivo, diferentemente dos graduadores que tomam por escopo o adjetivo, o verbo ou o advérbio.

Os casos em que o advérbio *bem* é qualificador também foram removidos da análise. Nos dados analisados, podemos observar exemplos de qualificadores do verbo e do adjetivo, respectivamente, “toda vida eu tratei ela *bem*...”; “Desde que fosse *bem* remunerado”. Assim, apenas o advérbio *bem* na função de graduador foi considerado para análise. Conforme explica Moura Neves (2011, p. 237), “o advérbio *bem*, muito usado com advérbio de modo, emprega-se, também, como de intensidade, desde que aplicado a propriedades graduáveis”.

Além desses casos supracitados, foram retiradas as estruturas com elipse nominal, em que o nome modificado está oculto na sentença, como aparecem nos seguintes excertos: “já tinha *o mais velho*... eu já tinha...”, em que está elíptico o nome *filho*; “Uma batizou *essa mais nova*, a outra crismou, e a madrinha mais velha era dessa minha irmã mais velha que mora na rua...”, em que está elíptico o nome *irmã*.

Com a exclusão desses itens, os graduadores que serão objeto da presente análise compreendem um total de 9 lexias⁸: *muito, mais, bem, tão, demais, bastante, quase, meio e pouco*.

A seguir, será exposto o capítulo teórico que fundamenta esta análise, constituído de uma parte sociolinguística, que associa língua, sociedade e cultura, e uma parte gramatical que traz os estudos sintáticos-semânticos sobre os graduadores e seus escopos.

⁸ Conforme Biderman (2001), as lexias são as formas que se manifestam no discurso.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O presente capítulo divide-se em três seções: a seção 3.1 mostra a relação entre língua, sociedade e cultura e está subdividida em duas subseções: em 3.1.1, apresenta-se o modelo parcialmente adotado para localizar o grupo de falantes no contínuo rural-urbano, segundo Bortoni-Ricardo (2004), que preconiza a integralidade dos polos; em 3.1.2, explicita-se o fator rede social, segundo pesquisas de L. Milroy (1987) e J. Milroy (1992) e ainda Bortoni-Ricardo (2011). A seção 3.2 trata da categoria advérbio e está subdividida em 5 subseções: em 3.2.1, expõem-se os conceitos e as classificações do advérbio nas gramáticas tradicionais; em 3.2.2, mostra-se a problemática dessa classificação tradicional; em 3.2.3, demonstram-se as propostas linguísticas de categorização do advérbio, atentando-se à classe dos graduadores – nosso objeto de pesquisa; em 3.2.4, descrevem-se os graduadores nos estudos da *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*; em 3.2.5, descrevem-se os graduadores nos estudos da fala rural do português brasileiro. Na seção 3.3, explicita-se a relação entre o advérbio e seus escopos na situação de modificação. Essa última seção está subdividida em duas partes: a 3.3.1 trata da conexidade na modificação entre o advérbio graduador e seu escopo e a 3.3.2 estabelece a tipologia semântica das categorias que constituem esses escopos.

3.1 A relação entre língua, sociedade e cultura

A descrição da língua de uma comunidade, dentro da presente proposta, deve levar em conta a relação indissociável entre língua, sociedade e cultura. A língua é capaz de traduzir a experiência cultural acumulada ao longo do tempo, pois armazena as histórias que são transmitidas de geração a geração. Assim, os falantes criam e conservam a língua e são os responsáveis em atribuir significações às palavras. Segundo Abbade (2011, p. 1332), as palavras selecionadas pelo falante podem indicar “as características sociais, econômicas, etárias, culturais de quem as profere”.

Vários autores estudaram a língua inserida no contexto sociocultural, como Seabra (2015, p. 73) que coloca na esteira de Duranti que “a língua evidencia como parte da cultura de uma sociedade e que é através do sistema linguístico, mais especificamente do seu léxico, que os indivíduos se expressam e expressam seus valores, construindo a sua história”. Nessa perspectiva, “adquirir uma linguagem significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, repleta de histórias, alusões, opiniões,

receitas e outras coisas que nos fazem humanos”⁹ (DURANTI, 2000, p. 448 *apud* SEABRA, 2015, p. 65, tradução da autora). Dessa forma, a análise da língua implica observar as características sociais e culturais do falante dentro de uma comunidade linguística.

Basseto (2008) explica que o léxico é o que melhor representa a cultura de um povo dentre os vários níveis de linguagem, constitui um inventário aberto e mutável por representar a visão de mundo de seus falantes. Segundo o autor, essa mutabilidade do léxico é mais observada “nas palavras ditas de significação externa, como substantivos, adjetivos e verbos, que nas de significação interna, por não disporem de conteúdo significativo característico e, por isso, assumirem funções diversas na estruturação do período, tais como preposições e conjunções e cujo inventário é geralmente fechado” (BASSETO, 2008, p. 1). Para o autor, as mudanças no léxico acompanham as alterações sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade.

Dentro dessa perspectiva que leva em conta a relação entre língua, sociedade e cultura, são também relevantes aqueles estudos que compreendem as relações dos grupos dentro de seus espaços, quer sejam urbanos ou rurais, como será explicitado nas subseções subsequentes.

3.1.1 O contínuo rural-urbano

No âmbito dos Estudos Sociais, Wanderley (2000, p. 107-124) explica que, dentre as concepções teóricas formuladas a respeito das relações entre o campo e a cidade nas sociedades modernas, há vertentes que consideram que “a transformação do meio rural, longe de ser um processo homogeneizador, resulta em uma profunda diferenciação entre espaços rurais e espaços urbanos, ambos bastante heterogêneos”; por outro lado, há aquelas que “percebam, no desenvolvimento destas sociedades, um processo de dominação das cidades sobre o meio rural”.

A autora dá destaque à análise de Bell (1992), que está embasada nos estudos etnográficos, por trazer à tona o uso do conceito de *continuum* rural-urbano no sentido de permitir identificar a proximidade e a continuidade espacial entre o meio rural e o meio urbano, reforçando a constituição de identidades com vistas às diferenças espaciais e ao sentimento de pertencimento ao meio rural. Trata-se de adotar, nesse caso, a noção de *continuum* rural-urbano, considerando-se que os polos rural e urbano mantêm a heterogeneidade.

⁹ Original: “adquirir un lenguaje significa formar parte de una tradición, compartir una historia y, por tanto, tener acceso a una memoria colectiva, repleta de historias, alusiones, opiniones, recetas, y otras cosas que nos hacen humanos” (DURANTI, 2000, p. 448).

Partindo desse pressuposto de heterogeneidade entre os polos, Bell (1992) pesquisa a comunidade rural de Childerley, nos arredores de Londres, a fim de saber em que medida essa localidade poderia ser considerada rural e como esta era percebida pelos seus habitantes. O autor observa que a população daquela localidade mantinha crenças firmes sobre as diferenças entre o rural e o urbano. Nesse sentido, seus habitantes acreditavam que a vida no campo era mais comunitária e mais próxima à natureza. Eles consideravam altamente legítima essa valorização de uma vida mais tranquila, uma vez que as relações sociais eram baseadas no conhecimento interpessoal.

Por outro lado, Wanderley (2000) explica que o *continuum* urbano-rural também pode ser observado a partir de uma visão difusionista. Segundo a autora, Placide Rambaud pertence a essa vertente que considera o polo urbano como a fonte do progresso e dos valores dominantes, que se impõem ao conjunto da sociedade. Nesse caso, o referido autor preconiza a homogeneização dos espaços e o “fim do rural”. Wanderley (2000) ressalta que essa visão de urbanização homogeneizadora se beneficia largamente da ideologia dominante, que vê a cidade como fonte de civilização e de difusão de um sistema de atitudes e de condutas, ou seja, o urbano é considerado um espaço de produção de cultura e de progresso. Dessa forma, o polo rural do *continuum*, visto como atrasado, tenderia a reduzir-se às influências avassaladoras do extremo urbano.

Isso posto, podemos observar que o modelo de contínuo rural-urbano, adotado nas pesquisas sociolinguísticas, baseia-se na vertente que preconiza a integralidade dos polos. Bortoni-Ricardo (2004, p. 52) explica que se trata de um modelo adequado para tratar a variação linguística no português brasileiro, por considerar que não há fronteiras rígidas entre o rural-urbano: “se tomarmos o contínuo de urbanização como metodologia para análise, podemos situar qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive”.

A autora assinala que, no *continuum* de urbanização, em um dos polos estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas; no outro polo oposto estão as variedades urbanas que recebem influência dos processos de padronização da língua; já no espaço entre esses polos está a zona *rurbana*. Esses grupos rurbanos são formados por migrantes de origem rural, que preservavam sua cultura e seu repertório linguístico, e por comunidades interioranas, que residem em núcleos semirurais, e que, por sua vez, recebem influência urbana.

O contínuo de urbanização, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 52), é representado do seguinte modo:

variedades rurais isoladas	área rurbana	variedades urbanas padronizadas
-------------------------------	-----------------	------------------------------------

Dentro desse modelo, os polos não devem ser tratados como estratos homogêneos, mas sim como espaços articulados que formam a heterogeneidade, cada um deles com suas especificidades.

Como se observa, o modelo de contínuo rural-urbano permite localizar os espaços onde os indivíduos nasceram e vivem, além de identificar como a comunidade é percebida pelo falante, revelando seu sentimento de pertença à cultura local. Dentro dessa perspectiva, é possível observar as relações sociais estabelecidas pelo indivíduo dentro da comunidade, conforme será exposto na subseção a seguir.

3.1.2 As redes sociais

De acordo com J. Milroy (1992), um dos fatos mais importantes sobre a língua é que esta está em constante mudança. Com efeito, parece ser a mudança inerente à natureza da língua: não existe uma língua humana perfeitamente estável. No estudo da mudança linguística, esta heterogeneidade da língua é de crucial importância, uma vez que a mudança em progresso pode ser detectada no estudo da variação. O autor expõe que é preciso aceitar que, assim como a língua é variável, observada no presente, também deve ter sido variável no passado. Assim, a história de qualquer língua é uma história multidimensional.

A abordagem proposta pelo autor é justificada com o argumento de que a língua é um fenômeno social, pois é na fala que somos capazes de detectar mudanças estruturais e fonéticas em sua fase inicial. Dentro desse modelo de estudo da mudança, o autor sugere três princípios gerais. Esses pressupostos de J. Milroy (1992) serão aqui descritos para caracterizar a rede social e não para estudar a mudança.

O primeiro princípio refere-se à impossibilidade de observação da língua independentemente da sociedade. Segundo o autor, um modelo social de mudança decorre diretamente da ênfase na interação falada e é utilizado para orientar a investigação sobre a mudança linguística. O autor destaca que a fala é uma atividade social no sentido de que a

escrita não o é, e o *locus* da fala é a conversação. As conversas ocorrem entre dois ou mais indivíduos em contextos sociais e situacionais, e a mudança linguística é um tipo de fenômeno transmitido de pessoa para pessoa nessas situações.

Dessa forma, o primeiro princípio para um modelo socialmente baseado em mudança linguística refere-se à observação da língua em uso. Tal princípio preconiza o intercâmbio da fala, observado apenas dentro de contextos sociais e situacionais – que nunca deve ser desprovido de tal contexto. Trata-se do estudo da língua na comunidade, ou seja, a observação e a análise da língua em seu contexto social e em seu contexto uso em situações cotidianas.

O autor destaca o fato de não podermos observar a “língua” ou a “linguagem” em abstrato, pois sempre observamos as pessoas falando. Nesse sentido, é necessário explicar que as mudanças entram nesta estrutura abstrata chamada língua como resultado de atividades de pessoas falando, ou seja, a língua só existe no intercâmbio falante-ouvinte. Portanto, devemos conceber a língua como um fenômeno social, “usada por falantes para se comunicarem em contextos sociais e culturais; nos quais o sistema linguístico (a gramática) não é o único meio de comunicação e de interação pessoal” (J. MILROY, 1992, p. 4).

O segundo princípio refere-se à impossibilidade de descrição das estruturas linguísticas independentemente da sociedade. Uma descrição completa da estrutura de uma variedade (seja esta padrão, dialetal, estilística ou de registro) somente pode ser bem realizada se decisões ou julgamentos de ordem social forem levados em conta na descrição. O autor ressalta que a palavra “social” não significa classe social ou de prestígio. Trata-se das “normas” que são sociais no sentido de que estão acordadas socialmente – dependem de consenso entre os falantes dentro da comunidade e serão diferentes de uma comunidade para outra. Essa descrição respalda-se unicamente sobre as variáveis universais do falante (idade, sexo, região e estilos contextuais), consideradas como um procedimento que pode estabelecer as normas linguísticas internas da comunidade. Já a rede social é adotada como uma variável adicional no curso da investigação. Isso reforça várias discussões sobre “lealdade à língua”, “identidade social” e “rede social”, emergidas diretamente, a partir da ideia de manutenção da língua.

Sobre o terceiro princípio, J. Milroy (1992) expõe que, para descrever os padrões diferenciais de mudança em determinadas épocas e lugares, precisamos considerar os fatores que tendem a manter estados de língua e resistir à mudança. O projeto de pesquisa de Belfast centrou-se especialmente neste princípio, reconhecendo-se a importância dos “fundamentos empíricos” de Weinreich, Labov e Herzog (1968), doravante WLH.

Além de enfatizar as proposições de WLH (1968), J. Milroy (1992) reconhece a grande contribuição dos estudos de Labov (1966) e (1972), *Lower East Side of New York City* e *Martha's Vineyard*, para a Sociolinguística. Para o autor, a relevância dessas pesquisas está em demonstrar que a heterogeneidade na comunidade de fala revela ter padrões; que a mudança em progresso pode ser detectada no estudo da variação; e que a variação linguística é estruturada e também funcional (a ausência de variação é que seria disfuncional).

Segundo J. Milroy (1992), o *locus* da mudança na teoria laboviana não está no falante individual, mas sim no grupo. Diferentemente, considera que a mudança linguística está localizada no *falante* e é negociada na interação. Nesse sentido, a língua em uso sempre deve ser observada dentro de um contexto social de algum tipo, razão pela qual não utilizará o conceito laboviano de *vernáculo* – visto como uma idealização e, portanto, inacessível na prática (não se observa a língua: observam-se as pessoas falando). Dessa forma, o autor evidencia que utiliza o termo “vernacular” de uma forma diferente: “é um termo mais “primitivo”, sinônimo de “língua real em uso” e é interpretado em um *continuum* de proximidade relativa, ou de distância da norma idealizada, ou (em alguns casos) da língua *standard* idealizada” (MILROY, 1992, p. 66).

De acordo com o autor, a mudança linguística é um produto da atividade do falante em contextos sociais e não pode ser totalmente explicada a partir das propriedades dos próprios sistemas da língua. Esta abordagem é justificada com o argumento de que a língua é um fenômeno social: línguas que não têm falantes não mudam. O autor critica os modelos unidimensionais que comumente consideram as mudanças linguísticas em curso como “erros”, que tendem a pensar a língua como sendo perfeitamente estruturada, partindo da noção simplificada de que $A > B$. Ao romper com tais teorias que concebem os estados linguísticos como uniformes (idealizados), o autor diz ser necessário ter em conta o entremeio “*entredeux*” de um estado A e de outro estado B.

Para definir mudança linguística, J. Milroy (1992, p. 18) adota um conceito mais amplo e menos tradicional que a visão laboviana, que deve ser entendida como “mudanças no consenso sobre as normas de uso em uma comunidade de fala”. Dessa maneira, durante esse processo, haverá algum desentendimento ou conflito sobre as normas em alguns níveis da comunidade, mas, se a mudança já estiver “concluída”, então será possível dizer que alguma comunidade de falantes concorda que antigamente era A e agora é B (padrões antigos de concordância desaparecem e padrões novos emergem).

Dentro do viés da Sociologia da Família e da Antropologia, J. Milroy (1992) também leva em conta o trabalho de Elizabeth Bott (1971), *Family and Social Network: Roles, Norms and External Relationships in Ordinary Urban Families* que associa as redes sociais às composições familiares. A autora conta que a ideia de usar o conceito de rede sistematicamente em vez de metafóricamente foi desenvolvida por John Barnes (1954) em sua pesquisa intitulada *Class and Committees in a Norwegian Island Parish*. Segundo a autora, ao analisar uma aldeia de pesca na Noruega, Barnes (1954) deixa bem claro que está estendendo o uso do conceito metafórico de “rede” de Radcliffe-Brown (1940) e a ideia de Fortes (1949) de que o grau de parentesco e os laços de afinidade fornecem uma “teia” que une os membros do grupo. A autora diz ainda que nem Barnes (1954) nem ela mesma poderiam imaginar que o conceito de rede utilizado por eles se tornaria tão corriqueiro na antropologia social britânica.

Em sua análise das famílias urbanas de Londres, Bott (1976 [1971]) destaca que o meio social imediato das famílias é melhor compreendido não como área local onde a família vive, mas como a rede das relações sociais reais que é mantida pela família. A autora reconhece que papéis diferenciados entre gêneros (marido e esposa) e densidade da rede caminham juntos – um alto grau de segregação conjugal está ligado a um elevado nível de densidade da rede. Isso significa que um relacionamento fortemente segregado se refere ao marido e à esposa que possuem uma proporção relativamente grande de atividades independentes e complementares e uma proporção relativamente pequena de atividades conjuntas. Dentro dessa concepção, as redes de malha estreita estão sujeitas a se desenvolverem quando marido e esposa, conjuntamente com seus parentes, amigos e vizinhos cresceram na mesma área local e continuaram a viver ali depois do casamento. Nessas redes densas, é comum uma superposição de papéis sociais, ou seja, as pessoas não constituem categorias separadas de parente, amigo, vizinho, pois preenchem dois ou mais papéis ao mesmo tempo.

Nesse estudo, Bott (1976 [1971], p. 113-116) elenca quatro fatores que propiciam variações na conectividade: (1) *Os vínculos econômicos entre os membros de uma rede*: esses vínculos operam com mais força entre parentes do que amigos, em especial, nos negócios de família; (2) *O tipo de vizinhança*: os membros de uma família, que vivem na mesma área local, são mais acessíveis uns aos outros e, portanto, a rede é mais estreita; (3) *Oportunidade para fazer relacionamentos fora da rede existente*: as redes são mais propensas a serem do tipo de malha estreita se seus membros não têm muitas oportunidades para se relacionarem com pessoas desconhecidas dos outros membros da rede; (4) *Mobilidade física e social*: a rede de

uma família torna-se mais frouxa se a família ou os outros membros distanciam-se física ou socialmente.

Como se pode notar, a definição de comunidade de fala está intimamente ligada a essa noção de rede nesses estudos. Para J. Milroy (1992, p. 86) “a ideia de laços de uma rede social de força variada é o mais próximo que se pode chegar ao entendimento da noção de uma comunidade de fala”. Seguindo os pressupostos de Elizabeth Bott (1971), o autor destaca que a rede de laços estreitos também pode ser vista como mecanismo de imposição da norma. Dessa forma, a rede social dá-nos um modelo para demonstrar como as normas consensuais são estabelecidas dentro da comunidade.

Conforme o autor, a comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam de modo similar, mas por indivíduos que se inter-relacionam através de diversas redes comunicativas e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras, constituídas por uma norma linguística. Para J. Milroy (1992, p. 82), “a norma padrão é uniforme, enquanto as normas da comunidade de fala são, por vezes, mais apropriadamente descritas como normas variáveis” e por isso a norma de uma comunidade de fala real não coincide com a norma da língua padrão.

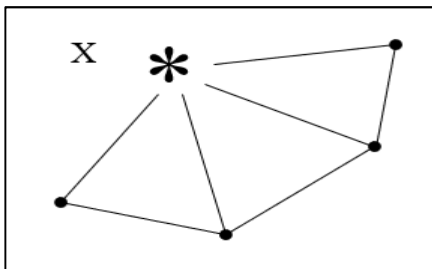
Do ponto de vista de J. Milroy (1992), a rede de um indivíduo pode certamente refletir as afinidades e as atitudes pessoais com relação à cultura vernacular, sendo uma correspondência clara e consistente entre a força da estrutura da rede de uma pessoa e o uso da língua. Isso explica porque falantes mostram lealdade às normas da comunidade local, apesar do estigma social ligado a elas, em oposição à “cultura oficial”. Complementando essa questão, Mattos (2013) explica que, se o falante avalia positivamente a fala vernácula e não se monitora para eliminar da conversa a prática linguística desprestigiada, isso revela um olhar *de dentro* e não um olhar *de fora*, externo à comunidade.

Sob a égide dos parâmetros da Sociolinguística Interacional e da Etnografia da Comunicação, a pesquisa de J. Milroy (1992) destaca a importância dos estudos de Blom e Gumperz (1972), *Social Meaning in Linguistic Structures: code-switching in northern Norway*, que expõem como as alternâncias de códigos (língua padrão e dialeto local) estão carregadas de significado social. Esses autores descrevem os padrões de fala em Hennesberget, uma pequena cidade com cerca de 1.300 habitantes no norte da Noruega, onde seus habitantes vivem principalmente como artesãos em oficinas da própria família dentro da localidade. A maioria desses moradores são falantes nativos do dialeto ranamål (R), que é altamente valorizado pela comunidade, pois constitui um símbolo de identidade local, considerado parte da história

familiar. No entanto, a educação formal é feita na língua padrão bokmål (B), que é a língua usada nas transações comerciais, na religião e na mídia. Embora essas duas línguas façam parte do repertório linguístico desses falantes, a língua padrão expressa um distanciamento das relações locais. Dessa forma, os encontros entre amigos e parentes ocorrem no dialeto, pois nesses contextos as identidades com a cultura local são compartilhadas por esses falantes. Os autores explicam que esses moradores nativos se casam, moram e ganham a vida com seus pares, de modo que suas relações pessoais são características de uma rede fechada.

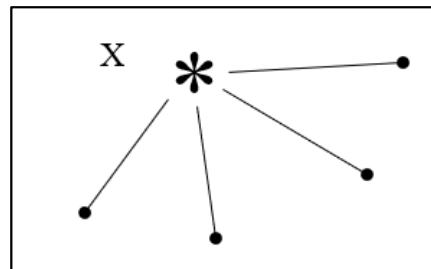
Seguindo esses postulados, Lesley Milroy (1987) estuda a classe trabalhadora de Belfast, na Irlanda do Norte. A autora explica que o modelo de rede social é mais coerente para se estudar a língua na comunidade, uma vez que demonstra um reconhecimento implícito da importância dos laços da rede social do indivíduo. Para ela, os estudos de Blom e Gumperz consideram a existência de duas redes: as *redes sociais fechadas* compostas por falantes de baixo *status* que interagem principalmente dentro de um território definido, onde quase todos se conhecem; e as *redes sociais abertas* constituídas por falantes da elite que interagem fora dos limites territoriais e que necessariamente não se conhecem. Contudo, a autora enfatiza que é possível descrever uma rede como mais ou menos densa que outra, em vez de se considerar termos absolutos como abertos ou fechados. No esquema de representação dessa rede, “o indivíduo é indicado por uma estrela; as outras pessoas na rede são representadas por pontos; o contato entre os indivíduos é mostrado por uma linha” (L. MILROY, 1987, p. 20). Têm-se a estrutura de rede social pessoal de alta densidade em que X é o ponto focal da rede; e estrutura da rede social pessoal de baixa densidade em que X é o ponto focal da rede, respectivamente, expressas pelas Figuras 1 e 2:

Figura 1 – Redes sociais de alta densidade



Fonte: L. MILROY, 1987, p. 20.
Adaptado.

Figura 2 – Redes sociais de baixa densidade



Fonte: L. MILROY, 1987, p. 20.
Adaptado.

A autora também destaca outra noção importante que diz respeito aos vínculos da rede: a rede será do tipo uniplex se as pessoas estiverem associadas a apenas uma capacidade e será do tipo multiplex se as pessoas estiverem ligadas umas às outras em mais de uma capacidade. Dessa forma, “as redes em áreas rurais tendem à densidade e à multiplexidade; e em áreas urbanas, à esparsidade e à uniplexidade” (L. MILROY, 1987, p. 137).

Segundo L. Milroy (1987, p. 160), “uma estrutura de rede densa e multiplex prevê relativa proximidade às normas do vernáculo”. Por outro lado, falantes cujas estruturas de rede são menos ligadas também são menos propensos a se aproximarem das normas do vernáculo e mais expostos a influências externas.

Dentro dessa proposta de tipos de rede, Bortoni-Ricardo (2011), em seu estudo “Do campo para cidade: um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais”, investiga como migrantes rurais se ajustam ao ambiente urbano de Brazlândia, cidade-satélite de Brasília/ DF e examina as mudanças provocadas no repertório linguístico desses migrantes, com ênfase nas variáveis fonológicas. A autora descreve a rede social como “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre indivíduos em um grupo” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 15)¹⁰.

Levando em consideração o paradigma de redes de comunicação de Barnes (1954), exposto anteriormente, a autora assinala que, nas sociedades rurais, as pessoas possuem redes sociais densas e veem o vernáculo como símbolo de identidade do grupo, constituindo uma rede de tessitura miúda, que são as *redes isoladas*, restritas à família e aos grupo de vizinhos. Já nas sociedades urbanas, as redes sociais são esparsas e há baixa estima da cultura vernacular, com maior adesão ao padrão, constituindo uma rede de tessitura larga, que são as *redes integradas*, maiores e mais heterogêneas.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 131) também destaca que “a escolha do vernáculo para a interação restrita ao grupo é basicamente motivada pela lealdade aos valores locais”. No quadro a seguir, a autora estabelece as características do repertório linguístico nas redes isoladas e nas redes integradas:

¹⁰ Título original: *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: A Sociolinguistic Study in Brazil*, (1985).

Quadro 3 – Tipos de redes e transição rural-urbana

Tipos de redes	Critérios analíticos			Características do repertório verbal
	Reforço de normas	Densidade de relações de papéis	Participação em grupos	
Redes isoladas	Sanção de grupo/consenso: resistência à mudança	Baixa densidade de relações de papéis: interação com um número limitado de pessoas	Grupo original de amigos como um grupo de referência	Focalização dialetal Acesso limitado ao código de prestígio
Redes integradas	Maior exposição às influências externas	Alta densidade de relações de papéis: interação com pessoas com diferentes substratos em muitos contextos sociais	Identificação com grupos mais prestigiosos	Difusão dialetal Mais flexibilidade em relação ao controle do código e de estilos de prestígio Hipercorreções

Fonte: BORTONI-RICARDO, 2011, p. 138. Adaptado.

Dentro desse quadro geral, Bortoni-Ricardo (2011, p.135) expõe que as redes isoladas “tendem a favorecer a manutenção da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo” e “exibem um alto grau de densidade consensual ou moral que funciona como um mecanismo de resistência à mudança”. Essas redes possuem uma relação mais restrita, limitada à família e aos grupos de vizinhança, apresentando acesso limitado ao código de prestígio. Em contrapartida, nas redes integradas, as pessoas estão relacionadas a diferentes contextos sociais e estão expostas a uma maior gama de influências externas. Esses falantes tendem a assimilar os modos mais prestigiosos de falar da cultura padrão urbana e estão mais propensos a apresentar ocorrências de hipercorreção, afastando-se, assim, de seu vernáculo (difusão dialetal). Segundo a autora, as redes isoladas e as redes integradas não devem ser consideradas como entidades dicotômicas, mas sim compreendidas como um processo gradual de transição rural-urbana.

Como se pode observar, o modelo de redes sociais é um método que contribui para caracterizar o comportamento linguístico dos falantes dentro de uma perspectiva de integralidade do contínuo rural-urbano, possibilitando associar a rede social às escolhas linguísticas do grupo. Essa é uma visão de língua que é adotada no presente trabalho, que leva em conta “a relação indissociável entre língua, sociedade e cultura”.

Em seu estudo, Bortoni-Ricardo (2011) trata a questão do êxodo rural, investigando como migrantes rurais de uma mesma localidade se adequam a um ambiente urbano, com isso sua pesquisa centra-se nos falantes rurbanos. A situação apresentada nesta tese é outra: busca-se comparar os dois extremos (polo rural e polo urbano), sem analisar a transição dentro do contínuo. Trata-se de *loci* diferentes que, seguramente, levam a percepções diferentes. Ao correlacionar as redes isoladas e as redes integradas ao repertório linguístico das comunidades, a autora aponta alguns direcionamentos para o estudo linguístico aqui proposto.

Feita a apresentação dos pressupostos sociolinguísticos adotados, as seções seguintes trazem o referencial teórico sobre a categoria adverbial, com ênfase nos estudos dos advérbios graduadores – que constituem nosso objeto de estudo.

3.2 A categoria gramatical advérbio

A classe dos advérbios se insere entre as dez categorias gramaticais reconhecidas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), publicada em 1959. São elas: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Esta pesquisa centra-se na classe dos advérbios, mais precisamente, na subclasse dos graduadores, tradicionalmente denominados advérbios de intensidade.

Nessa seção, o estudo da categoria advérbio perpassa primeiramente pela abordagem da tradição gramatical, a fim de identificar a problemática dos conceitos expressos nessas teorias. Na sequência, são descritos os estudos linguísticos que levam em conta os aspectos sintático-semânticos na categorização adverbial que servem de base teórica à análise dos graduadores em questão.

3.2.1 O advérbio nas gramáticas tradicionais

As gramáticas de Said Ali (1966 [1923], de Rocha Lima (2002 [1972]), de Cunha e Cintra (2001), de Cegalla (2008), de Bechara (2015), entre outras, trazem uma abordagem tradicional dos advérbios. Essas obras valem-se de noções pouco esclarecedoras como “circunstância” e “modificação” para conceituar e para classificar os advérbios.

Na *Gramática elementar da língua portuguesa* de Said Ali (1966 [1923], p. 89), o advérbio é conceituado como uma palavra que “denota uma circunstância de lugar, tempo,

modo, grau ou intensidade, negação, dúvida, etc. e serve de determinante ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio”. Segundo o autor, pode ser expresso por uma palavra invariável ou por uma expressão equivalente, conforme exemplos:

Lugar: “Ele trabalha *aqui, em São Paulo.*”

Tempo: “Ele trabalha *hoje, todos os dias.*”

Modo: “Ele trabalha *aplicadamente, com aplicação.*”

Negação: “Ele *não* trabalha.”

Dúvida: “Ele *talvez* trabalha.”

Grau ou intensidade: “Vejo-te *tão* alegre”; “Fiquei *muito* triste”; “Chegaste *mais* tarde.”

O autor explica que os principais advérbios de grau ou de intensidade são *tão* e *tanto*, *quão* e *quanto*, *quase*, *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*, *bastante* e que, a maioria desses vocábulos, são idênticos a alguns quantitativos indefinidos.

Sobre os advérbios *tão* e *quão*, esclarece que são empregados como determinantes de adjetivos na forma positiva, do quantitativo *pouco* e de outros advérbios, como se observa nos exemplos: “*Tão* lindos olhos”; “Vestidos *tão* ricos”; “Marília tem *tão* poucas joias”; “*Quão* preciosos”; “*Quão* poucos”; “Recebeu-me *tão* amavelmente”; “*Quão* facilmente se resolveria a dúvida”; “Chegaste *tão* cedo”. Sobre *tanto* e *quanto*, explica que são advérbios que se combinam ao grau comparativo, conforme exemplos: “Leitura *tanto* mais difícil”; “Dias *tanto* piores”; “Ação *tanto* menos nobre”; “*Tanto* maior”; “*Quanto* mais longas”.

Ainda sobre a intensificação, o autor menciona que, na linguagem familiar, aparece frequentemente a forma diminutiva *-inho* e *-zinho* para significar “muito” ou “um tanto”, como por exemplo: “Levanta-te *cedinho*” (= muito cedo); “O doente está *melhorzinho*” (= um tanto melhor).

A *Gramática normativa da língua portuguesa* de Rocha Lima (2002 [1972], p. 174), por sua vez, define os advérbios como “palavras modificadoras do verbo e servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal”. Conforme o autor, os advérbios distribuem-se em cinco espécies: *de dúvida*, *de intensidade*, *de lugar*, *de modo* e *de tempo*.

O autor explica que alguns advérbios, chamados de intensidade, podem prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, para indicar-lhes o grau: *muito belo* (= belíssimo), vender *muito barato* (= baratíssimo). Além disso, especifica que há alguns advérbios de intensidade

que não acompanham verbos, mas somente adjetivos e advérbios, tais como *tão*, *quão*, *que*. Também esclarece que os advérbios de modo são suscetíveis de gradação – a razão é porque o advérbio de modo ou de qualidade está para o verbo assim como o adjetivo está para o substantivo.

Sobre a função do advérbio, Rocha Lima (2002 [1972], p. 346) expõe ainda que o advérbio acompanha o verbo, “exprimindo as circunstâncias que cercam, ou precisam, ou intensificam a significação deste”. O autor vale-se de exemplos literários: “*Assim* morre o forte!” (Gonçalves Dias); “Esse monstro... Que vem *cá* buscar?” (Gonçalves Dias); “Fazei-os *mais* dançar...” (Castro Alves); “Habita *juntamente* os vales e as montanhas...” (Machado de Assis).

Prossegue dizendo que os advérbios de intensidade (*muito*, *pouco*, *bastante*, *mais*, *menos*, *assaz*, *quão*, *tão*, etc.) podem concorrer para exprimir flexão de grau de adjetivos e de advérbios, conforme exemplos: “*Tão* forte contra os homens, *tão* sem força/ Contra coisa *tão* fraca.” (Gonçalves Dias); “O porvir é *assaz* vasto, para comportar esta grande esperança.” (Rui Barbosa); “É tarde! É *muito* tarde!...” (Mont’Alverne). O autor esclarece também que há formas sintéticas para os graus de advérbios: *pertíssimo*, *cedinho*, *agorinha*, etc.

De acordo com a *Nova gramática do português contemporâneo* de Cunha e Cintra (2001, p. 541), “o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo”. Para exemplificar essa modificação, também recorrem a excertos da linguagem literária: “Você *compreendeu-me* mal.” (Almada Negreiros, *Nome de guerra*, 61.); “O almoço *decorria agora lentamente*.” (A. Santos, *Kinaxixe*, 103.).

Além dessa função básica, consideram que certos advérbios, os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas, podem reforçar o sentido de um *adjetivo*, como por exemplo: “Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, *muito edificante e vasta*”. (Guimarães Rosa, *Sagarana*, 346.); “Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo *tão feliz* sorrir de olhos semicerrados...” (Luandino Vieira, *Nós, os do Makulusu*, 105.); e de um *advérbio*, como por exemplo, “– Mas passei a noite mal! *bem mal!*” (J. Régio, *Jacob e o anjo*, 102.); “Já bem pertinho estavam Masseur e Ângelo.” (L. Jardim, *Aventuras do menino Chico de Assis*, 49.); “O homem caminhava *muito devagar*.” (S. de Mello Breyner Andresen, *Contos Exemplares*, 156.).

Salientam ainda que alguns advérbios podem aparecer modificando toda uma oração, como por exemplo, “*Infelizmente*, nem o médico lhes podia valer.” (M. Torga, *Novos contos da montanha*, 150.); “– Eu me recuso, *simplesmente*.” (F. Sabino, *O encontro Marcado*, 84.).

Os autores explicam que nem todos os advérbios admitem variação de intensidade, tais como *aqui, aí, hoje, amanhã, diariamente* e formações semelhantes. Conforme os autores, não raro, outros advérbios aparecem modificando toda a oração. Seguindo a NGB, estabelecem sete espécies de advérbios: *de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo*.

Conforme a *Novíssima gramática da língua portuguesa* de Cegalla (2008, p. 259), o advérbio “é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”. De acordo com as circunstâncias que exprimem, os advérbios classificam-se em *de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo*. O autor expõe que a maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescenta uma circunstância, e somente os de intensidade é que podem também modificar adjetivos e advérbios. Para estabelecer uma comparação, utiliza-se dos seguintes exemplos:

“O navio chegou.” / “O navio chegou *ontem*.” (A palavra *ontem* acrescentou ao verbo *chegou* uma circunstância de tempo)

“Paulo jogou.” / “Paulo jogou *bem*.” (A palavra *bem* modificou a ação de Paulo, expressa pelo verbo *jogou*)

“Paulo jogou bem.” / “Paulo jogou *muito* bem.” (A palavra *muito* intensificou o sentido do advérbio *bem*)

“A moça é linda.” / “A moça é *muito* linda.” (A palavra *muito* intensificou a qualidade contida no adjetivo *linda*)

O autor explica que certos advérbios de modo, tempo, lugar e intensidade são suscetíveis de grau, à semelhança dos adjetivos. Também esclarece que, na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com ideia de intensidade, a modo dos superlativos: *agorinha, cedinho, pertinho, rentinho, juntinho, devagarinho* (= muito devagar), *depressinha* (= bem depressa), *rapidinho* (= bem rápido).

Já a *Moderna gramática portuguesa* de Bechara (2015, p. 302) define o advérbio como “expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, de modo, de intensidade de condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. Para o autor, o advérbio refere-se geralmente ao verbo, ou ainda a um adjetivo ou a um advérbio, como intensificador dentro de um grupo nominal unitário, ou a uma declaração inteira. São dados os seguintes exemplos:

“José escreve *bem*.” (advérbio em referência ao verbo).

“José é *muito* bom escritor.” (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

“José escreve *muito* bem.” (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

“*Felizmente* José chegou.” (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou).

O autor aponta que há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregados no comparativo e no superlativo, seguindo as mesmas regras aplicadas ao adjetivo. Nesse sentido, destaca que “tais intensificações ou gradações do advérbio – como as do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português” (BECHARA, 2015, p. 310).

Explica ainda que, na linguagem familiar, é possível expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem: Andar *devagarzinho* (= muito devagar, um tanto devagar); Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha (= muito cedo).

Como se observa, as definições das gramáticas tradicionais mais representativas do português conceituam o advérbio como palavra que modifica prioritariamente o verbo, podendo modificar um adjetivo ou outro advérbio, ou mesmo uma oração. Em sua maioria, essas gramáticas estabelecem que os advérbios exprimem circunstâncias *de afirmação, de dúvida, de intensidade, de lugar, de modo, de negação e de tempo*, conforme preconiza a NGB. Verificam-se que essas noções de modificação e de circunstância são pouco elucidadas nessas gramáticas. Há categorias adverbiais que não são modificadoras, como por exemplo, os advérbios de tempo e lugar, que por excelência indicam circunstância, e outras categorias, como de afirmação e de negação, que não expressam noção de circunstância, como veremos a seguir.

3.2.2 A problemática da classificação tradicional do advérbio na língua portuguesa

Conforme visto, a NGB reconhece sete grupos de advérbios, *afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo*, e propõe que certas palavras, por não poderem enquadrar-se entre os advérbios, terão classificação à parte, no rol das palavras denotativas. Dessa forma, os conceitos expressos nas gramáticas de cunho tradicional nos dão a impressão de que os advérbios constituem uma classe homogênea, uma vez que são definidos como palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou todo enunciado.

Contudo, uma análise mais acurada dessa classe gramatical permite depreender que os elementos que a compõem são heterogêneos. Para Perini (2001), a nomenclatura tradicional é deficiente em relação aos nomes das classes, pois muitas categorias não são adequadamente

reconhecidas. Percebe-se que “a única preocupação consistente que encontramos na Gramática Tradicional (GT) é a de classificar as palavras, de modo que nenhuma fique isolada (ainda que seja posta entre as ‘de difícil classificação’...)” (PERINI, 2001, p. 22).

A análise da categoria adverbial apresenta-se bastante intrincada. De acordo com Moura Neves (2002 [1992]), a complexidade e a heterogeneidade da classe dos advérbios, tal como propõe a tradição gramatical, constitui o ponto de partida de muitas pesquisas que buscam investigar o comportamento dessa categoria. Corroborando essa questão, Perini (2005, p. 338) expõe que “a categoria tradicional dos advérbios encobre uma série de classes de comportamento sintático radicalmente diferente”. Ademais, explica que “os advérbios do português estão muito pouco estudados em seu conjunto”, tendo-se apenas estudos parciais dessa categoria.

Perini (2008, p. 83) destaca que as principais deficiências da classificação encontradas na GT são: “o uso de sistema simples de classificação; a falta de critérios nas subclassificações; classes do tipo “cesta de lixo” (por exemplo, advérbios e pronomes); e a rejeição da categorização múltipla”. Isso significa a necessidade de estipular mais classes, além das existentes, que reflitam a complexidade dos fenômenos linguísticos.

Mira Mateus *et al.* (2006, p. 419) salientam que “a classificação tradicional não tem em conta o comportamento sintático dos advérbios e as diferentes dependências que podem existir entre os advérbios e outras categorias”. De fato, a análise da inter-relação entre o advérbio e as demais classes na GT apresenta lacunas.

De acordo com Castilho *et al.* (2014), quando falamos de advérbios imediatamente nos lembramos que são palavras invariáveis que aparecem na sentença como parceiras do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio. Para os autores, a tradição escolar nos acostumou que seu exemplo mais típico são as palavras invariáveis que terminam em *-mente* e que a classe adverbial é bem definida, composta por palavras que funcionam exatamente do mesmo modo. Dito isso, ressaltam que a classe dos advérbios não é bem delimitada; há áreas cinzentas entre os advérbios propriamente ditos (itens que integram uma classe morfológica configurada) e os adverbiais (os sintagmas nominais e sintagmas preposicionados que assumem funções de advérbios), como também entre os advérbios e os adjetivos, e entre os advérbios e os operadores discursivos.

Desse modo, observamos que, ao classificar e distribuir os advérbios em subtipos generalizados e excluir tantos outros, a GT deixa de abarcar as possibilidades de um mesmo item lexical exprimir diferentes circunstâncias em contextos diferentes.

3.2.3 Propostas linguísticas de categorização dos advérbios

Em seu livro *Advérbios*, Bomfim (1988 p. 6) adverte sobre os problemas da categorização adverbial tradicional e destaca que as gramáticas dão a impressão inicial de uniformidade no tratamento dos advérbios, contudo, a aparente concordância não resiste a um exame mais detalhado. Para a autora, “os advérbios de *afirmação*, de *negação* e de *dúvida* não se conciliam com as definições, pois não expressam uma circunstância, não dizem respeito à ação verbal e não são intensificadores”. Destaca ainda que os advérbios dêiticos de lugar (*aqui, lá, aí, lá*), bem como os advérbios de tempo (*hoje, ontem, amanhã*), devem ser incluídos no grupo dos pronomes demonstrativos.

A autora explica que os advérbios de intensidade, chamados pelos gramáticos mais antigos de advérbios de quantidade, podem relacionar-se a outros advérbios e a adjetivos para expressar grau. Além disso, subdivide essa classe em dois tipos: intensificadores de adjetivos e de advérbios (ligados à gradação) e de verbos (que independem do regime do verbo).

Bomfim (1988) propõe que essa categoria de intensificadores deve ser incluída no grupo das palavras denotativas. Ademais, defende que os legítimos advérbios são os de modo, pois são os verdadeiros modificadores do verbo.

Ilari *et al.* (1996 [1990]) também viram a necessidade de descrever o advérbio, em decorrência da análise dos inquéritos do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (NURC). Iniciado na década de 70, o projeto pesquisou informantes cultos, com nível superior completo, em cinco capitais brasileiras, Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Segundo Castilho (2017), as gravações das entrevistas e as transcrições transcorreram bem, mas o questionário utilizado não tinha uniformidade teórica, por isso o projeto falhou na descrição das estruturas: fonológicas, morfológicas e sintáticas. Diante dos rumos do projeto, o autor convidou um grupo de renomados linguistas brasileiros, que ainda não participavam do NURC, para compor o Projeto de Gramática do Português Falado, utilizando esse material já coletado.

Os textos publicados no Volume I, *Gramática do português falado: A ordem*, organizados por Castilho (1996 [1990]), representam os primeiros resultados do Projeto que tinha por objetivo a preparação de uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil. Nesse primeiro volume, Ilari *et al.* (1996 [1990]) dedicam-se à posição dos advérbios, no capítulo denominado *Considerações sobre a posição dos advérbios*. Conforme esse estudo, a ordem dos advérbios não é aleatória, pois para algumas classes é possível prever em que posição serão encontradas, refutando-se a afirmação tradicional de que a ordem dos

advérbios é livre e/ou variável. Em decorrência dessa análise, dão início à categorização dos advérbios a partir desses dados de fala urbana culta.

Segundo os autores, os critérios propostos pela GT – (i) critério morfológico: refere-se à palavra invariável; (ii) critério sintático: refere-se à palavra relacionada sintaticamente ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio; (iii) critério nocional: refere-se à palavra que indica circunstância e modificação – são imprecisos, uma vez que certas propriedades não se confirmam em algumas ocorrências. Tais critérios, na prática, levam o gramático a classificações conflitantes e a um tratamento, até certo ponto, inconsequente, uma vez que se torna difícil enquadrar entre os advérbios uma quantidade enorme de palavras que não obedecem a esses critérios tradicionais (ILARI, 2007). Além disso, os autores destacam que uma maior liberdade de colocação ocorre com alguns tipos de advérbios, entretanto, na maior parte deles, a colocação apresenta restrições bastante rigorosas.

Os autores reconhecem que a descrição completa dos advérbios dependeria de dois tipos de gramática: (a) uma gramática que estuda as expressões do ponto de vista da constituição morfossintática e sua conexidade e (b) uma gramática que define e organiza as unidades relevantes para a compreensão do fluxo de informações e para a coesão textual (Ver Quadro 4, proposto por Ilari *et al.* (1996 [1990]), p. 88).

Quadro 4 – A “gramática da conexidade” e a “gramática da coesão”

	“gramática da conexidade”	“gramática da coesão”
âmbito inferior à sentença	advérbios de constituinte	advérbios de tópico etc.
âmbito igual à sentença ou superior	advérbios sentenciais	advérbios de discurso.

Fonte: ILARI *et al.*, 1996 [1990], p. 88. Adaptado.

Como se observa no Quadro 4, a primeira coluna mostra as relações de natureza estrutural e a segunda indica as relações de natureza coesiva. O trabalho dos autores limita-se à primeira coluna, ou seja, às interações dos advérbios com unidades definidas.

Dentro desse modelo, as ocorrências de advérbios são organizadas em uma matriz com duas entradas: uma pelo eixo semântico e outra pelo eixo sintático. O eixo sintático implica reconhecer os advérbios de constituinte, cujo *escopo* é um constituinte da sentença (verbo, adjetivo, advérbio, substantivo, numeral e outros), e os advérbios de sentença, que tomam toda

uma sentença por escopo, de acordo com o grau de maior ou menor conexidade com o verbo. Nessa categorização, esclarecem que os advérbios de discurso foram deixados de lado, pois devem ser estudados pela gramática de coesão. Como os autores não mencionam o conceito de *escopo* nesse volume, recorreremos a Ilari (2007). Para o autor, o escopo é definido como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador: “o operador é o próprio advérbio e os conteúdos em questão são supridos por outras expressões que com ele interagem no mesmo cotexto” (ILARI, 2007, p. 163).

A outra entrada pelo eixo semântico envolve reconhecer que os advérbios desempenham dois papéis semânticos básicos: de predicação e de não predicação. Para compreender essa oposição, os autores estabelecem etapas de raciocínio para marcar a diferença: (i) considerar o verbo ou o adjetivo “em estado de dicionário”; (ii) refletir sobre sua definição lexical, chegando a um núcleo significativo; (iii) verificar de que modo esse núcleo significativo foi afetado pelo advérbio. Se o núcleo significativo foi afetado, como em “chegar bem”, o advérbio é *predicativo*, se o sentido permaneceu intacto, como em “chegar aqui”, o advérbio é *não predicativo*. Nessa classificação, os advérbios predicativos estão subdivididos em qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores. Já os não predicativos estão subdivididos em advérbios de verificação *de re* e *de dicto* (= afirmação, negação, focalização) e advérbios circunstanciais. Nessa matriz, não foram incluídos os dêiticos de lugar e de tempo, por isso a classe recebeu tratamento à parte. Lembramos que alguns autores, como Moura Neves (2011), utilizam os termos *modificadores* para designar os advérbios predicativos (predicadores) que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, e *não modificadores* para designar os advérbios não predicativos (não predicadores) que não afetam o significado do elemento modificado.

Nessa primeira proposta de categorização, em que o foco era a ordem, os *predicativos* foram subdivididos em (i) *qualitativos*, correspondentes aos advérbios de modo na tradição gramatical: modificam o sentido do elemento a que se referem (verbo ou adjetivo) e por isso sua ordem varia; (ii) *intensificadores*: intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio, comportando-se em relação à ordem de modo muito semelhante aos advérbios qualitativos, sendo natural encontrá-los na posição imediatamente à direita do verbo e, quando aplicados a nomes, a adjetivos e a advérbios, a posição predominante é imediatamente anterior; (iii) *modalizadores*: modalizam o conteúdo de uma asserção, expressando algum tipo de intervenção do falante, podendo ser aplicados à sentença como um todo ou incidir sobre um constituinte; é uma classe compósita, que distingue alguns tipos mais claros: (a) *quase-modais*:

seu papel lembra vagamente ao dos operadores da lógica modal, sua modalização é geralmente de caráter epistêmico, isto é, refere-se às opiniões e às expectativas dos interlocutores; (b) *hedges*: “advérbios de circunscrição” que servem para limitar o ponto de vista do qual pode ser considerada correta a asserção; e (c) *atitudinais*: indicam uma apreciação do falante; (iv) *aspectualizadores*: indicam a frequência com que um evento se reitera, são advérbios sentenciais. Já os advérbios *não-predicativos* estão subdivididos em: (i) *advérbios de negação*: possuem posição por excelência imediatamente pré-verbal; e (ii) *advérbios de exclusão e de inclusão / focalizadores*: devem ser reunidos em “advérbios de verificação”, podem ser encontrados em várias posições. Nessa subdivisão, a categoria dos *circunstanciais de tempo e de lugar* foi conservada provisoriamente. Como se verá a seguir, essas categorizações vão sofrendo pequenos rearranjos ao longo desses estudos.

Dando continuidade ao Projeto, os autores buscam complementar algumas questões que necessitavam de investigação mais aprofundada e que foram deixadas em aberto nos primeiros estudos sobre a categoria adverbial. No livro *Gramática do português falado, Volume II: Níveis de análise linguística*, organizado por Ilari *et al.* (2002 [1992]), são tratadas questões sintáticas dos seguintes grupos de advérbios: *aspectuais (aspectualizadores)*, *focalizadores*, *modalizadores*, *circunstanciais e qualitativos*. Nessa obra, é realizada uma discussão mais abrangente da classe dos advérbios circunstanciais que, na etapa anterior, conforme já dito, havia sido provisoriamente deixada à parte. Como se nota, a categoria dos advérbios graduadores não é retomada nessa obra.

Segundo Ilari (2002 [1992]a), a categoria dos *aspectualizadores* é afetada por quatro fatores: (i) a natureza do adjunto; (ii) a natureza do predicado; (iii) a estreita vinculação entre escolha dos advérbios de tempo/aspecto e às formas verbais; e (iv) a quantificação dos sintagmas nominais. Ainda conforme Ilari (2002 [1992]b), a categoria dos *focalizadores* se aplica a adjetivos, a numerais, a outros advérbios e ainda a termos da oração.

Os *modalizadores*, de acordo com Ataliba de Castilho e Célia de Castilho (2002 [1992]), dividem-se em *epistêmicos*, *deônticos* e *afetivos*. A modalização *epistêmica* expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade e de proposição, compreendendo três subclasses: (a) os *asseverativos* – indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo proposicional, apresentado com afirmação ou com negação; são selecionados quando o falante expressa uma alta adesão a esse conteúdo, conforme exemplificado em “*evidentemente* a ele caberá tomar a decisão”; “isso não... não gosto daquilo *de jeito nenhum*”; (b) os *quase-asseverativos* – indicam que o falante considera o conteúdo da

proposição quase certo e por isso se furta da responsabilidade da verdade ou da falsidade, como por exemplo, “livro *provavelmente* fraco”; “deve ser um tipo *assim* de trabalho”; e (c) os *delimitadores* – estabelecem as condições para o entendimento de uma sentença ou de seus constituintes, restringindo o âmbito da informação, como por exemplo, “embora eu *pessoalmente* não gosto do nome Shangri-lá”. Os modalizadores *deônticos* indicam que o falante considera a proposição como um estado de coisas que precisa ocorrer obrigatoriamente, como se observa neste exemplo, “toda e qualquer cirurgia... no campo médico... [...] implica *obrigatoriamente* em despesas”. Já os modalizadores *afetivos* verbalizam as reações emotivas do falante, conforme é demonstrado no exemplo, “*felizmente* ainda não começaram aquela fase mais difícil”.

Em relação aos *circunstanciais*, Moura Neves (2002 [1992], p. 284) estabelece que o caráter dêitico das categorias de tempo e de lugar se representa por sintagmas fóricos e sintagmas não fóricos. Os sintagmas fóricos recuperam a informação no contexto situacional ou no próprio texto, por exemplo, “*Hoje* isso não existe”. Já os sintagmas não fóricos fixam coordenadas de referência, como exemplificado em “moro *dentro* de um jardim”.

Oliveira (2002 [1992]) desmembra os *qualitativos* em dois blocos: qualitativos de verbos, por exemplo, “ele aprendeu *rapidamente* a ler” e qualitativos de adjetivos, por exemplo, “comida *tipicamente* indiana”. As locuções adverbiais com função qualitativa dos advérbios foram removidas dessa análise.

Conforme já descrito nesse capítulo, os livros da série *Gramática do português falado*, Volume I: *A ordem* e Volume II: *Níveis de análise linguística*, integram as obras do Projeto de Gramática do Português Falado. Esse projeto, bastante ativo nas décadas de 1980 a 1990, produziu oito volumes, agrupando diversos trabalhos sobre fonologia, morfologia e sintaxe da língua falada, os quais inspiraram inúmeras teses e projetos de pesquisa.

Ao final da década de 2000, uma nova coleção foi desenvolvida no âmbito do Projeto de Gramática do Português Falado, denominada *Gramática do português culto falado no Brasil*, trazendo os resultados que são produto de duas décadas de pesquisa. Nessa nova coleção, interessa-nos o terceiro volume, *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*, organizado por Ilari (2014), em que os autores do projeto dedicam parte da obra para reiterar os estudos e as proposições anteriores sobre o advérbio. Nessa edição mais recente, os capítulos sobre as classes de palavras foram separados em dois volumes. O volume III é dedicado às palavras de *classe aberta* que, segundo a tradição linguística, ganha sempre itens novos, é composta por substantivo, verbo, adjetivo e advérbio; e o volume IV é

dedicado às palavras de *classe fechada*, onde a admissão de itens novos ocorre lentamente, é composta por pronomes, especificadores, preposições e conjunções. Nesta pesquisa, vamos nos ater somente ao volume III que trata da categoria advérbio.

Nesse terceiro volume, a classificação dos advérbios está dividida em três grandes grupos: *predicadores*; *verificadores e circunstanciais*. Há uma pequena alteração na nomenclatura anteriormente utilizada pelos autores nessa edição. Esta categorização mais atual será adotada nesta pesquisa.

Nesse novo molde, os *predicadores* se subdividem em *qualificadores*, *aspectualizadores*, *modalizadores* e *graduadores*. Os *qualificadores*, conforme Castilho e Ilari (2014), podem ser delimitados com base nos seguintes critérios: (i) certos advérbios em *-mente*, como por exemplo, “ou a mulher se dedica *inteiramente* à carreira... *exclusivamente* à carreira”; (ii) itens *bem (melhor)*, *mal (pior)*, como por exemplo, “ele joga *bem*... sabe?”; (iii) advérbios constituídos por determinados sintagmas preposicionados, como por exemplo, “justamente porque a tabela não:: deu certo é que:: [os filhos] vieram *ao acaso*”; (iv) expressões nominais adverbializadas, como por exemplo, “eu aproveito e vou *junto*” e (v) *assim*, como exemplo, “ela está assumindo... tarefas *assim*... MUITO precocemente... não é?”. Já os *aspectualizadores* apresentam as seguintes subcategorias: (a) *pontual*, conforme exemplo “ajeitou os cabelos *de um só golpe*”; (b) *durativo*, como se vê no exemplo, “observe *um momentinho* isso”; (c) *indicadores de perfectividade (já e pronto)*, exemplificados em: “eu *já* autorizei”; “*pronto* sarou”. Os autores mantêm para os *modalizadores* as mesmas subcategorias já mencionadas: epistêmicos que exprimem necessidade/certeza (*realmente, logicamente, sem dúvida*); epistêmicos que exprimem possibilidade/dúvida (*talvez, assim, provavelmente*); deônticos (*necessariamente, obrigatoriamente*) e atitudinais (*infelizmente, espantosamente, curiosamente*). Os *qualificadores graduadores*, por sua vez, estão subdivididos em *graduadores intensificadores (muito, mais, bastante, bem, demais, tão, tanto, altamente, totalmente, absolutamente, tremendamente)* e *graduadores atenuadores (ligeiramente, pouco, menos, mal)* – ambas as classes de *graduadores* constituem nosso objeto de pesquisa.

O grupo dos *verificadores* está desdobrado em cinco subclasses – *focalização, negação, inclusão/exclusão, aproximadores e delimitadores*. Segundo Ilari e Basso (2014), a *focalização* compreende seis situações de verificação: *verificação de número*, por exemplo, “*exatamente* nove”; *especificação*, por exemplo, “*especificamente* no período madalanense”; *identificação*, por exemplo, “eu me prendi mais foi *justamente* às frutas”; *verificação da qualidade da verbalização*, por exemplo, “a gente fazia *mesmo* não posso dizer”; *verificação de congruência*

com um protótipo, por exemplo, “uma preocupação *realmente* de homem”; *verificação de factualidade*, por exemplo, “até deixar sair um líquido semelhante a um colostro provando que *realmente* não são glândulas”.

Em relação à *negação*, os autores, com base nos dados, destacam que além do uso da palavra *não* em sentenças negativas, outros usos também são recorrentes para formar prefixo nominal; para produzir uma pergunta em eco e para servir de resposta. Acerca da oposição *inclusão/exclusão*, propõem que a denominação “*advérbios de inclusão*” passe a abarcar advérbios de inclusão (*inclusive, até*) e advérbios de exclusão (*fora, exceto*).

Ilari e Basso (2014) também estabelecem a distinção entre *delimitadores* e *aproximadores*. Os *delimitadores* são usados para denotar um estado de coisas que não se realiza por completo, conforme exemplo, “minhas filhas conhecem o Brasil *quase* todo” e os *aproximadores* para apontar um domínio dentro do universo discursivo para que a informação seja interpretada, como se observa no exemplo, “*economicamente* o negócio...”.

Por fim, Moura Neves (2014) analisa o grupo dos *circunstanciais de lugar e de tempo*, determinando três ingredientes intrínsecos à categoria: (a) os circunstanciais são sempre construídos como uma relação, conforme o exemplo, “moro *dentro* de Recife”; (b) apresentam o ingrediente ‘foricidade’, por exemplo, “Isso ocorreu *ontem*”; (c) combinam os elementos da relação que exprimem de uma maneira altamente condensada, como no exemplo, “é o feijão tipo *daqui*”. Para a autora, os *circunstanciais* podem ocorrer nas seguintes funções sintáticas: (a) função argumental, nuclear, por exemplo, “eu gosto demais de *lá*”; (b) função adverbial, por exemplo, “o bom é sair *antes* das seis”; (c) função adnominal, por exemplo, “uma pesquisa *agora* da ONU”.

Como se observa, a classe dos advérbios apresenta uma complexa categorização. De fato, trata-se de uma ‘tarefa árdua’ analisar o advérbio, uma vez que essa categoria tem como característica a “plurivocidade”, o que implica em diferentes interpretações. Segundo Martelotta (2012, p. 33), a visão que se deve ter da categoria de advérbios é de “um conjunto de usos que se organizam em termos de similaridades entrelaçadas”. Além disso, expõe que ouvimos com frequência que a classe dos advérbios é um saco de gatos e que podemos até concordar com essa alegação, mas não podemos perder de vista que os gatos são da mesma família.

Nas subseções a seguir, serão expostas as análises dos graduadores nos estudos da *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta* e as análises dos graduadores nos estudos da fala rural brasileira. Os dados de Belo Horizonte aproximam-se dos

exemplos dos dados do NURC e os dados de Luisburgo aproximam-se dos exemplos dos estudos da fala rural.

3.2.4 *Os advérbios graduadores nos estudos da “Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta”*

Conforme exposto anteriormente, os estudos de categorização dos advérbios de Ilari *et al.* (2014) serão adotados para descrição dos graduadores na presente pesquisa. Em razão do expressivo número de graduadores nos *corpora* sob análise, consideramos que tais estudos são os mais apropriados para a descrição dos advérbios. A descrição da *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta* trata-se de uma análise bastante sedimentada do Projeto de Gramática do Português Falado, realizada ao longo de décadas sobre a categoria adverbial. Além disso, são estudos que valorizam a classe dos advérbios graduadores, em oposição àqueles que propõem inseri-la entre os pronomes indefinidos ou no rol das palavras denotativas.

Cabe destacar que, embora a classe maior dos advérbios esteja inserida nas palavras de classe aberta, uma vez que recebe com maior frequência itens novos, nem todas as suas subclasses apresentam essa característica. A classe dos advérbios qualificadores, por exemplo, incorpora muitos itens novos, pois é composta, em sua maioria, por advérbios terminados pelo sufixo *-mente* que se junta à forma feminina dos adjetivos em sua constituição; por outro lado, a classe dos graduadores, aqui analisada, compreende um número mais restrito de itens.

De acordo com Castilho e Ilari (2014), os graduadores são habitualmente denominados “intensificadores” na literatura gramatical. Para os autores, o problema é que essa designação supõe somente uma “graduação para mais”, ao passo que os dados apontam que também ocorre “graduação para menos”. Com isso, os dois processos são reunidos sob o rótulo graduadores, implicando dois subtipos: (a) os intensificadores: “graduação para mais” e (b) os atenuadores: “graduação para menos”. Os autores explicam que o fenômeno da graduação não fica limitado à classe dos advérbios; formas diferentes de graduação podem ser expressas, tais como (i) prefixos como *super-* ou sufixos como *-íssimo*, por exemplo, “um prato simples mas *super* delicioso...”, “aquela fruta-do-conde que aqui no Rio é *caríssima*...”; (ii) certas expressões preposicionadas, por exemplo, uma ingratidão *de lascar* (= muita ingratidão), lindo *de morrer* (= muito lindo), caro *pra chuchu* (= muito caro); (iii) quantificadores como *muito*, *pouco* etc., por exemplo, “gosto também *muito* de de carne”. Os autores esclarecem que vão descrever e

analisar somente os casos de graduação em que intervêm os advérbios. O estudo aqui proposto limita-se à análise dos graduadores e seus escopos.

Como já exposto, os graduadores pertencem à classe mais geral dos advérbios predicadores, afetando o conteúdo da categoria sobre a qual incidem. Conforme os autores, uma característica notável dos graduadores é que podem tomar como escopo palavras de diferentes classes, em particular, adjetivos, substantivos adjetivados, verbos, e outros advérbios – ora um advérbio qualificador, um advérbio indicador de iteração, um advérbio modalizador, um advérbio focalizador, ou um circunstancial que indica posição inicial nos seguimentos que formam o dia, como nos respectivos exemplos: “ela é *mais elegante*”; “ele é *muito homem*”; “*amou muito* o seu trabalho”; “comeu *muito bem*”; “saiu *muito frequentemente*”; “*muito provavelmente* chove hoje”; “esta aí é *bem exatamente* a diferença”; “saiu *muito cedo*”.

Seguem dizendo que as classes preferidas pelos graduadores são os verbos e os adjetivos, que obviamente devem ser passíveis de alguma graduação. Com grande regularidade, aparecem depois do verbo ou antes do adjetivo, do advérbio ou do sintagma preposicionado que modificam.

Para a descrição da graduação, os autores listam os itens que realizam esse processo, a partir dos dados coletados em situações reais de uso da variante culta do português falado no Brasil do Projeto NURC.

Dentre os graduadores intensificadores, os seguintes itens graduem “para mais”:

a) Advérbios em -mente

Ex.: você traçando ali uma moqueca... de peixe com uma cervejinha e tal... um negócio *altamente* boêmio... ouviu? [D2 SSA 98]

na maioria das vezes [as riscas no chão] estão apagadas... o que dificulta *terrivelmente* dirigir [D2 SSA 98]

depois o que eu li de Gabriel García Márquez achei *extremamente* fraco [D2 REC 5]

pode estar esporte... *tremendamente* esporte... simplesmente uma blusa e uma calça [D2 POA 291]

b) Muito

Ex.: olha... nos visitamos *muito* pouco [DID POA 45]

eu gosto *muito* de verdura... gosto também *muito* de carne [D2 POA 291]

geralmente essas ocasiões são *muito* breves [D2 POA 291]

a gente compra só em dia de feira... porque o peixe é mais fresco... peixe na peixaria geralmente é *muito* caro [DID RJ 328]

c) Mais

Ex.: [o motor diesel] não é *mais* simples... ele é menos complicado [D2 SSA 98]
em contrapartida se torna cada vez *mais* rara a grande cultura [D2 REC 5]
nós sabemos por exemplo que o Brasil... recentemente adotou... o divórcio... que até então era inexistente nesse país mas que já vinha sendo aplicado em larga escala... nos países... *mais* desenvolvidos... do globo terrestre [DID REC 131]

d) Demais

Ex.: gostaria *demais* de ter tido... mais irmãos [D2 SP 360]

e) Bastante

Ex.: [os homens] penam... penam *bastante* [D2 SP 360]
outro filme que me chocou *bastante* também... dada as cenas brutas de de m/ de mata e mata que matou um mundo de gente foi “Bonnie and Clyde” [DID SP 234]

f) Bem

Ex.: [as pessoas] estão morrendo ali ao lado... aos pés da... duma vaca dum boi... inanição... *bem* complicado... *bem* complicado [D2 POA 291]
ele tem um terreno bem... *bem* razoável... [D2 POA 291]
então tira aquilo ali... limpa bem o camarão [D2 POA 291]

g) Tão

Ex.: aí nesse caso deixa de ser *tão* importante o fator idade [D2 SP 360]
eu era *tão* pequenina sabe que eu já nem lembro [DID POA 45]

h) Tanto

Ex.: ele falava *tanto tanto tanto* e eu o admirava muito [D2 SP 360]

Dentre os graduadores atenuadores, os seguintes itens graduam “para menos”:

a) Ligeiramente

Ex.: então tinha que dormir com a cama *ligeiramente* inclinada [DID SP 208]

b) Pouco

Ex.: sobre essa parte de preços... eu *pouco* posso dizer [DID RJ 328]

c) Mal

Ex.: [eu como] só carne... impressionante... e *mal* passada [D2 POA 291]

Nos exemplos retirados de Ilari *et al.* (2014), podemos confirmar o caráter predador dos graduadores, já que operam sobre o conteúdo do adjetivo, do verbo e do advérbio.

Similarmente aos inquéritos do NURC, as entrevistas de Belo Horizonte advêm de falantes que moram há muitos anos na capital e possuem um grau de escolaridade maior em relação aos falantes das áreas rurais.

Na seção seguinte, serão demonstrados os trabalhos que analisam os advérbios graduadores em dados de fala rural.

3.2.5 *Os advérbios graduadores nos estudos da fala rural do português brasileiro*

Esta subseção tem por objetivo mostrar pesquisas que caracterizam a fala rural, a fim de identificar o fenômeno da graduação nesses dados. São estudos que seguem normas consagradas em pesquisas dialetais para a constituição de seus *corpora* que se baseia, de modo geral, no informante do tipo HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário). Esse perfil tradicional sofreu adequações, conciliando-se a metodologias mais modernas, passando a incluir informantes de ambos os sexos, de diferentes estratos sociais e de diferentes faixas etárias, dentre outros. Como já exposto no capítulo metodológico, a composição do perfil de informantes de Luisburgo segue essas normas.

Valendo-se dos métodos da Dialectologia para a coleta de dados, as análises de Rodrigues (1974), Assis Veado (1982) e Vilefort (1985) inovam os estudos dialetológicos, ao analisarem os aspectos morfossintáticos da fala rural em diferentes regiões do Brasil, a saber, Piracicaba em São Paulo, Januária em Minas Gerais e Morrinhos em Goiás. Apesar de essas análises tratarem de diferentes aspectos sintáticos da fala rural, à luz da gramática gerativo-transformacional, vamos nos ater apenas aos exemplos que concernem à descrição dos graduadores.

O estudo de Rodrigues (1974), sobre o dialeto caipira na Região Paulista de Piracicaba, busca analisar a variação dialetal na zona velha de colonização, localidade considerada uma das regiões onde o dialeto caipira tem grande vigor, mesmo na área urbana. A autora escolheu no município uma zona de baixa densidade demográfica dos distritos de Artêmis e Ibituruna que mantêm uma agricultura de subsistência.

Segundo Rodrigues (1974), os moradores de Piracicaba sentem-se, na maneira de ser e de viver, representantes da cultura caipira, unidos por um patrimônio comum que é seu modo de falar. Os dados linguísticos recolhidos em sua pesquisa de campo demonstram a vitalidade

do dialeto caipira, contrariando o prognóstico de Amaral (1920) de que esse dialeto estaria em vias de desaparecimento.

Em sua pesquisa, a autora segue as normas consagradas em pesquisas dialetais: informantes dentro de duas faixas etárias, a primeira entre 25 e 45 anos, a segunda, acima de 45 anos; natural da região, com pais nascidos na região; analfabeto; quase não ter viajado. Foram ouvidos 28 informantes, 13 na primeira faixa (8 homens e 2 mulheres), 14 na segunda faixa (8 homens e 6 mulheres) e uma jovem de 15 anos. Quanto ao grau de instrução, 17 eram analfabetos, 6 semianalfabetos e 5 alfabetizados. Quanto à ocupação da terra, 8 eram pequenos proprietários e 11 eram parceiros, com regime de trabalho “à meia” ou “à terça”.

Na análise desses dados rurais, é possível serem identificados alguns pontos relevantes sobre a graduação. Rodrigues (1974, p. 57) explica que, dentro do grupo verbal com cópula, a cópula + sintagma adjetivo é o grupo mais frequente. São os verbos *ser*, *estar* e *ficar* que representam lexicalmente essa cópula, como por exemplo, “*É muito bonito lá, não?*”; “*Porque ela estava muito doente*”; “*Ela ficou muito doente*”. Rodrigues (1974, p. 70) considera que, no interior do sintagma adjetivo, os advérbios de grau, *muito*, *mais*, *bem*, *bastante*, *pouco*, *tão*, são constituintes facultativos, como por exemplo, “*Tudo os dois era a coisa mais linda*”; “*Mais bonito que era o menino*”; “*(Era) bem moreninho*”.

A autora expõe que a elisão da cópula, como elemento de ligação entre o sintagma nominal ou entre o sintagma adjetivo, ocorre com frequência nos dados. Nesse tipo de estrutura, o graduador opera sobre o adjetivo, conforme se vê no seguinte exemplo, “*(Ele era) bem moreninho que nem o pai*”.

Em relação aos advérbios de gradação, Rodrigues (1974, p. 81) explica que “podem sofrer um processo de intensificação, através de uma quantificação interna ou de uma quantificação externa”, conforme exemplos, “*Eu levava a senhora ver porque era pertico*”; “*Era um pouquinho mais claro*”; “*Dá uma vontade de sair em lugar mais longe*”.

Assis Veado (1982), ao analisar o comportamento linguístico do dialeto rural na Microrregião Franciscana Mineira de Januária, esclarece que o termo “dialeto”, alvo de seu trabalho, refere-se à língua falada na área rural pesquisada. A autora esclarece que seu estudo não pretende fornecer uma “gramática descritiva” do dialeto rural, muito menos fazer uma comparação com o português padrão, mas sim “será limitado a uma descrição e análise parcial da gramática dos falantes não escolarizados de uma região específica, com base em uma amostra criteriosamente estabelecida” (ASSIS VEADO, 1982, p. 10).

A região pesquisada pela autora tem sua atividade econômica voltada para a pecuária, em especial, o gado de corte. Na agricultura, o sistema de trabalho mais comum é “à meia” e “à terça”. Assim, o vaqueiro normalmente é assalariado e cultiva para consumo próprio milho, feijão, etc.

A amostra dos dados de Januária advém de 45 informantes de três distritos: Brejo do Amparo, Riacho da Cruz e Pedras de Maria da Cruz. Esses falantes pertencem a três grupos etários: 15 a 19 anos, 20 a 50 anos e 51 anos em diante. São informantes nativos da região, com escolaridade até a 2ª série do 1º grau.

Sobre a categorial adverbial, Assis Veado (1982) destaca que os falantes rurais evitam, preferencialmente, os advérbios em *-mente*. Segundo ela, nos dados de Januária, os advérbios *principalmente* e *malmente* somam apenas quatro casos, sendo este último uma forma típica da região.

Tomando como base o estudo de Rodrigues (1974), Vilefort (1985) analisa os aspectos sintáticos do dialeto caipira na Região de Morrinhos em Goiás. A autora esclarece que, por ter nascido e morado muitos anos na localidade pesquisada e estar em constante contato com moradores rurais, isso lhe despertou interesse em pesquisar a fala rural desses moradores por apresentar características distintas da língua padrão.

Em sua análise, a autora documentou 20 informantes, seguindo as normas das pesquisas dialetais: estar dentro de duas faixas etárias, a primeira entre 25 e 45 anos, e a segunda acima de 45 anos; ser natural da região, ter pais nascidos na região; ser analfabeto; quase não ter viajado. Na primeira faixa, foram entrevistados 3 mulheres e 2 homens e, na segunda faixa, 3 mulheres e 12 homens.

Segundo Vilefort (1985), os 20 informantes pesquisados são analfabetos. Destes, 11 são pequenos proprietários que vivem com dificuldade da criação de gado ou do cultivo da lavoura e os demais são “retireiros” que tomam conta da fazenda, para cuidar do gado ou da lavoura, ou que tocam o serviço “à meia”. A autora explica que todos os informantes se queixavam das dificuldades que enfrentavam para criar os filhos e para sobreviverem na zona rural.

Conforme a autora, o grau de parentesco existe entre 14 informantes: o informante (1) é pai do informante (2); o informante (4) é casado com o informante (19); o informante (20) é casado com o informante (6); o informante (8) é casado com o informante (7); o informante (15) é casado com o informante (9); o informante (11) é casado com o informante (12); o informante (17) é irmão do informante (18). Os informantes restantes não possuem vínculos consanguíneos.

Na análise morfossintática de Vilefort (1985, p. 51), assim como na análise de Rodrigues (1974), os graduadores são denominados “quantificadores”, sendo constituintes facultativos dentro do sintagma adjetivo. A autora elenca os seguintes graduadores: *muitu*, *mais*, *bem mais*, *demais*, em seguida, traz exemplificações de seus dados: “A terra é *muitu* véia”; “Mais u fiu era *muitu* grande”; “Ela estava *muitu* rica”; A coisa é *mais* poca”; “A senhora é *mais* forti”; “Ele é *bem mais* honestu”; “Ele é catramba *dimais*”; “Ele é ispititual *dimais*”.

Vilefort (1985, p. 78) assinala que os “quantificadores externos e internos podem constituir uma intensificação isolada, ou uma intensificação junto aos adverbiais [expressões adverbiais]”, conforme exemplos: “Eu (a)diverti *muitu*”; “Fui iscoranu us mininu *aos pocu*”; “A chuva era dessi *tantu*”; “Ele sofreu *muitu*”; “A força é *mais poca*”; “Deu *muitu pocu*”; “Ele criô causu *brabu*”; “Vô *todu* sábadu”; “Eu viajava um dia *interim*”; “Vô prestá conta *direitim*”.

Como se pode notar, esses estudos do dialeto caipira não tinham por objetivo fazer um estudo aprofundado da categorial adverbial, no entanto, foi possível extrair alguns pontos importantes sobre a graduação de forma a contribuir para a análise dos dados rurais mineiros de Luisburgo.

A seção seguinte traz os estudos que analisam os traços semânticos dentro da sintaxe e servem de base para explicar a conexidade das formas contíguas na sentença, em que o graduador e o escopo criam uma “situação de modificação”.

3.3 A conexidade entre o advérbio e seu escopo

A pesquisa semântica de Linda Waugh (1977), sobre a ordem das palavras no francês, com base nos postulados de Roman Jakobson, foi utilizada em minha pesquisa de mestrado sobre a colocação do adjetivo adnominal em dados rurais (Cf. CARVALHO, 2014). Proveniente desse trabalho, a análise dos graduadores em questão também é iluminada por esse estudo sintático-semântico, uma vez que pressupõe a existência de uma conexidade entre graduador e seu escopo contíguos na sentença.

Segundo a autora, a ordem das palavras antecipa a relação de modificação a ser configurada, impondo certa interpretação sobre a relação entre o modificador e o modificado, ou seja, a ordem das palavras estabelece, portanto, o “caráter da conexão”. Essa conexidade entre os elementos contíguos na sentença vai criar a “situação de modificação”.

3.3.1 O advérbio em situação de modificação

Ao analisar a ordem das palavras, Waugh (1977) considera que a relação de contiguidade faz com que os elementos se modifiquem mutuamente, ou seja, quando modificador e modificado são colocados em contiguidade no eixo sintagmático, um irá modificar o outro, criando o que denomina de “situação de modificação”.

Em sua pesquisa, a autora analisa, em especial, a combinação entre nome e adjetivo. Para ela, muitos autores levam em consideração somente o significado do adjetivo e por isso propõe uma abordagem que busca inter-relacionar essas duas classes. Como consequência dessa análise, a autora também investiga outras partes do discurso. Nesse sentido, explica que as partes do discurso são definidas como gamas de referência delimitadas deitivamente utilizadas na modificação. O adjetivo, o substantivo, o verbo e o advérbio são os quatro elementos básicos que vão assumir as marcações semânticas para ligar às partes do discurso nelas mesmas.

Waugh (1977) prioriza a análise dos “pares mínimos”, pois nesses exemplos a oposição é maximizada e a única variável que diferencia os dois membros da oposição é o fenômeno da ordem das palavras. No par mínimo “heureux poète” e “poète heureux”, explica que em *heureux poète* o poeta é “bem-sucedido” apenas na medida em que ele é um “poeta”, devido à sua escrita bem-sucedida, por exemplo, enquanto que em *poète heureux* o poeta não é necessariamente “feliz” em sua capacidade de ser “poeta”, mas simplesmente “feliz” como uma pessoa. Na posposição, o adjetivo *heureux* refere-se a um estado de “felicidade”, que poderia ser verdadeiro de qualquer homem, enquanto que na anteposição o significado lexical do substantivo *poète* é crucial para a interpretação específica de *heureux*. Assim, a interpretação lexical do adjetivo *heureux* em anteposição é muito mais dependente do significado lexical do substantivo que modifica do que na posposição.

Para a autora, há situações de modificação entre diferentes partes do discurso: adjetivo e substantivo, advérbio e adjetivo, advérbio e verbo, verbo e substantivo. Desse ponto de vista, não há diferença da situação de modificação entre [adjetivo, substantivo] ou mesmo entre [advérbio, adjetivo] ou [advérbio, verbo].

Isso se justifica porque as possibilidades básicas de modificação são estabelecidas para qualquer língua com relação às partes do discurso: a modificação pressupõe, minimamente, a coocorrência de duas partes do discurso sobre o eixo sintagmático. Com isso, ambas as partes do discurso se combinam a conjuntos particulares de características lexicais para formar itens lexicais específicos. Dessa forma, esses itens lexicais individuais se correlacionam em uma

dada situação de modificação, como resultado dessa série de operações ordenadas. Para ela, a ordem dessas duas operações é importante porque mostra que as possibilidades fundamentais de modificação não são controladas ou limitadas no que diz respeito a determinados itens lexicais, mas com respeito a determinadas partes do discurso. Algumas combinações serão altamente improváveis e podem dar interpretações peculiares, mas não podem ser excluídos *a priori* da descrição da língua.

Dentro dessa perspectiva, a situação de modificação do advérbio envolve um modificador (advérbio) e um modificado (várias partes do discurso), em que o modificador geralmente tem um significado lexical mais “vago” que o modificado (que contém um significado lexical mais concreto). Nesse caso, os advérbios modificam outros advérbios, adjetivos, verbos e, em alguns casos, substantivos. Por considerar a posição do advérbio um tópico extenso, a autora atém-se apenas aos exemplos onde o advérbio modifica um adjetivo, por exemplo, “très intelligente”, um verbo, por exemplo, “Il le fera facilement” e também um substantivo, por exemplo, “très homme”, sendo que esta última modificação não é muito comum. A partir da caracterização da modificação, aponta que em “de très beaux arbres” e “des arbres très beaux” é evidente que em tais exemplos tanto o advérbio como o adjetivo modificam o substantivo e que, de forma concomitante, o advérbio também modifica o adjetivo.

Prossegue dizendo que a posição do advérbio com respeito ao modificado é explicada pela mesma regra dada anteriormente para o adjetivo, qual seja, na anteposição, o advérbio denota um reconhecimento dêitico do significado lexical do modificado: *si content, plus content, aussi content, moins contente* especificam “tipos” de “content-ness”, assim como o adjetivo em *grand homme* especifica um “tipo” de “homme-ness”. Para a autora, os advérbios, na anteposição, além de poderem dar um “grau” ao modificado, podem expressar um “julgamento de valor” por parte do falante ou podem ser interpretados como uma parte inerente ao modificado.

Por outro lado, os casos em que os advérbios são colocados após o modificado, como por exemplo, “un but atteint rarement” e “une idée vieille déjà”, geralmente denotam outras qualidades determináveis independentemente da própria modificação, isto é, de forma objetiva. Tais casos são frequentemente interpretados como uma caracterização adicional.

Como se pode notar, a descrição realizada pela autora sobre a “situação de modificação” demonstra que os itens que compõem o sintagma não só estão contíguos como também exercem uma modificação entre si, o que conduz à interpretação.

Corroborando esta questão, Cohen (1989) destaca que determinada combinação de classes dentro do sintagma, somada à alta frequência de ocorrência, cria condições à cristalização dessa estrutura. Dando força a essa afirmação, Nobre (1989, p. 52) ressalta que a alta frequência de uso de uma estrutura eleva o grau de rigidez, tornando a forma lexicalizada.

Sobre a noção de modificação, Perini (2005, p. 340-341) explica que a “modificação” é bastante obscura, pois implica um misto de semântica e de sintaxe. Para o autor, semanticamente, a “modificação significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado”; por outro lado, sintaticamente, “a noção de modificação parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte, o que denomina *estar em construção com*”. Conforme Perini (2005), por falta de melhor alternativa, muitos autores não tradicionais definem o advérbio em termos do elemento que ele “modifica”.

Levando-se em consideração a situação de modificação, a qual envolve modificador e modificado, é possível estabelecer tipos semânticos às categorias gramaticais modificadas pelos graduadores. Essa classificação permite identificar com quais categorias semânticas de escopos os graduadores podem preferencialmente coocorrer. A seção seguinte traz essa classificação.

3.3.2 A tipologia semântica dos escopos dos advérbios graduadores

Iluminada pelos estudos de Waugh (1977), os estudos tipológicos semânticos dos escopos, adjetivo, verbo e advérbio, permitem estabelecer características lexicais das combinações. Para tanto, são consideradas as seguintes categorizações semânticas: para a análise dos adjetivos, a categorização tipológica de Dixon (2004); para análise dos verbos, a tipologia sintático-semântica de Garcia (2004); e, para análise dos advérbios, a classificação de Ilari *et al.* (2014), já descrita nesta pesquisa.

A classificação dos adjetivos em tipos semânticos de Dixon (1977), de taxonomia universalista, baseia-se em uma amostragem considerável de línguas. Essa categorização dos adjetivos foi utilizada em minha dissertação de mestrado (CARVALHO, 2014), para analisar a ordem do adjetivo adnominal nos dados rurais de Luisburgo/MG, e é aqui retomada para analisar o adjetivo tomado como escopo pelo graduador.

Em princípio, a categorização proposta por Dixon (1977) enumera as seguintes classes semânticas de adjetivos: *dimensão, idade, valor, cor, propriedade física, propensão humana*. Posteriormente, Dixon (2004, p. 3-5) elenca um total de 13 tipos semânticos, divididos em

classes fundamentais e em classes periféricas. Segundo o autor, as principais classes semânticas de adjetivos são tipicamente associadas a grandes classes (com muitos adjetivos) e a pequenas classes (com poucos adjetivos). São elas:

1. Dimensão – *grande, pequeno, longo, alto, curto*, etc.
2. Idade – *novo, jovem, velho*, etc.
3. Valor – *bom, mau, linda, perfeito*, etc. (e também palavras como *estranho, curioso, importante*).
4. Cor – *preto, branco, vermelho*, etc.

Há também um número de classes semânticas periféricas que são tipicamente associadas a grandes classes e a médias classes e que se somam às classes principais:

5. Propriedade física – *duro, macio, pesado, molhado, áspero, forte, limpo, quente, azedo*, etc., e uma subclasse referindo-se às propriedades corpóreas, por exemplo, *doente, cansado, morto*.
6. Propensão humana – *ciumenta, feliz, amável, inteligente, generoso, cruel, orgulhoso, vergonhoso, ansioso*, etc.
7. Velocidade – *rápido, breve, lento*, etc.

Dentre essas 13 classes, existe ainda um número de outros tipos semânticos que estão associados a grandes classes em algumas línguas. Essas incluem:

8. Dificuldade – *fácil, difícil, duro, simples*, etc.
9. Similaridade – *semelhante, diferente*, etc.
10. Qualificação – *definitivo, possível, normal, comum, correto, adequado*, etc.
11. Quantificação – *inteiro, suficiente*, etc.
12. Posição – *direita, esquerda*, etc.
13. Números cardinais – (Em algumas línguas estes constituem uma classe de palavra separada, em conjunto com outros números ordinais)¹¹.

¹¹“Em português, os numerais constituem uma classe especial de palavras. Podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários”. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 369-370)

Além dessas classes propostas por Dixon (2004), acrescentei em Carvalho (2014) a classe *religião*, tomada de uma forma mais ampla, inserindo não só nomes relativos ao universo religioso como também cerimônias religiosas, santidades e instituições religiosas. Também se adotou a subdivisão da classe *dimensão*, proposta por Cohen (1989), que estabelece a diferença entre adjetivo de *dimensão graduável* e de *dimensão mensurável*. Essas classes adicionais também serão acrescidas neste estudo dos graduadores.

Para a classificação tipológica dos verbos, esta análise apoia-se nos estudos de Garcia (2004) que realiza um agrupamento dos verbos em tipos semânticos, com base em suas especificidades. Essa categorização do autor, assim como Borba (1990), Caçado, Amaral e Meirelles (2017), e outras, parte de uma classificação mais geral dos verbos e, dentro desta, estabelece classificações mais específicas.

Reconhecidamente, o *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, coordenado por Borba (1990), com base nos dados da língua escrita do século XX, traz inúmeras contribuições à descrição verbal sobre aproximadamente 6.000 verbos. Levando em consideração as relações sintático-semânticas entre palavras e estruturas, esse trabalho lança mão da gramática de valências para subclassificar os verbos em quatro tipos fundamentais: *ação*, *processo*, *ação-processo* e *estado*. Segundo Perini (2016), essa obra lexicográfica, de caráter classificatório mais geral, concentra-se no estudo empírico da língua, minimizando os pressupostos teóricos. Seguindo essa perspectiva, Perini coordena o projeto “Valências Verbais do Português Brasileiro”, com o objetivo de elaborar um dicionário de valências, onde cada verbo aparece junto às construções em que pode ocorrer. Composto por cerca de 500 verbetes, o plano do projeto é incluir os verbos correntes no português brasileiro falado, de forma abarcar um total de 3.000 verbos.

Valendo-se dos trabalhos de Borba (1990) e de Levin (1993), o projeto “Catálogo de verbos do português brasileiro”, coordenado por Márcia Caçado, tem por objetivo realizar uma classificação das grandes categorias semânticas: *verbos de mudança e resultado*, *verbos de atividade*, *verbos de processo* e *verbos de estado*. Com bases nos dados e nas análises desse projeto, o sítio eletrônico, “VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro”¹², ainda em desenvolvimento, disponibiliza para consulta cerca de 1.300 verbos do português, pretendendo atingir cerca de 3.000 verbos e suas respectivas análises.

¹² Por recorrer a sentenças de introspecção (construídas), o banco de dados “Verboweb” não será utilizado neste estudo que se baseia em dados reais de fala. Muitos verbos recorrentes na fala ainda não estão catalogados no banco, tais como *gostar*, *judiar*, *mudar*, *sofrer* entre outros.

Embora se trata de importantes estudos sobre valências verbais, não serão adotados nesta análise dos graduadores, pois não vamos nos ater a essa questão.

Nessa proposta de tipologia sintático-semântica dos verbos do português, Garcia (2004) fundamenta-se em três tipos principais de verbos: (i) *verbos auxiliares* que acrescentam a outros verbos determinadas características de aspecto, fase, modalidade, etc., pertencendo a esse tipo os verbos *poder, dever, ter que/de, haver de/que, costumar* e *ousar*; (ii) *verbos relacionais* que estabelecem uma relação entre dois ou mais elementos; (iii) *verbos ativos* que determinam uma modificação no *status quo* de um ou mais elementos a eles regidos. Para determinar a classe semântica do escopo, interessam-nos os verbos *relacionais* e os verbos *ativos* e suas respectivas subclasses mais gerais.

Segundo Garcia (2004), os verbos relacionais estabelecem uma relação entre os elementos que compõem seus domínios. Subdividem-se em: *designativos, equativos, existenciais, partitivos, locativos, possessivos, afetivos, comunicativos, comparativos, condicionais* e *delimitativos*.

a) Verbos designativos: Garcia (2001) introduz a noção de verbo designativo, separando-a da noção de verbo de ligação da GT, que considera inadequada. Conforme o autor, sua função é a de unir a uma relação substantivo, adjetivo ou advérbio e pronomes equivalentes os traços gramaticais de aspecto, modo, número e pessoa. Segundo Garcia (2001), os designativos do português são poucos: *ser, estar, continuar, permanecer* e *ficar*.

b) Verbos equativos: compreendem apenas dois verbos: o verbo *ser* que estabelece relação de identificação entre dois elementos, e o verbo *significar* que estabelece uma relação de identificação no nível da função da linguagem metalinguística.

c) Verbos existenciais: estabelecem um tipo relação especial entre um determinado elemento e o universo (real ou imaginado). Os verbos existenciais do português são: *haver, existir, ter* (coloquial), *ocorrer*, etc.

d) Verbos partitivos: estabelecem uma relação parte-todo entre os elementos do seu domínio, de modo que um elemento é visto como parte do outro. Os verbos partitivos do português são: *compor, formar, constituir, participar*, etc.

e) Verbos locativos: estabelecem uma relação de localização entre os elementos do seu domínio. No português, os verbos locativos são: *morar, cruzar, encontrar-se, aproximar-se, separar-se*, etc.

f) Verbos possessivos: estabelecem relações de posse e determinadas relações de localização, tais como contiguidade, inclusão, dentre outras. São exemplos de verbos possessivos no português: *ter, possuir, conter, obter, reaver*, etc.

g) Verbos afetivos: contêm, em seu domínio, um elemento que é afetado, de alguma maneira, por outro ou pela situação descrita pelo verbo. Em sua maioria, descrevem um afeto – uma sensação, uma emoção, um estado de alma, um juízo, etc. No português, são exemplos de verbos afetivos: *fingir, olhar, saber, sonhar, enganar, querer, temer, gostar, agradar, amar, sofrer, errar*, etc.

h) Verbos comunicativos: possuem as mesmas características dos verbos afetivos, com a única exceção de conterem sempre, em seu domínio, um elemento que designa texto. Os verbos comunicativos do português são: *dizer, mencionar, sugerir, calar, focar, escrever, ler, ditar, alegar*, etc.

i) Verbos comparativos: estabelecem uma relação de comparação entre duas ou mais entidades. No português, são exemplos de verbos comparativos: *igualar, parecer, comparar-se, opor-se, exceder*, etc.

j) Verbos condicionais: expressam uma relação de condicionalidade entre um determinado elemento e uma situação, possibilitando a ocorrência da situação, embora não seja a causa. São verbos condicionais no português: *precisar, necessitar, carecer, depender, prescindir*.

k) Verbos delimitativos: estabelecem uma relação de delimitação ou aferimento de uma determinada entidade ou lugar. São delimitativos do português: *medir, distar, pesar, custar, somar*, etc.

Conforme Garcia (2004), os verbos ativos são aqueles que funcionam como resposta a perguntas do tipo: O que acontece? ou O que alguém/algo faz?. Esses verbos se dividem em: *operativos, descritivos, meteorológicos, incoativos, efetivos, causais, factivos, descritivos relacionais, efetivos-relacionais e transferenciais ou transmutativos*.

a) Verbos operativos: expressam a maneira como uma determinada situação é especificada por um elemento do seu domínio ou pelo contexto. Os verbos operativos do português são: *fazer, praticar, conseguir, ajudar, dificultar, usar*, etc.

b) Verbos descritivos: descrevem os vários tipos de processos que envolvem apenas um elemento (o sujeito), ou que, envolvendo dois elementos, só descrevem o sujeito expresso já

que o complemento é muito óbvio. Ex.: *acordar, dormir, morrer, nascer, crescer, adoecer, rir, chorar, suar, cair, latir*, etc.

c) Verbos meteorológicos: indicam o tempo climático em um determinado contexto. São exemplos de verbos meteorológicos do português: *anoitecer, chover, nublar, relampejar, ventar, orvalhar*, etc.

d) Verbos incoativos: implicam uma transição, uma mudança de estado ou característica. Os verbos incoativos do português são: *virar, amadurecer, aquecer, emagrecer, envelhecer, gelar, piorar*, etc.

e) Verbos efetivos: pressupõem dois elementos, um no caso agentivo ou instrumental, e outro, no caso objetivo, em que o primeiro determinaria um efeito no segundo. Os verbos efetivos do português são: *abafar, abolir, abraçar, amolecer, assaltar, atacar, engolir, entupir, esculpir, visitar, cozinhar, pilotar, tecer*, etc.

f) Verbos causais: expressam uma relação de causa-e-efeito entre dois elementos do domínio do verbo. São exemplos de verbos causais do português: *causar, provocar, ocasionar, resultar*, etc.

g) Verbos factivos: relacionam um agente/causa a um produto/efeito. Os verbos factivos do português são: *fazer, produzir, criar, inventar, formar, compor*, etc.

h) Verbos descritivos-relacionais: expressam situações que envolvem apenas um elemento, porém, pressupõem uma relação de localização, já que tal situação se dá num lugar específico. São exemplos de verbos descritivos-relacionais do português: *andar, nadar, voar, passar, sentar, decolar, mergulhar, pular*, etc.

i) Verbos efetivos-relacionais: referem-se a aqueles verbos em que um elemento, nos casos agentivo ou instrumental, determina a relação existente entre dois outros elementos. No português, são verbos efetivos-relacionais: *descer, combinar, bater, separar, brigar, surrar, trair*, etc.

j) Verbos transferenciais ou transmutativos: implicam uma mudança de uma fonte ou origem para uma meta ou destino. Os verbos transferenciais do português são: *receber, ganhar, mudar, ir, vender, chegar, passar, entrar*, etc.

Para a tipologia dos advérbios, que servem de escopo aos graduadores, serão consideradas as categorizações de Ilari *et al.* (2014), já apresentadas neste capítulo. Com isso,

a referida classificação será aqui recapitulada, em linhas gerais. Esses autores distribuem os advérbios em três tipos semânticas fundamentais: *predicadores, verificadores e circunstanciais*.

Conforme já foi dito, na classe dos advérbios predicadores, estão os *qualificadores propriamente ditos e os qualificadores graduadores*, os *modalizadores* e os *aspectualizadores*. Os advérbios qualificadores são os qualificadores propriamente ditos, que tradicionalmente são denominados advérbios de modo (como *bem, assim, mal, depressa*), e os graduadores, tradicionalmente chamados de intensificadores, (como *muito, pouco, bastante, mais*). Os advérbios modalizadores estabelecem uma avaliação do falante sobre o conteúdo e a forma da proposição (como *realmente, infelizmente, francamente*). Já os aspectualizadores contribuem para confirmar/verificar a classe adicional do predicado, ou pra reforçar seu caráter perfectivo ou imperfectivo (como *imediatamente, necessariamente, obrigatoriamente, aos poucos, pouco tempo, rapidamente, todo o dia*).

A classe dos advérbios verificadores abarca os advérbios de focalização (como *justamente, exatamente, realmente*), os advérbios de negação e de afirmação (*não* e *sim*), os advérbios aproximadores (como *mais ou menos, praticamente, aproximadamente*) e os advérbios delimitadores (como *economicamente, teoricamente, pessoalmente, geograficamente*).

Já a classe dos circunstanciais inclui os advérbios de tempo (como *antes, depois, ainda, amanhã, antigamente, cedo, hoje, logo*) e os advérbios de lugar (como *perto, longe, fora, aqui, cá, aí, ali, lá*).

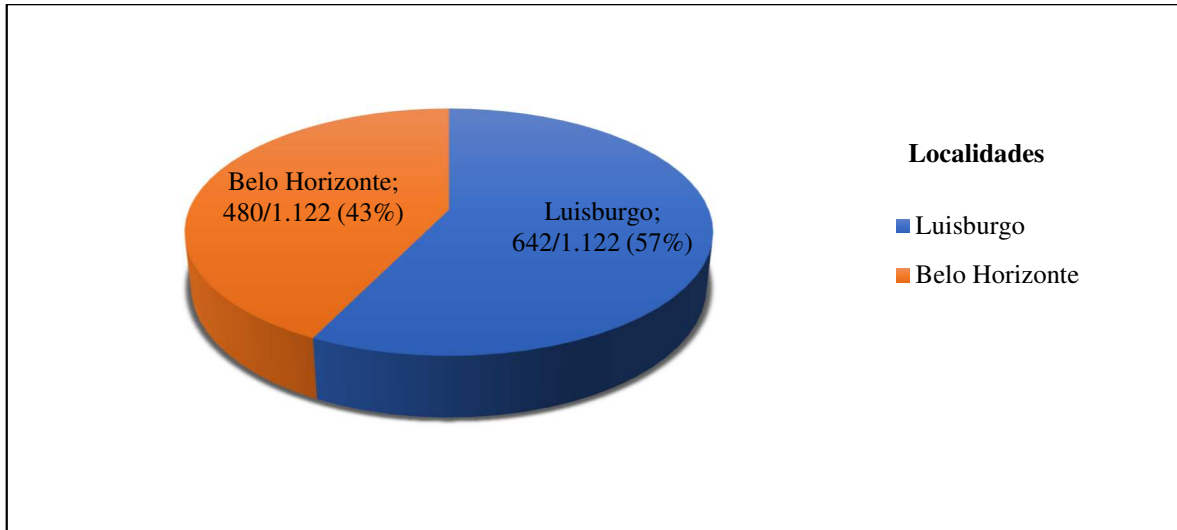
Associando-se as conceituações e as descrições sobre o advérbio apresentadas neste capítulo teórico às considerações sobre língua, sociedade e cultura, passaremos à quantificação e à análise dos dados com vistas a corroborar os estudos de Bortoni-Ricardo (2011). Dito isso, é tarefa desta tese estabelecer as relações entre as características socioculturais e o repertório linguístico, no que concerne ao uso dos graduadores, nas duas comunidades em questão, uma rural e outra urbana, a fim de demonstrar em que medida a língua destes grupos de falantes reflete sua organização social.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo está organizado em 5 seções. Primeiramente, na seção 4.1, realiza-se a análise quantitativa dos dados obtidos a partir das amostras de fala dos moradores rurais de Luisburgo e das amostras de fala dos moradores urbanos de Belo Horizonte. Como já se sabe, os dados selecionados para a análise são os graduadores *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais*, *bastante*, *quase*, *meio* e *pouco*. Em seguida, na subseção 4.1.1, faz-se uma análise comparativa dessa quantificação geral. A seção 4.2 traz a descrição das categorias que servem de escopo aos graduadores, a saber, adjetivo, verbo e advérbio; e está dividida em 3 subseções: a 4.2.1 trata dos intensificadores; a 4.2.2, dos atenuadores, e a 4.3.3 traz a comparação desses dados. A seção 4.3 explicita e analisa as lexias que se combinam a esses graduadores; também demonstra e discute essas combinações, distribuídas em duas categorias: recorrentes e não recorrentes. Está dividida em 2 subseções: a 4.3.1 traz as combinações dos intensificadores; e a 4.3.2, dos atenuadores. A seção 4.4 mostra a classificação de acordo com o tipo semântico dos escopos e está dividida em 6 subseções: as três primeiras, 4.4.1, 4.4.2 e 4.4.3, trazem a tipologia dos escopos dos intensificadores na ordem de preferência: adjetivo, verbo e advérbio; e as demais, 4.4.4, 4.4.5 e 4.4.6, trazem a tipologia dos escopos dos atenuadores na ordem de preferência: verbo, adjetivo e advérbio. A seção 4.5 mostra a análise comparativa das duas localidades e está dividida em 2 subseções: a 4.5.1 compara o uso dos graduadores na fala rural e na fala urbana; e a 4.5.2 associa o uso dos graduadores às características socioculturais das duas comunidades. Por fim, na seção 4.6, exibem-se as considerações finais.

4.1 Análise Quantitativa

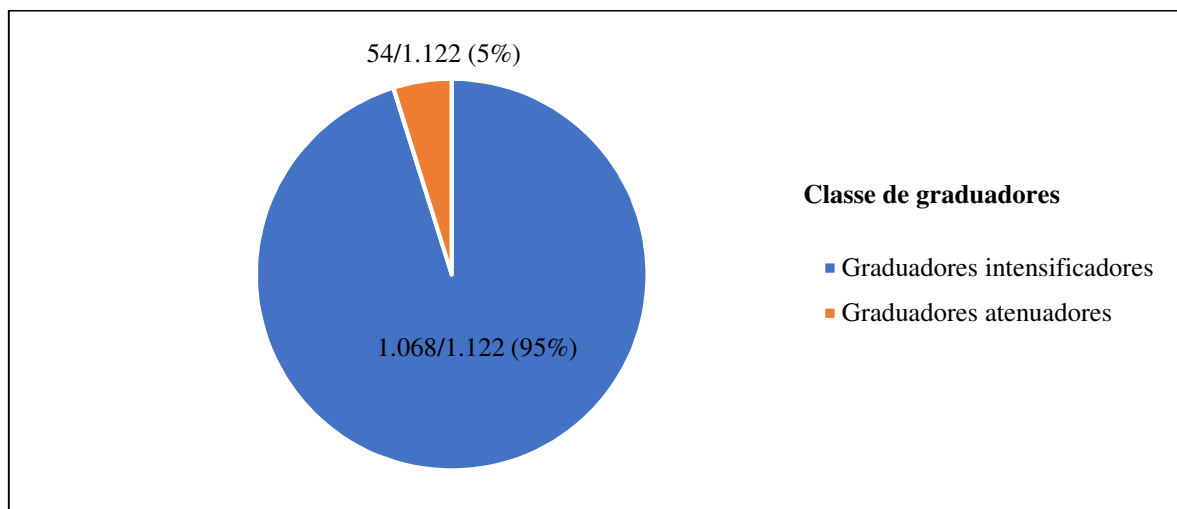
Na quantificação dos dados rurais e dos dados urbanos, foi computado um total geral de 1.122 ocorrências de graduadores, assim distribuídas, conforme a localidade: Luisburgo com 642 ocorrências, perfazendo 57% do total, e Belo Horizonte com 480 casos, totalizando 43% das ocorrências. Essa distribuição está representada no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Quantificação geral dos graduadores nos *corpora*

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Esse total geral de 1.122 graduadores está disposto em duas classes: **graduadores intensificadores**, que indicam a “graduação para mais”, e **graduadores atenuadores**, que se referem à “graduação para menos”.

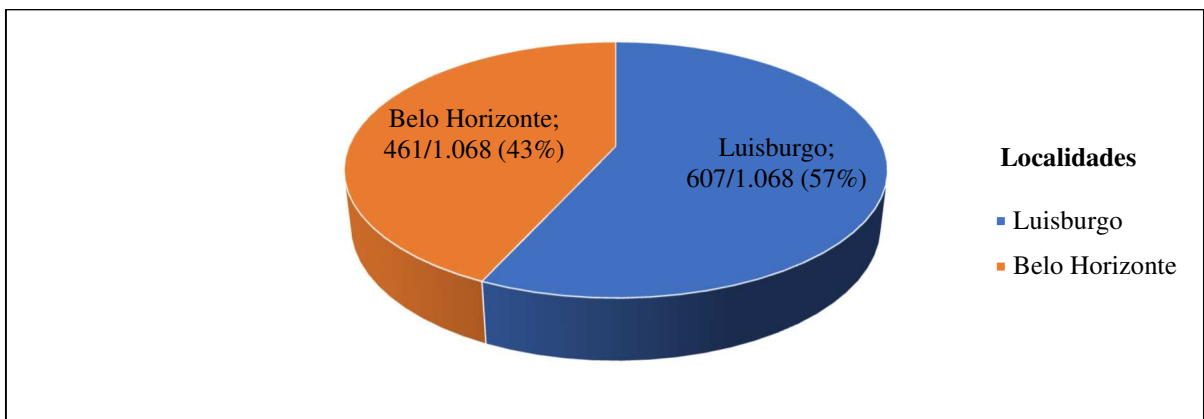
O número dos **intensificadores** é de 1.068, no total de 1.122 graduadores, ou seja, perfaz 95% desse total. O número dos **atenuadores** é de 54, no total de 1.122 graduadores, ou seja, corresponde a 5% desse total. Os intensificadores são, portanto, a maioria, deixando aos atenuadores uma representatividade mínima. O Gráfico 2, a seguir, mostra a distribuição dessas duas classes de graduadores nos dados.

Gráfico 2 – Distribuição das classes de intensificadores e de atenuadores nos *corpora*

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

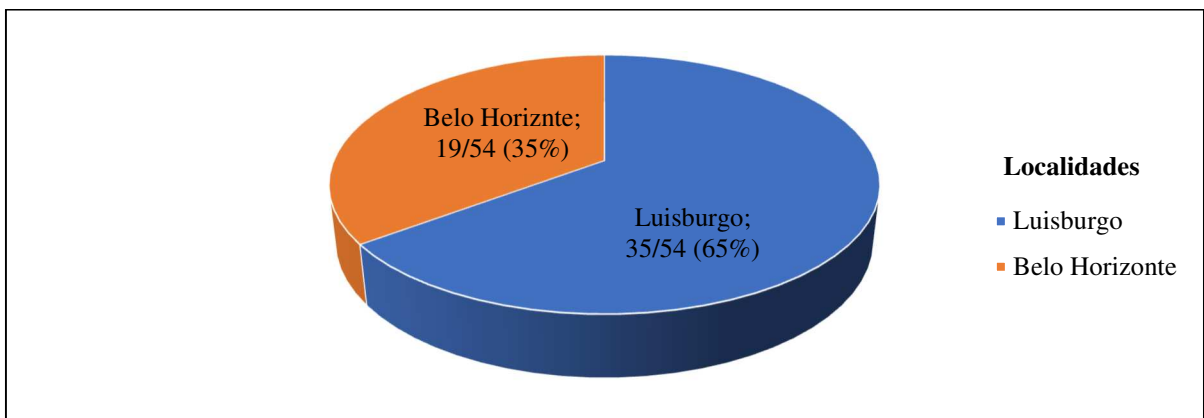
Os 1.068 intensificadores estão distribuídos da seguinte forma nas duas localidades: Luisburgo apresenta 607 ocorrências, o que equivale a 57% desse total, e Belo Horizonte possui 461 ocorrências, o que corresponde a 43% desse total. Já os 54 atenuadores estão assim divididos: 35 ocorrências em Luisburgo, totalizando 65% dos casos, e 19 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 35% dos casos. Os Gráficos 3 e 4 mostram a distribuição dos intensificadores e dos atenuadores, respectivamente, em Luisburgo e em Belo Horizonte.

Gráfico 3 – Distribuição dos 1.068 intensificadores nas duas localidades



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Gráfico 4 – Distribuição dos 54 atenuadores nas duas localidades

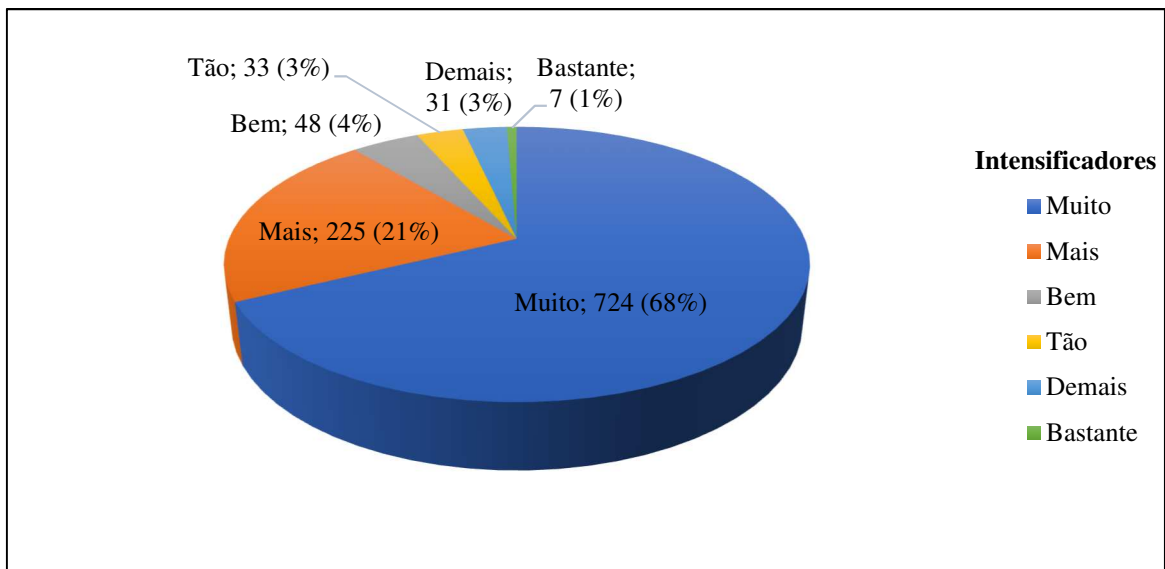


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O total de 1.068 graduadores intensificadores se desdobra nos seguintes itens: 724 ocorrências de **muito**, ou seja, 68% do total; 225 ocorrências de **mais**, ou seja, 21% do total; 48 ocorrências de **bem**, ou seja, 4% do total; 33 ocorrências de **tão**, ou seja, 3% do total; 31 ocorrências de **demais**, isto é, 3% do total e 7 ocorrências de **bastante**, isto é, 1% do total. Já

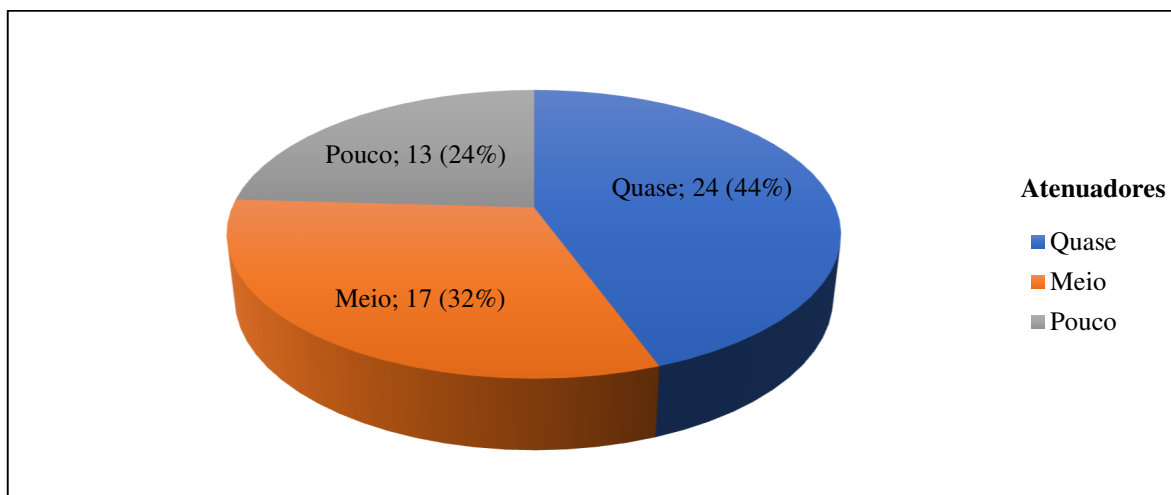
o total de 54 atenuadores está assim distribuído: **quase** ocorre 24 vezes, perfazendo 44% do total; **meio** ocorre 17 vezes, totalizando 32% do total; e **pouco** ocorre 13 vezes, equivalendo a 24% do total. Essa frequência dos intensificadores e dos atenuadores, por lexia, pode ser visualizada, respectivamente, nos Gráfico 5 e 6:

Gráfico 5 – Frequência dos intensificadores, por lexia, nos *corpora*



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

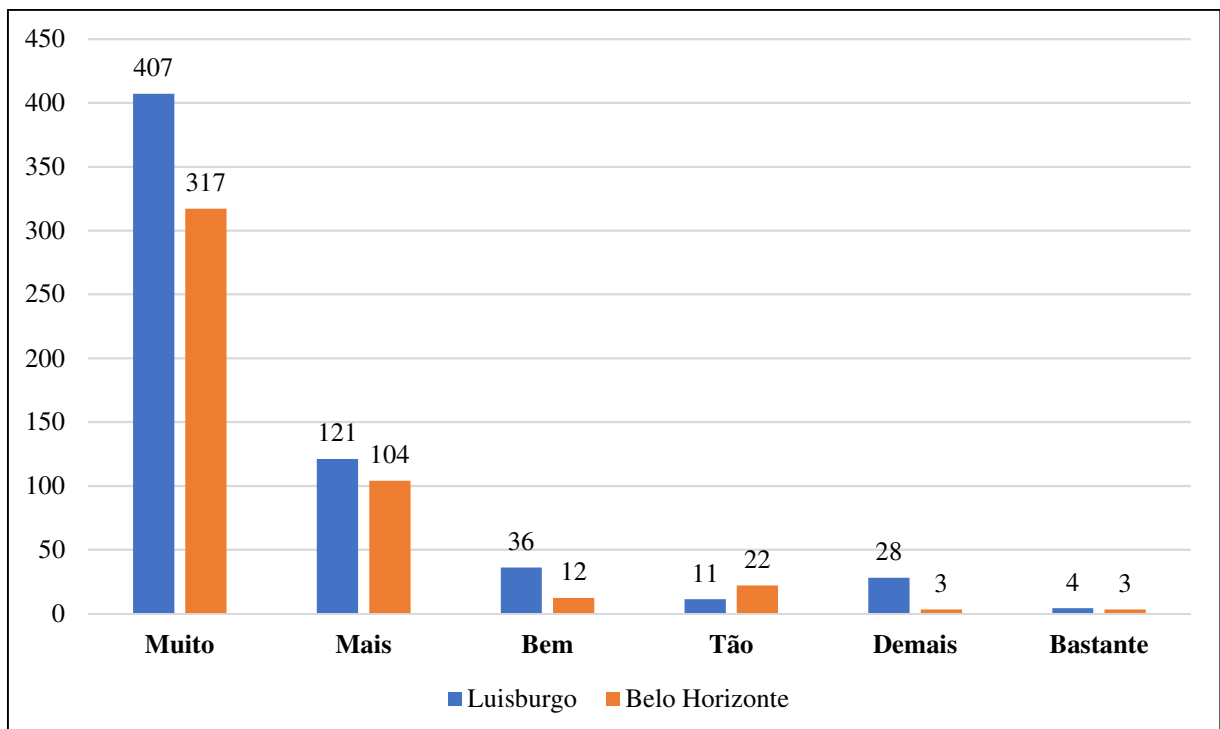
Gráfico 6 – Frequência dos atenuadores, por lexia, nos *corpora*



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Na distribuição do total de graduadores, por lexia, constatamos que todos os intensificadores, a saber, *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais* e *bastante*, ocorrem igualmente em ambas as amostras de fala. O intensificador *muito* mostrou-se o mais recorrente, com um total de 724 ocorrências assim divididas: 407 em Luisburgo, o que corresponde a 56% do total, e 317 em Belo Horizonte, o que equivale a 44% do total. O intensificador *mais*, segundo mais recorrente, possui um total 225 de ocorrências: 121 em Luisburgo, perfazendo 54% do total, e 104 em Belo Horizonte, o que corresponde a 46% do total. Seguindo a ordem de recorrência, o intensificador *bem* possui um total de 48 ocorrências: 36 em Luisburgo, perfazendo 75% do total, e 12 em Belo Horizonte, percentual equivalente a 25% do total. O intensificador *tão* apresenta um total de 33 ocorrências: 11 em Luisburgo, perfazendo 33% do total, e 22 em Belo Horizonte, o que corresponde a 67% do total. O intensificador *demais* possui um total de 31 casos: 28 em Luisburgo, perfazendo 90% do total, e 3 ocorrências em Belo Horizonte, o que equivale a 10% do total. Por último, o intensificador *bastante* possui um total de 7 ocorrências nos dados: 4 em Luisburgo, o que equivale a 57% do total, e 3 em Belo Horizonte, o que corresponde a 43% desse total. O Gráfico 7 mostra cada intensificador, discriminando a quantidade de cada item por localidade.

Gráfico 7 – Quantificação das lexias intensificadoras nas duas localidades

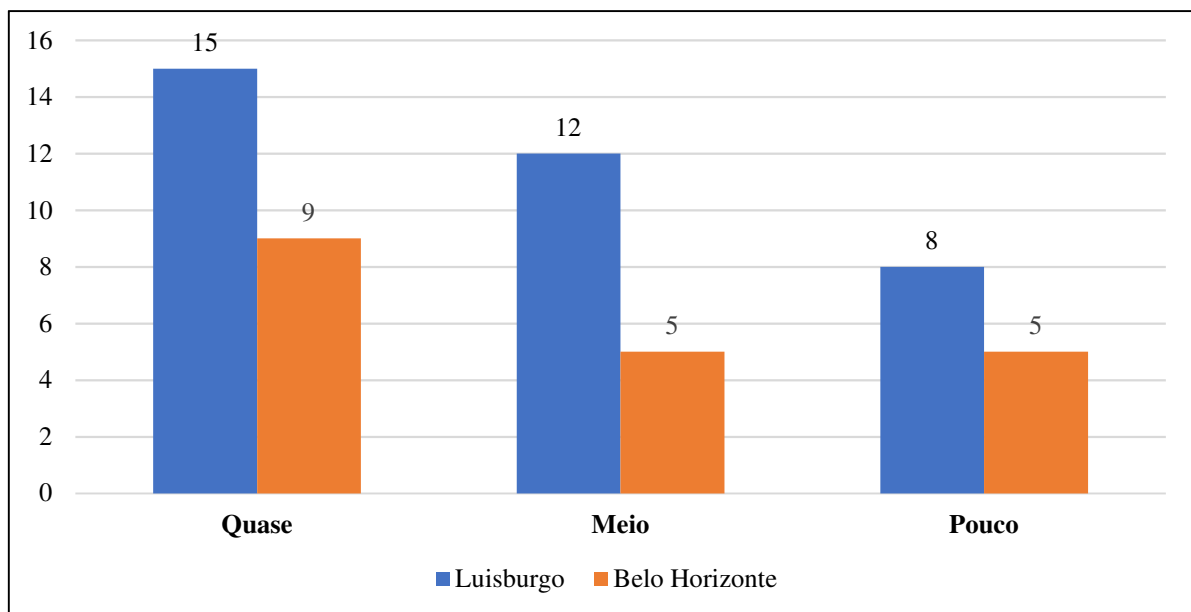


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Com base nos dados, podemos notar que *muito* é o graduador por excelência nas duas localidades, pois possui uma maior recorrência em relação aos demais intensificadores que apresentam uma menor incidência nos dados.

Como se viu, os atenuadores apresentam 54 ocorrências do total de 1.122 graduadores. Os três itens atenuadores *quase* , *meio* e *pouco* foram registrados em ambas as localidades. O atenuador *quase* possui um total de 24 ocorrências: 15 em Luisburgo, perfazendo 62% dos casos, e 9 em Belo Horizonte, o que corresponde a 38% do total. O atenuador *meio* possui um total de 17 ocorrências: 12 em Luisburgo, o que equivale a 70% do total, e 5 em Belo Horizonte, perfazendo um percentual de 30% do total. Na sequência, podemos verificar que o atenuador *pouco* possui um total de 13 ocorrências: 8 em Luisburgo, o que corresponde a 60% do total, e 5 em Belo Horizonte, o que equivale a 40% do total. O Gráfico 8 apresenta a quantificação dos itens atenuadores em Luisburgo e em Belo Horizonte.

Gráfico 8 – Quantificação das lexias atenuadoras nas duas localidades



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Em suma, o Gráfico 1 nos dá uma quantificação geral dos graduadores nos dados rurais e nos urbanos. Na sequência, o Gráfico 2 expõe as classes dos graduadores, mostrando os intensificadores e os atenuadores nos dados conjuntamente. Os Gráficos 3 e 4 exibem os intensificadores e os atenuadores divididos por localidade. Os Gráficos 5 e 6 discriminam os itens dessas duas classes nos *corpora* . Já os Gráficos 7 e 8 trazem a quantidade de cada item intensificador e de cada item atenuador nas duas localidades.

Como podemos ver, a divisão dos graduadores em classes evidenciou a superioridade dos intensificadores, que correspondem quase à totalidade de graduadores, com 95% das ocorrências. Por outro lado, a classe dos atenuadores mostrou-se reduzida a poucos itens, totalizando apenas 5% das ocorrências. Além disso, os intensificadores abarcam um número maior de itens léxicos para integrarem sua classe, totalizando seis lexias diferentes: *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais* e *bastante*, em comparação à classe dos atenuadores que engloba apenas três: *quase*, *meio* e *pouco*.

4.1.1 Análise comparativa da quantificação geral

Nesta subseção, faz-se uma análise comparativa entre Luisburgo e Belo Horizonte, a fim de observar se há diferenças ou não entre os dados rurais e os dados urbanos em relação ao uso de graduadores na quantificação geral. Conforme já exposto, os graduadores possuem um total geral de 1.122 ocorrências distribuídas nas duas localidades. São 642 ocorrências em Luisburgo, o que equivale a 57% do total, e 480 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 43% do total. Nessa distribuição dos dados, podemos observar que não há uma grande discrepância quantitativa entre os dados rurais e os dados urbanos. Dessa forma, podemos notar que essa quantificação geral traz valores bastante aproximados nessas duas localidades, embora pequenas diferenças vão ser percebidas, à medida que é feito um maior refinamento dos dados.

Esses 1.122 graduadores estão divididos em duas classes: intensificadores e atenuadores. A maioria esmagadora dos dados é de intensificadores, com 1.068 ocorrências, o que corresponde a 95% desse total. Os atenuadores possuem um percentual pouco expressivo com apenas 54 ocorrências, totalizando 5% desse total.

Os 1.068 intensificadores estão distribuídos da seguinte forma nas duas localidades: Luisburgo apresenta 607 ocorrências, o que equivale a 57% do total, e Belo Horizonte possui 461 ocorrências, o que corresponde a 43% do total. A distribuição dos 54 atenuadores se deu da seguinte maneira: 35 ocorrências foram registradas em Luisburgo, perfazendo 65% dos casos, e 19 ocorrências foram identificadas em Belo Horizonte, o que corresponde a 35% dos casos. Como se vê, a distribuição dos intensificadores é bastante aproximada nas duas amostras de fala, ao passo que a distribuição dos atenuadores apresenta maior representatividade nos dados rurais.

Quanto aos itens que compõem a classe dos graduadores, os intensificadores apresentam um número maior de itens variados, com 6 lexias diferentes: *muito, mais, bem, tão, demais e bastante*. Já a classe dos atenuadores apresenta 3 lexias apenas: *quase, meio e pouco*. Como ambos os *corpora* utilizam os mesmos itens, não parece que essa distribuição geral vá caracterizar a diferença entre o rural e o urbano. Este é o quadro geral, porém, se focalizarmos a frequência de ocorrência dessas lexias por localidade, podemos encontrar distintos padrões de uso, como veremos a seguir.

Dentre os intensificadores, o item *muito* é o mais recorrente com 724 ocorrências. Sozinho, corresponde a mais da metade das ocorrências, com 68% do total de intensificadores: 407 ocorrências em Luisburgo, o equivalente a 56% do total, e 317 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 44% do total. Nos dados rurais e nos urbanos, é o intensificador por excelência, ou seja, *muito* é o intensificador preferencial em ambas as localidades, pois possui um percentual bastante aproximado nas duas amostras de fala.

O intensificador *mais*, segundo mais recorrente, possui um total 225 de ocorrências: 121 ocorrências em Luisburgo, perfazendo 54% dos casos, e 104 ocorrências em Belo Horizonte, o que equivale a 46% do total. Como se observa, assim como o item *muito*, o percentual desse intensificador também é bastante similar nas duas amostras de fala.

Na quantificação do intensificador *bem*, vamos notar que há diferenças de uso nas duas localidades. Esse intensificador possui um total de 48 ocorrências: 36 ocorrências em Luisburgo, o que equivale a 75% dos casos, e 12 ocorrências em Belo Horizonte, o equivalente a 25% do total, que corresponde a um terço dos dados rurais. Conforme se pode verificar, o percentual desse intensificador vai sinalizar uma diferença significativa no padrão de uso nos dados rurais e urbanos, uma vez que esse item ocorre com maior frequência de ocorrência nos dados rurais, com 75% das ocorrências.

Outro intensificador que também possui um padrão diferente é *tão*. Com um total de 33 ocorrências, esse intensificador vai indicar uma diferença entre a fala rural e a urbana. São 11 ocorrências em Luisburgo, o que equivale a 33% do total, e 22 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 67% do total, isto é, os dados urbanos possuem o dobro de ocorrências em relação aos rurais.

Assim como o intensificador *bem*, o intensificador *demais*, com 31 casos, também vai indicar um uso mais rural desse item. São 28 ocorrências em Luisburgo, perfazendo 90% dos casos, e 3 ocorrências em Belo Horizonte, o que equivale a 10% do total. Esse percentual revela que o uso desse intensificador está centrado quase que totalmente nos dados rurais.

Quanto ao intensificador *bastante*, o menos recorrente, segue o padrão de *muito* e de *mais*. Com apenas 7 ocorrências, esse intensificador possui um padrão de distribuição bem aproximado em ambos os dados: 4 ocorrências em Luisburgo, o que equivalente a 57% do total, e 3 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 43% desse total.

Em relação aos atenuadores, que ocorrem com maior frequência nos dados rurais, a distribuição se dá da seguinte forma: *quase* possui 24 ocorrências: 15 ocorrências em Luisburgo, o que equivale a 62% dos casos, e 9 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 38% do total. *Meio* possui 17 ocorrências: 12 ocorrências em Luisburgo, o que equivalente a 70% do total, e 5 ocorrências em Belo Horizonte, o que corresponde a 30% do total. *Pouco* possui 13 ocorrências: 8 ocorrências em Luisburgo, o que corresponde a 62% do total, e 5 ocorrências em Belo Horizonte, o que equivale a 38% desse total. Embora a concentração de atenuadores seja maior nos dados rurais, em termos percentuais, o número de lexias é o mesmo nas duas localidades, conforme já foi mencionado.

Feita essa análise, podemos perceber que essa diferença qualitativa, apontada pela frequência dos graduadores, vai ajudar na caracterização de cada uma das falas. De modo peculiar, dentre os intensificadores, o *tão* é mais frequente em Belo Horizonte, o *bem* e o *demais* em Luisburgo; já os itens atenuadores demonstram-se mais recorrentes nos dados rurais.

Essa visão geral fornecida pela quantificação dos itens graduadores, embora revele a particularidades de alguns itens, como o *tão*, o *bem* e o *demais*, não é suficiente para estabelecer uma completa descrição dos graduadores na fala rural e na fala urbana. Dessa forma, na seção seguinte, acrescentaremos a análise dos graduadores com referência à classe sobre a qual eles incidem, isto é, seus escopos. A ordem de preferência dos intensificadores nos dados analisados é *adjetivo*, *verbo* e *advérbio*. Já para os atenuadores, a ordem de preferência é *verbo*, *adjetivo* e *advérbio*. Assim, os dados serão dispostos nessas duas sequências, uma para os intensificadores e outra para os atenuadores, como veremos a seguir. Embora saibamos que adjetivos e advérbios possuam maior proximidade quanto à posição dos graduadores na sentença em comparação aos verbos, a organização dos dados não vai pautar-se nessa questão.

4.2 Descrição dos graduadores quanto ao escopo

Conforme já foi dito no Capítulo 3, os graduadores pertencem à classe dos predicadores, pois se caracterizam por modificar o núcleo significativo de outras categorias. Sendo assim, os graduadores operam sobre **adjetivos**, **verbos** e **advérbios**, classes que eles tomam por **escopo**. Segundo Castilho (2016), ao tomar um termo por escopo, o graduador opera sobre o termo, transferindo-lhe propriedades que o escopo não dispunha anteriormente.

Quanto à posição dos graduadores, em relação ao seu escopo, Cunha e Cintra (2001) explicam que os advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são colocados de regra antes de seu alvo. Por outro lado, os advérbios que modificam verbos são colocados depois dele.

Nos dados sob análise, das 1.122 ocorrências do total de graduadores, 731 (65%) incidem sobre o **adjetivo**, 282 (25%) incidem sobre o **verbo** e 109 (10%) incidem sobre o **advérbio**. Por localidade, temos a seguinte distribuição de graduadores quanto ao escopo: em Luisburgo, das 642 ocorrências totais, 394 (62%) operam sobre o *adjetivo*, 181 (28%) operam sobre o *verbo* e 67 (10%) operam sobre o *advérbio*; em Belo Horizonte, das 480 ocorrências totais, 337 (70%) operam sobre o *adjetivo*, 101 (21%) operam sobre o *verbo* e 42 (9%) operam sobre o *advérbio*. Como se pode notar, a quantificação geral e a quantificação por localidade mostram um padrão bastante similar de ocorrências: o adjetivo é mais recorrente, seguido do verbo e do advérbio. Vejamos, em seguida, como se comportam os escopos com relação à classe dos intensificadores e à dos atenuadores separadamente.

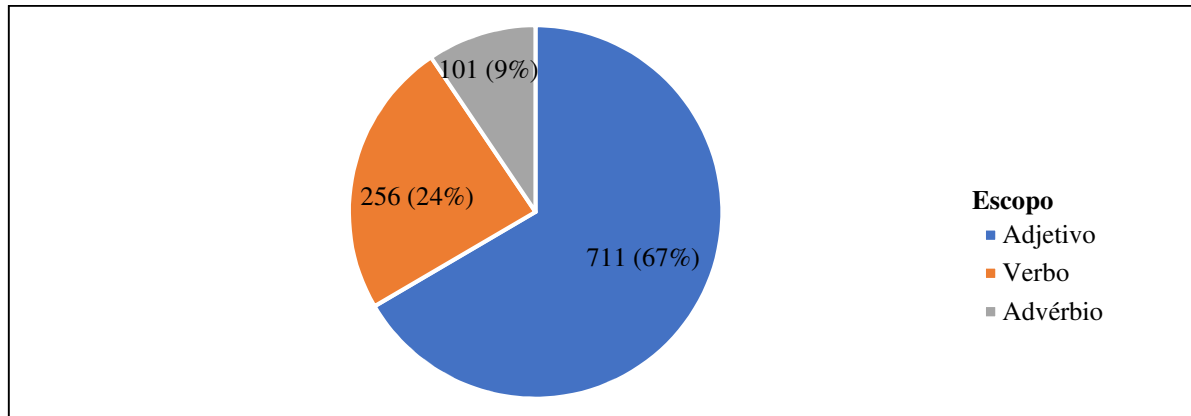
4.2.1 Graduadores intensificadores

Como já explicitado, os intensificadores encontrados nas amostras de fala de Luisburgo e de Belo Horizonte são: *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais* e *bastante*. Esses intensificadores, que correspondem 1.068 ocorrências, estabelecem uma relação de modificação com *adjetivos*, *verbos* e *advérbios*. Dessa forma, esses intensificadores operam sobre esses termos, como “recurso para tornar mais forte, mais intenso,” o adjetivo, o verbo ou o advérbio (CASTILHO, 2016, p. 680).

Essas 1.068 ocorrências de intensificadores estão distribuídas, conforme o seu escopo, na seguinte ordem de incidência: 711 ocorrências (67%) incidem sobre o **adjetivo**, 256

ocorrências (24%) incidem sobre o **verbo** e 101 ocorrências (9%) incidem sobre o **advérbio**. A seguir, o Gráfico 9 mostra essa distribuição geral dos intensificadores com relação ao escopo.

Gráfico 9 – Distribuição geral dos intensificadores quanto ao escopo



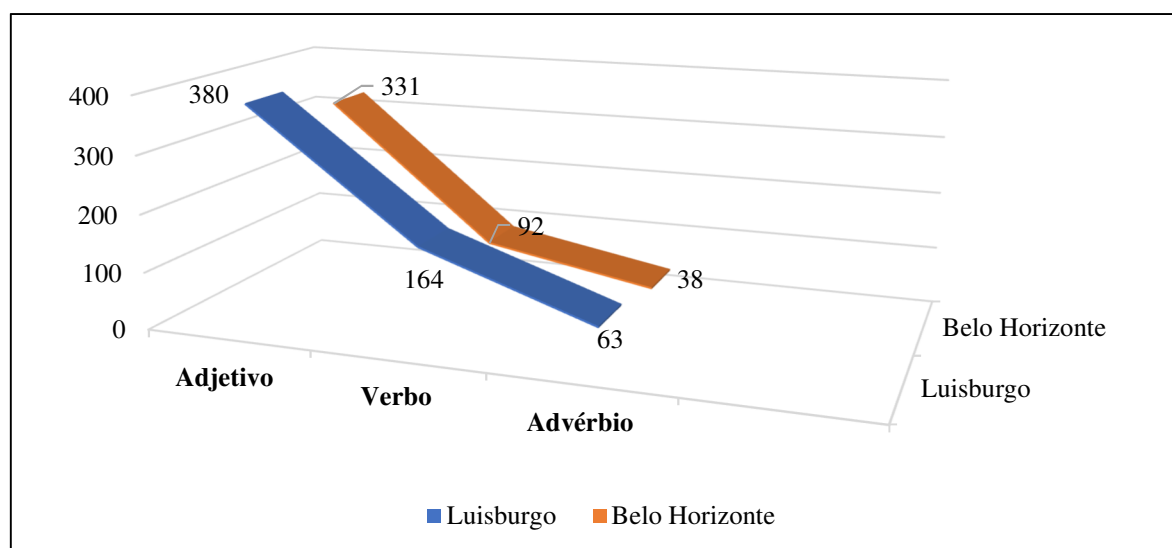
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Fica visível, por meio do Gráfico 9, que os intensificadores tomam preferencialmente o adjetivo por escopo com 67% dos casos, em segundo lugar, tomam por escopo o verbo com 24% das ocorrências e, por último, tomam por escopo o advérbio com 9% dos casos.

Dos 1.068 intensificadores, 607 foram contabilizados nas amostras de Luisburgo: 380 (63%) incidem sobre o adjetivo, 164 (27%) incidem sobre o verbo e 63 (10%) incidem sobre o advérbio e. Nas amostras de Belo horizonte, foram computados 461 intensificadores: 331 (72%) incidem sobre o adjetivo, 92 (20%) incidem sobre o verbo e 38 (8%) incidem sobre o advérbio.

A seguir, o Gráfico 10 nos dá uma visão mais ampla do número de ocorrências das categorias afetadas pelos intensificadores, a saber, *adjetivo*, *verbo* e *advérbio*, em cada uma das localidades:

Gráfico 10 – Distribuição dos intensificadores por escopo nas duas localidades



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os dados constantes no Gráfico 10 permitem verificar que as duas amostras seguem o mesmo padrão de escolha do escopo, ou seja, o adjetivo é o mais frequente, seguido do verbo e do advérbio.

Feita essa distribuição dos intensificadores junto ao termo modificado, na sequência, serão detalhadas as tabelas de cada um dos intensificadores e seu escopo, seguindo a ordem de ocorrência já explicitada: *muito, mais, bem, tão, demais e bastante*.

Como já se viu, o intensificador *muito* é o mais recorrente nos dados com 724 ocorrências. Sua modificação mais expressiva ocorre com adjetivos com 464 casos, ou seja, 64% desse total, seguida de verbos com 204 ocorrências, ou seja, 28% desse total, e advérbios com 56 casos, ou seja, 8% desse total.

A Tabela 2, a seguir, mostra essas 724 ocorrências do intensificador *muito* distribuídas nas duas localidades, 407 em Luisburgo e 317 em Belo Horizonte. Em primeiro lugar, esse intensificador incide mais frequentemente sobre os adjetivos com 464 casos: 247 (53%) em Luisburgo e 217 (47%) em Belo Horizonte; em segundo lugar, o intensificador *muito* incide sobre o verbo com 204 casos: 126 (62%) em Luisburgo e 78 (38%) em Belo Horizonte; em terceiro lugar, o intensificador *muito* incide sobre o advérbio com 56 casos: 34 (61%) em Luisburgo e 22 (39%) em Belo Horizonte.

Tabela 2 – Intensificador *muito* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	247	53	126	62	34	61	407	56
Belo Horizonte	217	47	78	38	22	39	317	44
Total	464	100	204	100	56	100	724	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se vê, o intensificador *muito*, o mais recorrente, ocorre preferencialmente com adjetivos, seguidos de verbos e de advérbios. A ocorrência desse intensificador pode ser observada nos seguintes trechos:

- (a) a sogra é ãa maravilha... **muito** boa... muitas pessoa ãã gosta de sogra ããã né... eu gostava dela... ela era muito boa mesmo... (Luisburgo/rural)
- (b) eu sabia... prantava e **muito** bem memo... tinh' que fazê aquea covona... (Luisburgo/rural)
- (c) Naquele tempo *usava* **muito**, esconder o aleijão. Hoje ããã, ããã é? (Belo Horizonte/urbano)

Como se observa, em (a), o intensificador *muito* toma o adjetivo *boa* como escopo, em (b) toma o advérbio *bem* como escopo e em (c) toma a forma verbal *usava* como escopo.

Na segunda posição de recorrência, o intensificador *mais* apresenta 225 ocorrências, conforme já expresseo. Esse intensificador incide, com maior frequência, sobre adjetivos com 173 ocorrências, ou seja, 77% desse total, em seguida, sobre advérbios com 29 ocorrências, ou seja, 13% desse total, e sobre verbos com 23 ocorrências, ou seja, 10% desse total.

Os dados da Tabela 3, a seguir, mostram essas 225 ocorrências do intensificador *mais* em cada uma das localidades, 121 em Luisburgo e 104 em Belo Horizonte. Nos 173 casos em que esse intensificador opera sobre adjetivos, 87 (51%) são em Luisburgo e 86 (49%) são em Belo Horizonte. Nos 23 casos em que opera sobre verbos, 14 (61%) são em Luisburgo e 9 (39%) são em Belo Horizonte. Nos 29 casos em que opera sobre advérbios, 20 (69%) são em Luisburgo e 9 (31%) são em Belo Horizonte.

Tabela 3 – Intensificador *mais* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	87	51	14	61	20	69	121	54
Belo Horizonte	86	49	9	39	9	31	104	46
Total	173	100	23	100	29	100	225	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se pode notar, o intensificador *mais* atua com maior frequência sobre adjetivos, com quase 80% dos casos, seguidos de advérbios e de verbos, ambos com um percentual aproximado, em torno de 10%. A ocorrência do intensificador *mais* pode ser vista nos seguintes trechos:

- (d) ... a história daqui o' **mais difícil**' é que o nosso vizim pegô a robá né ... robava... robô muito tempo... dipois ficô preso... (Luisburgo/rural)
- (e) Mas isto, já... já... foi **mais tarde**, não é!?! (Belo Horizonte/urbano)
- (f) Não esqueço. Minha mãe era mais... Ela **batia mais**. (Belo Horizonte/urbano)

No enunciado (d), o intensificador *mais* afeta a propriedade do adjetivo *difícil*, em (e) do advérbio *tarde*, e em (f) da forma verbal *batia*, acrescentando-lhes uma noção de grau.

O intensificador *bem* é terceiro na ordem de recorrência, apresentando um total de 48 ocorrências. A modificação ocorre, em sua maioria, com adjetivos com 32 casos, o que corresponde a 67% desse total, seguida dos advérbios com 11 casos, o que equivale a 23% desse total, e dos verbos com 5 casos, correspondendo a 10% desse total.

A Tabela 4, a seguir, mostra essas 48 ocorrências de *bem* nas duas localidades, 36 em Luisburgo e 12 em Belo Horizonte. Desse total, 32 casos tomam por escopo o adjetivo: 24 (75%) em Luisburgo e 8 (25%) em Belo Horizonte. A modificação do verbo totaliza 5 casos: 4 (80%) em Luisburgo e 1 (20%) em Belo Horizonte. Já a modificação do advérbio pelo intensificador *bem* contabiliza 11 casos: 8 (73%) em Luisburgo e 3 (27%) em Belo Horizonte.

Tabela 4 – Intensificador bem e seu escopo nos corpora

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	24	75	4	80	8	73	36	75
Belo Horizonte	8	25	1	20	3	27	12	25
Total	32	100	5	100	11	100	48	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Assim como o intensificador *mais*, as ocorrências do intensificador *bem* centram-se no adjetivo, com quase 70% dos casos, seguidas do advérbio e do verbo. Como se pode observar, a modificação dos advérbios representa mais que o dobro das ocorrências do verbo. Conforme já foi demonstrado, ocorre com mais frequência nos dados rurais. Nos dados, a ocorrência do intensificador *bem* pode ser observada nos excertos a seguir:

- (g) o pessuale cumeu inquanto quis... chegô de noite deitaro na sala a dançá... dançaro mas dançaro bunitim memo... e foi desse jeito... festinha **bem** boa (Luisburgo/rural)
- (h) “ah não já / já ah não já / já tá **bem** tarde... vai lá e cham’ele... eu preciso i imbora”...mas que qu’eu quiria é conversá co’ele... o nome dele até era Luiz Rudrigue... (Luisburgo/rural)
- (i) As motos vinham assim dependuradas e tudo. *Melhorou* **bem**, viu? (Belo Horizonte/urbano)

Como se pode notar, o intensificador *bem* em (g) toma como escopo o adjetivo *boa*, em (h) toma por escopo o advérbio *tarde*, e em (i) toma por escopo a forma verbal *melhorou*, afetando assim as propriedades dessas classes sobre as quais se aplicam.

Na ordem de frequência de ocorrência, o intensificador *tão* ocupa a quarta posição de recorrência, totalizando 33 ocorrências. A modificação do adjetivo é mais recorrente com 28 ocorrências, o que corresponde a 85% desse total. As demais ocorrências referem-se à modificação do advérbio com 5 ocorrências, o que equivale a 15% desse total. Não há ocorrências da modificação de verbo pelo intensificador “tão” nos dados. Conforme Rocha Lima (2002 [1972]), esse intensificador não coocorre com verbo no português.

Os dados do Tabela 5, a seguir, mostram a distribuição das 33 ocorrências do intensificador *tão* nos dados, 11 em Luisburgo e 22 em Belo Horizonte. Desse total, 28

ocorrências tomam por escopo o adjetivo: 10 (35%) em Luisburgo e 18 (65%) em Belo Horizonte. As outras 5 ocorrências referem-se à modificação do advérbio: 1 (20%) em Luisburgo e 4 (80%) em Belo Horizonte.

Tabela 5 – Intensificador *tão* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	10	35	0	0	1	20	11	33
Belo Horizonte	18	65	0	0	4	80	22	67
Total	28	100	0	0	5	100	33	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Conforme já demonstrado, esse intensificador ocorre com maior frequência nos dados urbanos, ainda que sejam registradas poucas ocorrências. Como se nota, *tão* opera mais frequentemente sobre os adjetivos, em seguida, sobre os advérbios. Nos enunciados subsequentes, podemos verificar a atuação do intensificador *tão* nos *corpora* analisados:

(j) me cha / me convidô pra assisti os culto e foi ãa passada abençoada que saí da minha casa pra i' compriendê e incontrá essa /essa bença **tão** *preciosa* né (Luisburgo/rural)

(k) Também já estava velho, aposentado, não queria trabalhar mais. Mas era um homem **tão** *forte*, que eu me lembro, eu já era mocinha, o vovô devia ter uns setenta e tantos anos. (Belo Horizonte/urbano)

(l) Era o brasileiro... Como é que falavam **tão** *bem*. (Belo Horizonte/urbano)

Nos casos apresentados, o intensificador *tão* modifica os adjetivos *preciosa* e *forte* nos enunciados (j) e (k), e modifica o advérbio *bem* em (l), agregando um traço de grau a essas classes.

Com um total de 31 ocorrências, o intensificador *demais* é o quinto na ordem de recorrência. Esse intensificador toma o adjetivo por escopo em 13 ocorrências, o que corresponde a 42% desse total, toma o verbo por escopo em 18 casos, o que equivale a 58% desse total. Não foram registrados casos do intensificador *demais* com o advérbio nos *corpora* analisados.

Os dados da Tabela 6, a seguir, indicam as 31 ocorrências do intensificador *demais* nos dados, 28 em Luisburgo e 3em Belo Horizonte. Destas, 13 ocorrências referem-se à

modificação do adjetivo: 11 (85%) em Luisburgo e 2 (15%) em Belo Horizonte. A maior parte dos casos, ou seja, 18 ocorrências, referem-se à modificação do verbo: 17 (95%) em Luisburgo e 1 (5%) em Belo Horizonte.

Tabela 6 – Intensificador *demais* e seu escopo nos corpora

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	11	85	17	95	0	0	28	90
Belo Horizonte	2	15	1	5	0	0	3	10
Total	13	100	18	100	0	0	31	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como já dito, o intensificador *demais* ocorre com maior frequência nos dados rurais. Como se pode observar, esse intensificador incide mais frequentemente sobre os verbos seguidos dos adjetivos, embora não haja uma grande discrepância nos percentuais dessas duas categorias. Nos trechos, a seguir, podemos ver as ocorrências do intensificador *demais* nos dados:

- (m) intão as coisa pa gente aqui aqui quando vei' pr'aqui era *difíci'* **dimais**
(Luisburgo/rural)
- (n) chegô aqui ãa tristeza... ãa bagunça... porque a muié que morava'qui era *dismazelada*
dimais... aqui nã tinha mais aonde tê bagunça... (Luisburgo/rural)
- (o) E esse aí, porque meu marido ganhou pequenininho, como é que eu vou desfazer dele?
Late demais, não aguento. (Belo Horizonte/urbano)

Podemos verificar, nesses excertos, que o intensificador *demais*, diferentemente dos outros graduadores, ocorre posposto ao seu escopo. Em (m) e (n) tomam por escopo o adjetivo *difíci'* e *dismazelada*. Já em (o) toma por escopo a forma verbal *late*, acrescentando-lhes uma noção de graduação.

Com um menor percentual entre os intensificadores, *bastante* apresenta 7 ocorrências. Há uma única ocorrência de modificação do adjetivo, o que corresponde a 14% desse total e 6 ocorrências da modificação do verbo, o que equivale a 86% desse total. Não há ocorrências desse intensificador modificando o advérbio nos dados.

A Tabela 7, a seguir, mostra as 7 ocorrências do intensificador *bastante* nos dados, 4 em Luisburgo e 3 em Belo Horizonte. Como já foi dito, a única ocorrência em que esse intensificador toma como escopo o adjetivo aparece em Luisburgo. A maior incidência refere-se à modificação do verbo, com 6 ocorrências: 3 (50%) em Luisburgo e 3 (50%) em Belo Horizonte.

Tabela 7 – Intensificador *bastante* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	1	100	3	50	0	0	4	57
Belo Horizonte	0	0	3	50	0	0	3	43
Total	1	100	6	100	0	0	7	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se observa, foram registrados poucos casos do intensificador *bastante* nos dados. Esse intensificador ocorre com maior frequência modificando verbos. Os enunciados a seguir mostram o uso do intensificador *bastante* nos dados:

- (p) a gente nũ conhece... mora pertim aí... mas coitados... mas a gente vê falá neles qu'es es é **bastante** *lerdo* muito lerdão... nũ gosta de trabalhá... pessoa que nũ gosta de trabalhá sofre né (Luisburgo/rural)
- (q) As condições de vida *melhoraram* **bastante**. A gente já trabalhando também. Eu e meu irmão trabalhando. A gente trabalhava para casa. Tinha a sapataria, nossa. (Belo Horizonte/urbano)
- (r) Eu não descobria quando a camisa estava pelo avesso, bem que eu *olhava* **bastante**. (Belo Horizonte/urbano)

Nesses excertos, podemos ver que o intensificador *bastante* modifica o adjetivo *lerdo* em (p). Em (q) e (r) modifica as formas verbais *melhoraram* e *olhava*.

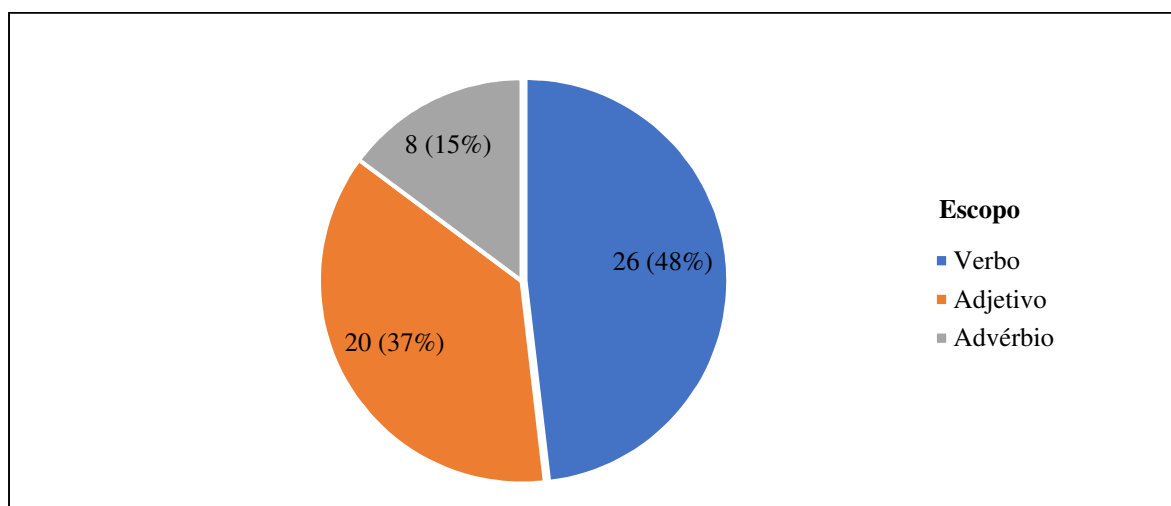
Como se pode notar, cada intensificador apresenta uma ordem de preferência em relação à categorial gramatical que modifica. Dentre os seis itens intensificadores, quatro tomam preferencialmente o adjetivo com escopo, a saber, *muito*, *mais*, *tão* e *bem*. Os intensificadores *demais* e *bastante* incidem mais frequentemente sobre os verbos. Veremos, a seguir, como se comportam os atenuadores em relação aos seus escopos.

4.2.2 Graduadores atenuadores

Os atenuadores constantes nos dados rurais e nos dados urbanos analisados, por ordem de ocorrência, são: *quase, meio e pouco*. Estes totalizam 54 ocorrências num total de 1.122 graduadores. São, portanto, a minoria, como já foi colocado. Os atenuadores estabelecem uma relação de modificação com verbos, adjetivos e advérbios, como ordem geral de preferência.

Essas 54 ocorrências de atenuadores estão distribuídas junto ao seu escopo na seguinte ordem de frequência: 26 ocorrências tomam por escopo o verbo, o que corresponde a 48% desse total, 20 ocorrências tomam por escopo o adjetivo, o que equivale a 37% desse total, e 8 ocorrências tomam por escopo o advérbio, o que equivale a 15% desse total. O Gráfico 11 indica essa distribuição geral dos atenuadores por escopo.

Gráfico 11 – Distribuição geral dos atenuadores quanto ao escopo



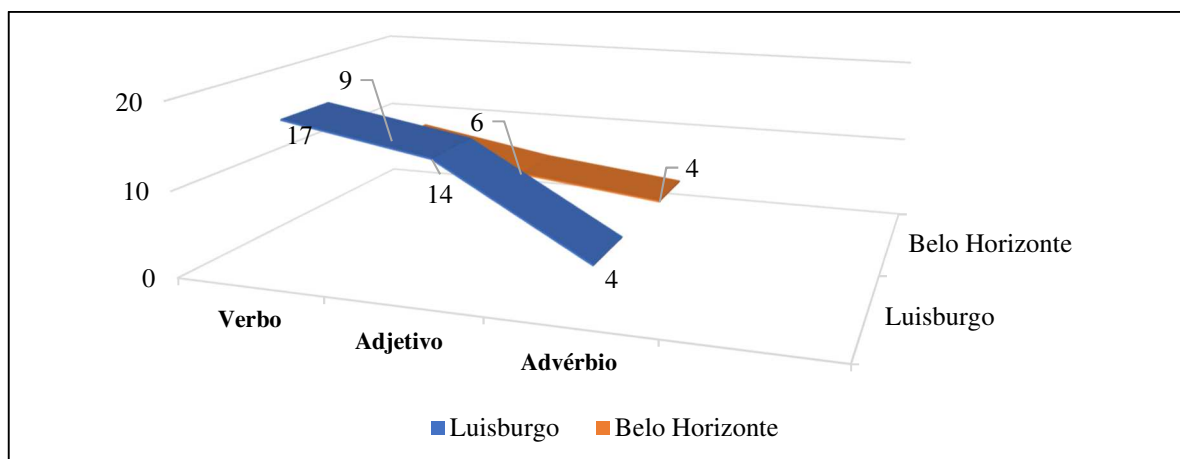
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se pode verificar no Gráfico 11, os atenuadores tomam por escopo, com maior frequência, o verbo, com 48%, em segundo lugar, o adjetivo, com 37%, e, em terceiro, o advérbio, com 15%.

Dentre essas 54 ocorrências de atenuadores, 35 ocorrências foram registradas nos dados de Luisburgo: 17 (49%) incidem sobre verbo, 14 (41%) incidem sobre o adjetivo e 4 (10%) incidem sobre o advérbio. Nos dados de Belo Horizonte, 19 ocorrências de atenuadores foram identificadas: 9 (47%) incidem sobre o verbo, 6 (32%) incidem sobre o adjetivo e 4 (21%) incidem sobre o advérbio.

Diferentemente do padrão geral dos intensificadores, que toma por escopo preferencialmente o adjetivo, seguido de verbo e de advérbio, o padrão de recorrência dos atenuadores é verbo, seguido de adjetivo e de advérbio, como aponta o Gráfico 12.

Gráfico 12 – Distribuição dos atenuadores por escopo nas duas localidades



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se observa no Gráfico 12, tanto nos dados de Luisburgo quanto nos dados de Belo Horizonte, o maior número de ocorrências dos atenuadores ocorre com verbos, seguidos de adjetivos e de advérbios.

Na sequência, também organizamos em tabelas os dados referentes aos atenuadores e seus escopos nas duas localidades, seguindo a ordem de ocorrência dos itens atenuadores, a saber, *quase*, *meio* e *pouco*.

O atenuador *quase* possui 24 ocorrências, é o mais recorrente no rol dos atenuadores. Aparece modificando, com maior frequência, o verbo com 17 ocorrências, ou seja, 71% desse total, seguido do advérbio com 4 ocorrências, ou seja, 16% desse total, e do adjetivo com 3 ocorrências, ou seja, 13% desse total.

A Tabela 8, a seguir, mostra as 24 ocorrências do atenuador *quase* nos dados, 15 em Luisburgo e 9 em Belo Horizonte. Destas, 17 tomam por escopo o verbo: 11 (65%) em Luisburgo e 6 (35%) em Belo Horizonte. A modificação do adjetivo totaliza 3 casos: 2 (67%) em Luisburgo e 1 (33%) em Belo Horizonte. Já a modificação do advérbio apresenta 4 ocorrências: 2 (50%) em Luisburgo e 2 (50%) em Belo Horizonte.

Tabela 8 – Atenuador *quase* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	11	65	2	67	2	50	15	62
Belo Horizonte	6	35	1	33	2	50	9	38
Total	17	100	3	100	4	100	24	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Como se pode notar, o intensificador *quase* incide, com maior frequência, sobre o verbo, seguido do advérbio e do adjetivo. Estas duas últimas categoriais não apresentam quase nenhuma diferença no percentual. O atenuador *quase* pode ser observado nos seguintes excertos dos dados:

- (a) muito... um véi' bão... coitado trabaiava na roça... quais' cego de tudo... ele ia parpano assim parpano assim com mão... assim... capinava mio... **quais'** cego (Luisburgo/rural)
- (b) A gente andava muito fora da moda. Hi... Mas eu **quase** morria de vergonha! (Belo Horizonte/urbano)
- (c) E o meu pai era vêneto, na província de Vicenza, perto de Veneza. Entre Veneza, Pádova e eu **quase** não *me lembro* o nome. Verona. (Belo Horizonte/urbano)

No enunciado (a) o atenuador *quase* toma por escopo o adjetivo *cego*. Em (b) e (c), modifica o sentido das formas verbais *morria* e *me lembro*. Esse graduador, que aparece anteposto ao verbo, difere dos demais graduadores que ocorrem comumente em posposição.

O segundo atenuador mais recorrente nos dados é *meio* com 17 ocorrências, 12 em Luisburgo e 5 em Belo Horizonte. Os dados da Tabela 9, a seguir, indicam que as 17 ocorrências do atenuador *meio* aparecem modificando somente o adjetivo: 12 (70%) em Luisburgo e 5 (30%) em Belo Horizonte. Como se observa, não aparece modificando verbo e advérbio nas amostras de fala analisadas.

Tabela 9 – Atenuador *meio* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Verbo		Adjetivo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	0	0	12	70	0	0	12	70
Belo Horizonte	0	0	5	30	0	0	5	30
Total	0	0	17	100	0	0	17	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O atenuador *meio* pode ser visto nos seguintes excertos dos *corpora*:

- (d) é pra cima... mas'e... ela é assim... **mei'** *quetinha*... que ela **mei'** esquisita parece coisa... é nã é fraca da cabeça não... (Luisburgo/rural)
- (e) já bem tempo eu tem vontade de encontrá c'ocê mas sempre assim **mei'** *avexado* de chegá per'd'ocê (Luisburgo/rural)
- (f) Eu casei já **meio** *velha*, sabe? [risos]. Eu tinha vinte e quatro anos. (Belo Horizonte/urbano)

O atenuador *meio*, nos dados sob análise, modifica somente o adjetivo. Como se vê em (d), (e) e (f), os adjetivos *quetinha*, *esquisita*, *avexado* e *velha* são tomados por escopo.

Dentre os atenuadores, *pouco* é o menos frequente, apresentando 13 ocorrências nos dados. Destas, 9 ocorrências incidem sobre o verbo, o que corresponde a 69% desse total, e 4 incidem sobre o advérbio, o que corresponde a 31% desse total.

A Tabela 10, a seguir, mostra as 13 ocorrências de *pouco* nas duas localidades, 8 em Luisburgo e 5 em Belo Horizonte. Desse total, 9 casos tomam por escopo o verbo: 6 (67%) em Luisburgo e 3 (33%) em Belo Horizonte. As 4 ocorrências restantes tomam por escopo o advérbio: 2 (50%) em Luisburgo e 2 (50%) em Belo Horizonte. Não há casos de modificação de adjetivos pelo atenuador *pouco* nos dados analisados.

Tabela 10 – Atenuador *pouco* e seu escopo nos *corpora*

Localidade	Adjetivo		Verbo		Advérbio		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Luisburgo	6	67	0	0	2	50	8	62
Belo Horizonte	3	33	0	0	2	50	5	38
Total	9	100	0	0	4	100	13	100

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os trechos, abaixo, mostram o uso do atenuador *pouco* nos dados de Luisburgo e de Belo Horizonte:

- (g) ah qu'eu encontro mais é mes' as pessoa daqui mesmo né... minhas turminha aí... porque eu *sai pouco* de casa hoje... (Luisburgo/rural)
- (h) ... e quando ela já tava com uns doze ano treze que ela parô de istudá ela já cumeçô a trabalhá fora... muito trabaiadera que eu insinei ela trabalhá até *istudô pouco*... (Luisburgo/rural)
- (i) E tinha que trabalhar. E *pouco depois* eu estive estudando com D. Marionilda da Mata Machado. Por força até da Naná. Não, vamos lá. E estive estudando à noite com ela. (Belo Horizonte/urbano)

Nos excertos (g) e (h), o atenuador *pouco* toma as formas verbais *sai* e *istudô* como escopo. Em (i), esse atenuador toma o advérbio *depois* como escopo.

Como se observa, os atenuadores incidem sobre a categoria gramatical que tomam por escopo de modo distinto. Dentre os três itens atenuadores, dois deles, *quase* e *pouco*, modificam preferencialmente o verbo. Diferentemente, o item *meio* aparece nos dados modificando somente o adjetivo.

4.2.3 Análise comparativa do comportamento dos graduadores e seus escopos

Em decorrência da análise das categorias que servem de escopo aos graduadores, a saber, adjetivo, verbo e advérbio, verificamos que, na quantificação geral, a classe dos intensificadores toma preferencialmente como escopo o adjetivo, com 64% dos casos, em segundo lugar, o verbo, com 28% dos casos, e, em terceiro, o advérbio, com 8% dos casos. Já os atenuadores, conforme a quantificação geral, atuam preferencialmente sobre os verbos, com 48% dos casos, seguidos dos adjetivos, com 37% dos casos, e dos advérbios, com 15% dos casos. Essa quantificação geral dos escopos em referência aos seus graduadores dá-nos uma visão generalizada, contudo é possível perceber que cada graduador ocorre preferencialmente com uma das três categorias gramaticais.

Dentre os intensificadores, o *muito* é o intensificador por excelência, com maior recorrência nos dados, com 68% dos casos de intensificadores, como já exposto. Toma por escopo preferencialmente o adjetivo, com 64%, o verbo, com 28%, e o advérbio, com 8%. É o intensificador que domina a quantificação, por isso temos essa mesma ordem na distribuição geral dos escopos. Essa ordem de preferência é a mesma encontrada nas duas localidades para

este intensificador. Os dados rurais vão totalizar mais ocorrências para cada escopo, assim distribuídas: os adjetivos somam mais de 50%, já os verbos e os advérbios possuem, cada um, mais de 60% dos casos.

O intensificador *mais*, segundo em recorrência, com 21% do total, apresenta a seguinte ordem de distribuição por escopo: preferencialmente opera sobre o adjetivo, com 77%, seguido do advérbio, com 13%, e do verbo, com 10%. Essa ordem de preferência se repete nas duas localidades. O maior número de ocorrências deste intensificador com cada um dos escopos ocorre nos dados rurais: os adjetivos totalizam um pouco mais de 50%, já os advérbios e os verbos somam, cada um, mais de 60% das ocorrências, que é uma distribuição muito similar à do intensificador *muito*.

Como já colocado, *muito* é o intensificador preferencial, seguido de *mais*. Juntos, esses dois itens totalizam quase 90% dos casos de intensificação. Dessa forma, os demais intensificadores somam poucas ocorrências com seus respectivos escopos.

O intensificador *bem* tem 4% do total de ocorrências. Assim como o intensificador *mais*, toma por escopo preferencialmente o adjetivo, com 67%, seguido do advérbio, com 23%, e do verbo, com 10% dos casos. Essa ordem de preferência é a mesma nas duas localidades. Como já colocado, *bem* é mais característico da fala rural, totalizando 75% dos casos.

O intensificador *tão* representa 3% do total. As ocorrências centram-se preferencialmente nos adjetivos, com 85%, seguidos dos advérbios, com 15%. Essa ordem de preferência é a mesma em ambas as localidades. Esse intensificador ocorre com maior frequência nos dados urbanos, totalizando quase 70% dos casos. Trata-se de um intensificador mais usual na fala urbana, conforme já mencionado.

O intensificador *demais*, com 3% do total dos dados, opera sobre o verbo, com 58%, e sobre o adjetivo, com 48% dos casos. Essa é a ordem preferencial nas duas localidades. Assim como o intensificador *bem*, *tão* é mais típico da fala rural, apresentando uma alta ocorrência nos rurais, totalizando 90% das ocorrências, como já exposto.

O intensificador *bastante* possui só um 1% do total de ocorrências. Esses poucos casos ocorrem com o verbo, com 86%, seguido do adjetivo, com 14% dos casos. Essa ordem de preferência se repete em ambos os *corpora*. As ocorrências desse intensificador são bem aproximadas nas duas localidades, em termos percentuais.

Conforme já foi dito, os dados rurais totalizam mais ocorrências de intensificadores, com 57% do total. O maior percentual de distribuição dos escopos dos intensificadores é

registrado nos dados rurais, com exceção daqueles que ocorrem com o intensificador *tão*, que é mais recorrente nos dados urbanos.

Em relação aos atenuadores, como exposto, constituem uma pequena parcela entre os graduadores, composta por poucos itens, *quase*, *meio* e *pouco*. Como já explicitado, são mais frequentes nos dados rurais. Essa categoria atua como padrão geral, preferencialmente, sobre as seguintes categorias: verbos, adjetivos e advérbios. No entanto, veremos que cada um desses itens possui uma ordem de preferência própria que essa distribuição geral por escopo não revela.

Como exposto, *quase* é o mais frequente dos atenuadores, com 44% dos casos de atenuação. Toma por escopo preferencialmente o verbo, com 48%, seguido do advérbio, com 37%, e do adjetivo, com 15% dos casos. Por ser o atenuador mais recorrente, essa ordem é tomada como preferência geral, que é a mesma em ambos os *corpora*.

O atenuador *meio* possui 32% dos casos de atenuação. Toma por escopo preferencialmente o adjetivo em ambos os *corpora*. Já o atenuador *pouco*, com 24 % dos casos de atenuação, toma por escopo o verbo, em 69% dos casos, e o advérbio, em 31% dos casos. Essa ordem de preferência do atenuador *pouco* é a mesma nas duas localidades.

Após quantificar e descrever a categoria que cada graduador toma como escopo, a fim de avançar na caracterização do rural e do urbano, vimos que não há diferenças na escolha do escopo. Se o padrão da quantificação geral do escopo em referência ao graduador que o modifica for, por exemplo, adjetivo, verbo e advérbio, este também será o padrão encontrado em cada uma das localidades.

Essa análise, aqui proposta, avança na descrição do graduador e do seu escopo, contudo, percebemos a necessidade de quantificar os itens léxicos que compõem a classe dos adjetivos, dos verbos e dos advérbios, identificando, assim, quais combinações são recorrentes ou não nas duas localidades. Ao quantificar essas combinações, podemos observar a “situação de modificação” presente nessa relação entre o modificador e o termo modificado. A identificação desses itens léxicos também aponta para a necessidade de se classificar os tipos semânticos desses escopos que são afetados nesse processo de graduação.

4.3 Combinação dos graduadores com seus escopos

Nos dados, os graduadores se combinam a diferentes itens léxicos entre as categorias gramaticais possíveis, adjetivos, verbos e advérbios. Há combinações que são recorrentes, ou seja, são repetitivas nos dados, e outras que só ocorrem uma única vez, tais como “muito

religioso(a) (5)”, “muito pobre ~ pobrim” (5), “mais tarde” (3), “bem grossa” (1), “bem quentinha” (1), “ganhar pouco” (1), etc.

A reincidência da combinação de termos contíguos na sentença pode apontar para o enrijecimento da estrutura [graduador + escopo]. Segundo Cohen (1989), a combinação de determinadas classes, somada à alta frequência de ocorrência, cria condições para a maior rigidez da estrutura. Nesse sentido, a análise das estruturas recorrentes e suas combinações traz à tona a formação dessas estruturas mais enrijecidas.

Em relação aos adjetivos, os graduadores podem se conectar a diferentes tipos semânticos tais como dimensão (graduável e mensurável), idade, valor, propriedade física, propensão humana, sabor, velocidade, dificuldade, similaridade, qualificação, temperatura, grupo social, religião, conforme Dixon (2004). Essas classes foram utilizadas por Carvalho (2014) e procedem da pesquisa de Cohen (1989) que as adapta de Dixon (1977) para analisar a ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados do português escrito do século XIV ao XX. Como essas classes já foram aplicadas com propriedade a esses mesmos dados de Luisburgo, estamos repetindo-as aqui na análise da combinação dos graduadores com seus escopos.

Quanto às combinações do graduador com o verbo, podemos observar a ocorrência de diferentes tipos semânticos verbais, tais como *emotivos*, *comunicativos*, *translocativos*, *meteorológicos*, *cognitivos*, dentre outros, conforme a tipologia proposta por Garcia (2004).

Os advérbios afetados por esses graduadores também apresentam diferentes tipos semânticos, tais como *qualificadores*, *circunstanciais*, etc. conforme a classificação de Ilari *et al.* (2014), adotada nesta pesquisa para a categorização dos advérbios.

Essas combinações do graduador com variados itens ocorrem tanto para os intensificadores quanto para os atenuadores. Os dados que servem de base a esta análise da combinação, expostos nessa seção, encontram-se no Apêndice A, organizados em tabelas, dispostas seguindo a ordem de frequência de ocorrência dos graduadores e seus escopos. A ordem de frequência de ocorrência para os intensificadores é *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais* e *bastante*, em relação aos seus escopos preferenciais adjetivos, verbos e advérbios. A disposição dos dados dos atenuadores, segundo a ordem de frequência de ocorrência, é *quase*, *meio* e *pouco*, em relação aos seus escopos preferenciais verbos, adjetivos e advérbios. Dada a extensão dessas tabelas optou-se em apresentar aqui apenas uma amostragem. Nas tabulações dos dados, os contextos em que ocorrem as combinações dos graduadores com seus escopos é mais completo, como por exemplo, nos casos dos verbos, o tempo verbal e a pessoa gramatical são

indicadas. A título de exemplificação, seguem partes das tabelas do intensificador *muito* e seus escopos nos dados rurais:

Tabela 11 – Intensificador *muito* + adjetivo nos dados rurais

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MUITO JEITOSO] ¹³	<ul style="list-style-type: none"> é [muito jeitoso] era [um Knuppão de muita força [muito jeitoso]] 	Luisburgo	2
2.	[MUITO SASTIFEITO]	<ul style="list-style-type: none"> sinto [muito sastifeito] 	Luisburgo	1
3.	[MUITO BOM ~ BÃO ~ BOA]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito bão] ~ é [muito boa] ~ são [muito bão] ~ era [muito bom] ~ era [muito boa] ~ foi [muito bom] ~ é [muito bão] ~ foi [muito boa] ~ é [muito bom] (43) teve [muito bom] ~ tá [muito bão] ~ tá [muito boa] (9) vai ficá [muito bão] tinha [ũa mente muito boa] coleu [milho [muito bão]] tinha [ũa sanfona [muito boa]] (passô) [um insinamento religioso [muito bom]] tivemos [num trabalho [muito bom]] é [um trabalho [muito bom]] era [pessoas [muito boa]] era [coisa [muito boa]] foi [gente [muito boa]] são [ũa vizinhança [muito boa]] [sujeito [muito bão] paciente trabaiaadô bão] [gente tudo [muito bão]] [gente [muito boa]] 	Luisburgo	66
4.	[MUITO TENCIOSA]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito tenciosa] 	Luisburgo	1
5.	[MUITO DIFÍCIL ~ DIFÍCI']	<ul style="list-style-type: none"> era [muito difíci'] ~ é [muito difícil] ~ é [muito difíci'] ~ é [muito difíci'] ~ foi [muito difíci'] ~ sê [muito difíci'] (37) era [muito mais difíci'] (2) tá [muito difíci'] fica [muito difíci'] fui criada [num lar [muito difíci']] era [ũa coisa [muito difíci']] [aques trem [muito difíci']] [as coisa [muito difíci']] 	Luisburgo	45

Fonte: Excerto da Tabela 1 do Apêndice A.

¹³ Os dados das tabelas estão dispostos segundo a ordem em que apareceram nos *corpora*.

Tabela 12 – Verbo + intensificador *muito* nos dados rurais

Nº	[Verbo + MUITO]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[(A)JUDAR MUITO]	• ajudei ~ judô ~ judava ~ ajuda ~ ajudô ~ ajudaro ~ ajuda ~ ajudava ~ judei [muito]	Luisburgo	15
2.	[ESQUENTAR MUITO]	• isquentava [muito]	Luisburgo	1
3.	[SOFRER MUITO]	• sufri ~ sofri ~ sofreu ~ sufria ~ sofrero ~ tava sofrero [muito]	Luisburgo	10
4.	[REZAR MUITO]	• rezava [muito]	Luisburgo	1
5.	[USAR MUITO]	• usava ~ tá usano [muito]	Luisburgo	4
6.	[CONVERSAR MUITO]	• cunversá ~ cunversô [muito]	Luisburgo	2
7.	[IR MUITO]	• ia ~ vai ~ vô [muito]	Luisburgo	10
8.	[GOSTAR MUITO]	• gosta ~ gosto ~ gostava ~ gostei [muito]	Luisburgo	26
9.	[SAIR MUITO]	• saía ~ sai [muito]	Luisburgo	3
10.	[CORRIGIR MUITO]	• corrigia [muito]	Luisburgo	2
11.	[RELAR MUITO]	• ficá relano [muito]	Luisburgo	1
12.	[INCOMODAR MUITO]	• incomodava [muito]	Luisburgo	1
13.	[VIR MUITO]	• vinha [muito]	Luisburgo	1
14.	[PASSEAR MUITO]	• passia ~ passia [muito]	Luisburgo	3
15.	[SEGURAR MUITO]	• sigurá [muito]	Luisburgo	1
16.	[LUTAR MUITO]	• lutô [muito]	Luisburgo	2
17.	[ESCONDER MUITO]	• iscoiê [muito]	Luisburgo	1
18.	[DEMORAR MUITO]	• tava demorano [muito] • demorô [muito]	Luisburgo	2
19.	[TRABALHAR MUITO]	• trabaia ~ trabalhamo ~ trabalhei ~ trabalhava ~ trabaie ~ trabalha ~ trabalhá ~ trabaiei [muito]	Luisburgo	14
20.	[ESTUDAR MUITO]	• istudá [muito]	Luisburgo	1
21.	[FALAR MUITO]	• tô falano ~ falava [muito]	Luisburgo	2
22.	[MINGUAR MUITO]	• mingú [muito]	Luisburgo	1
23.	[RESPEITAR MUITO]	• respeita [muito], respeitava [muito]	Luisburgo	2

Fonte: Excerto da Tabela 3 do Apêndice A.

Tabela 13 – Intensificador *muito* + advérbio nos dados rurais

Nº	[MUITO + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[MUITO BEM]	<ul style="list-style-type: none"> • recebe [muito bem] • prantava [muito bem] • trata [muito bem] (2) • canta [muito bem] • se dá ~ se dô [muito bem] (3) • viveu ~ veve ~ vivemo [muito bem] (3) • combinava [muito bem] (4) • trabalha [muito bem] • saiu [muito bem] • funcionô [muito bem] • morei [muito bem] • me acho [muito bem] • convivia [muito bem] • intendia [muito bem] • tá [muito bem de vida] • é ~ foi [muito bem] (2) • tá [muito bem] 	Luisburgo	26
2.	[MUITO CEDO]	<ul style="list-style-type: none"> • cumê [muito cedo] 	Luisburgo	1
3.	[MUITO POCO]	<ul style="list-style-type: none"> • insinava [muito pouco] • tem [muito pouco] • é [muito pouco] 	Luisburgo	3
4.	[MUITO LONGE]	<ul style="list-style-type: none"> • morava [muito longe], • fui criada [muito longe] 	Luisburgo	2
5.	[MUITO MALE]	<ul style="list-style-type: none"> • riscá [muito male] 	Luisburgo	1
6.	[MUITO DIPRESSA]	<ul style="list-style-type: none"> • cresceu [muito dipressa] 	Luisburgo	1

Fonte: Excerto da Tabela 5 do Apêndice A.

4.3.1 Combinação dos intensificadores com seus escopos

Esta seção traz a análise dos intensificadores *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais* e *bastante*, a classe de graduadores mais expressiva nos dados, em termos percentuais, que realizam combinações diferentes com adjetivos, com verbos e com advérbios, como veremos a seguir.

➤ O intensificador *muito*

Dentre os intensificadores, *muito*, o mais expressivo quantitativamente, conforme já foi dito, combina-se com adjetivos, com verbos e com advérbios diferentes em ambos os *corpora*,

perfazendo 724 casos. As combinações desse intensificador com o adjetivo totalizam 464 casos, conforme já foi dito. Em Luisburgo, as 247 ocorrências do intensificador *muito* com o adjetivo advêm de 81 combinações diferentes. Por ordem de frequência de ocorrência, são: “muito bom ~ bão ~ boa” (66), “muito difícil ~ difíci” (45), “muito trabalhado ~ trabaído ~ trabalhadeira ~ trabaíadeira” (7), “muito bonito(a) ~ bunitinha” (6), “muito grande” (6), “muito religioso(a) (5)”, “muito pobre ~ pobrim” (5), “muito novo(a) ~ novinha (5)”, “muito ruim” (4), “muito diferente (4)”, “muito fácil (3)”, “muito caro (3)”, “muito bondosa” (3), “muito jeitoso” (2), “muito divertido” (2), “muito pequeno ~ pequeninim” (2), “muito injuado” (2), “muito comum” (2), “muito longe” (2), “muito velha ~ véia” (2), “muito dificultoso” (2), “muito requetada” (2), “muito seguro” (2), “muito forte” (2), “muito triste” (2), “muito apressado” (2), “muito arto ~ arta” (2), “muito humilhada” (2), “muito tímida” (2), “muito junto” (2), “muito satisfeito (1)”, “muito tenciosa” (1), “muito bem-lavado” (1), “muito chefe” (1), “muito preocupado” (1), “muito admirado” (1), “muito quente” (1), “muito fogoso” (1), “muito machucado” (1), “muito jogado” (1), “muito importante” (1), “muito acostumado” (1), “muito catorco” (1), “muito sofrido” (1), “muito lerdão” (1), “muito fundo” (1), “muito rijo” (1), “muito estressado” (1), “muito obediente” (1), “muito agressivo” (1), “muito rica” (1), “muito simples” (1), “muito saído” (1), “muito cativo” (1), “muito ocupado” (1), “muito pouca” (1), “muito criança” (1), “muito entendida” (1), “muito cozido” (1), “muito apegado” (1), “muito gelada” (1), “muito antigo” (1), “muito apertado” (1), “muito rigoroso” (1), “muito pesado” (1), “muito sistemático” (1), “muito bagunçada” (1), “muito reunida” (1), “muito mole” (1), “muito atrasado” (1), “muito sério” (1), “muito unida” (1), “muito perto” (1), “muito instrutiva” (1), “muito caridosa” (1), “muito macaquera” (1), “muito abençoado” (1), “muito inducido” (1), “muito limpo” (1), “muito cuidado” (1), “muito certo” (1). Dentre essas 81 combinações diferentes, 30 são recorrentes e 51 são não recorrentes. Duas dessas combinações são mais frequentes: “muito bom ~ bão ~ boa”, com 66 ocorrências, e “muito difícil ~ difíci”, com 45 ocorrências.

Em Belo Horizonte, as 217 ocorrências do intensificador *muito* advêm de 109 combinações diferentes. São elas: “muito bom ~ boa ~ boas” (26), “muito grande” (18), “muito difícil” (7), “muito novo(a) ~ novinho” (7), “muito inteligente” (6), “muito bonito ~ bonita(s)” (6), “muito interessante” (5), “muito bravo(a)” (4), “muito gostoso(a)” (4), “muito ruim” (4), “muito engraçado ~ engraçadinho” (3), “muito pobre(s)” (3), “muito pequena ~ pequenininha” (3), “muito diferente” (3), “muito triste” (3), “muito conhecido(a)” (3), “muito rigoroso(a)” (2), “muito unido(s)” (2), “muito simples” (2), “muito católico(a)” (2), “muito estudioso(a)” (2),

“muito religioso(a)” (2), “muito amigo(a)” (2), “muito jovem ~ jovens” (2), “muito perdido(a)” (2), “muito doente” (2), “muito apertado(a)” (2), “muito rico(s)” (2), “muito importante” (2), “muito pacata” (2), “muito preso” (2), muito famosa” (2), “muito sóbrios (a)” (2), “muito bem-feito” (2), “muito forte” (2), “muito comum” (1), “muito espirituoso” (1), “muito perito” (1), “muito relacionado” (1), “muito considerado” (1), “muito amolado” (1), “muito econômico” (1), “muito ligado” (1), “muito confundido” (1), “muito fraco” (1), “muito justo” (1), “muito desentoadas” (1), “muito parecida” (1), “muito habilidosa” (1), “muito duro” (1), “muito levada” (1), “muito enérgica” (1), “muito atrasada” (1), “muito tosco” (1), “muito penoso” (1), “muito raro” (1), “muito primitivo” (1), “muito vagabundo” (1), “muito suja” (1), “muito entusiasmado” (1), “muito limitada” (1), “muito feliz” (1), “muito perseguido” (1), “muito competente” (1), “muito grave” (1), “muito apaixonada” (1), “muito marcantes” (1), “muito feminina” (1), “muito ocupado” (1), “muito animado” (1), “muito carinhoso” (1), “muito olhado” (1), “muito acomodada” (1), “muito cansado” (1), “muito só” (1), “muito relaxada” (1), “muito tratada” (1), “muito vadia” (1), “muito chique” (1), “muito baixinha” (1), “muito vaga” (1), “muito frequentada” (1), “muito ativa” (1), “muito rústica” (1), “muito trabalhador” (1), “muito piedoso” (1), “muito fascinante” (1), “muito combatível” (1), “muito excêntrica” (1), “muito mal-educados” (1), “muito movimentada” (1), “muito divertida” (1), “muito virtuosos” (1), “muito antigo” (1), “muito maior” (1), “muito militar” (1), “muito organizado” (1), “muito intensa” (1), “muito discreta” (1), “muito batidas” (1), “muito especial” (1), “muito jeitosa” (1), “muito alta” (1), “muito sábio” (1), “muito modesta” (1), “muito simpática” (1), “muito culta” (1), “muito longe” (1), “muito pertinho” (1). Dentre essas 109 combinações diferentes, 35 são recorrentes e 74 são não recorrentes. As combinações que se destacam quantitativamente em Belo Horizonte são “muito bom ~ boa ~ boas”, com 26 ocorrências, e “muito grande”, com 18 ocorrências.

Como se observa, o adjetivo *bom* é o mais frequente nos dois *corpora*; o adjetivo *difícil* é mais recorrente nos dados rurais e o adjetivo *grande* é mais recorrente nos dados urbanos. Essa alta frequência de *bom* foi identificada e analisada por Cohen (1989) em dados do século XIV ao XX, por Rezende (2008), em dados rurais de Goiás, e por Carvalho (2014), em dados rurais mineiros de Luisburgo. Em sua análise, Cohen (1989) destaca que foi dada atenção especial aos adjetivos “bom” e “grande” devido à alta frequência destes em anteposição, nos textos até o século XVIII. Segundo a autora, após esse período, ocorre a ausência quase total desses itens nos textos modernos. Esses dois adjetivos, denominados por Cohen (1989) de

“itens gatilhos”, são considerados desencadeadores da mudança da ordem Adjetivo Nome > Nome Adjetivo.

As combinações do intensificador *muito* com o verbo também são bastante produtivas nos dados, totalizando 204 casos. Em Luisburgo, as 126 ocorrências do intensificador *muito* são realizadas por 41 combinações diferentes. São elas: “gostar muito” (26), “(a)judar muito” (15), “trabalhar muito” (14), “sofrer muito” (10), “ir muito” (10), “usar muito” (4), “sair muito” (3), “passear muito” (3), “conversar muito” (2), “corrigir muito” (2), “lutar muito” (2), “falar muito” (2), “respeitar muito” (2), “demorar muito” (2), “brincar muito” (2), “mudar muito” (2), “esquentar muito” (1), “rezar muito” (1), “relaxar muito” (1), “incomodar muito” (1), “vir muito” (1), “segurar muito” (1), “esconder muito” (1), “estudar muito” (1), “minguar muito” (1), “marcar muito” (1), “importar muito” (1), “forçar muito” (1), “(a)borrecer muito” (1), “entender muito” (1), “comer muito” (1), “chover muito” (1), “ver muito” (1), “diminuir muito” (1), “caprichar muito” (1), “crescer muito” (1), “conhecer muito” (1), “negociar muito” (1), “guardar muito” (1), “doer muito” (1), “acreditar muito” (1). Dessas combinações, 16 são recorrentes e 25 são não recorrentes. São mais frequentes as combinações “gostar muito”, com 26 ocorrências, “ajudar muito”, com 15 ocorrências, “trabalhar muito”, com 14 ocorrências, “sofrer muito”, com 10 ocorrências, e “ir muito”, também com 10 ocorrências. Esses verbos recorrentes parecem retratar ações rotineiras da vida rural.

Em Belo Horizonte, as 78 ocorrências do intensificador *muito* com o verbo são realizadas por 42 combinações diferentes. São elas: “gostar muito” (19), “ir muito” (9), “adaptar muito” (3), “mudar muito” (3), “querer muito” (2), “falar muito” (2), “judiar muito” (2), “trabalhar muito” (2), “vir muito” (2), “marcar muito” (2), “estudar muito” (1), “conversar muito” (1), “recomendar muito” (1), “brincar muito” (1), “depender muito” (1), “cansar muito” (1), “tratar muito” (1), “abusar muito” (1), “contar muito” (1), “frequentar muito” (1), “sair muito” (1), “sofrer muito” (1), “brigar muito” (1), “desenvolver muito” (1), “pular muito” (1), “lembrar-se muito” (1), “voltar muito” (1), “salientar-se muito” (1), “estranhar muito” (1), “aprender muito” (1), “esforçar-se muito” (1), “chocar muito” (1), “sentir muito” (1), “rir muito” (1), “agarrar muito” (1), “ventar muito” (1), “ajudar muito” (1), “registrar muito” (1), “combinar muito” (1), “usar muito” (1), “relaxar muito” (1), “subir muito” (1). Dessas combinações, 10 são recorrentes e 32 são não recorrentes. As mais frequentes são “gostar muito”, com 19 ocorrências, e “ir muito”, com 9 ocorrências.

Em relação aos advérbios, o intensificador *muito* também ocorre com itens diferentes, perfazendo 56 ocorrências. Nos dados rurais, as 34 ocorrências do advérbio com o

intensificador *muito* são realizadas por 6 combinações diferentes: “muito bem” (26), “muito pouco” (3), “muito longe” (2), “muito cedo” (1), “muito male” (1), “muito dipressa” (1). Dessas combinações, 3 são recorrentes e 3 são não recorrentes. Como se observa, “muito bem” é a combinação mais frequente nesses dados, com 26 casos.

Nos dados urbanos, as 22 ocorrências do intensificador *muito* com o advérbio advêm de 8 combinações diferentes: “muito bem” (9), “muito mal” (5), “muito cedo” (3), “muito tarde” (1), “muito pobremente” (1), “muito pitorescamente” (1), “muito pouco” (1), “muito mais” (1). Nesses dados, há 3 combinações recorrentes e 5 não recorrentes. “Muito bem” também é o mais frequente, com 9 casos. Podemos observar que duas dessas combinações ocorrem com advérbios terminados em *-mente*, *pobremente* e *pitorescamente*.

➤ O intensificador *mais*

Assim como o intensificador *muito*, *mais* também se combina com adjetivos, com verbos e com advérbios variados, totalizando 225 casos. As combinações desse intensificador com o adjetivo totalizam 173 casos. Nos dados de Luisburgo, as 87 ocorrências do intensificador *muito* com o adjetivo advêm de 28 combinações diferentes: “mais velho(a) ~véio(a) ~véi ~ veizim” (25), “mais novo(a)” (19), “mais difíci” (6), “mais fáci” (5), “mais forte” (3), “mais piqueno(a)” (2), “mais perto” (2), “mais controlado” (2), “mais importante” (2), “mais longe” (2), “mais criança” (2), “mais separado” (1), “mais jove” (1), “mais grande” (1), “mais rui” (1), “mais baxim” (1), “mais fôco” (1), “mais chegado” (1), “mais estranho” (1), “mais bem-arrumada” (1), “mais injuado” (1), “mais madura” (1), “mais bruta” (1), “mais séria” (1), “mais antigo” (1), “mais rico” (1), “mais bunita” (1), “mais esquisita” (1). Dentre essas combinações, 11 são recorrentes e 17 são não recorrentes. Como se observa, as combinações mais reincidentes são “mais velho(a) ~véio(a) ~véi”, 25 ocorrências e “mais novo(a)”, com 19 ocorrências.

Em Belo Horizonte, as 86 ocorrências são realizadas por 47 combinações diferentes: “mais velho(a)” (27), “mais nova(s) ~ novinho” (3), “mais caro” (4), “mais fácil” (4), “mais perto” (2), “mais atrasada(s)” (2), “mais barato” (2), “mais sérios(as)” (2), “mais bonito ~ bonitinha” (2), “mais leve” (1), “mais sociável” (1), “mais disposto” (1), “mais retirada” (1), “mais inteligente” (1), “mais alto” (1), “mais magrinhas” (1), “mais comprido” (1), “mais comportadinho” (1), “mais bem-vestidinha” (1), “mais curtinho” (1), “mais dedicado” (1), “mais resguardadas” (1), “mais olhado” (1), “mais jovens” (1), “mais genioso” (1), “mais

aberto” (1), “mais amplo” (1), “mais pesada” (1), “mais grosso” (1), “mais modesto” (1), “mais amigas” (1), “mais fortes” (1), “mais cheia” (1), “mais interessante” (1), “mais de mau gosto” (1), “mais feio” (1), “mais elevada” (1), “mais chique” (1), “mais arredondado” (1), “mais central” (1), “mais linda” (1), “mais triste” (1), “mais largo” (1), “mais simples” (1), “mais voltada” (1), “mais culta” (1), “mais importante” (1). Destas 47 combinações diferentes, 9 são recorrentes e 38 são não recorrentes. Nesses dados urbanos, a combinação mais frequente é “mais velho(a)”, com 27 ocorrências.

Em relação à combinação do intensificador *mais* com o verbo, são 23 casos nos dados. Em Luisburgo, as 14 ocorrências provêm de 12 combinações diferentes: “crescer mais” (2), “trabalhar mais” (2), “conversar mais” (1), “ir mais” (1), “cuidar mais” (1), “gostar mais” (1), “contar mais” (1), “olhar mais” (1), “melhorar mais” (1), “puxar mais” (1), “ver mais” (1), “sentir mais” (1). Destas, 2 são recorrentes e 10 são não recorrentes. Em Belo Horizonte, as 9 ocorrências do verbo com o intensificador *mais* advêm de 7 combinações diferentes: “gostar mais” (3), “saber mais” (1), “bater mais” (1), “comprar mais” (1), “apanhar mais” (1), “crescer mais” (1), “evoluir mais” (1). Destas 7 combinações, apenas é recorrente uma e 6 são não recorrentes.

Com o advérbio, o intensificador *mais* perfaz um total de 29 ocorrências nos *corpora*. Em Luisburgo, são 20 ocorrências que advêm de 10 combinações diferentes: “mais tarde” (4), “mais perto” (4), “mais pra baixo” (3), “mais pouco” (2), “mais pra cima” (2), “mais pra riba” (1), “mais longe” (1), “mais ainda” (1), “mais bem” (1); “mais depressa” (1). Dessas combinações, 5 são recorrentes e 5 são não recorrentes. Em Belo Horizonte, as 9 ocorrências do intensificador *mais* com o advérbio são realizadas por 7 combinações diferentes: “mais tarde” (3), “mais longe” (1), “mais para baixo” (1), “mais para trás” (1), “mais na frente” (1), “mais em cima” (1), “mais ainda” (1). Dessas combinações, uma é recorrente e 6 são não recorrentes.

➤ O intensificador *bem*

O intensificador *bem* aparece nos dados combinados com adjetivos, com verbos e com advérbios, totalizando 48 casos. São 32 ocorrências desse intensificador com o adjetivo nos *corpora*. Em Luisburgo, as 24 ocorrências do intensificador *bem* com o adjetivo advêm de 15 combinações diferentes: “bem bão ~ boa” (4), “bem novo ~ novim” (4), “bem véi’ ~ véia” (3), “bem apertado ~ apertadim” (2), “bem rápido” (1), “bem perto” (1), “bem arrumadinha” (1),

“bem longe” (1), “bem certo” (1), “bem oiado” (1), “bem difícil” (1), “bem atrasado” (1), “bem duente” (1), “bem grande” (1), “bem acabado” (1). Dessas combinações, 4 são recorrentes e 11 são não recorrentes. As combinações mais recorrentes nos dados rurais são “bem bão ~ boa”, com 4 ocorrências, “bem novo ~ novim”, com 4 ocorrências, e “bem véi’~ véia”, com 3 ocorrências. Já em Belo Horizonte, as 8 ocorrências do intensificador *bem* com o adjetivo advêm de 8 combinações diferentes: “bem (mais) leve” (1), “bem grossa” (1), “bem quentinha” (1), “bem brava” (1), “bem rígida” (1), “bem grande” (1), “bem (mais) velha” (1), “bem cozida” (1). Como se observa, todos os casos são de combinações não recorrentes.

As ocorrências do intensificador *bem* com verbo apresentam 5 combinações diferentes nos dados. Em Luisburgo, são 4 combinações não recorrentes: “amolar bem” (1), “custar bem” (1), “castigar bem” (1), “aguentar bem” (1). Em Belo Horizonte, aparece somente uma combinação com esse intensificador – “melhorar bem” (1). Não há combinações recorrentes com esse intensificador em nenhuma das localidades.

Já as ocorrências do intensificador *bem* com o advérbio totalizam 11 casos nos dados. Em Luisburgo, as 8 ocorrências desse intensificador advêm de 5 combinações diferentes: “bem (pra) cima ~ bem l’em cima” (4), “bem cedo” (1), “bem tarde” (1), “bem longim” (1), “bem perto” (1). Dessas combinações 1 é recorrente e 4 são não recorrentes. Já em Belo Horizonte, há 3 combinações distintas com esse intensificador: “bem longe” (1), “bem antes” (1) e “bem cedo” (1).

➤ O intensificador *tão*

O intensificador *tão* ocorre nos dados combinados com adjetivos e com advérbios, perfazendo um total de 33 ocorrências. O intensificador *tão* se combina a adjetivos variados, totalizando 13 ocorrências nas duas localidades. Em Luisburgo, são 10 ocorrências desse intensificador advindas de 8 combinações diferentes: “tão bão” (2), “tão diferente” (2), “tão rui” (1), “tão satisfeito” (1), “tão fresquim” (1), “tão tranquilo” (1), “tão preciosa” (1), “tão gostosa” (1). Dessas combinações nos dados rurais, 2 são recorrentes e 6 são não recorrentes. Em Belo Horizonte, são 18 ocorrências que advêm de 13 combinações diferentes: “tão grande” (4), “tão pequeninha ~ pequeninas” (2), “tão bonito (a)” (2), “tão forte” (1), “tão súbita” (1), “tão grossa” (1), “tão comum” (1), “tão encantada” (1), “tão desentoadada” (1), “tão esgotado” (1), “tão engraçado” (1), “tão maravilhoso” (1), “tão cacheado” (1). Destas, 3 são recorrentes e 10 são não recorrentes, sendo a mais frequente “tão grande”, com 4 casos.

As combinações do intensificador *tão* com o advérbio somam 5 casos nos *corpora*: em Luisburgo há apenas uma combinação do intensificador *tão* com o advérbio – “tão depressa” (1); já em Belo Horizonte, há 4 ocorrências advindas de 3 combinações diferentes “tão logo” (2), “tão bem” (1) e “tão corrente” (1): 1 recorrente e 2 não recorrentes.

➤ **O intensificador *demais***

O intensificador *demais* ocorre nos dados combinados com adjetivos e com verbos, com um total de 31 ocorrências. A modificação do adjetivo pelo intensificador *demais* possui combinações distintas, perfazendo 13 casos no total. Em Luisburgo, são 11 ocorrências com esse intensificador que advêm de 5 combinações diferentes: “bão ~ boa demais” (4), “difíci’ demais” (4), “dismazelada demais” (1), “caro demais” (1), “trabaiadô demais” (1). Dessas combinações, 2 são recorrentes e 3 são não recorrentes. Já em Belo Horizonte há apenas 2 combinações não recorrentes com esse intensificador: “bom demais” (1) e “quente demais” (1).

Quanto ao verbo, o intensificador *demais* também apresenta combinações variadas, totalizando 31 casos nos dados. Em Luisburgo, são 17 combinações realizadas por 7 combinações diferentes “gostar demais” (5), “sofrer demais” (4), “brincar demais” (2), “(a)judar demais” (2), “parecer demais” (2), “doer demais” (1), “lutar demais” (1). Dessas combinações, 5 são recorrentes e 2 são não recorrentes. As combinações mais recorrentes são “gostar demais”, com 5 casos e “sofrer demais”, com 4 casos. Em Belo Horizonte ocorre apenas uma combinação do verbo com o intensificador *demais* – “latir demais” (1).

➤ **O intensificador *bastante***

O intensificador *bastante* se combina mais comumente com verbos nos *corpora*, havendo apenas um caso de combinação com o adjetivo. Em relação aos verbos, há 6 ocorrências desse intensificador, três casos em cada localidade: em Luisburgo, as combinações diferentes são: “conversar bastante” (1), “amolar bastante” (1) e “gostar bastante” (1); já em Belo Horizonte, as combinações diferentes são: “andar bastante” (1), “melhorar bastante” (1) e “olhar bastante” (1). Em relação ao adjetivo, *bastante* apresenta uma única ocorrência em Luisburgo – “bastante lerdo” (1).

4.3.2 Combinação dos atenuadores com seus escopos

Os atenuadores *quase*, *meio* e *pouco* embora constituam a minoria nos dados, conforme já foi dito, combinam-se preferencialmente com verbos, com adjetivos e com advérbios, nessa ordem. Assim como os intensificadores, os atenuadores também possuem combinações recorrentes e não recorrentes.

➤ O atenuador *quase*

O atenuador *quase* se combina com verbos, com adjetivos e com advérbios, com um total de 24 casos. Em relação ao verbo, o atenuador *quase* apresenta 17 combinações diferentes nos *corpora*. Em Luisburgo, as 11 ocorrências advêm de 9 combinações diferentes: “quase morrer” (3), “quase não lembrar” (1), “quase completar” (1), “quase sair” (1), “quase não aguentar” (1), “quase não vir” (1), “quase não conhecer” (1), “quase não ver” (1), “quase precisar” (1). Dessas combinações, uma apenas é recorrente e 8 são não recorrentes. Em Belo Horizonte, são 6 combinações todas não recorrentes: “quase morrer” (1), “quase não ter” (1), “quase não sair” (1), “quase não ir” (1), “quase se ajoelhar” (1), “quase não se lembrar” (1). Como se observa, o atenuador *quase* se encontra na posição pré-verbal. Na maioria dos casos, esse atenuador está presente em sentenças negativas, são 8 casos desse tipo no total de 11 ocorrências.

Nos dados, há 3 ocorrências do atenuador *quase* combinado com o adjetivo. Em Luisburgo, são 2 ocorrências desse atenuador com o adjetivo *cego* – “quais’ cego” (2). Em Belo Horizonte, há uma única combinação desse atenuador com o adjetivo *esquecidos* – “quase que esquecidos” (1).

Há 4 casos da combinação do advérbio com atenuador *quase* nos dados: em Luisburgo, há 2 ocorrências realizadas por 2 combinações diferentes: “quais’ diária” (1) e *quas’ direto* (1); em Belo Horizonte, também há duas combinações diferentes desse atenuador “quase sempre” (1) e “quase ali” (1).

➤ O atenuador *meio*

O atenuador *meio* se combina somente com adjetivos, totalizando 17 ocorrências nos dados. Em Luisburgo, são 12 ocorrências com esse intensificador que advêm de 10 combinações distintas: “mei’ duente” (3), “mei’ novo” (1), “mei’ avexado” (1), “mei’ sistemática” (1), “mei’ malarrumada” (1), “mei’ quetinha” (1), “mei’ isquisita” (1), “mei’

dura” (1), “mei’ difíci” (1), “meia diferente” (1). Nesses dados, uma combinação é recorrente e 9 combinações são não recorrentes. Em Belo Horizonte, são 5 combinações distintas: “meio ruim” (1), “meio malvistas” (1), “meio boba” (1), “meio esquisitos” (1), “meio velha” (1).

➤ O atenuador *pouco*

O atenuador *pouco* aparece combinado com verbos e com advérbios nos *corpora*, perfazendo um total de 13 ocorrências. Esse atenuador modifica diferentes verbos, totalizando 9 casos no total. Em Luisburgo, são 6 ocorrências que advêm de 5 combinações diferentes: “conversar poco” (2), “dar poco” (1), “estudar poco” (1), “durar poco” (1) e “sair poco” (1). Destas, uma combinação é recorrente e 4 combinações são não recorrentes. Já em Belo Horizonte, há 3 ocorrências realizadas por 3 combinações diferentes: “ficar pouco” (1), “vir pouco” (1) e “ganhar pouco” (1).

As combinações de *pouco* com o advérbio somam apenas 4 casos nos *corpora*: em Luisburgo, ocorreram 2 combinações diferentes: “poco pra cima” (1) e “poco mais” (1); já em Belo Horizonte, há 2 ocorrências que advêm de uma única combinação – “pouco depois” (2).

Observadas as combinações entre graduadores e seus escopos, a seção seguinte traz a análise da distribuição desses escopos em tipos semânticos.

4.4 Classes semânticos dos escopos

Nesta seção, as categorias que servem de escopo aos graduadores, tanto aos intensificadores quanto aos atenuadores, a saber, adjetivos, verbos e advérbios, serão distribuídas em tipos semânticos. Desse modo, serão dispostas as combinações dos graduadores e seus escopos e suas respectivas ocorrências em cada uma das localidades pesquisadas. Conforme exposto no capítulo teórico, a classificação proposta a seguir nessa análise leva em conta as classes semânticas do adjetivo de Dixon (2004), acrescidas das classes dimensão graduável e dimensão mensurável de Cohen (1989) e a classe religião de Carvalho (2014); a tipologia semântica (ou sintático-semânticas) do verbo de Garcia (2004); e a classificação semântica do advérbio de Ilari *et al.* (2014).

4.4.1 Os intensificadores e as classes semânticas dos adjetivos

Como já dito, os intensificadores, por ordem de frequência de ocorrência, são *muito*, *mais*, *bem*, *tão*, *demais* e *bastante*. Nesta subseção, a classificação semântica dos escopos segue essa ordem dos intensificadores, com os quais fazem a combinação.

I. Classes semânticas dos adjetivos com o intensificador *muito* nos dados rurais:

Dimensão (mensurável e graduável) – “muito grande” (6), “muito piqueno ~ piquininim” (2), “muito arto ~ arta” (2): (*Types*: 3; *Tokens*: 10)

Idade – “muito novo(a) ~ novinha (5)”, muito velha ~ véia” (2), “muito antigo” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 8)

Valor – “muito bom ~ bão ~ boa” (66), “muito bunito(a) ~ bunitinha” (6), “muito pobre ~ pobrim” (5), “muito rui” (4), “muito caro (3)”, “muito divertido” (2), “muito isquisita” (2), “muito triste” (2), “muito jogado” (1), “muito importante” (1), “muito rijo” (1), “muito rica” (1), “muito rigoroso” (1), “muito atrasadim” (1), “muito unida” (1), “muito reunida” (1), “muito instrutiva” (1), “muito macaquera” (1), “muito sério” (1), “muito bagunçada” (1): (*Types*: 20; *Tokens*: 102)

Propriedade física – “muito forte” (2), “muito junto” (2), “muito pesado” (1), “muito bem-lavadim” (1), “muito quente” (1), “muito fundo” (1), “muito cuzidim” (1), “muito gelada” (1), “muito apertado” (1), “muito mole” (1), “muito limpinim” (1): (*Types*: 11; *Tokens*: 13)

Propensão humana – “muito trabalhado ~ trabaiado ~ trabalhadeira ~ trabaiadeira” (7), “muito bondosa” (3), “muito jeitoso” (2), “muito injuado” (2), “muito seguro” (2), “muito humilhada” (2), “muito tímida” (2), “muito apressado” (2), “muito sastifeito (1)”, “muito tenciosa” (1), “muito chefe” (1), “muito preocupado” (1), “muito admirado” (1), “muito fogoso” (1), “muito machacado” (1), “muito acostumado” (1), “muito sofrido” (1), “muito saidô” (1), “muito cativo” (1), “muito ocupado” (1), “muito criança” (1), “muito entendida” (1), “muito apegado” (1), “muito estressado” (1), “muito obediente” (1), “muito agressivo” (1), “muito sistemático” (1), “muito caridosa” (1), “muito inducado” (1), “muito cuidado” (1), “muito lerdão” (1): (*Types*: 31; *Tokens*: 45)

Dificuldade – “muito difícil ~ difíci” (45), “muito fáci” (3)”, “muito dificultoso” (2), “muito simples” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 51)

Similaridade – “muito diferente” (4): (*Types*: 1; *Tokens*: 4)

Qualificação – “muito comum” (2), “muito certo” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 3)

Quantificação – “muito poca” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Posição – “muito longe” (2), “muito perto” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 3)

Religião – “muito religioso(a) (5)”, “muito catorco” (1), “muito abençoado” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 7)

A Tabela 14, a seguir, mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *muito* em Luisburgo. Os dados apontam que, nos dados rurais, o intensificador “muito” se combina com 11 tipos semânticos diferentes de adjetivos: *dimensão*, *idade*, *valor*, *propensão física*, *propensão humana*, *dificuldade*, *similaridade*, *qualificação*, *quantificação*, *posição* e *religião*. Nessa distribuição, as classes que mais abarcam *types*, ou seja, mais combinações diferentes, são propensão humana (31 *types*) e valor (20 *types*). Já o maior número de *tokens* se insere na classe valor (102 *tokens*), seguida da classe dificuldade (51 *tokens*) e propensão humana (45 *tokens*). Conforme visto na distribuição, duas combinações mostraram-se muito recorrentes, “muito bom”, com 66 ocorrências, da classe valor, e “muito difícil”, com 45 ocorrências, da classe dificuldade.

Tabela 14 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *muito* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Dimensão	3	10
2.	Idade	3	8
3.	Valor	20	102
4.	Propriedade física	11	13
5.	Propensão humana	31	45
6.	Dificuldade	4	51
7.	Similaridade	1	4
8.	Qualificação	2	3
9.	Quantificação	1	1
10.	Posição	2	3
11.	Religião	3	7

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

II. Classes Semânticas dos adjetivos com o intensificador *muito* nos dados urbanos:

Dimensão (mensurável e graduável) – “muito grande” (18), “muito pequena ~ pequenininha” (3), “muito alta” (1), “muito baixinha” (1), “muito maior” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 24)

Idade – “muito novo(a) ~ novinho” (7), “muito jovem ~ jovens” (2), muito antigo” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 10)

Valor – “muito bom ~ boa ~ boas” (26), “muito bonito ~ bonita(s)” (6), “muito interessante” (5), “muito bravo(a)” (4), “muito gostoso(a)” (4), “muito ruim” (4), “muito engraçado ~ engraçadinho” (3), “muito pobre(s)” (3), “muito triste” (3), “muito conhecido(a)” (3), “muito unido(s)” (2), “muito perdido(a)” (2), “muito rico(s)” (2), “muito importante” (2), “muito pacata” (2), “muito famosa” (2), “muito rigoroso(a)” (2), “muito confundido” (1), “muito desentoadas” (1), “muito parecida” (1), “muito limitada” (1), “muito penoso” (1), “muito raro” (1), “muito feliz” (1), “muito marcantes” (1), “muito feminina” (1), “muito olhado” (1), “muito chique” (1), “muito vaga” (1), “muito frequentada” (1), “muito rústica” (1), “muito fascinante” (1), “muito combatível” (1), “muito excêntrica” (1), muito movimentada” (1), “muito divertida” (1), “muito militar” (1), “muito discreta” (1), “muito batidas” (1), “muito especial” (1), “muito primitivo” (1), “muito modesta” (1), “muito intensa” (1), “muito organizado” (1), “muito econômico” (1), “muito ligado” (1): (*Types*: 46; *Tokens*: 104)

Propriedade física – “muito doente” (2), “muito forte” (2), “muito bem-feito” (2), “muito fraco” (1), “muito suja” (1), “muito tratada” (1), “muito cansado” (1): (*Types*: 7; *Tokens*: 10)

Propensão humana – “muito inteligente” (6), “muito estudioso(a)” (2), “muito amigo(a)” (2), “muito preso” (2), “muito sóbrios(a)” (2), “muito espirituoso” (1), “muito perito” (1), “muito relacionado” (1), “muito considerado” (1), “muito amolado” (1), “muito justo” (1), “muito habilidosa” (1), “muito levada” (1), “muito enérgica” (1), “muito tosco” (1), “muito vagabundo” (1), “muito entusiasmado”, (1), “muito perseguido” (1), “muito competente” (1), “muito apaixonada” (1), “muito ocupado” (1), “muito animado” (1), “muito carinhoso” (1), “muito acomodada” (1), “muito só” (1), “muito relaxada” (1), “muito vadia” (1), “muito trabalhador” (1), “muito mal-educados” (1), “muito virtuosos” (1), “muito ativa” (1), “muito atrasada” (1), “muito jeitosa” (1), “muito sábio” (1), “muito simpática” (1), “muito culta” (1), “muito piedoso” (1): (*Types*: 37; *Tokens*: 46)

Dificuldade – “muito difícil” (7), “muito simples” (2), “muito apertado(a)” (2), “muito duro” (1), “muito grave” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 13)

Similaridade – “muito diferente” (3): (*Types*: 1; *Tokens*: 3)

Qualificação – “muito comum” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Posição – “muito longe” (1), “muito pertinho” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Religião – “muito católico(a)” (2), “muito religioso(a)” (2): (*Types*: 2; *Tokens*: 4)

A Tabela 15, a seguir, informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *muito*, em Belo Horizonte. Os dados expressos na tabela mostram que o intensificador “muito” se combina com 10 classes semânticas diferentes de adjetivos nos dados urbanos: *dimensão*, *idade*, *valor*, *propensão física*, *propensão humana*, *dificuldade*, *similaridade*, *qualificação*, *posição* e *religião*. A maioria de *types* e *tokens* está inserida nas classes valor (46 *types*; 104 *tokens*) e propensão humana (37 *types*; 46 *tokens*). Na distribuição das combinações desses dados, duas se mostraram mais recorrentes, “muito bom”, com 26 ocorrências, da classe valor, e “muito grande”, com 18 ocorrências, da classe dimensão.

Tabela 15 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *muito* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Dimensão	5	24
2.	Idade	3	10
3.	Valor	46	104
4.	Propriedade física	7	10
5.	Propensão humana	37	46
6.	Dificuldade	5	13
7.	Similaridade	1	3
8.	Qualificação	1	1
9.	Posição	2	2
10.	Religião	2	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

III. Classes Semânticas dos adjetivos com o intensificador *mais* nos dados rurais:

Dimensão (mensurável e graduável) – “mais piqueno(a)” (2), “mais grande” (1), “mais baxim” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 4)

Idade – “mais velho(a) ~ véio(a) ~ véi ~ veizim” (25), “mais novo(a)” (19), “mais jove” (1), “mais antigo” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 46)

Valor – “mais controlado” (2), “mais importante” (2), “mais rui” (1), “mais estranho” (1), “mais bem-arrumada” (1), “mais bruta” (1), “mais séria” (1), “mais rico” (1), “mais bunita” (1), “mais esquisita” (1): (*Types*: 10; *Tokens*: 12)

Propriedade física – “mais forte” (3), “mais fôco” (1), “mais madura” (1), “mais separado” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 6)

Propensão humana – “mais criança” (2), “mais chegado” (1), “mais injuado” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 4)

Dificuldade – “mais difíci” (6), “mais fáci” (5): (*Types*: 2; *Tokens*: 11)

Posição – “mais perto” (2), “mais longe” (2): (*Types*: 2; *Tokens*: 4)

A Tabela 16, a seguir, traz o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *mais*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o intensificador “mais” se combina com 7 classes diferentes de adjetivos nos dados rurais: *dimensão*, *idade*, *valor*, *propriedade física*, *propensão humana*, *dificuldade* e *posição*. Também apontam que a classe valor é a que possui mais *types* (10) e a classe idade é a que possui mais *tokens* (46). Conforme a distribuição das combinações, duas se destacam: “mais velho”, com 25 ocorrências, e “mais novo”, com 19 ocorrências, ambos da classe idade.

Tabela 16 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *mais* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Dimensão	3	4
2.	Idade	4	46
3.	Valor	10	12
4.	Propriedade física	4	6
5.	Propensão humana	3	4
6.	Dificuldade	2	11
7.	Posição	2	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IV. Classes Semânticas dos adjetivos com o intensificador *mais* nos dados urbanos:

Dimensão (mensurável e graduável) – “mais alto” (1), “mais comprido” (1), “mais curtinho” (1), “mais largo” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 4)

Idade – “mais velho(a)” (27), “mais nova(s)” (3), “mais jovens” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 31)

Valor – “mais caro” (4), “mais atrasada(s)” (2), “mais barato” (2), “mais bonito ~ bonitinha” (2), “mais retirada” (1), “mais sérios (as)” (2), “mais comportadinho” (1), “mais bem-vestidinha” (1), “mais olhado” (1), “mais interessante” (1), “mais de mau gosto” (1), “mais feio” (1), “mais chique” (1), “mais linda” (1), “mais triste” (1), “mais voltada” (1), “mais culta” (1), “mais importante” (1), “mais leve” (1), “mais elevada” (1): (*Types*: 21; *Tokens*: 27)

Propriedade física – “mais magrinhas” (1), “mais aberto” (1), “mais amplo” (1), “mais pesada” (1), “mais grosso” (1), “mais fortes” (1), “mais cheia” (1), “mais arredondado” (1): (*Types*: 8; *Tokens*: 8)

Propensão humana – “mais sociável” (1), “mais disposto” (1), “mais dedicado” (1), “mais resguardadas” (1), “mais genioso” (1), “mais modesto” (1), “mais amigas” (1), “mais inteligente” (1): (*Types*: 8; *Tokens*: 8)

Dificuldade – “mais fácil” (4), “mais simples” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 5)

Posição – “mais perto” (2), “mais central” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 3)

A Tabela 17, na sequência, informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *mais*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que o intensificador “mais” aparece combinado com 7 classes de adjetivos nos dados urbanos: *dimensão*, *idade*, *valor*, *propriedade física*, *propensão humana*, *dificuldade* e *posição*. Destas, a classe valor abarca mais itens diferentes com 21 *types*. Já a classe idade tem o maior número de *tokens* (31), seguida da classe valor com 27 *tokens*. Retomando a distribuição das combinações, vemos que a combinação mais recorrente é da classe idade: “mais velho”, com 27 ocorrências.

Tabela 17 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *mais* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	Types	Tokens
1.	Dimensão	4	4
2.	Idade	3	31
3.	Valor	21	27
4.	Propriedade física	8	8
5.	Propensão humana	8	8
6.	Dificuldade	2	5
7.	Posição	2	3

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

V. Classes Semânticas dos adjetivos com o intensificador *bem* nos dados rurais:

Dimensão – “bem grande” (1): (Types: 1; Tokens: 1)

Idade – “bem novo ~ novim” (4), “bem véi’~ véia” (3): (Types: 2; Tokens: 7)

Valor – “bem bão ~ boa” (4), “bem arrumadinha” (1), “bem oiado” (1), “bem atrasado” (1), “bem acabado” (1): (Types: 5; Tokens: 8)

Propriedade física – “bem apertado ~ apertadim” (2), “bem duente” (1): (Types: 2; Tokens: 3)

Velocidade – “bem rápido” (1): (Types: 1; Tokens: 1)

Dificuldade – “bem difícil” (1): (Types: 1; Tokens: 1)

Qualificação – “bem certo” (1): (Types: 1; Tokens: 1)

Posição – “bem perto” (1), “bem longe” (1): (Types: 2; Tokens: 2)

A seguir, a Tabela 18 indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *bem*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o intensificador “bem” se combina com 8 classes diferentes de adjetivos nos rurais: *dimensão*, *idade*, *valor*, *propriedade física*, *velocidade*, *dificuldade*, *qualificação* e *posição*. A classe valor é um pouco mais numerosa, totalizando 8 *tokens*, juntamente com a classe idade que possui 7 *tokens*. Conforme já foi dito, esse intensificador é mais frequente nos dados rurais, logo apresenta um maior número de tipos semânticos de adjetivos combinados com esse intensificador.

Tabela 18 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *bem* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Dimensão	1	1
2.	Idade	2	7
3.	Valor	5	8
4.	Propriedade física	2	3
5.	Velocidade	1	1
6.	Dificuldade	1	1
7.	Qualificação	1	1
8.	Posição	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VI. Classes semânticas dos adjetivos com o intensificador *bem* nos dados urbanos:

Dimensão (mensurável e graduável) – “bem grande” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Idade – “bem (mais) velha” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Valor – “bem brava” (1), “bem rígida” (1), “bem (mais) leve” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 3)

Propriedade física – “bem grossa” (1), “bem quentinha” (1), “bem cozida” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 3)

A Tabela 19, a seguir, aponta o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *bem*, nos dados urbanos. Conforme os dados da tabela, em Belo Horizonte, o intensificador “bem” se combina com 4 classes semânticas diferentes de adjetivos: *dimensão*, *idade*, *valor* e *propriedade física*. Como se observa, os dados urbanos possuem menos tipos semânticos de adjetivos em relação aos dados rurais com esse intensificador.

Tabela 19 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *bem* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	Types	Tokens
1.	Dimensão	1	1
2.	Idade	1	1
3.	Valor	3	3
4.	Propriedade física	3	3

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VII. Classes semânticas dos adjetivos com o intensificador *tão* nos dados rurais:

Valor – “tão bão” (2), “tão diferente” (2), “tão rui” (1), “tão tranquilo” (1), “tão preciosa” (1), “tão gostosa” (1): (*Types*: 6; *Tokens*: 8)

Propriedade física – “tão fresquim” (1): (*Types*:1; *Tokens*: 1)

Propensão humana – “tão satisfeito” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 20 apresenta o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *tão*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o intensificador “tão” se combina com 3 classes de semânticas de adjetivos nos dados rurais: *valor*, *propriedade física* e *propensão humana*. A classe *valor* é a que possui mais ocorrências, com 6 *types* e 8 *tokens*. Esse intensificador, conforme já foi dito, é menos frequente nos dados rurais.

Tabela 20 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *tão* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	Types	Tokens
1.	Valor	6	8
2.	Propriedade física	1	1
3.	Propensão humana	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VIII. Classes semânticas dos adjetivos com o intensificador *tão* nos dados urbanos:

Dimensão (mensurável e graduável) – “tão grande” (4), “tão pequeninha ~ pequeninas” (2): (*Types*: 2; *Tokens*: 6)

Valor – “tão bonito (a)” (2), “tão engraçado” (1), “tão maravilhoso” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 4)

Propriedade física – “tão forte” (1), “tão grossa” (1), “tão esgotado” (1), “tão cacheado” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 4)

Propensão humana – “tão desentoadada” (1), “tão encantada” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Velocidade – “tão súbita” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Qualificação – “tão comum” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 21, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *tão*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que o intensificador “tão” aparece combinado com 6 classes de adjetivos: *dimensão*, *valor*, *propriedade física*, *propensão humana*, *velocidade* e *qualificação*. A classe propriedade física possui mais itens diferentes, com 4 *types*, enquanto a classe dimensão apresenta mais recorrências com 6 *tokens*. Como já demonstrado, esse intensificador é mais recorrente nos dados urbanos e, portanto, apresenta mais tipos semânticos para os adjetivos.

Tabela 21 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *tão* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Dimensão	2	6
2.	Valor	3	4
3.	Propriedade física	4	4
4.	Propensão humana	2	2
5.	Velocidade	1	1
6.	Qualificação	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IX. Classes semânticas dos adjetivos com o intensificador *dimais* nos dados rurais:

Valor – “bão ~ boa dimais” (4), “dismazelada dimais” (1), “caro dimais” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 6)

Propensão humana – “trabaiadô dimais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Dificuldade – “difíci’ dimais” (4): (*Types*: 1; *Tokens*: 4)

A Tabela 22, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *demais*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o intensificador “demais” se combina com 3 classes de adjetivos: *valor*, *propensão humana* e *dificuldade*. Conforme se observa, a classe valor possui mais ocorrências com 3 *types* e 6 *tokens*. Esse intensificador é mais característico nos dados rurais, como já exposto.

Tabela 22 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *demais* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Valor	3	6
2.	Propensão humana	1	1
3.	Dificuldade	1	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

X. Classes Semânticas dos adjetivos com o intensificador *demais* nos dados urbanos:

Valor – “bom demais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Propriedade física – “quente demais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 23, na sequência, informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *demais*, em Belo Horizonte. Os dados urbanos constantes na tabela mostram que o intensificador “demais”, aparece combinado com duas classes diferentes de adjetivos: *valor* e *propriedade física*. Esse intensificador é pouco expressivo nos dados urbanos, com poucas ocorrências, como já dito anteriormente.

Tabela 23 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *demais* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Valor	1	1
2.	Propriedade física	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

XI. Classes semânticas dos adjetivos com o intensificador *bastante* nos dados rurais:

Propensão humana – “bastante lerdo” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 24 dispõe o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o intensificador *bastante* em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o intensificador “bastante” possui apenas uma combinação com o adjetivo da classe *propensão humana*. Nos dados urbanos, conforme já foi dito, não houve combinações desse intensificador com o adjetivo. Trata-se de um intensificador pouco expressivo em ambos os *corpora*, com o menor número de ocorrência dentre os intensificadores.

Tabela 24 – Tipo semântico do adjetivo combinado com *bastante* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Propensão humana	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A subseção a seguir traz a análise da classificação dos tipos semânticos dos adjetivos com relação aos atenuadores.

4.4.2 Os atenuadores e as classes semânticas dos adjetivos

Os atenuadores, por ordem de frequência de ocorrência, são *quase*, *meio* e *pouco*. Nesta subseção, a classificação dos escopos segue essa mesma ordem de apresentação. Conforme já foi dito, os itens *quase* e *pouco* coocorrem mais com verbos e *meio* preferencialmente com adjetivos. Já o atenuador *pouco* não ocorre combinado com o adjetivo nos dados. Além disso, as combinações com esse atenuador são mais numerosas nos dados rurais.

I. Classes semânticas dos adjetivos com o atenuador *quase* nos rurais:

Propriedade física - “quais’ cego” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

A Tabela 25, a seguir, informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o atenuador *quase*, em Luisburgo. Conforme os dados da tabela, o atenuador “quase” aparece combinado com um adjetivo da classe *propriedade física*.

Tabela 25 – Tipo semântico do adjetivo e o atenuador *quase* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	Types	Tokens
1.	Propriedade física	1	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

II. Classes semânticas dos adjetivos com o atenuador *quase* nos urbanos:

Valor – “quase que esquecidos” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 26 aponta o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o atenuador *quase*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o atenuador “quase” possui uma combinação com um adjetivo da classe valor.

Tabela 26 – Tipo semântico do adjetivo e o atenuador *quase* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	Types	Tokens
1.	Valor	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

III. Classes semânticas dos adjetivos com o atenuador *meio* nos rurais:

Idade – “mei’ novo” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Valor – “mei’ malarrumada” (1), “mei’ quetinha” (1), “mei’ isquisita” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 3)

Propriedade física – “mei’ duente” (3), “mei’ dura” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 4)

Propensão humana – “mei’ avexado” (1), “mei’ sistemática” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Dificuldade – “mei’ difíci” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Similaridade – “meia diferente” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 27, a seguir, traz o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o atenuador *meio*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o atenuador “meio” aparece combinado com 6 classes de adjetivos nos dados rurais: *idade*, *valor*, *propriedade física*, *propensão humana*, *dificuldade* e *similaridade*. Como se vê, esse atenuador apresenta variados tipos semânticos de adjetivos nos dados rurais.

Tabela 27 – Tipo semântico do adjetivo e o atenuador *meio* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Idade	1	1
2.	Valor	3	3
3.	Propriedade física	2	4
4.	Propensão humana	2	2
5.	Dificuldade	1	1
6.	Similaridade	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IV. Classes semânticas dos adjetivos com o atenuador *meio* nos urbanos:

Idade – “meio velha” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Valor – “meio ruim” (1), “meio boba” (1), “meio esquisitos” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 3)

Propensão humana – “meio malvistas” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 28 informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do adjetivo combinado com o atenuador *meio*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o atenuador “meio” aparece combinado com 3 classes de adjetivos: *idade*, *valor* e *propensão humana*.

Tabela 28 – Tipo semântico do adjetivo e o atenuador *meio* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do adjetivo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Idade	1	1
2.	Valor	3	3
3.	Propensão humana	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A próxima seção traz a classificação sintático-semântica dos verbos, conforme a categorização de Garcia (2004).

4.4.3 Os intensificadores e as classes sintático-semânticas dos verbos

Os verbos são a segunda categoria que mais se correlacionam com os intensificadores nos dados. Nesta subseção, a distribuição dos verbos em tipos sintático-semânticos (semânticos) também segue a ordem de frequência de ocorrência dos intensificadores, *muito*, *mais*, *bem*, *demais* e *bastante*, com os quais realizam a combinação. O intensificador *tão* não ocorre com verbos, conforme já mencionado.

I. Classes semânticas dos verbos com o intensificador muito nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “gostar muito” (26), “sofrer muito” (10), “respeitar muito” (2), “brincar muito” (2), “rezar muito” (1), “estudar muito” (1), “marcar muito” (1), “importar muito” (1), “(a)borrecer muito” (1), “entender muito” (1), “ver muito” (1), “caprichar muito” (1), “conhecer muito” (1), “guardar muito” (1), “doer muito” (1), “esconder muito” (1), “acreditar muito” (1): (*Types*: 17; *Tokens*: 53)

Verbos relacionais comunicativos: “conversar muito” (2), “falar muito” (2): (*Types*: 2; *Tokens*: 4)

Verbos relacionais delimitativos: “demorar muito” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

Verbos ativos operativos: “(a)judar muito” (15), “usar muito” (4): (*Types*: 2; *Tokens*: 19)

Verbos ativos descritivos: “minguar muito” (1), “diminuir muito” (1), “crescer muito” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 3)

Verbos ativos meteorológicos: “esquentar muito” (1), “chover muito” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Verbos ativos efetivos: “trabalhar muito” (14), “relaxar muito” (1), “comer muito” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 16)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “corrigir muito” (2), “lutar muito” (2), “incomodar muito” (1), “segurar muito” (1), “forçar muito” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 7)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “ir muito” (10), “sair muito” (3), “passar muito” (3), “mudar muito” (2), “vir muito” (1), “negociar muito” (1): (*Types*: 6; *Tokens*: 20)

A Tabela 29, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *muito*, em Luisburgo. Os dados rurais expressos na tabela mostram que 9 tipos semânticos de verbo são combinados com o intensificador *muito*: 3 tipos relacionais: *afetivos*, *comunicativos* e *delimitativos* e 6 tipos ativos: *operativos*, *descritivos*,

meteorológicos, efetivos, efetivos-relacionais e transferenciais/transmutativos. Destas, a classe dos relacionais afetivos é a que abarca um número maior de *types* (17) e também o maior número de *tokens* (53). Outros tipos também figuram entre os mais recorrentes, os transferenciais ou transmutativos com 20 *tokens*, os operativos com 19 *tokens*, e os efetivos com 16 *tokens*. Na distribuição das combinações, podemos observar que as mais frequentes “gostar muito”, com 26 ocorrências, e “sofrer muito”, com 10 ocorrências, estão na classe dos afetivos. Já as outras combinações recorrentes “(a)judar muito”, com 15 ocorrências, “trabalhar muito”, com 14 ocorrências, e “ir muito”, com 10 ocorrências, encontram-se, respectivamente, nas classes dos operativos, efetivos e transferenciais/transmutativos.

Tabela 29 – Tipo semântico do verbo combinado com *muito* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais afetivos	17	53
2.	Relacionais comunicativos	2	4
3.	Relacionais delimitativos	1	2
4.	Ativos operativos	2	19
5.	Ativos descritivos	3	3
6.	Ativos meteorológicos	2	2
7.	Ativos efetivos	3	16
8.	Ativos efetivos-relacionais	5	7
9.	Ativos transferenciais ou transmutativos	6	20

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

II. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *muito* nos dados urbanos:

Verbos relacionais afetivos: “gostar muito” (19), “querer muito” (2), “marcar muito” (2), “estudar muito” (1), “brincar muito” (1), “sofrer muito” (1), “lembrar-se muito” (1), “salientar-se muito” (1), “estranhar muito” (1), “aprender muito” (1), “esforçar-se muito” (1), “chocar muito” (1), “sentir muito” (1), “relaxar muito” (1): (*Types*: 14; *Tokens*: 34)

Verbos relacionais comunicativos: “falar muito” (2), “conversar muito” (1), “recomendar muito” (1), “contar muito” (1), “registrar muito” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 6)

Verbos relacionais condicionais: “depender muito” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos operativos: “adaptar muito” (3), “tratar muito” (1), “ajudar muito” (1), “usar muito” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 6)

Verbos ativos descritivos: “cansar muito” (1), “rir muito” (1), “subir muito” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 3)

Verbos ativos meteorológicos: “ventar muito” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos incoativos: “desenvolver muito” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos efetivos: “trabalhar muito” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

Verbos ativos descritivos-relacionais: “frequentar muito” (1), “pular muito” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “judiar muito” (2), “abusar muito” (1), “brigar muito” (1), “agarrar muito” (1), “combinar muito” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 6)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “ir muito” (9), “mudar muito” (3), “vir muito” (2), “sair muito” (1), “voltar muito” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 16)

A Tabela 30 mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *muito*, em Belo Horizonte. Conforme a tabela, nos dados urbanos, o intensificador *muito* aparece combinado com 11 tipos de verbos: 3 tipos relacionais: *afetivos*, *comunicativos* e *condicionais*, e 8 tipos ativos: *operativos*, *descritivos*, *meteorológicos*, *incoativos*, *afetivos*, *descritivos-relacionais*, *efetivos-relacionais* e *transferenciais/transmutativos*. A classe dos verbos relacionais afetivos possui 14 *types* que totalizam 34 *tokens*. A classe dos *transferenciais/transmutativos* também é recorrente, com 16 *tokens*. Na distribuição das combinações, podemos observar que as mais frequentes são: “gostar muito”, com 19 ocorrências, e “ir muito”, com 9 ocorrências, encontram-se nas classes dos relativos afetivos e nos ativos transferenciais, respectivamente.

Tabela 30 – Tipo semântico do verbo combinado com *muito* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	Types	Tokens
1.	Relacionais afetivos	14	34
2.	Relacionais comunicativos	5	6
3.	Relacionais condicionais	1	1
4.	Ativos operativos	4	6
5.	Ativos descritivos	3	3
6.	Ativos meteorológicos	1	1
7.	Ativos incoativos	1	1
8.	Ativos efetivos	1	2
9.	Ativos descritivos- relacionais	2	2
10.	Ativos efetivos-relacionais	5	6
11.	Ativos transferenciais ou transmutativos	5	16

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

III. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *mais* nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “cuidar mais” (1), “gostar mais” (1), “olhar mais” (1), “ver mais” (1), “sentir mais” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 5)

Verbos relacionais comunicativos: “conversar mais” (1), “contar mais” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Verbos ativos descritivos: “crescer mais” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

Verbos ativos incoativos: “melhorar mais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos efetivos: “trabalhar mais” (2), “puxar mais” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 3)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “ir mais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 31 informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *mais*, em Luisburgo. Os dados expressos na tabela mostram que, nos dados rurais, há 6 tipos semânticos de verbos, combinados com o intensificador *mais*: 2 tipos relacionais: *afetivos* e *comunicativos*, e 4 tipos ativos: *descritivos*,

incoativos, efetivos e transferenciais/ transmutativos. A classe dos afetivos é a que possui mais tipos, com 5 *types*. Como se observa, a classes de verbos com o intensificador “mais” não possui uma alta recorrência.

Tabela 31 – Tipo semântico do verbo combinado com *mais* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais afetivos	5	5
2.	Relacionais comunicativos	2	2
3.	Ativos descritivos	1	2
4.	Ativos incoativos	1	1
5.	Ativos efetivos	2	3
6.	Ativos transferenciais ou transmutativos	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IV. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *mais* nos dados urbanos:

Verbos relacionais afetivos: “gostar mais” (3), “saber mais” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 4)

Verbos ativos descritivos: “crescer mais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos incoativos: “evoluir mais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “bater mais” (1), “apanhar mais” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “comprar mais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 32 mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *mais*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela indicam que, nos dados urbanos, o intensificador *mais* combina-se com 5 tipos de verbos: um tipo *relacional afetivo*; e 4 tipos ativos: *descritivos, incoativos, efetivos-relacionais e transferenciais/ transmutativos*. Destes, os afetivos possuem mais ocorrências, com 4 *tokens*.

Tabela 32 – Tipo semântico do verbo combinado com *mais* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	Types	Tokens
1.	Relacionais afetivos	2	4
2.	Ativos descritivos	1	1
3.	Ativos incoativos	1	1
4.	Ativos efetivos-relacionais	2	2
5.	Ativos transferenciais ou transmutativos	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

V. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *bem* nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “aguentar bem” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos relacionais delimitativos: “custar bem” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “amolar bem” (1), “castigar bem” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

A Tabela 33, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *bem*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que o intensificador *bem* combina-se com 3 tipos diferentes de verbos: 2 relacionais, *afetivos* e *delimitativos*, e um tipo ativo *efetivo-relacional*.

Tabela 33 – Tipo semântico do verbo combinado com *bem* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	Types	Tokens
1.	Relacionais afetivos	1	1
2.	Relacionais delimitativos	1	1
3.	Ativos efetivos-relacionais	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VI. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *bem* nos dados urbanos:

Verbos ativos incoativos: “melhorar bem” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 34, na sequência, informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *bem*, em Belo Horizonte. Os dados constantes na tabela mostram que o intensificador *bem* possui apenas uma ocorrência, pertencente à classe dos *ativos incoativos*.

Tabela 34 – Tipo semântico do verbo combinado com *bem* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Ativos incoativos	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VII. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *demais* nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “gostar demais” (5), “sofrer demais” (4), “brincar demais” (2), “doer demais” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 12)

Verbos relacionais comparativos: “parecer demais” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

Verbos ativos operativos: “(a)judar demais” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “lutar demais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 35 traz o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *demais*, em Luisburgo. Os dados da tabela indicam que, nos dados rurais, o intensificador *demais* aparece combinado com 4 classes de verbos: 2 tipos relacionais, *afetivos* e *comparativos*, e 2 tipos ativos: *operativos* e *efetivos-relacionais*. Como se observa, a classe dos *relacionais afetivos* é a mais numerosa: são 4 *types*, que totalizam 12 *tokens*.

Tabela 35 – Tipo semântico do verbo combinado com *demais* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais afetivos	4	12
2.	Relacionais comparativos	1	2
3.	Ativos operativos	1	2
4.	Ativos efetivos-relacionais	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VIII. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *demais* nos dados urbanos:

Verbos ativos descritivos: “latir demais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 36, a seguir, traz o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *demais*, em Belo Horizonte. Os dados dispostos na tabela mostram que o intensificador *demais* possui somente uma combinação com o verbo pertencente à classe dos *ativos descritivos*. Esse tipo semântico inclui os verbos que expressam vozes dos animais, que é o caso do verbo “latir”. Como já dito, esse intensificador apresenta pouquíssimos casos nos dados urbanos.

Tabela 36 – Tipo semântico do verbo combinado com *demais* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Ativos descritivos	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IX. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *bastante* nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “gostar bastante” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos relacionais comunicativos: “conversar bastante” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “amolar bastante” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 37 abaixo indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *bastante*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que, nos dados rurais, o intensificador *bastante* combina-se com 3 tipos de verbos: 2 da classe dos relacionais, *afetivos* e *comunicativos*, e um da classe dos *efetivos-relacionais*.

Tabela 37 – Tipo semântico do verbo combinado com *bastante* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais afetivos	1	1
2.	Relacionais comunicativos	1	1
3.	Ativos efetivos-relacionais	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

X. Classes semânticas dos verbos com o intensificador *bastante* nos dados urbanos:

Verbos relacionais afetivos: “olhar bastante” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos incoativos: “melhorar bastante” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos descritivos-relacionais: “andar bastante” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 38, a seguir, expõe o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o intensificador *bastante*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o intensificador *bastante* combina-se com 3 tipos de verbos: um da classe dos verbos relacionais *afetivos*, e 2 da classe dos ativos, *incoativos* e *descritivos-relacionais*.

Tabela 38 – Tipo semântico do verbo combinado com *bastante* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais afetivos	1	1
2.	Ativos incoativos	1	1
3.	Ativos descritivos-relacionais	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Realizada a classificação dos tipos de verbos em relação aos intensificadores, a subseção seguinte dá prosseguimento a essa classificação, trazendo a distribuição dos tipos semânticos dos verbos em relação aos atenuadores.

4.4.4 Os atenuadores e as classes sintático-semânticas dos verbos

Os atenuadores, como já foi demonstrado, ocorrem com mais frequência com verbos, seguido dos adjetivos e dos advérbios. A distribuição das combinações entre verbos e atenuadores segue a ordem de frequência de ocorrência nos dados que é *quase* e *pouco*. *Meio* não ocorre nos dados com verbos.

I. Classes semânticas dos verbos com o atenuador *quase* nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “quase não lembrar” (1), “quase não aguentar” (1), “quase não ver” (1), “quase não conhecer” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 4)

Verbos relacionais condicionais: “quase precisar” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos descritivos: “quase morrer” (3): (*Types*: 1; *Tokens*: 3)

Verbos ativos efetivos-relacionais: “quase completar” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “quase sair” (1), “quase não vir” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

A Tabela 39, a seguir, mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o atenuador *quase*, em Luisburgo. Os dados da tabela demonstram que, nos dados rurais, o atenuador *quase* aparece combinado com 5 tipos de verbos: 2 tipos relacionais, *afetivos* e *condicionais*, e 3 tipos ativos, *descritivos*, *efetivos-relacionais* e *transferenciais/transmutativos*. Dentre estes, a classe dos verbos relacionais afetivos possui um maior número de combinações, com 4 *types* que correspondem a 4 *tokens*. Na distribuição de combinações, uma mesma combinação da classe dos descritivos (*quase morrer*) se repete 3 vezes.

Tabela 39 – Tipo semântico do verbo e o atenuador *quase* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais afetivos	4	4
2.	Relacionais condicionais	1	1
3.	Ativos descritivos	1	3
4.	Ativos efetivos-relacionais	1	1
5.	Ativos transferenciais ou transmutativos	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

II. Classes semânticas dos verbos com o atenuador *quase* nos dados urbanos:

Verbos relacionais possessivos: “quase não ter” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos relacionais afetivos: “quase não se lembrar” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos descritivos: “quase morrer” (1), “quase se ajoelhar” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “quase não sair” (1), “quase não ir” (1):
(*Types*: 2; *Tokens*: 2)

A Tabela 40, a seguir, traz o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o atenuador *quase*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o atenuador *quase* aparece combinado com 3 tipos de verbos: 2 da classe dos relacionais, *possessivos* e *afetivos*, e 2 da classe dos ativos, *descritivos* e *transferenciais/transmutativos*.

Tabela 40 – Tipo semântico do verbo e o atenuador *quase* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Relacionais possessivos	1	1
2.	Relacionais afetivos	1	1
3.	Ativos descritivos	2	2
4.	Ativos transferenciais ou transmutativos	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

III. Classes semânticas dos verbos com o atenuador *pouco* nos dados rurais:

Verbos relacionais afetivos: “conversar pouco” (2), “estudar pouco” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 3)

Verbos relacionais delimitativos: “durar pouco” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “sair pouco” (1), “dar pouco” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

A seguir, a Tabela 41 informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o atenuador *pouco*, em Luisburgo. Os dados expressos na tabela mostram que, nos dados rurais, o atenuador *pouco* ocorre com 3 tipos verbais: 2 da classe dos relacionais, *afetivos* e *delimitativos*, e um tipo da classe dos ativos, *transferenciais/transmutativos*.

Tabela 41 – Tipo semântico do verbo e o atenuador *pouco* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do verbo	Types	Tokens
1.	Relacionais afetivos	2	3
2.	Relacionais delimitativos	1	1
3.	Ativos transferenciais ou transmutativos	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IV. Classes semânticas dos verbos com o atenuador *pouco* nos dados urbanos:

Verbos relacionais designativos: “ficar pouco” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Verbos ativos transferenciais ou transmutativos: “vir pouco” (1), “ganhar pouco” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

A Tabela 42, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do verbo combinado com o atenuador *pouco*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela expõem que, nos dados urbanos, o atenuador *pouco* ocorre com 2 tipos de verbos: relacionais *designativos* e ativos *transferenciais/transmutativos*.

Tabela 42 – Tipo semântico do verbo e o atenuador *pouco* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do verbo	Types	Tokens
1.	Relacionais designativos	1	1
2.	Ativos transferenciais ou transmutativos	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A seção seguinte traz a classificação semântica dos advérbios que são tomados por escopos pelos graduadores nos dados.

4.4.5 Os intensificadores e as classes semânticas dos advérbios

Dentre as categorias que servem de escopos, os advérbios são as que menos realizam combinações com os intensificadores, conforme já dito. Esta subseção faz a distribuição dos tipos semânticos dos advérbios, seguindo a ordem de frequência dos intensificadores: *muito*, *mais*, *bem* e *tão*. *Demais* e *bastante* não ocorrem com advérbio nos *corpora*, conforme já exposto.

I. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *muito* nos dados rurais:

Predicadores qualificadores: “muito bem” (26), “muito male” (1), “muito dipressa” (1);
(*Types*: 3; *Tokens*: 28)

Predicadores graduadores: “muito poco” (3): (*Types*: 1; *Tokens*: 3)

Circunstanciais de tempo: “muito cedo” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Circunstanciais de lugar: “muito longe” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

A Tabela 43, a seguir, mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *muito*, em Luisburgo. Os dados rurais expressos na tabela indicam que o intensificador *muito* ocorre com 4 classes de advérbios: 2 tipos predicadores, *qualificadores* e *graduadores*, e 2 tipos circunstanciais: *de tempo* e *de lugar*. Dentre essas categorias, a classe dos qualificadores possui 3 *types* que totalizam 28 *tokens*. Na distribuição das combinações, podemos observar que a mais frequente é “muito bem”, com 26 ocorrências, da classe dos qualificadores.

Tabela 43 – Tipo semântico do advérbio combinado com *muito* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Predicadores qualificadores	3	28
2.	Predicadores graduadores	1	3
3.	Circunstanciais de tempo	1	1
4.	Circunstanciais de lugar	1	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

II. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *muito* nos dados urbanos:

Predicadores qualificadores: “muito bem” (9), “muito mal” (5), “muito pobremente” (1), “muito pitorescamente” (1): (*Types*: 4; *Tokens*: 16)

Predicadores graduadores: “muito pouco” (1), “muito mais” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Circunstanciais de lugar: “muito cedo” (3), “muito tarde” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 4)

A Tabela 44 indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *muito* , em Belo Horizonte. Os dados urbanos da tabela mostram que o intensificador *muito* ocorre com 3 classes semânticas: 2 tipos de predicadores, *qualificadores* e *graduadores* , e um tipo *circunstancial de lugar* . Dentre esses tipos, a classe dos qualificadores possui 4 *types* que totalizam 16 *tokens*. Na distribuição das combinações, a mais frequente é da classe dos qualificadores: “muito bem”, com 9 ocorrências.

Tabela 44 – Tipo semântico do advérbio combinado com *muito* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Predicadores qualificadores	4	16
2.	Predicadores graduadores	2	2
3.	Circunstanciais de tempo	2	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

III. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *mais* nos dados rurais:

Predicadores qualificadores: “mais dipressa”; “mais bem” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Predicadores graduadores: “mais poco” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

Circunstanciais de tempo: “mais tarde” (4), “mais ainda” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 5)

Circunstanciais de lugar: “mais perto” (4), “mais pra baxo” (3), “mais pra cima” (2), “mais pra riba” (1), “mais longe” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 11)

A Tabela 45, a seguir, traz o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *mais* , em Luisburgo. Os dados de rurais dispostos na tabela indicam que o intensificador *mais* ocorre com 4 classes semânticas de advérbios: 2 tipos predicadores, *qualificadores* e *graduadores* , e 2 tipos circunstanciais: *de tempo* e *de lugar* .

Dentre essas categorias, a classe dos circunstanciais de lugar possui 5 *types* que totalizam 11 *tokens*.

Tabela 45 – Tipo semântico do advérbio combinado com *mais* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Predicadores qualificadores	2	2
2.	Predicadores graduadores	1	2
3.	Circunstanciais de tempo	2	5
4.	Circunstanciais de lugar	5	11

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IV. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *mais* nos dados urbanos:

Circunstanciais de tempo: “mais tarde” (3), “mais ainda” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 6)

Circunstanciais de lugar: “mais longe” (1), “mais para baixo” (1), “mais para trás” (1), “mais na frente” (1), “mais em cima” (1): (*Types*: 5; *Tokens*: 5)

A Tabela 46 informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *mais*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o intensificador *mais* ocorre com os 2 tipos de circunstanciais: *de tempo*, com 2 *types* que totalizam 4 *tokens*, e *de lugar*, com 5 *types*, totalizando 5 *tokens*.

Tabela 46 – Tipo semântico do advérbio combinado com *mais* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Circunstanciais de tempo	2	4
2.	Circunstanciais de lugar	5	5

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

V. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *bem* nos dados rurais:

Circunstanciais de tempo: “bem cedo” (1), “bem tarde” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Circunstanciais de lugar: “bem (pra) cima ~ bem l’em cima” (4), “bem longim” (1), “bem perto” (1): (*Types*: 3; *Tokens*: 6)

A Tabela 47 abaixo indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *bem*, em Luisburgo. Os dados da tabela mostram que, nos dados rurais, o intensificador *bem* ocorre com os 2 tipos de circunstanciais: *de tempo*, com 2 *types* totalizando 2 *tokens*, e *de lugar*, com 4 *types* totalizando 6 *tokens*.

Tabela 47 – Tipo semântico do advérbio combinado com *bem* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Circunstanciais de tempo	2	2
2.	Circunstanciais de lugar	3	6

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VI. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *bem* nos dados urbanos:

Circunstanciais de tempo: “bem antes” (1) e “bem cedo” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Circunstanciais de lugar: “bem longe” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 48, a seguir, mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *bem*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela demonstram que o intensificador *bem*, nos dados urbanos, ocorre com os 2 tipos de circunstanciais: *de tempo*, com 2 *types*, perfazendo 2 *tokens*, e *de lugar*, com 1 *type*, perfazendo 1 *token*.

Tabela 48 – Tipo semântico do advérbio combinado com *bem* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Circunstanciais de tempo	2	2
2.	Circunstanciais de lugar	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VII. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *tão* nos dados rurais:

Predicadores qualificadores: “tão depressa” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 49 mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *tão*, em Luisburgo. Os dados da tabela indicam uma única ocorrência desse intensificador, com a classe dos advérbios qualificadores.

Tabela 49 – Tipo semântico do advérbio combinado com *tão* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Predicadores qualificadores	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

VIII. Classes semânticas dos advérbios com o intensificador *tão* nos dados urbanos:

Predicadores qualificadores: “tão bem” (1), “tão corrente” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

Circunstanciais de tempo: “tão logo” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

A tabela 50 informa o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o intensificador *tão*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o intensificador *tão* ocorre com 2 tipos de advérbios: *predicadores qualificadores*, com 2 *types*, totalizando 2 *tokens*, e *circunstanciais de tempo*, com 1 *type*, totalizando 2 *tokens*.

Tabela 50 – Tipo semântico do advérbio combinado com *tão* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Predicadores qualificadores	2	2
2.	Circunstanciais de tempo	1	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A subseção seguinte dá continuidade a essa classificação dos advérbios, trazendo a distribuição dos tipos semânticos em relação aos atenuadores.

4.4.6 Os atenuadores e as classes semânticas dos advérbios

Os atenuadores também coocorrem com menos frequência com os advérbios à maneira dos intensificadores. Conforme já descrito, essa classe de graduadores ocorre preferencialmente com verbos e adjetivos. Nesta seção, a análise dos tipos semânticos adverbiais é realizada com os atenuadores *quase* e *pouco*. *Meio* não ocorre nos dados com advérbios.

I. Classes semânticas dos advérbios com o atenuador *quase* nos dados rurais:

Circunstanciais de tempo: “quais’ diária” (1) e “quais’ direto” (1): (*Types*: 2; *Tokens*: 2)

A Tabela 51, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o atenuador *quase*, em Luisburgo. Segundo os dados da tabela, o atenuador *quase* ocorre com a classe dos advérbios *aspectualizadores*, com 2 *types*, totalizando 2 *tokens*.

Tabela 51 – Tipo semântico do advérbio e o atenuador *quase* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do advérbio	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
1.	Aspectualizadores	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

II. Classes semânticas dos advérbios com o atenuador *quase* nos dados urbanos:

Circunstanciais de tempo: “quase sempre” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Circunstanciais de lugar: “quase ali” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A Tabela 52, na sequência, mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o atenuador *quase*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela indicam que, nos dados urbanos, o atenuador *quase* se combina com os 2 tipos de *circunstanciais*, *de tempo* e *de lugar*, com 1 *type* e 1 *token* cada um.

Tabela 52 – Tipo semântico do advérbio e o atenuador *quase* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do advérbio	Types	Tokens
1.	Circunstanciais de tempo	1	1
2.	Circunstanciais de lugar	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

III. Classes semânticas dos advérbios com o atenuador *pouco* nos dados rurais:

Predicadores graduadores: “poco mais” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

Circunstanciais de lugar: “poco pra cima” (1): (*Types*: 1; *Tokens*: 1)

A seguir, a Tabela 53 mostra o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o atenuador *pouco*, em Luisburgo. Os dados expressos na tabela expõem que, nos dados rurais, o atenuador *pouco* ocorre com 2 tipos de advérbios: *predicadores graduadores* e *circunstanciais de lugar*, com apenas 1 *type* e 1 *token* cada um deles.

Tabela 53 – Tipo semântico do advérbio e o atenuador *pouco* nos dados rurais

Nº	Tipo semântico do advérbio	Types	Tokens
1.	Predicadores graduadores	1	1
2.	Circunstanciais de lugar	1	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

IV. Classes semânticas dos advérbios com o atenuador *pouco* nos dados urbanos:

Circunstanciais de tempo: “pouco depois” (2): (*Types*: 1; *Tokens*: 2)

A Tabela 54, a seguir, indica o número de *types* e de *tokens* do tipo semântico do advérbio combinado com o atenuador *pouco*, em Belo Horizonte. Os dados da tabela mostram que, nos dados urbanos, o atenuador *pouco* ocorre com um único tipo de advérbio da classe dos *circunstanciais de tempo*, com apenas 1 *type* que perfaz 2 *tokens*.

Tabela 54 – Tipo semântico do advérbio e o atenuador *pouco* nos dados urbanos

Nº	Tipo semântico do advérbio	Types	Tokens
1.	Circunstanciais de tempo	1	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Em decorrência dessa análise tipológica, podemos identificar que há um variado número de tipos semânticos presentes nas combinações entre graduadores e seus escopos em ambos os *corpora*. Uma maior recorrência ocorre com tipos semânticos mais gerais nas duas localidades, a saber, a classe semântica dos adjetivos de valor, propensão humana, idade e propriedade física, a classe semântica dos verbos afetivos e a classe semântica dos advérbios qualificadores. Há também algumas particularidades dos tipos semânticos dos escopos nas duas localidades: entre os adjetivos, a classe dificuldade ocorre mais nos dados rurais e a classe dimensão ocorre mais nos dados urbanos; entre os verbos, os operativos e os efetivos ocorrem com maior frequência nos dados rurais; entre os advérbios, os circunstanciais de lugar são mais frequentes nos dados rurais e os circunstanciais de tempo nos dados urbanos.

Como se pode observar, há combinações de itens específicos com características lexicais específicas que possuem alta frequência, tornando a forma mais enrijecida e esvaziada semanticamente, como é o caso de “muito bom”, “muito difícil”, “muito bem”, entre outras.

A seção a seguir traz uma análise das duas localidades pesquisadas, levando-se em conta o uso dos graduadores e a caracterização do contexto sociocultural do grupo de falantes.

4.5 Análise comparativa: o uso dos graduadores e o contexto sociocultural

Esta seção busca realizar uma análise comparativa dos dados rurais e dos dados urbanos, a fim de identificar se existem ou não padrões diferentes no uso dos graduadores nesses *corpora*. Com base nessa comparação, pretendemos correlacionar o repertório linguístico desses falantes às características socioculturais do grupo.

4.5.1 Os advérbios graduadores na fala rural e na fala urbana

Procederemos agora à comparação das análises apresentadas para os dados das duas localidades, ou seja, os dados rurais e os urbanos, com o intuito de caracterizar o uso dos graduadores nos dois *corpora*, ora identificando traços comuns, ora traços distintivos. Uma comparação dos resultados dessa análise quantitativa de cada um dos *corpora* já foi apresentada na subseção 4.1.1 do capítulo 4.

A caracterização dos dados rurais e dos urbanos que fazemos nesta seção levará em conta os resultados quantitativos, mas será sobretudo qualitativa, ao aplicar os pressupostos sobre a relação língua, cultura e sociedade apresentados anteriormente no capítulo 3, na seção 3.1, em que se apresentam traços prototípicos das zonas rurais e das zonas urbanas e seus habitantes, que podem se refletir em sua língua.

A análise geral quantificou a ocorrência dos graduadores *muito, mais, bem, tão, demais* e *bastante* (intensificadores) e *quase, meio e pouco* (atenuadores) nas duas localidades, bem como sua distribuição em termos de frequência de ocorrência em relação ao seus escopos, o que demandou uma descrição dos tipos semânticos dos adjetivos, verbos e advérbios, escopos com os quais os graduadores coocorrem.

A análise geral baseou-se na identificação e na quantificação de todas as ocorrências dos graduadores nos dois *corpora*. O resultado foi equilibrado nas duas localidades: Luisburgo, com 57% do total dos 1.122 graduadores, e Belo Horizonte, com 43%. Não se levou em conta, nessa primeira etapa, a situação de combinação entre os graduadores, tanto intensificadores, quanto atenuadores, e seus escopos, que viria a ser feita mais tarde.

A distinção e a quantificação dos intensificadores e dos atenuadores dentro da classe dos graduadores vem na sequência. Os intensificadores são a maioria, com 95% do total dos graduadores, ficando os atenuadores com apenas 5% do total.

Logo depois, a quantificação da distribuição dos tipos de graduadores anteriormente já identificados (*muito, mais, bem, tão, demais, bastante, quase, meio e pouco*) é feita para as duas localidades. Essa análise mostrou que os tipos de graduadores, intensificadores e atenuadores, ocorrem nos dois *corpora*, rural e urbano, ou seja, todos os falantes graduam numa escala gradiente para mais ou para menos.

A análise da frequência de ocorrência de cada um dos tipos de intensificadores (*muito, mais... etc.*) revelou que esses são mais frequentes em Luisburgo do que em Belo Horizonte. O intensificador *muito* é o mais frequente nas duas localidades, seguido de *mais, bem, tão, demais e bastante*. Para os itens *bem* e *demais* a frequência dos tipos em Luisburgo é bem maior, com

mais de 70%, embora os dados sejam poucos. Para o item *tão*, também com poucos dados, a frequência é maior em Belo Horizonte, com mais de 60% dos casos.

Da mesma forma, os tipos de atenuadores, embora em baixíssima frequência, ocorrem mais em Luisburgo e menos em Belo Horizonte. Os detalhes desta análise estão na subseção 4.1.1.

Em seguida a esta quantificação, procedeu-se à análise dos itens graduadores intensificadores em relação aos seus escopos, numa situação de combinação: item + adjetivo, verbo + item ou item + advérbio. O escopo preferencial dos intensificadores em termos de número de ocorrências nas duas falas, rural e urbana, é adjetivo/ verbo/ advérbio, nessa ordem.

Já para os atenuadores, muda-se essa colocação: o verbo é o escopo preferencial, seguido do adjetivo e depois do advérbio. Lembre-se que os atenuadores são a minoria (5%) do total dos graduadores.

Dessa análise do escopo destaca-se o que temos denominado recorrência, que se refere à repetição de um mesmo item graduador com um mesmo adjetivo, verbo ou advérbio. Sirva-se como exemplo o graduador *muito* que ocorre 66 vezes com o adjetivo *bom*, *bão* e variantes em Luisburgo e 26 vezes nos dados de Belo Horizonte.

Encontramos combinações que ocorrem nas duas localidades, ou seja, são comuns a ambos os *corpora*, totalizando 40 combinações com o adjetivo; 18 com o verbo e 11 com o advérbio. Na listagem abaixo é possível observar as que são recorrentes e aquelas que aparecem apenas uma vez nos dados rurais e nos dados urbanos:

A) Lista das ocorrências com o adjetivo: rural/urbano

1. “muito bom ~ bão ~ boa” (66) / “muito bom ~ boa ~ boas” (26)
2. “muito difícil ~ difíci” (45) / “muito difícil” (7)
3. “muito grande” (6) / “muito grande” (18)
4. “muito bunito(a)~ bunitinha” (6) / “muito bonito ~bonita(s)” (6)
5. “muito novo(a) ~ novinha” (5) / “muito novo(a) ~ novinho” (7)
6. “muito pobre ~ pobrim” (5) / “muito pobre(s)” (3)
7. “muito rui” (4) / “muito ruim” (4)
8. “muito diferente” (4) / “muito diferente” (3)
9. “muito religioso” (a)” (5) / “muito religioso(a)” (2)
10. “muito piqueno ~ piquininim” (2) / “muito pequena ~ pequenininha” (3)
11. “muito triste” (2) / “muito triste” (3)
12. “muito forte” (2) / “muito forte” (2)
13. “muito trabalhado ~ trabaiado ~ trabalhadeira ~ trabaiadeira”(7) / “muito trabalhador”(1)
14. “muito apertado” (1) / “muito apertado(a)” (2)

15. “muito arto ~ arta” (2) / “muito alta” (1)
16. “muito catorco” (1) / “muito católico(a)” (2)
17. “muito comum” (2) / “muito comum” (1)
18. “muito divirtido” (2) / “muito divertida” (1)
19. “muito importante” (1) / “muito importante” (2)
20. “muito jeitoso” (2) / “muito jeitosa” (1)
21. “muito longe” (2) / “muito longe” (1)
22. “muito rica” (1) / “muito rico(s)” (2)
23. “muito rigoroso” (1) / “muito rigoroso(a)” (2)
24. “muito simples” (1) / “muito simples” (2)
25. “muito unida” (1) / “muito unido(s)” (2)
26. “muito antigo” (1) / “muito antigo” (1)
27. “muito ocupado” (1) / “muito ocupado” (1)
28. “muito atrasadim” (1) / “muito atrasada” (1)
29. “mais velho(a) ~ véio(a) ~ véi ~ vezim” (25) / “mais velho(a)” (27)
30. “mais novo(a)” (19) / “mais nova(s) ~ novinho” (4)
31. “mais fáci” (5) / “mais fácil” (4)
32. “mais perto” (2) / “mais perto” (2)
33. “mais forte” (3) / “mais fortes” (1)
34. “mais importante” (2) / “mais importante” (1)
35. “mais jove” (1) / “mais jovens” (1)
36. “mais séria” (1), “mais sérios (as)” (2)
37. “mais bunita” (1) / “mais bonito ~ bonitinha” (2)
38. “bem véi’ ~ véia” (3) / “bem (mais) velha” (1)
39. “bem grande” (1) / “bem grande” (1)
40. “bão ~ boa demais” (4) / “bom demais” (1)

B) Lista das ocorrências com o verbo: rural/urbano

1. “gostar muito” (26) / “gostar muito” (19)
2. “trabalhar muito” (14) / “trabalhar muito” (2)
3. “ir muito” (10) / “ir muito” (9)
4. “falar muito” (2) / “falar muito” (2)
5. “mudar muito” (2) / “mudar muito” (3)
6. “(a)judar muito” (15) / “ajudar muito” (1)
7. “sofrer muito” (10) / “sofrer muito” (1)
8. “usar muito” (4) / “usar muito” (1)
9. “sair muito” (3) / “sair muito” (1)
10. “conversar muito” (2) / “conversar muito” (1)
11. “brincar muito” (2) / “brincar muito” (1)
12. “vir muito” (1) / “vir muito” (2)
13. “estudar muito” (1) / “estudar muito” (1)
14. “marcar muito” (1) / “marcar muito” (2)

15. “crescer mais” (2) / “crescer mais” (1)
16. “gostar mais” (1) / “gostar mais” (3)
17. “quase morrer” (3) / “quase morrer” (1)
18. “quase sair” (1) / “quase não sair” (1)

C) Lista das ocorrências com o advérbio: rural/urbano

1. “muito bem” (26) / “muito bem” (9)
2. “muito pouco” (3) / “muito pouco” (1)
3. “muito cedo” (1) / “muito cedo” (3)
4. “muito male” (1) / “muito mal” (5)
5. “mais tarde” (4) / “mais tarde” (3)
6. “mais pra baxo” (3) / “mais para baixo” (1)
7. “mais pra cima” (2) / “mais em cima” (1)
8. “mais longe” (1) / “mais longe” (1)
9. “mais ainda” (1) / “mais ainda” (1)
10. “bem cedo” (1) / “bem cedo” (1)
11. “bem longim” (1) / “bem longe” (1)

Quanto à situação de combinação dos graduadores com seus escopos, levando em conta a classe semântica desses (adjetivo, verbo e advérbio):

A adjetivação é repetitiva com os mesmos adjetivos ocorrendo com diferentes graduadores. Nos dados rurais temos as seguintes combinações desses casos: “muito antigo” / “mais antigo”; “muito apertado” / “bem apertado ~ apertadim”; “muito atrasadim” / “bem atrasado”; “muito bom ~ bão ~ boa” / “bem bão ~ boa” / “tão bão” / “bão ~ boa demais”; “muito bunito(a)~ bunitinha” / “mais bunita”; “muito caro” / “caro demais”; “muito certo” / “bem certo”; “muito criança” / “mais criança”; “muito diferente” / “tão diferente” / “meia diferente”; “muito difícil ~ difíci” / “mais difíci” / “bem difícil”; “difíci’ demais” / “mei’ difíci”; “bem duente” / “mei’ duente”; “muito fáci” / “mais fáci”; “muito forte” / “mais forte”; “muito grande” / “mais grande” / “bem grande”; “muito importante” / “mais importante”; “muito injuado” / “mais injuado”; “muito isquisita” / “mei’ isquisita”; “muito lerdão” / “bastante lerdo”; “muito longe” / “mais longe” / “bem longe”; “muito novo(a) ~ novinha” / “mais novo(a)” / “bem novo ~ novim” / “mei’ novo”; “muito perto” / “mais perto” / “bem perto”; “muito piqueno ~ piquininim” / “mais piqueno(a)”; “muito rica” / “mais rico”; “muito rui” / “mais rui” / “tão rui”; “muito sastifeito” / “tão sastifeito”; “muito sério” / “mais séria”; “muito sistemático” / “mei’ sistemática”; “muito trabalhadô ~ trabaiadô ~ trabalhadera ~ trabaiadera” / “trabaiadô demais”; “muito velha ~ véia” / “mais velho(a) ~ véio(a) ~ véi” / “bem véi’ ~ véia”.

Os dados urbanos têm as seguintes combinações com os mesmos adjetivos: “muito alta” / “mais alto”; “muito amigo(a)” / “mais amigas”; “muito atrasada” / “mais atrasada(s)”; “muito bom ~ boa ~ boas” / “bom demais”; “muito bonito ~ bonita(s)” / “mais bonito ~ bonitinha” / “tão bonito (a)”; “muito bravo(a)” / “bem brava”; “muito chique” / “mais chique”; “muito culta” / “mais culta”; “muito desentoadas” / “tão desentoadada”; “muito engraçado ~ engraçadinho” / “tão engraçado”; “muito forte” / “mais fortes” / “tão forte”; “muito grande” / “bem grande” / “tão grande”; “mais grosso” / “bem grossa” / “tão grossa”; “muito importante” / “mais importante”; “muito inteligente” / “mais inteligente”; “muito interessante” / “mais interessante”; “muito jovem ~ jovens” / “mais jovens”; “mais leve” / “bem leve”; “muito modesta” / “mais modesto”; “muito novo(a) ~ novinho” / “mais nova(s)”; “muito olhado” / “mais olhado”; “muito pequena ~ pequenininha” / “tão pequenininha ~ pequeninas”; “muito pertinho” / “mais perto”; “bem quentinha” / “quente demais”; “muito ruim” / “meio ruim”; “muito simples” / “mais simples”; “muito triste” / “mais triste”; “mais velho(a)” / “bem velha” / “meio velha”.

O mesmo ocorre com os verbos: graduadores diferentes ocorrem com o mesmo verbo. Os dados rurais têm as seguintes combinações com os mesmos verbos: “(a)judar muito” / “(a)judar demais”; “aguentar bem” / “quase não aguentar”; “amolar bem” / “amolar bastante”; “brincar muito” / “brincar demais”; “conhecer muito” / “quase não conhecer”; “conversar muito” / “conversar mais” / “conversar bastante” / “conversar pouco”; “crescer muito” / “crescer mais”; “doer muito” / “doer demais”; “estudar muito” / “estudar pouco”; “gostar muito” / “gostar mais” / “gostar demais” / “gostar bastante”; “ir muito” / “ir mais”; “lutar muito” / “lutar demais”; “sair muito” / “quase sair” / “sair pouco”; “sofrer muito” / “sofrer demais”; “trabalhar muito” / “trabalhar mais”; “ver muito” / “ver mais” / “quase não ver”; “vir muito” / “quase não vir”.

Nos dados urbanos as combinações com os mesmos verbos são: “gostar muito” / “gostar mais”; “ir muito” / “quase ir”; “melhorar bem” / “melhorar bastante”; “sair muito” / “quase sair”; “vir muito” / “vir pouco”.

Isso também vale para a combinação graduadores com advérbios. Os dados rurais têm as seguintes combinações com os mesmos advérbios: “muito bem” / “mais bem”; “muito cedo” / “bem cedo”; “muito depressa” / “mais depressa” / “bem depressa”; “muito longe” / “mais longe” / “bem longim”; “mais perto” / “bem perto”; “muito pra cima” / “mais pra cima” / “bem pra cima ~ l’em cima”; “muito tarde” / “bem tarde”. Já nos dados urbanos as combinações com os mesmos advérbios são: “muito bem” / “tão bem”; “muito cedo” / “bem cedo”; “mais longe” / “bem longe”; “muito tarde” / “mais tarde”.

Embora essa repetição ocorra nas duas localidades, é mais frequente em Luisburgo. Nos dados rurais há casos de 4 e até 5 graduadores diferentes, ocorrendo com um mesmo adjetivo ou verbo.

Uma vez que a situação de combinação dos graduadores com seus escopos foi levada em conta na análise, fez-se a classificação desses em tipos semânticos, a exemplo de Carvalho (2015) e Cohen (1989), com o objetivo de se verificar a existência de combinações que fossem típicas de uma ou outra fala ou de ambas.

Para os adjetivos, as classes semânticas valor, propensão humana, idade e propriedade física são as mais frequentes e possuem valores percentuais aproximados em ambos os *corpora*. Distintamente, a classe dificuldade é mais frequente nos dados rurais e a classe dimensão é mais frequente nos dados urbanos. Vale lembrar que o adjetivo “difícil” é mais recorrente no rural e o adjetivo “grande” é mais recorrente no urbano, o que justifica a maior frequência dessas duas classes nas duas localidades.

Os tipos de verbos mais frequentes são os afetivos seguidos dos transferenciais / transmutativos, tanto nos dados rurais quanto nos dados urbanos. Já os operativos e efetivos são mais frequentes somente nos dados rurais.

Na classe de advérbios, a mais frequente é a dos qualificadores em ambos os *corpora*. Dentre os circunstanciais, os de lugar ocorrem com mais frequência em Luisburgo e os de tempo, em Belo Horizonte.

As tabelas resumitivas (55), (56) e (57), a seguir, mostram os tipos semânticos dos adjetivos, dos verbos e dos advérbios encontrados em ambos os *corpora*:

Tabela 55 – Tabela resumitiva dos tipos semânticos dos adjetivos nos *corpora*

Nº	Tipo semântico do adjetivo	DADOS RURAIS		DADOS URBANOS	
		Types	Tokens	Types	Tokens
1.	Dimensão	7	15	12	35
2.	Idade	10	61	8	43
3.	Valor	48	140	77	142
4.	Propriedade física	20	27	23	26
5.	Propensão humana	40	56	48	57
6.	Dificuldade	9	68	7	18
7.	Similaridade	2	5	1	3
8.	Qualificação	3	4	2	2
9.	Quantificação	1	1	0	0
10.	Posição	6	9	4	5
11.	Religião	3	7	2	4
12.	Velocidade	1	1	1	1
	TOTAL	150	394	186	336

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Tabela 56 – Tabela resumitiva dos tipos semânticos dos verbos nos *corpora*

Nº	Tipo semântico do verbo	DADOS RURAIS		DADOS URBANOS	
		Types	Tokens	Types	Tokens
1.	Relacionais afetivos	34	79	18	40
2.	Relacionais comunicativos	5	7	5	6
3.	Relacionais delimitativos	2	2	0	0
4.	Relacionais designativos	0	0	1	1
5.	Relacionais possessivos	0	0	1	1
6.	Relacionais comparativos	1	2	0	0
7.	Relacionais condicionais	2	3	1	1
8.	Ativos operativos	3	21	4	6
9.	Ativos descritivos	5	8	7	7
10.	Ativos meteorológicos	2	2	1	1
11.	Ativos incoativos	1	1	4	4
12.	Ativos efetivos	5	19	1	2
13.	Ativos descritivos - relacionais	0	0	3	3
14.	Ativos efetivos-relacionais	10	12	7	8
15.	Ativos transferenciais ou transmutativos	11	25	10	21
	TOTAL	81	181	63	101

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Tabela 57 – Tabela resumitiva dos tipos semânticos dos advérbios nos *corpora*

Nº	Tipo semântico do advérbio	DADOS RURAIS		DADOS URBANOS	
		Types	Tokens	Types	Tokens
1.	Predicadores qualificadores	6	31	6	18
2.	Predicadores graduadores	3	6	2	2
3.	Circunstanciais de tempo	5	8	9	15
4.	Circunstanciais de lugar	10	20	7	7
5.	Aspectualizadores	2	2	0	0
TOTAL		26	67	24	42

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A subseção a seguir traz a análise das duas localidades, levando-se em consideração a relação entre língua, sociedade e cultura, conforme exposto na seção 3.1. desta pesquisa.

4.5.2 O repertório linguístico-cultural dos falantes

As duas comunidades pesquisadas, uma rural e a outra urbana, estão situadas nos dois extremos do polo do *continuum* de urbanização: Luisburgo é predominantemente rural, com 71% da população vivendo na zona rural; e Belo Horizonte, a capital mineira, é o polo de desenvolvimento do estado. São duas localidades que possuem modos de vida com características bastante distintas.

Em Luisburgo, os falantes pesquisados moram em “córregos rurais” e preservam os valores de pertencimento ao meio rural, cultivando o espírito de lealdade e de solidariedade ao grupo. Seu cotidiano gira em torno da cafeicultura familiar, pois se empenham no cultivo e “panha” de café em suas pequenas propriedades durante todo o ano. São moradores que nasceram e permaneceram na comunidade por toda a vida e realizam as mesmas práticas de agricultura, as mesmas atividades lúdico-religiosas e frequentam os mesmos lugares. Além disso, são unidos por laços de parentesco, amizade e compadresco, constituindo uma rede social densa e multiplex. Essa vida repetitiva mostra-se também repetitiva no modo de falar – contam os mesmos “causos” e as mesmas experiências de vida.

No meio rural, todos da família se dedicam ao trabalho rural, inclusive as crianças participam ativamente da lida. Suas narrativas mostram um passado de sofrimento e sem acesso à educação em contraste com um presente mais próspero, de sucesso, conforme destaca este

morador rural: *“aquilo quando chuvia dava aqueas inchente braba... aquilo rancava aquilo tudo a gente precisava de ataiá pos / pelos mato pa podê saí em casa... era a coisa mais difíci’ que tinha... mas intão graças a Deus hoje’m dia a gente se fô pensá... sempre eu falo com os meus filho que as / muitas pessoa mais novo que nũ intende... nũ / hoje’m dia pra es a gente conta e é até mintira que es nũ acredita que é a vida que a gente passava né... intão graças a Deus hoje’m dia tá muito bõ”*. Podemos perceber que combinações com os adjetivos “bom” e “difícil” parecem resumir esse contraste entre passado e presente. Hoje se dizem estar “bem”, uma vez que a condição financeira se encontra mais favorável que antigamente: *“hoje tá muito bõ... eu me acho muito bem hoje”*. As ações desses moradores também parecem sintetizar a rotina da vida rural: “gostar”, “(a)judar”, “trabalhar”, “sofrer” e “ir”, repetitivas à sua fala, expressam o amor à família, aos grupos de vizinhos e de amigos e à vida rural; a ajuda mútua; o trabalho incessante na propriedade rural; o sofrimento vivido; e os lugares onde transitam no meio rural.

Já os falantes urbanos de Belo Horizonte possuem um perfil socioeconômico bem diversificado, condizente com uma grande cidade. São pessoas com variadas profissões, que convivem com outras em diferentes contextos sociais, pertencendo a redes sociais mais frouxas. A maioria veio no passado para estudar e permaneceu na capital para trabalhar ou se casar.

São falantes que valorizam a educação, pois representa para eles a oportunidade de ascensão social, conforme atestam essas duas moradoras: *“Ela gostava de ler e transmitiu, o meu pai também gostava de ler, e transmitiram o gosto para a família. E tinham interesses de cultura e de formar, não é?”*; *“Porque, até então, quando eu fui para lá eu estava no primeiro ano primário, eu já sabia ler alguma coisa, escrevia alguma coisinha. O papai me punha em cima do balcão para ler o jornal para os roceiros. E eles não acreditavam. Que não é possível uma menina de 5 anos lendo um jornal. Pois eu lia com 5 anos”*. Esses informantes possuem um grau de escolaridade maior que os falantes rurais; alguns têm curso médio e outros, nível superior, logo, seu repertório linguístico é mais diversificado, com combinações mais variadas.

Dentro do quadro proposto por Bortoni-Ricardo (2011), na subseção 3.1.2, que estabelece as características do repertório linguístico nas redes isoladas e nas redes integradas, esses falantes rurais de Luisburgo, tal como expõe a autora, constituem uma rede de relações mais restrita, limitada à família e à vizinhança, e possuem um repertório mais repetitivo, mais focalizado. Por outro lado, os falantes urbanos de Belo Horizonte estão mais expostos às influências externas e assimilam os modos mais prestigiosos de falar da cultura padrão urbana; possuem um repertório mais diversificado e, portanto, mais difuso. Dessa forma, consideramos

que a organização social da rede é que vai fechar o leque de combinações no uso dos graduadores.

4.6 Considerações Finais

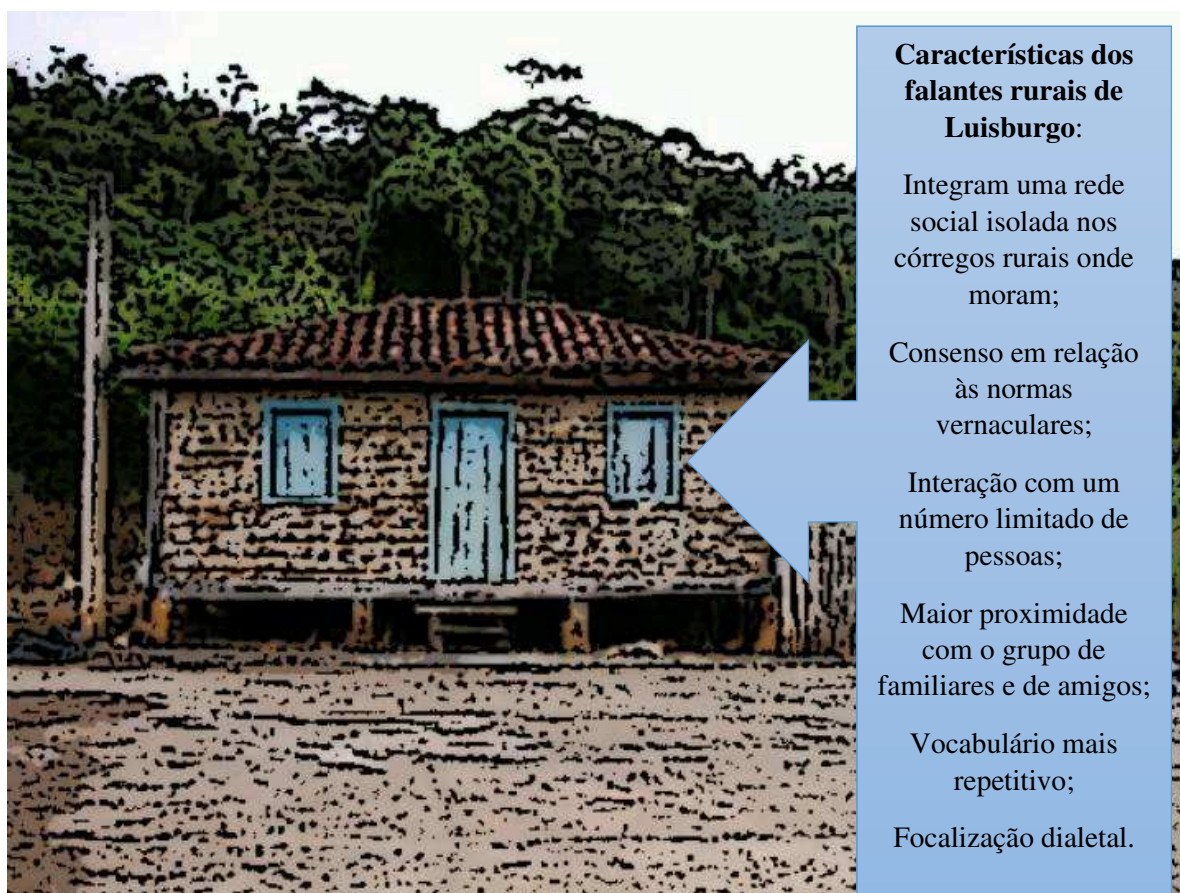
A presente pesquisa buscou analisar e caracterizar o uso dos graduadores em dados de fala em situação real de uso, contextualizados, de duas localidades mineiras, uma rural e outra urbana. Partimos do pressuposto que uso dos graduadores apresentaria diferenças entre o rural e o urbano, conforme as características particulares de cada localidade, já que a língua reflete a cultura da comunidade. Essa hipótese foi comprovada, pois, embora o uso dos graduadores em Luisburgo e em Belo Horizonte tenha apontado traços comuns a ambos os *corpora*, ocorreram diferenças no uso dessa categoria adverbial, conforme foi detalhado na seção 4.5. Esta seção retoma pontos relevantes emergidos dessa análise, a fim de pontuar algumas considerações.

Como já exposto por Silva (2016), a graduação é um processo muito importante que é utilizado tanto em contextos mais formais quanto naqueles de maior informalidade. Nos dados analisados, observamos que essa alegação se confirma, já que em ambos os *corpora* a graduação é extremamente produtiva, em especial, a “graduação para mais”: há um número considerável de itens graduadores (*muito, mais, bem, tão, demais, bastante, quase, meio, pouco*) que se combinam a diferentes escopos (*bom, difícil, gostar, trabalhar, bem, cedo, etc.*) com uma frequência de ocorrência bastante significativa em termos percentuais.

Esses escopos dos graduadores, adjetivo, verbo e advérbio, são itens de maior significação lexical dentro da situação de combinação [graduador + item], como já explicitado por Waugh (1977). Dessa forma, são nesses escopos que podemos observar, mais claramente, a cultura e o modo de vida dos falantes. Nos dados rurais, as combinações com os escopos se mostram mais repetitivas (repertório mais focalizado) enquanto que, nos dados urbanos, há uma maior variedade de lexias que são utilizadas nessas combinações (repertório mais difuso).

Como resultado dessa análise dos graduadores, foi possível traçar um panorama geral das duas localidades, levando-se em consideração os estudos de Bortoni-Ricardo (2011), sobre as características do repertório linguístico no contexto sociocultural do grupo de falantes, rurais e urbanos, conforme mostram as Figuras 3 e 4, a seguir:

Figura 3 – Falantes do polo rural do contínuo de urbanização



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Figura 4 – Falantes do polo urbano do contínuo de urbanização



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Assim sendo, esperamos que esta pesquisa contribua para a descrição da língua em situações reais de uso, no tocante aos advérbios graduadores, e que as interpretações propostas neste estudo possam propiciar às pesquisas futuras uma reflexão sobre o processo de graduação do português.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, C. M. S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, v. XV, n. 5, T. 2. Rio de Janeiro: Cifefil, 2011. p. 1332.
- ALMEIDA MENDES, A. *A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó – MG*. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- ALVES, A. P. M. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte*. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- ARREGUY, C. A. C.; RIBEIRO, R. R. (Coord.). *Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Centro-Sul*. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008.
- ASSIS VEADO, R. M. A. *Comportamento Linguístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG/ PROED, 1982.
- BARNES, J. A. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. *Human Relations*. v. 7 (1), n. 1, 1954. p. 39-58.
- BASSETO, B. F. *O léxico românico herança latina nas línguas ocidentais*. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008. Disponível em: <<https://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/14.htm>>. Acesso em: 20 maio 2019.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BELL, M. M. The fruit of difference: the rural-urban continuum as a system of identity. *Rural Sociology*, v. 57, n. 1, 1992. p. 65-82.
- BIDERMAN, M. T. C. Lexema e lexia. Lexias simples e lexias complexas. In: *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 169-178.
- BLOM, J. P.; GUMPERZ, J. J. Social Meaning in Linguistic Structure: code-switching in northern Norway. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. *Directions in Sociolinguistics: the Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1972. p. 407-434.
- BOTT, E. *Family and Social Network: Roles, Norms and External Relationships in Ordinary Urban Families*, 2nd edition, London, Tavistock Publ. Edition, 1971.
- BOTT, E. *Família e rede social*. Tradução de Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, (1976 [1971]).
- BOMFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1990.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro*. Banco de dados lexicais. UFMG, 2017. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/verboweb>>. Acesso em: 03 abr. 2019.
- CARVALHO, S. D. *A mudança da ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados rurais de Luisburgo/MG*. 2014. 263f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2014.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*, 1. ed., 4. reimpressão, São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. Volume I: A Ordem. Campinas: Editora da UNICAMP; Fapesp, 1996 [1990].
- CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H.; BASSO, R. M. O Advérbio. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTILHO, A. T.; ILARI, R. Advérbios predicadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Os advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002 [1992].
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. São Paulo: 2008.
- COHEN, M. A. A. M. *Syntactic change in Portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase*. 1989. 257 f. Tese (Doutorado em Linguística Histórica) – Faculdade de Letras, Unicamp. Campinas, 1989.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIEESE. *Boletim Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte* PED/RMBH, ano 16, n. 4, abril, 2010.
- DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? *Studies in language*. v. 1, n. 1, 1977. p. 19-80.
- DIXON, R. M. W. Adjective Classes in Typological Perspective Dixon. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. (Ed.). *Adjective classes: a cross-linguistic typological study*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DOGLIANI, E.; COHEN, M. A. A. M. (Org.) *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2011.
- DURANTI, A. *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- FORTES, M. *The Web of Kinship among the Tallensi*. London: Oxford University Press, 1949.
- GARCIA, A. S. Uma tipologia semântica do verbo no português. *Solettras*, São Gonçalo (UERJ), Ano IV, n. 8, p. 52-70, out./dez. 2004.

GARCIA, A. S. Verbos designativos. *Solettras*, São Gonçalo (UERJ), Ano I, nº. 1, p. 112-123, jan./jun. 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31&dados=0>>. Acesso em: 26 maio 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias: 2017/IBGE*, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *História de Luisburgo*. (on-line) Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/luisburgo/historico>>. Acesso em: 26 maio 2019.

ILARI, R. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III: palavras de classe aberta, São Paulo: Contexto, 2014.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Revista Alfa*. São Paulo, v. 51, 2007, p. 151-174.

ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002 [1992].

ILARI, R. Os advérbios aspectuais. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002 [1992]a.

ILARI, R. Os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002 [1992]b.

ILARI, R.; BASSO, R. M., Advérbios predicadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado*. Volume I: A Ordem. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996 [1990].

IPAC MG – Inventário de Proteção ao Acervo Cultural de Minas Gerais. Luisburgo: 2012 – 2013.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*, n. 4. University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: A preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press. xviii, 348 p, 1993.

MARTELOTTA, M. E. Advérbios – conceito e tendências de ordenação. In: Oliveira, M. R., Cezario, M. M. (Org.) *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2013.

MENDES, S. T. P. *A ausência/presença do artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. 204 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MILROY, J. *Linguistic variation and change*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, L. *Language and social network*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2006.

MOURA NEVES, M. H. Circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, R. (Org). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III: palavras de classe aberta, São Paulo: Contexto, 2014.

MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

MOURA NEVES, M. H. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002 [1992].

NOBRE, M. M. R. *Posição do adjetivo no sintagma nominal na fala do Rio de Janeiro*. 1989. 93 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL (NHO) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/historiaoral/>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

OLIVEIRA, M. A. Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no português falado. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002 [1992].

PASSOS, D. *A formação do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte: um estudo de caso à luz de comparações com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro*. *Mediações*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 332-358, jul./dez. 2016.

PERINI, M. A. Construindo o dicionário de valências: problemas e resultados. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 148-167, 1º sem. 2016.

PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. A. *Para uma Nova Gramática do Português*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. On Social Structure. *The Journal of the Royal anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 70, n. 1, 1940. p. 1-12.

REZENDE, T. F. *A mudança Adjetivo/Nome > Nome/Adjetivo e o conservadorismo da fala rural goiana*. 2008. 573 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

REZENDE, T. F.; SOUSA FILHO, S. M. Totalização da mudança ADJN > NADJ na fala rural goiana. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; REZENDE, T. F. *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editoria, 2017.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.

- RIBEIRO, P. R. O. *Variação linguística na fala rural: uma análise de dois municípios da Zona da Mata de Minas Gerais*. 2017. 247 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2002 [1972].
- RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- SAID ALI, M. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966 [1923].
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. v. 2, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938 *apud* CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- SEABRA, M. C. T. C. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015.
- SILVA SAMPAIO, D. A. *As cláusulas adverbiais e as redes sociais em Mariana (MG): Um estudo a partir de uma abordagem funcionalista*. 2009. 284 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2009.
- SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2016, 140p.
- VILEFORT, M. T. C. *Aspectos sintáticos do dialeto caipira na Região de Morrinhos*. Goiânia: Editora: Ucg, 1985.
- WANDERLEY, M. D. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 15, p. 87-145, 2000.
- WAUGH, L. R. *A semantic analysis of word order: position of the Adjective in French*. Leiden: E. J. Brill, 1977.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehman & Y. Malkiel (eds.) *Directions for historical linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros. In: AGUILERA, Vanderci Andrade. *A Geografia Linguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

ANEXO A

Normas de Transcrição: “Projeto Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais” - FAPEMIG-SHA844/2

I - Tipos de Transcrição:

Ortográfica

Fonética

Convencional (adaptação da ortográfica aos objetivos pretendidos). *

II - Orientações gerais:

- a) transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (Ferreira Netto & Rodrigues, 2000)
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma 'imagem' do texto elaborado no plano da oralidade (Ferreira Netto & Rodrigues, 2000)

1 - Nem tudo será registrado:

- a) o alçamento das postônicas não será registrado
ex.: carne = carni namorado = namoradu
(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto não precisa ser registrado)

2 - Será obrigatoriamente registrado:

- a) alteamento/abaixamento das pretônicas
pirdi = perdi
reberão = ribeirão // premero = primeiro
- b) a redução dos ditongos [ow];[ey]; [ay], serão grafados ortograficamente como pronunciados.
Dotô = doutor;
falô = falou; primero = primeiro;
reberão = ribeirão
- c) ausência do -r no final dos nomes: doutor = dotô
- ausência do -r final em verbos: fala = falar; comê = comer
- ausência do -r- no meio de vocábulos: pá = prá; madugada = madrugada
- d) ausência do -m final, desnasalização: homem=home; garagem=garage
- e) nasalização de segmentos normalmente não nasalados deverão ser marcadas com o til: assim termos ãlusão e ãzame .(Clicar em inserir símbolos, latim estendido e lá há todas essas possibilidades do ~ com vogais como e, i e u -Times New Roman).

f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas: Izé = Zé; ieu = eu; alembrá = lembrar

g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com ': mai' ~ mais; ago' ~ agora

h) paragoge: mali = mal

i) iotização, grafando com i: fia = filha; jueio = joelho

j) aglutinação, com apóstrofo: **dex'eu** = deixa eu; **pr'eu** ~ para eu

k) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados: eis = eles; ê = ele; ea = ela; eas = elas

l) casos de *uma, alguma, nenhuma*, etc., marcar com til: ãa ~ uma; algãa ~ alguma

m) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada.

Ex.: mermo ~ mesmo; memo

3 - Indicações de:

- ❖ Pausa: reticências ...
- ❖ inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: /
- ❖ comentários: (())
- ❖ sobreposição de fala: { }
- ❖ discurso direto: “ ”
- ❖ ênfase: maiúscula
- ❖ truncamento: /
- ❖ alongamentos : repetir o segmento
- ❖ começar com minúsculas
- ❖ pontuação: apenas interrogação ?
- ❖ interjeição: com h

ANEXO B

Normas de Transcrição: Núcleo de História Oral/Fafich (UFMG)

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO LITERAL:

- Adendos: – entre travessões –
- Dúvidas: [entre colchetes]
- Ênfase: sublinhar
- Fala/ reprodução de diálogos: – travessão
- Trechos lidos: quando claro: “entre aspas”
- Quando não está claro na fala escrever: [trecho lido]
- Interrupção/ corte na fala: colocar barra/
- Fala simultânea: entre duas barras//
- Enunciados incompletos: indicar por reticências...
- Pausa curta: indicar por reticências...
- Silêncio (somente quando há pausa prolongada): escrever [silêncio]
- Registros externos: escrever [risos], [emoção]
- Palavras em outros idiomas: sublinhado ou itálico

OBSERVAÇÕES:

- Indicar o início e o final de cada fita e de cada lado.
- Indicar quando a fita não for utilizada até o final.
- Indicar quando acontecerem comentários, durante a fala, referentes a acontecimentos externos.
- Indicar afirmações ou negações com gestos (entre colchetes). Escrever o nome do entrevistado no alto de cada página transcrita (retirar os nomes na digitação final).
- Indicar os falantes pelas iniciais do primeiro e do último nome dos mesmos.
- Deixar um espaço para correções (margem à esquerda e à direita).
- Reproduzir tudo o que foi dito, escrevendo, entretanto, de acordo com as normas ortográficas (ex.: em lugar de “né”, “não é”, de “prá”, “para”).
- Cabeçalho: indicar o número, o local e a data da entrevista a cada sessão, bem como o nome do entrevistado e os dos entrevistadores.

APÊNDICE A

1.0 TABELAS DOS GRADUADORES NOS DADOS RURAIS E URBANOS

1.1 TABELAS DOS INTENSIFICADORES: Por ordem de frequência com o escopo – adjetivo, verbo e advérbio

Tabela 1 – Intensificador *muito* + adjetivo nos dados rurais

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MUITO JEITOSO]	<ul style="list-style-type: none"> • é [muito jeitoso] • era [um Knuppão de muita força [muito jeitoso]] 	Luisburgo	2
2.	[MUITO SASTIFEITO]	<ul style="list-style-type: none"> • sinto [muito sastifeito] 	Luisburgo	1
3.	[MUITO BOM ~ BÃO ~ BOA]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito bão] ~ é [muito boa] ~ são [muito bão] ~ era [muito bom] ~ era [muito boa] ~ foi [muito bom] ~ é [muito bão] ~ foi [muito boa] ~ é [muito bom] (43) • teve [muito bom] ~ tá [muito bão] ~ tá [muito boa] (9) • vai ficá [muito bão] • tinha [ũa mente muito boa] • coleu [milho [muito bão]] • tinha [ũa sanfona [muito boa]] • (passô) [um insinamento religioso [muito bom]] • tivemos [num trabalho [muito bom]] • é [um trabalho [muito bom]] • era [pessoas [muito boa]] • era [coisa [muito boa]] • foi [gente [muito boa]] • são [ũa vizinhança [muito boa]] • [sujeito [muito bão] paciente trabaiadô bão] • [gente tudo [muito bão]] • [gente [muito boa]] 	Luisburgo	66
4.	[MUITO TENCIOSA]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito tenciosa] 	Luisburgo	1
5.	[MUITO DIFÍCIL ~ DIFÍCI']	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito difíci'] ~ é [muito difícil] ~ é [muito difíci'] ~ é [muito difíci'] ~ foi [muito difíci'] ~ sê [muito difíci'] (37) • era [muito mais difíci'] (2) • tá [muito difíci'] • fica [muito difíci'] • fui criada [num lar [muito difíci']] • era [ũa coisa [muito difíci']] • [aques trem [muito difíci']] • [as coisa [muito difíci']] 	Luisburgo	45

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
6.	[MUITO BEM-LAVADIM]	• lavava [muito bem-lavadim]	Luisburgo	1
7.	[MUITO CHEFE]	• era [muito chefe]	Luisburgo	1
8.	[MUITO RELIGIOSO (A)]	• é [muito religioso] ~ é [muito religiosa]	Luisburgo	5
9.	[MUITO PREOCUPADO]	• ficô [muito preocupado]	Luisburgo	1
10.	[MUITO DIMIRADO]	• ficô [muito dimirado]	Luisburgo	1
11.	[MUITO QUENTE]	• tava [muito quente]	Luisburgo	1
12.	[MUITO FOGOSO]	• era [muito fogo]	Luisburgo	1
13.	[MUITO DIVIRTIDO]	• era [muito divirtido] (2)	Luisburgo	2
14.	[MUITO TRABALHADÔ ~ TRABAIADÔ ~ TRABALHADERA ~ TRABAIADERA]	• era [muito trabalhado] • foi [muito trabalhadeira] ~ foi [muito trabaidera] ~ era [muito trabaiado] (4) • é [gente boa [muito trabaidera]] • [minino [muito trabalhado]]	Luisburgo	7
15.	[MUITO MACHACADO]	• foi [muito machacado]	Luisburgo	1
16.	[MUITO JOGADO]	• tava [muito jogado]	Luisburgo	1
17.	[MUITO PIQUENO ~ PIQUININIM]	• tava [muito piqueno] • é [muito piquininim]	Luisburgo	2
18.	[MUITO POBRE ~ POBRIM]	• era [muito pobre] ~ era [muito pobrim] (2) • vivia [muito pobre] • era [muito pobre] • fui nascido [num lar [muito pobre]]	Luisburgo	5
19.	[MUITO BUNITO(A)~ BUNITINHA]	• ficô [muito bunito] ~ tá ficano [muito bunito] (2) • fazia [bunequinha de pano [muito bunitinha]] • dexaro [um exempo de vida muito / [muito bunito]] • foi [ũa festividade [muito bunita]] • [ũa festa [muito bunita]]	Luisburgo	6
20.	[MUITO IMPORTANTE]	• foi [muito importante]	Luisburgo	1
21.	[MUITO ACUSTUMADO]	• foi [muito acostumado]	Luisburgo	1
22.	[MUITO COMUM]	• é [muito comum]	Luisburgo	2
23.	[MUITO FÁCI']	• é [muito fáci'] ~ era [muito fáci'] (2) • [trem [muito fáci']]	Luisburgo	3

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
24.	[MUITO INJUADO]	• era [muito injuado]	Luisburgo	2
25.	[MUITO CATORCO]	• é [muito catorco]	Luisburgo	1
26.	[MUITO VELHA ~VÉIA]	• tô [muito véia] • era... [ũa tapera de casa [muito velha] abandonada]	Luisburgo	2
27.	[MUITO DIFICUDOSO]	• [muito dificultoso]	Luisburgo	2
28.	[MUITO RÛI]	• era [muito rûi] (2) • ficô [muito rûi] • [a vida financera [muito rûi]]	Luisburgo	4
29.	[MUITO SUFRIDO]	• era [muito sofrido]	Luisburgo	1
30.	[MUITO LERDÃO]	• é [muito lerdão]	Luisburgo	1
31.	[MUITO FUNDO]	• entrava [muito fundo]	Luisburgo	1
32.	[MUITO ISQUISITA]	• era [muito isquisita] é [a coisa mais [muito isquisita]]	Luisburgo	2
33.	[MUITO CARO]	• fica [muito caro] ~pego a ficá [muito caro demais] (2) • [os remédio [muito caro]]	Luisburgo	3
34.	[MUITO NOVO(A) ~ NOVINHA]	• era [muito nova] ~ era [muito novo] (2) • tava [muito novo] ~ tava [muito nova] (2) • achô [muito novinha]	Luisburgo	5
35.	[MUITO SIGURO]	• era [muito siguro] ~ é [muito siguro]	Luisburgo	2
36.	[MUITO FORTE]	• era [muito forte] ~ era [muito fortinha]	Luisburgo	2
37.	[MUITO RIJO]	• era [muito rijo]	Luisburgo	1
38.	[MUITO TRISTE]	• foi [muito triste] • era [ũa coisa [muito triste]]	Luisburgo	2
39.	[MUITO ESTRESSADO]	• é [muito estressado]	Luisburgo	1
40.	[MUITO APRESSADO]	• é [muito apressado] • é [um natural muito apressado]	Luisburgo	2
41.	[MUITO OBEDIENTE]	• era [muito obediente]	Luisburgo	1
42.	[MUITO AGRESSIVE]	• era [muito agressive]	Luisburgo	1
43.	[MUITO RICA]	• era [muito rica]	Luisburgo	1
44.	[MUITO ARTO ~ ARTA]	• era [era muito arto] • [a casa [muito arta]]	Luisburgo	2

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
45.	[MUITO HUMILHADA]	• fui [muito humilhada]	Luisburgo	2
46.	[MUITO DIFERENTE]	• era [muito diferente] (2) • tá [muito diferente] (2)	Luisburgo	4
47.	[MUITO SIMPLES]	• era [muito simples]	Luisburgo	1
48.	[MUITO TÍMIDA]	• era [muito tímida] • era [criança [muito tímida] no modo grossero de falá muito macaquera]	Luisburgo	2
49.	[MUITO SAIDÔ]	• fui de ficá [muito saidô]	Luisburgo	1
50.	[MUITO CATIVO]	• fui [muito cativo]	Luisburgo	1
51.	[MUITO OCUPADO]	• é [muito ocupado]	Luisburgo	1
52.	[MUITO POCA]	• era [muito poca]	Luisburgo	1
53.	[MUITO CRIANÇA]	• achô [muito criança]	Luisburgo	1
54.	[MUITO INTENDIDA]	• era [muito intendida]	Luisburgo	1
55.	[MUITO CUZIDIM]	• era [muito cuzidim]	Luisburgo	1
56.	[MUITO APEGADO]	• ficá [muito apegado]	Luisburgo	1
57.	[MUITO GELADA]	• [as cana / aquea garapa [muito gelada]]	Luisburgo	1
58.	[MUITO ANTIGO]	• [uns caminhão [muito antigo]]	Luisburgo	1
59.	[MUITO GRANDE]	• (acha) [ũa deversão [muito grande]] • se fazia [ũa vala [muito grande]] • foi [ũa harmunia [muito grande]] • era... [essas casa antiga [muito grande]] • é [um mutivo muito grande] • [facilidade [muito grande]]	Luisburgo	6
60.	[MUITO APERTADO]	• moramo [num lugá [muito apertado]]	Luisburgo	1
61.	[MUITO RIGOROSO]	• fui criado [den'de um regime [muito rigoroso]]	Luisburgo	1
62.	[MUITO PESADO]	• [os pau [muito pesado]]	Luisburgo	1
63.	[MUITO SISTEMÁTICO]	• [um home [muito sistemático]]	Luisburgo	1
64.	[MUITO BAGUNÇADA]	• [a cozinha [muito bagunçada]]	Luisburgo	1
65.	[MUITO REUNIDA]	• [a família [muito sempre reunida]]	Luisburgo	1
66.	[MUITO MOLE]	• é ... [ũa terra [muito mole]]	Luisburgo	1
67.	[MUITO ATRASADIM]	• era [ũa gente assim [muito atrasadim]]	Luisburgo	1

(Conclusão)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
68.	[MUITO SÉRIO]	• ... [um home muito sério]]	Luisburgo	1
69.	[MUITO UNIDA]	• foi... [ũa irmandade [muito unida]]	Luisburgo	1
70.	[MUITO PERTO]	• era [vizim até de [muito perto]	Luisburgo	1
71.	[MUITO LONGE]	• era [ũa distância não [muito longe] • era [muito longe]	Luisburgo	2
72.	[MUITO INSTRUTIVA]	• era [ũa pessoa [muito instrutiva]]	Luisburgo	1
73.	[MUITO BONDOSA]	• era [muito bondosa] • era [ũa pessoa [muito bondosa] muito caridosa] • era [ũa pessoa [muito bondosa]	Luisburgo	3
74.	[MUITO CARIDOSA]	• era [ũa pessoa muito bondosa [muito caridosa]]	Luisburgo	1
75.	[MUITO MACAQUERA]	• era [criança muito tímida no modo grossero de falá [muito macaquera]]	Luisburgo	1
76.	[MUITO ABENÇUADO]	• é [um lugarzim [muito abençoado]]	Luisburgo	1
77.	[MUITO INDUCADO]]	• [os professores [muito inducado]]	Luisburgo	1
78.	[MUITO LIMPIM]	• [um terrero [muito limpim]]	Luisburgo	1
79.	[MUITO CUIDADO]	• [povo [muito cuidado]]	Luisburgo	1
80.	[MUITO JUNTO]	• passiava [muito junto]	Luisburgo	2
81.	[MUITO CERTO]	• ia dá [muito certo]	Luisburgo	1
Total				247

Tabela 2 – Intensificador *muito* + adjetivo nos dados urbanos

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MUITO COMUM]	• era [muito comum]	Belo Horizonte	1
2.	[MUITO ESPIRITUOSO]	• era [muito espirituoso]	Belo Horizonte	1
3.	[MUITO PERITO]	• era [muito perito]	Belo Horizonte	1
4.	[MUITO DIFÍCIL]	• era [muito difícil] ~ é [muito difícil] ~ (era) [muito difícil] (6) • está [muito difícil]	Belo Horizonte	7
5.	[MUITO RELACIONADO]	• era [muito relacionado]	Belo Horizonte	1

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
6.	[MUITO ENGRAÇADO ~ ENGRAÇADINHO]	<ul style="list-style-type: none"> • achava [muito engraçado] • era [muito engraçadinho] ~ é [muito engraçado] (2) 	Belo Horizonte	3
7.	[MUITO CONSIDERADO]	<ul style="list-style-type: none"> • (era) [muito considerado] 	Belo Horizonte	1
8.	[MUITO INTELIGENTE]	<ul style="list-style-type: none"> • (era) [muito inteligente] (2) • é [muito mais inteligente] • (era) [dona de casa, [muito inteligente]] • era [um menino [muito inteligente]] • [um rapaz muito [inteligente]] 	Belo Horizonte	6
9.	[MUITO AMOLADO]	<ul style="list-style-type: none"> • ficou [muito amolado] 	Belo Horizonte	1
10.	[MUITO POBRE(S)]	<ul style="list-style-type: none"> • eram [muito pobres] ~ era [muito pobre] (2) • era [uma cidade [muito pobre]] 	Belo Horizonte	3
11.	[MUITO PEQUENA ~ PEQUENININHA]	<ul style="list-style-type: none"> • (era) [muito pequenininha] ~ era [muito pequena] (2) • é [uma família [muito pequena]] 	Belo Horizonte	3
12.	[MUITO GRANDE]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito grande] ~ é [muito grande] (5) • era [um violonista [muito grande]] • é [uma segurança [muito grande]] • eram [uma autoridade [muito grande]] • era [uma família [muito grande]] • tem [uma paixão [muito grande]] • dava [uma volta [muito grande]] para ir para o grupo • eu tive [um choque [muito grande]] • me deu [um choque [muito grande]] • tive [uma decepção [muito grande]] • tinha [uns ficus [muito grandes]] • fizesse [um esforço [muito grande]] • se tornou [um comércio [muito grande]] • [Uma cerâmica [muito grande]... muito importante] 	Belo Horizonte	18
13.	[MUITO BEM-FEITO]	<ul style="list-style-type: none"> • fez [muito bem-feito] • (era) [muito bem-feito] 	Belo Horizonte	2
14.	[MUITO ECONÔMICO]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito econômico] 	Belo Horizonte	1
15.	[MUITO UNIDO(S)]	<ul style="list-style-type: none"> • eram [muito unidos] • era [muito unido] 	Belo Horizonte	2
16.	[MUITO LIGADO]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito ligado] 	Belo Horizonte	1
17.	[MUITO PRESO]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito preso] • fiquei [muito preso] 	Belo Horizonte	2

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
18.	[MUITO CONFUNDIDO]	• era [muito confundido]	Belo Horizonte	1
19.	[MUITO BRAVO(A)]	• é [muito bravo] ~ era [muito bravo] ~ era [muito brava]	Belo Horizonte	4
20.	[MUITO FRACO]	• é [muito fraco]	Belo Horizonte	1
21.	[MUITO JUSTO]	• era [muito justo]	Belo Horizonte	1
22.	[MUITO DESENTOADAS]	• éramos [muito desentoadas]	Belo Horizonte	1
23.	[MUITO PARECIDA]	• sou [muito parecida]	Belo Horizonte	1
24.	[MUITO HABILIDOSA]	• era [muito habilidosa]	Belo Horizonte	1
25.	[MUITO DURO]	• foi [muito duro]	Belo Horizonte	1
26.	[MUITO TRISTE]	• foi [muito triste]	Belo Horizonte	3
27.	[MUITO LEVADA]	• era [muito levada]	Belo Horizonte	1
28.	[MUITO CATÓLICO(A)]	• era [muito católica] • [o pessoal todo [muito católico]]	Belo Horizonte	2
29.	[MUITO ENÉRGICA]	• era [muito enérgica]	Belo Horizonte	1
30.	[MUITO RIGOROSO(A)]	• era [muito rigorosa] ~ era [assim muito rigoroso]	Belo Horizonte	2
31.	[MUITO INTERESSANTE]	• era [muito interessante] ~ é [muito interessante] (4) • tem [uma passagem [muito interessante]]	Belo Horizonte	5
32.	[MUITO GOSTOSO(A)]	• era [muito gostosa] ~ era [muito gostoso] (2) • foi [uma infância [muito gostosa]] • [Umas quitandas [muito gostosas]]	Belo Horizonte	4
33.	[MUITO SIMPLES]	• (era) [muito simples] • era [uma mulher [muito simples], muito rústica]	Belo Horizonte	2
34.	[MUITO CONHECIDO(A)]	• era [muito conhecida] ~ é [muito conhecida] (2) • era [um jurista [muito conhecido]]	Belo Horizonte	3
35.	[MUITO ATRASADA]	• era [muito atrasada]	Belo Horizonte	1
36.	[MUITO TOSCO]	• era [muito tosco]	Belo Horizonte	1
37.	[MUITO PENOSO]	• era [muito penoso]	Belo Horizonte	1
38.	[MUITO RARO]	• era [muito raro]	Belo Horizonte	1
39.	[MUITO ESTUDIOSO(A)]	• era [muito estudiosa] • era [um menino [muito estudioso]]	Belo Horizonte	2

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
40.	[MUITO BONITO ~ BONITA(S)]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito bonito] ~ eram [muito bonitas] (3) era [um córrego largo, sabe, [muito bonito]] tinha [um morro, [muito bonito]] usava [uma capa preta, [muito bonita]] 	Belo Horizonte	6
41.	[MUITO PRIMITIVO]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito primitivo] 	Belo Horizonte	1
42.	[MUITO VAGABUNDO]	<ul style="list-style-type: none"> (era) [muito vagabundo] 	Belo Horizonte	1
43.	[MUITO NOVO(A) ~ NOVINHO]	<ul style="list-style-type: none"> casou [muito nova] ~ se casou [muito nova] (3) era [muito nova] ~ é [muito nova] (2) está [muito novo] perdeu [o quarto filho, ainda [muito novinho]] 	Belo Horizonte	7
44.	[MUITO BOM ~ BOA ~ BOAS]	<ul style="list-style-type: none"> é [muito bom] ~ era [muito bom] ~ eram [muito boas] ~ (era) [muito boa] ~ foi [muito bom] (8) fica [muito bom] fui [[muito boa] aluna] era [um colégio [muito bom]] era [uma diversão [muito boa]] era [[muito bom] dançarino] era [uma casa [muito boa]] era [um grupo [muito bom]] É [uma turminha assim [muito boa]] tinha [uma inteligência muito, [muito boa]] estão fazendo [um loteamento [muito bom] lá. Com ruas asphaltadas, com luz de mercúrio, muito organizado] tinha [umas notas [muito boas]] tinha [outra escola que pagava, [muito boa]] e como eu tinha tido [[muito boas] notas] tinha [muito [boas relações]] estabelecemos [muito boas] relações] são [lembranças, recordações [muito boas]] [gente [muito boa]] [Uma casa [muito boa], muito simpática] 	Belo Horizonte	26
45.	[MUITO RELIGIOSO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> é [muito religiosa] uma pessoa muito amiga, [muito religioso]] 	Belo Horizonte	2

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
46.	[MUITO AMIGO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> • é [muito nosso amigo] • [uma pessoa [muito amiga], muito religioso] 	Belo Horizonte	2
47.	[MUITO SUJA]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito suja] 	Belo Horizonte	1
48.	[MUITO ENTUSIASMADO]	<ul style="list-style-type: none"> • fiquei [muito entusiasmado] 	Belo Horizonte	1
49.	[MUITO LIMITADA]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito limitada] 	Belo Horizonte	1
50.	[MUITO FAMOSA]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito famosa] • tinha [uma música muito em forma que chamava, [muito famosa]] 	Belo Horizonte	2
51.	[MUITO SÓBRIOS]	<ul style="list-style-type: none"> • eram [muito sóbrios] • era [uma família [muito sóbria]] 	Belo Horizonte	2
52.	[MUITO FELIZ]	<ul style="list-style-type: none"> • fui [muito feliz] 	Belo Horizonte	1
53.	[MUITO PERSEGUIDO]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito perseguido] 	Belo Horizonte	1
54.	[MUITO COMPETENTE]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito competente] 	Belo Horizonte	1
55.	[MUITO GRAVE]	<ul style="list-style-type: none"> • fiquei [muito grave] 	Belo Horizonte	1
56.	[MUITO APAIXONADA]	<ul style="list-style-type: none"> • ficou [muito apaixonada] 	Belo Horizonte	1
57.	[MUITO MARCANTES]	<ul style="list-style-type: none"> • foram [muito marcantes] 	Belo Horizonte	1
58.	[MUITO JOVEM ~ JOVENS]	<ul style="list-style-type: none"> • morreu [muito jovem] • (eram) [muito jovens] 	Belo Horizonte	2
59.	[MUITO FEMININA]	<ul style="list-style-type: none"> • tinha que ser [muito feminina] 	Belo Horizonte	1
60.	[MUITO PERDIDO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> • ficou [muito perdido] ~ ficou [muito perdida] 	Belo Horizonte	2
61.	[MUITO OCUPADO]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito ocupado] 	Belo Horizonte	1
62.	[MUITO ANIMADO]	<ul style="list-style-type: none"> • ficou [assim muito animado] 	Belo Horizonte	1
63.	[MUITO CARINHOSO]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito carinhoso] 	Belo Horizonte	1
64.	[MUITO OLHADO]	<ul style="list-style-type: none"> • fosse [muito olhado] 	Belo Horizonte	1
65.	[MUITO ACOMODADA]	<ul style="list-style-type: none"> • fica [muito acomodada] 	Belo Horizonte	1
66.	[MUITO CANSADO]	<ul style="list-style-type: none"> • começou a se sentir [muito cansado] 	Belo Horizonte	1
67.	[MUITO SÓ]	<ul style="list-style-type: none"> • ficasse [assim muito só] 	Belo Horizonte	1
68.	[MUITO RELAXADA]	<ul style="list-style-type: none"> • estou [muito relaxada] 	Belo Horizonte	1
69.	[MUITO DIFERENTE]	<ul style="list-style-type: none"> • era [muito diferente] • foi [uma vida muito diferente] • [as bolas antigamente, assim oval, [muito diferente]] 	Belo Horizonte	3

(Continua)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
70.	[MUITO RUIM]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito ruim].~ era tida [muito ruim] estou [muito ruim] sabia [que era [um serviço [muito ruim]]] 	Belo Horizonte	4
71.	[MUITO TRATADA]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito tratada] 	Belo Horizonte	1
72.	[MUITO VADIA]	<ul style="list-style-type: none"> era [muito vadia] 	Belo Horizonte	1
73.	[MUITO CHIQUE]	<ul style="list-style-type: none"> foi até [muito chique] 	Belo Horizonte	1
74.	[MUITO BAIXINHA]	<ul style="list-style-type: none"> (era) [muito baixinha] 	Belo Horizonte	1
75.	[MUITO DOENTE]	<ul style="list-style-type: none"> está [muito doente] anda [muito doente] 	Belo Horizonte	2
76.	[MUITO APERTADO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> é [muito apertado] era [uma vida assim, [muito apertada], de pobre] 	Belo Horizonte	2
77.	[MUITO RICO(S)]	<ul style="list-style-type: none"> era [para meninos [muito ricos]] era [um homem [muito rico]] 	Belo Horizonte	2
78.	[MUITO VAGA]	<ul style="list-style-type: none"> era [uma coisa [muito vaga]] 	Belo Horizonte	1
79.	[MUITO FREQUENTADA]	<ul style="list-style-type: none"> é [cidade [muito frequentada] por muitos veranistas] 	Belo Horizonte	1
80.	[MUITO IMPORTANTE]]	<ul style="list-style-type: none"> era [um homem [muito importante]] [Uma cerâmica muito grande... [muito importante]] 	Belo Horizonte	2
81.	[MUITO ATIVA]	<ul style="list-style-type: none"> era [uma pessoa [muito ativa]] 	Belo Horizonte	1
82.	[MUITO RÚSTICA]	<ul style="list-style-type: none"> era [uma mulher muito simples, [muito rústica]] 	Belo Horizonte	1
83.	[MUITO TRABALHADOR]	<ul style="list-style-type: none"> era [um homem [muito trabalhador]] 	Belo Horizonte	1
84.	[MUITO PACATA]	<ul style="list-style-type: none"> era [uma vida [muito pacata]] 	Belo Horizonte	2
85.	[MUITO PIEDOSO]	<ul style="list-style-type: none"> era [um padre muito piedoso] 	Belo Horizonte	1
86.	[MUITO FASCINANTE]	<ul style="list-style-type: none"> é [um estudo [muito, muito fascinante]] 	Belo Horizonte	1
87.	[MUITO COMBATÍVEL]	<ul style="list-style-type: none"> foi [um homem [muito combatível]] 	Belo Horizonte	1
88.	[MUITO EXCÊNTRICA]	<ul style="list-style-type: none"> era [uma pessoa [muito excêntrica]] 	Belo Horizonte	1
89.	[MUITO FORTE]	<ul style="list-style-type: none"> ficou [um clube] muito forte]] [um clube [muito forte]] 	Belo Horizonte	2
90.	[MUITO MAL-EDUCADOS]	<ul style="list-style-type: none"> eram [meninos [muito mal-educados]] 	Belo Horizonte	1

(Conclusão)

Nº	[MUITO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
91.	[MUITO MOVIMENTADA]	• era [uma casa [muito movimentada]]	Belo Horizonte	1
92.	[MUITO DIVERTIDA]	• era [uma casa [muito divertida]]	Belo Horizonte	1
93.	[MUITO VIRTUOSOS]	• havia [sacerdotes [muito virtuosos e bons]]	Belo Horizonte	1
94.	[MUITO ANTIGO]	• tem [um chafariz [muito antigo]]	Belo Horizonte	1
95.	[MUITO MAIOR]	• passou a ter [um salário [muito maior] que o meu].	Belo Horizonte	1
96.	[MUITO MILITAR]	• tinha [um regime [muito militar]]	Belo Horizonte	1
97.	[MUITO ORGANIZADO]	• estão fazendo [um loteamento muito bom lá. Com ruas asfaltadas, com luz de mercúrio, [muito organizado]]	Belo Horizonte	1
98.	[MUITO INTENSA]	• tinha [uma vida social [muito intensa]]	Belo Horizonte	1
99.	[MUITO DISCRETA]	• tinha... [cachoeirinha até [muito discreta]]	Belo Horizonte	1
100.	[MUITO BATIDAS]	• tocava [as músicas já [muito batidas]]	Belo Horizonte	1
101.	[MUITO ESPECIAL]	• havia [uma coisa assim, [muito especial]]	Belo Horizonte	1
102.	[MUITO JEITOSA]	• [uma bonita morena, [muito jeitosa]]	Belo Horizonte	1
103.	[MUITO ALTA]	• [febre [muito alta]]	Belo Horizonte	1
104.	[MUITO SÁBIO]	• [Um padre [muito sábio]]	Belo Horizonte	1
105.	[MUITO MODESTA]	• [Uma casa [muito modesta]]	Belo Horizonte	1
106.	[MUITO SIMPÁTICA]	• [Uma casa muito boa, [muito simpática]]	Belo Horizonte	1
107.	[MUITO CULTA]	• [terra de gente [muito culta] e tudo]	Belo Horizonte	1
108.	[MUITO LONGE]	• era [muito longe]	Belo Horizonte	1
109.	[MUITO PERTINHO]	• é [muito pertinho]	Belo Horizonte	1
Total				217

Tabela 3 – Verbo + intensificador *muito* nos dados rurais

(Continua)

Nº	[Verbo + MUITO]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[(A)JUDAR MUITO]	• ajudei ~ judô ~ judava ~ajuda ~ ajudô ~ ajudaro ~ajuda ~ ajudava ~ judei [muito]	Luisburgo	15
2.	[ESQUENTAR MUITO]	• isquentava [muito]	Luisburgo	1
3.	[SOFRER MUITO]	• sufri ~ sofri ~ sofreu ~sufria ~sofremo ~ tava sofreno [muito]	Luisburgo	10
4.	[REZAR MUITO]	• rezava [muito]	Luisburgo	1
5.	[USAR MUITO]	• usava ~tá usano [muito]	Luisburgo	4
6.	[CONVERSAR MUITO]	• cunversá ~cunversô [muito]	Luisburgo	2
7.	[IR MUITO]	• ia ~vai ~vô [muito]	Luisburgo	10
8.	[GOSTAR MUITO]	• gosta ~ gosto ~ gostava ~gostei [muito]	Luisburgo	26
9.	[SAIR MUITO]	• saía ~ sai [muito]	Luisburgo	3
10.	[CORRIGIR MUITO]	• corrigia [muito]	Luisburgo	2
11.	[RELAR MUITO]	• ficá relano [muito]	Luisburgo	1
12.	[INCOMODAR MUITO]	• incomodava [muito]	Luisburgo	1
13.	[VIR MUITO]	• vinha [muito]	Luisburgo	1
14.	[PASSEAR MUITO]	• passia ~ passiaiva [muito]	Luisburgo	3
15.	[SEGURAR MUITO]	• sigurá [muito]	Luisburgo	1
16.	[LUTAR MUITO]	• lutô [muito]	Luisburgo	2
17.	[ESCONDER MUITO]	• iscoiê [muito]	Luisburgo	1
18.	[DEMORAR MUITO]	• tava demorano [muito] • demorô [muito]	Luisburgo	2
19.	[TRABALHAR MUITO]	• trabaiaiva ~ trabalhamo ~trabalhei ~ trabalhava ~ trabaieimo ~trabalha ~trabalhá ~trabaiei [muito]	Luisburgo	14
20.	[ESTUDAR MUITO]	• istudá [muito]	Luisburgo	1
21.	[FALAR MUITO]	• tô falano ~ falava [muito]	Luisburgo	2
22.	[MINGUAR MUITO]	• minguô [muito]	Luisburgo	1
23.	[RESPEITAR MUITO]	• respeita ~ respeitava [muito]	Luisburgo	2
24.	[MARCAR MUITO]	• marcô [muito]	Luisburgo	1
25.	[IMPORTAR MUITO]	• importo [muito]	Luisburgo	1
26.	[FORÇAR MUITO]	• forçô [muito]	Luisburgo	1

(Conclusão)

Nº	[Verbo + MUITO]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
27.	[BRINCAR MUITO]	• brincava [muito]	Luisburgo	2
28.	[(A)BORRECER MUITO]	• burricia [muito]	Luisburgo	1
29.	[ENTENDER MUITO]	• intendia [muito]	Luisburgo	1
30.	[COMER MUITO]	• come [muito]	Luisburgo	1
31.	[HOVER MUITO]	• chuvia [muito]	Luisburgo	1
32.	[VER MUITO]	• vi [muito]	Luisburgo	1
33.	[DIMINUIR MUITO]	• diminuí [muito]	Luisburgo	1
34.	[CAPRICHAR MUITO]	• caprichei [muito]	Luisburgo	1
35.	[MUDAR MUITO]	• muda ~ tá mudano [muito]	Luisburgo	2
36.	[CRESCER MUITO]	• crescê [muito]	Luisburgo	1
37.	[CONHECER MUITO]	• cunhecia [muito]	Luisburgo	1
38.	[NEGOCIAR MUITO]	• niguciei [muito]	Luisburgo	1
39.	[GUARDAR MUITO]	• guardo [muito]	Luisburgo	1
40.	[DOER MUITO]	• sintino dueno [muito]	Luisburgo	1
41.	[ACREDITAR MUITO]	• acreditava [muito]	Luisburgo	1
Total				126

Tabela 4 – Verbo + intensificador *muito* nos dados urbanos

(Continua)

Nº	[Verbo + MUITO]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[QUERER MUITO]	• queria [muito]	Belo Horizonte	2
2.	[FALAR MUITO]	• falo ~ posso falar [muito]	Belo Horizonte	2
3.	[ESTUDAR MUITO]	• estudava [muito]	Belo Horizonte	1
4.	[CONVERSAR MUITO]	• podia conversar [muito]	Belo Horizonte	1
5.	[RECOMENDAR MUITO]	• recomendava [muito]	Belo Horizonte	1
6.	[GOSTAR MUITO]	• gostava ~ gostou ~gosto ~gosta ~ gostei [muito]	Belo Horizonte	19
7.	[BRINCAR MUITO]	• brincava [muito]	Belo Horizonte	1
8.	[DEPENDER MUITO]	• depende [muito]	Belo Horizonte	1
9.	[IR MUITO]	• ia ~ íamos [muito]	Belo Horizonte	9

(Continua)

Nº	[Verbo + MUITO]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
10.	[CANSAR MUITO]	• cansava [muito]	Belo Horizonte	1
11.	[TRATAR MUITO]	• tratou [muito]	Belo Horizonte	1
12.	[JUDIAR MUITO]	• judiou ~ judiava [muito]	Belo Horizonte	2
13.	[ABUSAR MUITO]	• abusavam [muito]	Belo Horizonte	1
14.	[ADAPTAR MUITO]	• adaptei ~ adaptava [muito]	Belo Horizonte	3
15.	[CONTAR MUITO]	• cortava [muito]	Belo Horizonte	1
16.	[FREQUENTAR MUITO]	• frequentava [muito]	Belo Horizonte	1
17.	[SAIR MUITO]	• sair [muito]	Belo Horizonte	1
18.	[MUDAR MUITO]	• muda ~ mudou [muito]	Belo Horizonte	3
19.	[SOFRER MUITO]	• sofreu [muito]	Belo Horizonte	1
20.	[BRIGAR MUITO]	• brigava [muito]	Belo Horizonte	1
21.	[DESENVOLVER MUITO]	• desenvolveu [muito]	Belo Horizonte	1
22.	[PULAR MUITO]	• pulava [muito]	Belo Horizonte	1
23.	[VIR MUITO]	• vinham ~ vinha [muito]	Belo Horizonte	2
24.	[LEMBRAR-SE MUITO]	• me lembro [muito]	Belo Horizonte	1
25.	[VOLTAR MUITO]	• voltava [muito]	Belo Horizonte	1
26.	[TRABALHAR MUITO]	• trabalhava ~ trabalhei [muito]	Belo Horizonte	2
27.	[SALIENTAR-SE MUITO]	• me salientei [muito]	Belo Horizonte	1
28.	[ESTRANHAR MUITO]	• estranhei [muito]	Belo Horizonte	1
29.	[APRENDER MUITO]	• aprendi [muito]	Belo Horizonte	1
30.	[ESFORÇAR-SE MUITO]	• me esforçava [muito]	Belo Horizonte	1
31.	[CHOCAR MUITO]	• chocou [muito]	Belo Horizonte	1
32.	[SENTIR MUITO]	• senti [muito]	Belo Horizonte	1
33.	[RIR MUITO]	• ria [muito]	Belo Horizonte	1
34.	[AGARRAR MUITO]	• agarrou [muito]	Belo Horizonte	1
35.	[VENTAR MUITO]	• venta [muito]	Belo Horizonte	1
36.	[AJUDAR MUITO]	• ajudava [muito]	Belo Horizonte	1
37.	[MARCAR MUITO]	• marcou [muito]	Belo Horizonte	2
38.	[REGISTRAR MUITO]	• registrou [muito]	Belo Horizonte	1
39.	[COMBINAR MUITO]	• combinávamos [muito]	Belo Horizonte	1

(Conclusão)

Nº	[Verbo + MUITO]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
40.	[USAR MUITO]	• usava [muito]	Belo Horizonte	1
41.	[RELAXAR MUITO]	• relaxamos [muito]	Belo Horizonte	1
42.	[SUBIR MUITO]	• subisse [muito]	Belo Horizonte	1
Total				78

Tabela 5 – Intensificador *muito* + advérbio nos dados rurais

Nº	[MUITO + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[MUITO BEM]	<ul style="list-style-type: none"> • recebe [muito bem] • prantava [muito bem] • trata [muito bem] (2) • canta [muito bem] • se dá ~ se dô [muito bem] (3) • viveu ~ veve ~ vivemo [muito bem] (3) • combinava [muito bem] (4) • trabalha [muito bem] • saiu [muito bem] • funcionô [muito bem] • morei [muito bem] • me acho [muito bem] • convivia [muito bem] • intendia [muito bem] • tá [muito bem de vida] • é ~ foi [muito bem] (2) • tá [muito bem] 	Luisburgo	26
2.	[MUITO CEDO]	• cumê [muito cedo]	Luisburgo	1
3.	[MUITO POCO]	<ul style="list-style-type: none"> • insinava [muito pouco] • tem [muito pouco] • é [muito pouco] 	Luisburgo	3
4.	[MUITO LONGE]	<ul style="list-style-type: none"> • morava [muito longe], • fui criada [muito longe] 	Luisburgo	2
5.	[MUITO MALE]	• riscá [muito male]	Luisburgo	1
6.	[MUITO DIPRESSA]	• cresceu [muito dipressa]	Luisburgo	1
Total				34

Tabela 6 – Intensificador *muito* + advérbio nos dados urbanos

Nº	[MUITO + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[MUITO BEM]	<ul style="list-style-type: none"> • lia e escrevia [muito bem] • soube educar [muito bem] • me lembro [muito bem] (2) • ensinava [muito bem] • aprendeu [muito bem] • se deram ~ se dava [muito bem] (2) • costurava [muito bem] 	Belo Horizonte	9
2.	[MUITO CEDO]	<ul style="list-style-type: none"> • pegasse [muito cedo] • perdi [muito cedo] • morreu [muito cedo] 	Belo Horizonte	3
3.	[MUITO TARDE]	<ul style="list-style-type: none"> • largava [muito tarde] 	Belo Horizonte	1
4.	[MUITO POBREMENTE]	<ul style="list-style-type: none"> • começamos [muito pobremente] 	Belo Horizonte	1
5.	[MUITO MAL]	<ul style="list-style-type: none"> • ganhava [muito mal] • dancei [muito mal] (2) • anda [muito mal] • está [muito mal] 	Belo Horizonte	5
6.	[MUITO PITORESCAMENTE]	<ul style="list-style-type: none"> • costumam anunciar [muito pitorescamente] 	Belo Horizonte	1
7.	[MUITO POUCO]	<ul style="list-style-type: none"> • lembro [muito pouco] 	Belo Horizonte	1
8.	[MUITO MAIS]	<ul style="list-style-type: none"> • demorou [muito mais] 	Belo Horizonte	1
Total				22

Tabela 7 – Intensificador *mais* + adjetivo nos dados rurais

(Continua)

Nº	[MAIS + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MAIS SEPARADO]	<ul style="list-style-type: none"> • [num cantim [mais separado]] 	Luisburgo	1
2.	[MAIS VELHO(A) ~VÉIO(A) ~VÉI']	<ul style="list-style-type: none"> • [co'a fia [mais véia] minha] • tava [n[o lugá do [mais velho]]] • tava [mais veizim] • é [o irmão [mais véi'] nosso] • é mais novo [mais véi'] ~ era [mais véia] ~ é [mais véi'] ~ é [mais véia de todos] (6) • fiquei [mais velha] assim • pô [a cama d[os três minino [mais véi']]] • [meu irmão [mais véio]] ~[meu irmão [mais véi']](2) • fui tive [o meu fio [mais velho]] • [as pessoa [mais velho]] 	Luisburgo	25

(Continua)

Nº	[MAIS + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
2.	[MAIS VELHO(A) ~VÉIO(A) ~VÉI'	<ul style="list-style-type: none"> e [a minha irmã [mais velha]] ~ [a minha irmã [mais véia]] (3) [meu fio [mais véio]] [minha fia [mais véia]] [as minina [mais velha]] [as duas [mais velha]] é [o irmão mais [véi' nosso]] a Maronita [mais velha] 	Luisburgo	25
3.	[MAIS NOVO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> e [[indeus do tempo que / de [mais novo]] é [mais novo] ~ é [mais nova] ~ somo [mais novo] ~ é [mais novo] ~ é [esse mais novo] ~ era [mais novo] ~ era tudo [mais novo] (9) tava [mais nova] pa [essas [pessoa mais novo]] <p>tem só esse [mais novo]</p> <p>ficô [meu irmão né [mais novo]]</p> <p>batizô eu [meu irmão [mais novo]]</p> <p>[meu minino [mais novo]]</p> <p>[as /muitas pessoa [mais novo]]</p> <p>é [o meu irmão [mais novo]]</p>	Luisburgo	19
4.	[MAIS JOVE]	<ul style="list-style-type: none"> ... foi [depois de [mais jove]] 	Luisburgo	1
5.	[MAIS LONGE]	<ul style="list-style-type: none"> [n[o oto corgo [mais longe]] dá [argum passeio [mais longe]] 	Luisburgo	2
6.	[MAIS GRANDE]	<ul style="list-style-type: none"> ê vinha com nós [mais grande] 	Luisburgo	1
7.	[MAIS DIFÍCI']	<ul style="list-style-type: none"> é [mais difíci'] ~ era [mais difíci'] ~ era [muito mais difíci'] (4) [a coisa [mais difíci']] [a história daqui o' [mais difíci']] 	Luisburgo	6
8.	[MAIS PIQUENO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> é [pintitinha... [mais piquena]] era [mais piqueno] 	Luisburgo	2
9.	[MAIS RŪI]	<ul style="list-style-type: none"> ficano [mais rŭi] 	Luisburgo	1
10.	[MAIS FORTE]	<ul style="list-style-type: none"> ficá [mais forte] era [mais forte] [ũa casa [mais forte]] 	Luisburgo	3
11.	[MAIS BAXIM]	<ul style="list-style-type: none"> era craro [mais baxim] 	Luisburgo	1
12.	[MAIS FÔCO]	<ul style="list-style-type: none"> era sempre [mais fôco] 	Luisburgo	1

(Conclusão)

Nº	[MAIS + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
13.	[MAIS CONTROLADO]	<ul style="list-style-type: none"> fica [mais controlado] [essas pessoa mais rico [mais controlado]] 	Luisburgo	2
14.	[MAIS RICO]	<ul style="list-style-type: none"> [essas pessoa [mais rico] mais controlado] 	Luisburgo	1
15.	[MAIS CRIANÇA]	<ul style="list-style-type: none"> era [mais criança] 	Luisburgo	2
16.	[MAIS CHEGADO]	<ul style="list-style-type: none"> ficô [mais chegado] 	Luisburgo	1
17.	[MAIS ESTRANHO]	<ul style="list-style-type: none"> era [mais estranho] 	Luisburgo	1
18.	[MAIS BEM-ARRUMADA]	<ul style="list-style-type: none"> chegava assim [mais bem-arrumada] 	Luisburgo	1
19.	[MAIS FÁCI']	<ul style="list-style-type: none"> acho [mais fáci'] é [mais fáci'] ~ era [mais fáci'] (3) [o dia [mais fáci']] 	Luisburgo	5
20.	[MAIS INJUADO]	<ul style="list-style-type: none"> é assim [mais injuado] 	Luisburgo	1
21.	[MAIS MADURA]	<ul style="list-style-type: none"> casô [mais madura] 	Luisburgo	1
22.	[MAIS PERTO]	<ul style="list-style-type: none"> é [mais perto] tinha [iscola aqui [mais perto]] 	Luisburgo	2
23.	[MAIS BRUTA]	<ul style="list-style-type: none"> cum [as coisa assim [mais bruta]] 	Luisburgo	1
24.	[MAIS SÉRIA]	<ul style="list-style-type: none"> [ũa cunversa [mais séria]] 	Luisburgo	1
25.	[MAIS ANTIGO]	<ul style="list-style-type: none"> [muitas pessoas dos [mais antigo]] 	Luisburgo	1
26.	[MAIS IMPORTANTE]	<ul style="list-style-type: none"> [a coisa [mais importante] da minha vida] era [a coisa [mais importante]] 	Luisburgo	2
27.	[MAIS BUNITA]	<ul style="list-style-type: none"> que [coisa [mais bunita]] 	Luisburgo	1
28.	[MAIS ESQUISITA]	<ul style="list-style-type: none"> é [a coisa mais [muito isquisita]] 	Luisburgo	1
Total				87

Tabela 8 – Intensificador *mais* + adjetivo nos dados urbanos

(Continua)

Nº	[MAIS + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MAIS VELHO(A)]	<ul style="list-style-type: none"> • Com [minha mãe, [mais velha]] • com [meu irmão [mais velho]] • era [mais velha] ~ era mais... [mais velho] ~ ser bem [mais velha] ~ é [mais velha] ~ era uma das [mais velhas] ~ fomos ficando [mais velhos] ~ tornamos [mais velhos] ~ sou [mais velho] ~ era [mais velho] (11) • irmã Maria [mais velha] • tinha um [mais velho] • ouvia [minha irmã [mais velha]] • respeitar [as pessoas [mais velhas]] • [o meu irmão [mais velho]] • [a minha irmã [mais velha]] • [a minha [mais velha]] • [a minha filha [mais velha]] • [essa minha irmã [mais velha]] • [meus irmãos [mais velhos]] • [o irmão [mais velho]] • [a minha irmã [mais velha]] • [a madrinha [mais velha]] • eram [pessoas [mais velhas]] 	Belo Horizonte	27
2.	[MAIS LEVE]	<ul style="list-style-type: none"> • de [uma forma bem [mais leve]] 	Belo Horizonte	1
3.	[MAIS ATRASADA(S)]	<ul style="list-style-type: none"> • com [classes [mais atrasadas]] • era [mais atrasada] 	Belo Horizonte	2
4.	[MAIS FÁCIL]	<ul style="list-style-type: none"> • era [mais fácil] ~ é [mais fácil] (3) • ficou [mais fácil] 	Belo Horizonte	4
5.	[MAIS SOCIÁVEL]	<ul style="list-style-type: none"> • é [mais sociável] 	Belo Horizonte	1
6.	[MAIS NOVA(S)]	<ul style="list-style-type: none"> • é [mais novas] ~ era [mais nova] • [minha irmã [mais nova]] 	Belo Horizonte	3
7.	[MAIS DISPOSTO]	<ul style="list-style-type: none"> • pegaram ele [mais disposto] 	Belo Horizonte	1
8.	[MAIS RETIRADA]	<ul style="list-style-type: none"> • era [assim [mais retirada]] 	Belo Horizonte	1
9.	[MAIS INTELIGENTE]	<ul style="list-style-type: none"> • é [muito [mais inteligente]] 	Belo Horizonte	1
10.	[MAIS CARO]	<ul style="list-style-type: none"> • é [mais caro] ~ era [mais caro] 	Belo Horizonte	4
11.	[MAIS ALTO]	<ul style="list-style-type: none"> • é [mais alto] 	Belo Horizonte	1
12.	[MAIS MAGRINHAS]	<ul style="list-style-type: none"> • são miudinhas, [mais magrinhas] 	Belo Horizonte	1
13.	[MAIS BONITO ~ BONITINHA]	<ul style="list-style-type: none"> • não tem ninguém [mais bonito] • [a coisa [mais bonitinha]] 	Belo Horizonte	2

(Continua)

Nº	[MAIS + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
14.	[MAIS SÉRIOS(AS)]	<ul style="list-style-type: none"> fossem [mais sérias] [esses livros [mais sérios]] 	Belo Horizonte	2
15.	[MAIS COMPRIDO]	<ul style="list-style-type: none"> era... [mais comprido] e mais comportadinho 	Belo Horizonte	1
16.	[MAIS COMPORTADINHO]	<ul style="list-style-type: none"> era... mais comprido e [mais comportadinho] 	Belo Horizonte	1
17.	[MAIS BEM-VESTIDINHA]	<ul style="list-style-type: none"> estava [assim um pouquinho [mais bem-vestidinha]] 	Belo Horizonte	1
18.	[MAIS CURTINHO]	<ul style="list-style-type: none"> poder ficar [mais curtinho] 	Belo Horizonte	1
19.	[MAIS DEDICADO]	<ul style="list-style-type: none"> se tornou [mais dedicado] ainda 	Belo Horizonte	1
20.	[MAIS RESGUARDADAS]	<ul style="list-style-type: none"> ficassem assim[mais resguardadas] 	Belo Horizonte	1
21.	[MAIS OLHADO]	<ul style="list-style-type: none"> era [mais olhado] 	Belo Horizonte	1
22.	[MAIS JOVENS]	<ul style="list-style-type: none"> eram [mais jovens] 	Belo Horizonte	1
23.	[MAIS GENIOSO]	<ul style="list-style-type: none"> ser [mais genioso] 	Belo Horizonte	1
24.	[MAIS BARATO]	<ul style="list-style-type: none"> era [mais barato] 	Belo Horizonte	2
25.	[MAIS PERTO]	<ul style="list-style-type: none"> era [mais perto] ~ é [mais perto] desse tal córrego, pertinho mesmo 	Belo Horizonte	2
26.	[MAIS ABERTO]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [um programa um pouquinho [mais aberto], mais amplo] 	Belo Horizonte	1
27.	[MAIS AMPLO]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [um programa um pouquinho mais aberto, [mais amplo]] 	Belo Horizonte	1
28.	[MAIS PESADA]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [alguma coisa [mais pesada]] 	Belo Horizonte	1
29.	[MAIS GROSSO]	<ul style="list-style-type: none"> ficava pondo a lenha; [os paus [mais grossos]] 	Belo Horizonte	1
30.	[MAIS MODESTO]	<ul style="list-style-type: none"> Era [um cargo [mais modesto]] 	Belo Horizonte	1
31.	[MAIS AMIGAS]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [aquelas famílias [mais amigas]] 	Belo Horizonte	1
32.	[MAIS FORTES]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [braços [mais fortes]] 	Belo Horizonte	1
33.	[MAIS CHEIA]	<ul style="list-style-type: none"> botar... [uma roupa [mais cheia] de babados] 	Belo Horizonte	1
34.	[MAIS INTERESSANTE]	<ul style="list-style-type: none"> ver que [coisa [mais interessante]] 	Belo Horizonte	1
35.	[MAIS DE MAU GOSTO]	<ul style="list-style-type: none"> tinham sempre [uma brincadeira [mais de mau gosto]] 	Belo Horizonte	1
36.	[MAIS FEIO]	<ul style="list-style-type: none"> há [nome [mais feio]] 	Belo Horizonte	1
37.	[MAIS ELEVADA]	<ul style="list-style-type: none"> que [as pessoas de situação econômica [mais elevada]] 	Belo Horizonte	1
38.	[MAIS CHIQUE]	<ul style="list-style-type: none"> [o bairro [mais chique]] 	Belo Horizonte	1

(Conclusão)

Nº	[MAIS + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
39.	[MAIS ARREDONDADO]	• [um pinhãozinho [mais arredondado]]	Belo Horizonte	1
40.	[MAIS CENTRAL]	• [uma região [mais central] da Itália]	Belo Horizonte	1
41.	[MAIS LINDA]	• [a coisinha [mais linda]]	Belo Horizonte	1
42.	[MAIS TRISTE]	• foi [o período [mais triste] da minha vida]	Belo Horizonte	1
43.	[MAIS LARGO]	• e [um pano tinto também, um pouquinho [mais largo]]	Belo Horizonte	1
44.	[MAIS SIMPLES]	• era [uma coisa, assim, [mais simples]]	Belo Horizonte	1
45.	[MAIS VOLTADA]	• era [uma coisa assim [mais voltada]]	Belo Horizonte	1
46.	[MAIS CULTA]	• era [mulher [mais culta]]	Belo Horizonte	1
47.	[MAIS IMPORTANTE]	• Era [uma família [mais importante]]	Belo Horizonte	1
Total				86

Tabela 9 – Verbo + intensificador *mais* nos dados rurais

Nº	[Verbo + Mais]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[CONVERSAR MAIS]	• cunversava [mais]	Luisburgo	1
2.	[IR MAIS]	• vô [mais] aqui	Luisburgo	1
3.	[CUIDAR MAIS]	• cuidava [mais]	Luisburgo	1
4.	[GOSTAR MAIS]	• [mais] gosto	Luisburgo	1
5.	[CRESCER MAIS]	• foi crescono ~ crisci [mais]	Luisburgo	2
6.	[TRABALHAR MAIS]	• trabaiano ~ trabaiaiva [mais]	Luisburgo	2
7.	[CONTAR MAIS]	• contava [mais]	Luisburgo	1
8.	[OLHAR MAIS]	• olha [mais]	Luisburgo	1
9.	[MELHORAR MAIS]	• melhorá [mais]	Luisburgo	1
10.	[PUXAR MAIS]	• [mais] puxô	Luisburgo	1
11.	[VER MAIS]	• via [mais]	Luisburgo	1
12.	[SENTIR MAIS]	• senti [mais]	Luisburgo	1
Total				14

Tabela 10 – Verbo + intensificador *mais* nos dados urbanos

Nº	[Verbo + Mais]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[SABER MAIS]	• sabia [mais]	Belo Horizonte	1
2.	[BATER MAIS]	• batia [mais]	Belo Horizonte	1
3.	[COMPRAR MAIS]	• comprava [mais]	Belo Horizonte	1
4.	[APANHAR MAIS]	• apanhava [mais]	Belo Horizonte	1
5.	[GOSTAR MAIS]	• mais [gostava] ~ gostava [mais] ~ gostou [mais]	Belo Horizonte	3
6.	[CRESCER MAIS]	• iam crescendo [mais]	Belo Horizonte	1
7.	[EVOLUIR MAIS]	• tinha evoluído [mais]	Belo Horizonte	1
Total				9

Tabela 11 – Intensificador *mais* + advérbio nos dados rurais

Nº	[Mais + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[MAIS PRA CIMA]	• tem [mais pra cima] ~ [mais por cima]	Luisburgo	2
2.	[MAIS TARDE]	• chego [mais tarde] • era [mais tarde] • guardava lá pra [mais tarde] • passia [mais tarde]	Luisburgo	4
3.	[MAIS POCO]	• vêm [mais poco] (2)	Luisburgo	2
4.	[MAIS PRA BAXO]	• feiz ãa... [mais pra baxo] • morava cá [mais pra baxo] • mudei cá [mais pra baxo]	Luisburgo	3
5.	[MAIS PRA RIBA]	• mora... [mais pra riba]	Luisburgo	1
6.	[MAIS LONGE]	• mora [mais longe]	Luisburgo	1
7.	[MAIS AINDA]	• sufri [mais ainda]	Luisburgo	1
8.	[MAIS BEM]	• fazia [mais bem]	Luisburgo	1
9.	[MAIS DIPRESSA]	• vei' [mais dipressa]	Luisburgo	1
10.	[MAIS PERTO]	• morava pra [mais perto] ~ morava [mais perto] (4)	Luisburgo	4
Total				20

Tabela 12 – Intensificador *mais* + advérbio nos dados urbanos

Nº	[Mais + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[MAIS LONGE]	• mandavam a bola [mais longe]	Belo Horizonte	1
2.	[MAIS TARDE]	• arranjaram babá, depois [mais tarde] • foi [mais tarde] (2)	Belo Horizonte	3
3.	[MAIS PARA BAIXO]	• tinha... [mais para baixo]	Belo Horizonte	1
4.	[MAIS PARA TRÁS]	• ficava [mais para trás]	Belo Horizonte	1
5.	[MAIS NA FRENTE]	• era [mais na frente]	Belo Horizonte	1
6.	[MAIS EM CIMA]	• era [mais em cima]	Belo Horizonte	1
7.	[MAIS AINDA]	• facilitar [mais ainda]	Belo Horizonte	1
Total				9

Tabela 13 – Intensificador *bem* + adjetivo nos dados rurais

(Continua)

Nº	[BEM+ Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[BEM RÁPIDO]	• foi [um casamento assim já bem rápido... [bem depressa]]	Luisburgo	1
2.	[BEM PERTO]	• era [vizim sabe... [bem perto]]	Luisburgo	1
3.	[BEM ARRUMADINHA]	• era [ũa cuberta de ingêi... mas [bem arrumadinha]]	Luisburgo	1
4.	[BEM LONGE]	• era [casa às vuez de... até [bem longe]]	Luisburgo	1
5.	[BEM NOVO ~NOVIM]	• era [bem novo] ainda • morreu [bem novim] • cumecei a trabalhá [bem novo] • tinha [duas irmã [bem nova]]	Luisburgo	4
6.	[BEM CERTO]	• nũ tô [bem certo]	Luisburgo	1
7.	[BEM OIADO]	• oiá [bem oiado]	Luisburgo	1
8.	[BEM VÉI' ~VÉIA]	• tava [bem véi'] • é... [bem véia] • era [bem veinha]	Luisburgo	3
9.	[BEM DIFÍCIL]	• foi [bem difícil]	Luisburgo	1
10.	[BEM ATRASADO]	• era [bem atrasado]	Luisburgo	1
11.	[BEM APERTADO ~ APERTADIM]	• apertava [bem apertadim] • foi [bem apertado]	Luisburgo	2
12.	[BEM BÃO ~ BOA]	• era [bem bão] • [um / um tempuzim [bem bão]] • tinha [uma aguinha [bem boa]] • [festinha [bem boa]]	Luisburgo	4

(Conclusão)

Nº	[BEM+ Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
13.	[BEM DUENTE]	• era [bem duente]	Luisburgo	1
14.	[BEM GRANDE]	• tava [bem grande]	Luisburgo	1
15.	[BEM ACABADO]	• tá [bem acabado]	Luisburgo	1
Total				24

Tabela 14 – Intensificador *bem* + adjetivo nos dados urbanos

Nº	[BEM+ Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[BEM (MAIS) LEVE]	• ajudar, mas de [uma forma [bem mais leve]]	Belo Horizonte	1
2.	[BEM GROSSA]	• [uma tábua [bem grossa]]	Belo Horizonte	1
3.	[BEM QUENTINHA]	• deixou bastante tempo, [bem quentinha]	Belo Horizonte	1
4.	[BEM BRAVA]	• sou [bem brava]	Belo Horizonte	1
5.	[BEM RÍGIDA]	• era [bem rígida]	Belo Horizonte	1
6.	[BEM GRANDE].	• é [bem grande]	Belo Horizonte	1
7.	[BEM (MAIS) VELHA]	• ser [bem mais velha]	Belo Horizonte	1
8.	[BEM COZIDA]	• gosto de fazer [a polenta [bem cozida]]	Belo Horizonte	1
Total				8

Tabela 15 – Verbo + intensificador *bem* nos dados rurais

Nº	[Verbo + BEM]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[AMOLAR BEM]	• tem amolado ocêis [bem]	Luisburgo	1
2.	[CUSTAR BEM]	• custemo [bem]	Luisburgo	1
3.	[CASTIGAR BEM]	• castigava a gente [bem]	Luisburgo	1
4.	[AGUENTAR BEM]	• aguentava [bem]	Luisburgo	1
Total				4

Tabela 16 – Verbo + intensificador *bem* nos dados urbanos

Nº	[Verbo + BEM]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[MELHORAR BEM]	• Melhorou [bem]	Belo Horizonte	1
Total				1

Tabela 17 – Intensificador *bem* + advérbio nos dados rurais

Nº	[BEM + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[BEM CEDO]	• levantá [bem cedo]	Luisburgo	1
2.	[BEM TARDE]	• tá [bem tarde]	Luisburgo	1
3.	[BEM LONGIM]	• entrava... [bem longim]	Luisburgo	1
4.	[BEM (PRA) CIMA] ~ [BEM L'EM CIMA]	• mora lá [bem pra cima] • morava do lado de lá mai' [bem cima] • morava [bem pra cima] • é [bem l'em cima]	Luisburgo	4
5.	[BEM PERTO]	• [bem perto] às veiz que acontece	Luisburgo	1
Total				8

Tabela 18 – Intensificador **bem** + advérbio nos dados urbanos

Nº	[BEM + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[BEM LONGE]	• sentou [bem longe]	Belo Horizonte	1
2.	[BEM ANTES]	• foi [bem antes]	Belo Horizonte	1
3.	[BEM CEDO]	• levantar [bem cedo]	Belo Horizonte	1
Total				3

Tabela19 – Intensificador *tão* + adjetivo nos dados rurais

Nº	[TÃO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[TÃO BÃO]	<ul style="list-style-type: none"> era [um pai [tão bão]] era [um marido [tão bão]] 	Luisburgo	2
2.	[TÃO RŪI]	<ul style="list-style-type: none"> acharo [tão rŭi] 	Luisburgo	1
3.	[TÃO DIFERENTE]	<ul style="list-style-type: none"> ficô [tão diferente] tá [tão diferente] 	Luisburgo	2
4.	[TÃO SATISFEITO]	<ul style="list-style-type: none"> me dava as coisa né... e [tão satisfeito] 	Luisburgo	1
5.	[TÃO FRESQUIM]	<ul style="list-style-type: none"> ficava... [tão fresquim] 	Luisburgo	1
6.	[TÃO TRANQUILO]	<ul style="list-style-type: none"> era [tão tranquilo] 	Luisburgo	1
7.	[TÃO PRECIOSA]	<ul style="list-style-type: none"> incontrá [essa bença [tão preciosa]] 	Luisburgo	1
8.	[TÃO GOSTOSA]	<ul style="list-style-type: none"> dava pra gente aqueas broinha de melado... [broinha [tão gostosa]] 	Luisburgo	1
Total				10

Tabela 20 – Intensificador *tão* + adjetivo nos dados urbanos

Nº	[TÃO + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[TÃO FORTE]	<ul style="list-style-type: none"> era [um homem [tão forte]] 	Belo Horizonte	1
2.	[TÃO GRANDE]	<ul style="list-style-type: none"> Era [uma vaidade assim [tão grande]] era [tão grande] [tão grande] que era tive um cansaço, [um cansaço [tão grande]] 	Belo Horizonte	4
3.	[TÃO SÚBITA]	<ul style="list-style-type: none"> foi [uma coisa [tão súbita]] 	Belo Horizonte	1
4.	[TÃO GROSSA]	<ul style="list-style-type: none"> ficou com [uma voz [tão grossa]] 	Belo Horizonte	1
5.	[TÃO COMUM]	<ul style="list-style-type: none"> era [tão comum] 	Belo Horizonte	1
6.	[TÃO BONITO (A)]	<ul style="list-style-type: none"> achamos aquele bicho [tão bonito] era... [não tão bonita] 	Belo Horizonte	2
7.	[TÃO ENCANTADA]	<ul style="list-style-type: none"> era [tão encantada] 	Belo Horizonte	1
8.	[TÃO PEQUENINHA PEQUENINAS]	<ul style="list-style-type: none"> era [tão pequeninha] éramos [tão pequeninas] 	Belo Horizonte	2
9.	[TÃO DESENTOADA]	<ul style="list-style-type: none"> era [tão desentoada] 	Belo Horizonte	1
10.	[TÃO ESGOTADO]	<ul style="list-style-type: none"> estava [tão esgotado] 	Belo Horizonte	1
11.	[TÃO ENGRAÇADO]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [um sapato [tão engraçado]] 	Belo Horizonte	1
12.	[TÃO MARAVILHOSO]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [um cabelo [tão maravilhoso], tão cacheado] 	Belo Horizonte	1
13.	[TÃO CACHEADO]	<ul style="list-style-type: none"> tinha [um cabelo tão maravilhoso, [tão cacheado]] 	Belo Horizonte	1
Total				18

Tabela 21 – Intensificador *tão* + advérbio nos dados rurais

Nº	[TÃO + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[TÃO DIPRESSA]	• nũ ia falá agora [tão dipressa]	Luisburgo	1
Total				1

Tabela 22 – Intensificador *tão* + advérbio nos dados urbanos

Nº	[TÃO + Advérbio]	Verbo [Intensificador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[TÃO BEM]	• falavam [tão bem]... tão corrente]	Belo Horizonte	1
2.	[TÃO CORRENTE]	• falavam tão bem... [tão corrente]	Belo Horizonte	1
3.	[TÃO LOGO]	• [tão logo] eu tirei o certificado • [tão logo] eu pude...	Belo Horizonte	2
Total				4

Tabela 23 – *Adjetivo* + Intensificador *demaís* nos dados rurais

Nº	Adjetivo + [DEMAIS]	[Adjetivo + Intensificador]	Localidade	Total
1.	[BÃO ~ BOA DIMAIS]	• era [ũa coisa boa demais] • é [ũa coisa bão demais] • é [bão demais] • teve [bão dimaise]	Luisburgo	4
2.	[DISMAZELADA DIMAIS]	• era [dismazelada demais]	Luisburgo	1
3.	[CARO DIMAIS]	• pegô a ficá [muito caro demais]	Luisburgo	1
4.	[DIFÍCI' DIMAIS]	• era [difíci' demais]	Luisburgo	4
5.	[TRABAIADÔ DIMAIS]	• era [trabaiadô demais]	Luisburgo	1
Total				11

Tabela 24 – *Adjetivo* + Intensificador *demaís* nos dados urbanos

Nº	[Adjetivo + DEMAIS]	[Adjetivo + Intensificador]	Localidade	Total
1.	[BOM DEMAIS]	• era [bom demais]	Belo Horizonte	1
2.	[QUENTE DEMAIS]	• disse que [o sol [quente demais]]	Belo Horizonte	1
Total				2

Tabela 25 – Verbo + intensificador *demais* nos dados rurais

Nº	[Verbo + DEMAIS]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[SOFRER DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> sofri ~ sofrero [dimais] (2) sofreu [dimais] da conta (2) 	Luisburgo	4
2.	[GOSTAR DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> gosto ~ gostava ~ gosta [dimais] 	Luisburgo	5
3.	[BRINCAR DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> brincava [dimais] 	Luisburgo	2
4.	[(A)JUDAR DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> judemo ~ ajudava [dimais] 	Luisburgo	2
5.	[PARECER DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> paricia ~ parece [dimais] 	Luisburgo	2
6.	[DOER DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> dói [dimais] 	Luisburgo	1
7.	[LUTAR DIMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> lutô [dimais] 	Luisburgo	1
Total				17

Tabela 26 – Verbo + intensificador *demais* nos dados urbanos

Nº	[Verbo + DEMAIS]	Verbo + [Intensificador]	Localidade	Total
1.	[LATIR DEMAIS]	<ul style="list-style-type: none"> late [demais] 	Belo Horizonte	1
Total				1

Tabela 27 – Intensificador *bastante* + adjetivo nos dados rurais

Nº	[BASTANTE + Adjetivo]	[Intensificador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[BASTANTE LERDO]	<ul style="list-style-type: none"> é [bastante lerdo] muito lerdão 	Luisburgo	1
Total				1

Tabela 28 – Verbo + intensificador *bastante* nos dados rurais

Nº	[Verbo + BASTANTE]	Verbo + [bastante]	Localidade	Total
1.	[CONVERSAR BASTANTE]	<ul style="list-style-type: none"> conversemo [bastante] 	Luisburgo	1
2.	[AMOLAR BASTANTE]	<ul style="list-style-type: none"> amolei cês [bastante] 	Luisburgo	1
3.	[GOSTAR BASTANTE]	<ul style="list-style-type: none"> gostava [bastante] 	Luisburgo	1
Total				3

Tabela 29 – Verbo + intensificador *bastante* nos dados urbanos

Nº	[Verbo + BASTANTE]	Verbo + [bastante]	Localidade	Total
1.	[ANDAR BASTANTE]	• andei [bastante].	Belo Horizonte	1
2.	[MELHORAR BASTANTE]	• melhoraram [bastante]	Belo Horizonte	1
3.	[OLHAR BASTANTE]	• eu olhava [bastante]	Belo Horizonte	1
Total				3

1.2 TABELAS DOS ATENUADORES: Por ordem de frequência com o escopo – verbo, adjetivo e advérbio

Tabela 30 – Atenuador *quase* + verbo nos dados rurais

Nº	[QUASE + Verbo]	[Atenuador] + verbo	Localidade	Total
1.	[QUASE MORRER]	<ul style="list-style-type: none"> [quase murri] cum isso aqui o'... [quase morri]de dor... eu [quase murri] de trabaiá 	Luisburgo	3
2.	[QUASE NÃO LEMBRAR]	<ul style="list-style-type: none"> eu [quase nũ lembro] não 	Luisburgo	1
3.	[QUASE COMPLETAR]	<ul style="list-style-type: none"> já lá vai [quase compretano] cinquenta ano de casado 	Luisburgo	1
4.	[QUAIS' SAIR]	<ul style="list-style-type: none"> [quais' saíno] pra Varge Grande 	Luisburgo	1
5.	[QUAIS' NÃO AGUENTAR]	<ul style="list-style-type: none"> ea [quais' nũ guenta] assim pra saí 	Luisburgo	1
6.	[QUAIS' NÃO VIR]	<ul style="list-style-type: none"> [quais' nũ vêm] aqui 	Luisburgo	1
7.	[QUAIS' NÃO CONHECER]	<ul style="list-style-type: none"> [quais' nũ cunhicia] ninguém 	Luisburgo	1
8.	[QUAIS' NÃO VER]	<ul style="list-style-type: none"> cê [quais' nũ via] café aqui 	Luisburgo	1
9.	[QUAIS' PRECISAR]	<ul style="list-style-type: none"> es [quais' pricisava] de me levá po hospital 	Luisburgo	1
Total				11

Tabela 31 – Atenuador *quase* + verbo nos dados urbanos

Nº	[QUASE + Verbo]	[Atenuador] + verbo	Localidade	Total
1.	[QUASE MORRER]	<ul style="list-style-type: none"> eu [quase morria] de vergonha 	Belo Horizonte	1
2.	[QUASE NÃO TER]	<ul style="list-style-type: none"> [quase não tinha] morador ainda 	Belo Horizonte	1
3.	[QUASE NÃO SAIR]	<ul style="list-style-type: none"> eles [quase não saíam] 	Belo Horizonte	1
4.	[QUASE NÃO IR]	<ul style="list-style-type: none"> a gente [quase não ia] 	Belo Horizonte	1
5.	[QUASE QUE SE AJOELHAR]	<ul style="list-style-type: none"> [quase que se ajoelhar] 	Belo Horizonte	1
6.	[QUASE NÃO SE LEMBRAR]	<ul style="list-style-type: none"> eu [quase não me lembro] o nome 	Belo Horizonte	1
Total				6

Tabela 32 – Atenuador *quase* + adjetivo nos dados rurais

Nº	[QUASE + Adjetivo]	[Atenuador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[QUAIS' CEGO]	<ul style="list-style-type: none"> • trabaivava na roça... [quais' cego] de tudo • capinava mio... [quais' cego] 	Luisburgo	2
Total				2

Tabela 33 – Atenuador *quase* + adjetivo nos dados urbanos

Nº	[QUASE + Adjetivo]	[Atenuador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[QUASE ESQUECIDOS]	• [esses momentos [quase que esquecidos]]	Belo Horizonte	1
Total				1

Tabela 34 – Atenuador *quase* + advérbio nos dados rurais

Nº	[QUASE + Advérbio]	[Atenuador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[QUAIS' DIÁRIA]	• dançava [quais' diária]	Luisburgo	1
2.	[QUAIS' DIRETO]	• era [quais' direto]	Luisburgo	1
Total				2

Tabela 35 – Atenuador *quase* + advérbio nos dados urbanos

Nº	[QUASE + Advérbio]	Verbo [Atenuador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[QUASE SEMPRE]	• [quase sempre] ela saía	Belo Horizonte	1
2.	[QUASE ALI]	• vinha [quase ali] da rua Carangola	Belo Horizonte	1
Total				2

Tabela 36 – Atenuador *meio* + adjetivo nos dados rurais

Nº	[MEIO + Adjetivo]	[Atenuador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MEI' NOVO]	• ...tava [mei' novo]	Luisburgo	1
2.	[MEI' AVEXADO]	• [mei' avexado] de chegá	Luisburgo	1
3.	[MEI' DUENTE]	• fico [mei' duente] • tô [mei' duente] • [as criança às veiz té [mei' duente]]	Luisburgo	3
4.	[MEI' SISTEMÁTICA]	• é assim [mei' sistemática]	Luisburgo	1
5.	[MEI' MALARRUMADA]	• é [mei' malarrumada]	Luisburgo	1
6.	[MEI' QUETINHA]	• é assim... [mei' quetinha]	Luisburgo	1
7.	[MEI' ISQUISITA]	• que ela é [mei' isquisita]	Luisburgo	1
8.	[MEI' DURA]	• tava assim [mei' dura]	Luisburgo	1
9.	[MEI' DIFÍCI']	• foi [mei' difíci']	Luisburgo	1
10.	[MEIA DIFERENTE]	• chega [ũa gente assim [meia diferente]]	Luisburgo	1
Total				12

Tabela 37 – Intensificador *meio* + adjetivo nos dados urbanos

Nº	[MEIO + Adjetivo]	Verbo [Atenuador + Adjetivo]	Localidade	Total
1.	[MEIO RUIM]	• está [meio ruim]	Belo Horizonte	1
2.	[MEIO MALVISTAS]	• ficamos [meio malvistas]	Belo Horizonte	1
3.	[MEIO BOBA]	• deixa a gente até [meio boba]	Belo Horizonte	1
4.	[MEIO ESQUISITOS]	• são [meio esquisitos]	Belo Horizonte	1
5.	[MEIO VELHA]	• casei já [meio velha]	Belo Horizonte	1
Total				5

Tabela 38 – Verbo + atenuador *pouco* nos dados rurais

Nº	[Verbo + POUCO]	Verbo + [atenuador]	Localidade	Total
1.	[CONVERSAR POCO]	• conversava [poco] ~ cunversava [poco]	Luisburgo	2
2.	[DAR POCO]	• tá dano [poco]	Luisburgo	1
3.	[ESTUDAR POCO]	• istudô [poco]	Luisburgo	1
4.	[DURAR POCO]	• durô [poco]	Luisburgo	1
5.	[SAIR POCO]	• sai [poco]	Luisburgo	1
Total				6

Tabela 39 – Verbo + atenuador *pouco* nos dados urbanos

Nº	[Verbo + POUCO]	Verbo + [atenuador]	Localidade	Total
1.	[FICAR POUCO]	• ficava [pouco]	Belo Horizonte	1
2.	[VIR POUCO]	• vem [pouco]	Belo Horizonte	1
3.	[GANHAR POUCO]	• ganhava [pouco]	Belo Horizonte	1
Total				3

Tabela 40 – Atenuador *pouco* + advérbio nos dados rurais

Nº	[POUCO + Advérbio]	Verbo [Atenuador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[POCO PRA CIMA]	• foi criado ali... [poco pra cima]	Luisburgo	1
2.	[POCO MAIS]	• tem [poco mais]	Luisburgo	1
Total				2

Tabela 41 – Atenuador *pouco* + advérbio nos dados urbanos

Nº	[POUCO + Advérbio]	Verbo [Atenuador + Advérbio]	Localidade	Total
1.	[POUCO DEPOIS]	• foi [pouco depois]	Belo Horizonte	2
Total				2

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO MORADOR RURAL DE LUISBURGO/MG

Entrevista 01: Rótulo: 01BEJFM71

Dados da gravação

Data: 06/04/12

Duração: 33 minutos.

Local: casa da participante no Córrego Boa Esperança, zona rural de Luisburgo-MG.

Tipo de entrevista: semiestruturada

Pesquisadora: Simone Dornelas de Carvalho

Dados do participante

Participante 01: JF, 71 anos de idade, masculino, casado, não escolarizado, natural da comunidade.

1. JF: aqui den'da / da região se procurá J.F.K. ((iniciais)) ninguém sabe ondê que tá ...
2. ago' se falô Santim até minino des' tamanho assim sabe ondê que é ... por ixpiriência ...
3. na rua cê / cê pergunta ... ondê que mora J.F.K. ((iniciais)) ... s'ocê vai topá ao meno um
4. ... um que te informa ... adispois ocê pregu /falei "e Santim Pedro ... ondê que ê mora"
5. ... todo mundo fala "lá em Corgo Boa Esperança ... ino pra Dorada" ... porque esse
6. apilido foi posto indeusde de / de piqueno e foi um apelido que pegô ... e infilzmente
7. cum esse apilido agora den'da região aqui ... qu'eu cunheço ... é só eu ... tinha Santim
8. Labanca ... tinha Santim Viera ... tinha Santim Cristino ... tudo já foi ... e tá só eu agora
9. cum esse apilido ... aqui den'da região ... portanto que na rua em quarqué lugá qu'eu
10. ficá deveno ... qu'eu ... às veiz a gente vai comprá ... pricisa comprá ãa coisa e vai dá
11. na hora que a gente nã tá com dinheiro ...es vai e pergunta o nome ... eu falô "o' ... meu
12. nome é assim ... assim'' ... "mas e / e tem apilido" ... falei " tem" ... intão fica marcado
13. como Santim ... pu'que com esse apilido ago' só eu ... eu cunheci ãa purção ... de / de
14. apilido cum Santim ... tudo já foro ... há muito tempo ... e ocê pode procurá ... é capaiz

15. d'ocê nũ / nũ encontrá otos ... aqui na região cê nũ encontra não ... ago' den'da rua ...
16. s'ocê procurá ondê que mora J.F.K. ((iniciais)) cê vai andá a rua toda ... nũ seno que ocê
17. às veiz chegá na/na casa dum / dũa minina minha ou dum minino que seja ... aí es às
18. veiz pode informá ... mas o mais ... tiran' disso ... cê nũ topa nenhum que fala on / ondê
19. que mora o J.F.K. ((iniciais))

E: e a história dessa / dessa casa aqui ?

20. JF: a / a história dessa casa mui / muitas coisa ... até falá a verdade ... assim ... que nũ é
21. que a gente vai escondê não ... mas tem muitas coisa que às veiz a gente até isquece ...
22. mas o: ... aqui ... ocasião de / pu'que na / na / naque' tempo nũ ... ninguém é ... a fazia
23. a casa assim de tijolo ... era tudo imbarriada ... incrusive ess'aí é imbarriada ... mas o ...
24. juntaro ... mutirão de gente aqui pa ... pra imbarriá a casa ... aquilo era um / um muca' de
25. gente ... massano barro lá no / no / no terrero ... os zoto fazia aquea paviola de pau
26. carregano ... e o / e os zoto ia imbarriano ... que nũ é do ... no meu tempo ... igual'eu tô
27. falano ... mas que foi ãa das maió festa ... tinha gente ... mas né em quantidade grande
28. muito trem de cumê ... e quando ... cabaro de imbarriá a casa / foro armuçá ... armuçá
29. não ... que es já tinha merendado ... adispois que acabô tudo ... teve ãa / ãa mesa de /
30. cum muita carne ... muita quitanda ... tudo qu'era / era trem de / de / qu'era troço da
31. pessoa cumê ... intão fizeram aque' banquete ... pu'que ... eu nũ posso falá do jeito que foi
32. ... pu'que ... igual'eu tô falano ... eu naque' tempo ... nem nascido eu nũ era ... mas
33. intão ... por úrtimo o ... a gente já tava maió es / es contava ... o falicido meu pai
34. memo contô muitas veiz ... que foi quasque ... ãa das maió festa na roça ... foi um do
35. / do tipo da / da / das maió festa foi o dia do / do imbarreio dessa casa ... e foi aque'
36. povão ... e ... a maderama dessa casa ... a maderama de baixo ... é tudo maderana pesada ...
37. que tudo é / é garapa ... peroba ... qu'é ota coisa qu'eu / eu falo ... pu'que isso foi
38. contado do zoto ... as peça aí debaixo ... foi só os dois falicido meu avô ... que ...
39. acolocar as peça ... pu'que o / o meu avó Deus que tem ele em bom lugá ... se ê fez pra
40. ganhá bom lugá ... pu'que ê era ingnorante e: os pau muito pesado ... a casa muito arta
41. ... es foro pelejano com aqueas peça ... pu'que essa gente antigo é muito jeitoso pa
42. / pra mexê assim cum / cum as coisa assim mais bruta ... intão es / ê ajuntava assim
43. mais a / a mulhé de' e o / e os minino que às/ às veiz ê já era / tava mais veizim um
44. mucadim ... levantano aqueas / aqueas viga cum / cum esses ispeque ... levantava às
45. veiz um tantim assim ... ia lá punha um / um carço ... ia do oto lado ... fazia do mes'
46. jeito ... e foi pelejano com muito sacrifício... pusero as peça de baixo ... ago' essas peça

47. de cima aí ((mostrando o local)) ... ê nũ quiria não ... pu'que ê nũ gostava de favor
48. não... ê era ingnorante ... era um Knuppão de muita força muito jeitoso ... pu'que
49. essa gente antigo tudo é ... tinha jeito pra mexê com tudo faci' ê / ê ... nũ quiria não ...
50. mais pra cima ... cumé que duas pessoa sozim ... ia trazê essa peça nessa artura ... pra
51. colocá ... aí ê foi obrigado a fazê mutirão de gente ... intão ... foi ... ãa / diz que foi um
52. povão ... uns mixia cum ãa peça ... otos mixia com ota ... ga / pra trazê as peça cá em
53. cima ... dispois de / de tudo pronto ... foi imbarriado ... pu'que naque' tempo ... era ma /
54. massado barro até sem er / era cum pé ... e ... foi um festão aquea turma ... massano
55. barro uns carregano e os oto já imbarriano ... e foi a / aquea zuerada... o que / que deu
56. o dia ... e ... cabaro de imbarriá mas ... diz que tinha um banquete das / das coisa que era
57. de cumê ... tinha de tudo que a pessoa alembrasse na hora ... que tava / que precisa cumê
58. ... tinha cumê ... tinha ... trem pra bebê ... o tanto que guentasse ... e ... isso foi o /
59. ãa harmunia muito grande ... intão ... a gente muitas coisa ind'alembra ... muitas coisa a
60. gente ... nũ alembra ... pu'que a / a gente ... inda conta que / que viu o zoto contá ... do
61. jeito que / que foi acunticido ... e / e ota coisa ... que é ãa coisa sempre ... mas ... essa eu
62. alembro porque essa eu ajudei muito ... porque nós tem um ingêi de ferro ali ... qu'ê
63. / é de muê cana ... e / e ele era muvido a animale ... intão ... falicido meu pai ...
64. mandava cortá a cana ... naque' tempo era puxada assim em carguero porque ... otas
65. condução nũ tinha naque' tempo ... ê mandava cortá lá vinte-e-cinco trinta carguero de
66. cana ... muntava aque' montão de cana lá no ingêi' ... quando é lá de / de noite
67. “(Ever) ... amanhã nós tem que levantá bem cedo porque ... tem bem cana pra muê e o
68. sole pega a isquentá e / e o animale pra muê cana com sole quente já é mais difíci' ...
69. nós tem que levantá cedo” ... o' nós levantava duas hora da madrugada ... pra
70. cumeçá a moê cana ... porque o sole isquentava muito ... e ... ele ia lá pro ingêi' ...
71. lavá tacha ... lavá ingêi' ... untá o ingêi' todim ... eu ia lá pra aques arto de pasto
72. buscá os animale pra moê a cana ... assim treis ... burro de moê cana ... e ... trazia aques
73. animale pra cá ... mas um fri:o ... que aquilo tava cortano ... e ... ocê carcula ... o / o que
74. qu'eu tava passano ... lá no meio da /daques mato buscano animale ... quand' eu
75. chegava na / aqui no ingêi' ... da cintura pra baixo aqui ((mostrando a cintura e as
76. pernas)) ... eu tava com quem tinha caído den'do rio ... andano lá no meio do mato ...
77. os mato tudo moiado ... discarço ... o' ... quando o dia crareava ... que hoje ... até falá
78. verdade assim ... a maioria da / das pessoas nem cunhece o que é a tal giada ... olha ...
79. quando o dia crariava ... essas bera de terrero em vorta aqui ocê oiava aquilo ... tava

80. igual que tivesse samiado um fubá ... em cima do cisco ... de tanta giada no mei' daquea
 81. ciscajada ... e ocê vai carculano ... e eu disarco ... no meio daquea giada ... quando o
 82. dia crariava ... eu acho que podia cortá ni mim que nũ saía sangue não ... tava / a tava
 83. com o sangue tudo taiado ... de tanta giada ... bebeno aquea garapa gelada que a / é um
 84. troço que às vez ocê ... nũ é / vô busá do cê ... às veiz é um troço que ocê até nem
 85. cunhece ... aí cumeçava muê as cana / aquea garapa muito gelada ... quando ... às veiz
 86. fazia o armoço pra armuçá ... nem armuçádo a gente ... já nũ armuçava mais ... já tava
 87. cheio daquea garapa gelada ... e graças a Deus ... ((começa a contar emocionado)) sufri
 88. muito ... agradeço ... de coração sufri muito... mas sufri sastifeito ... pu'que ... tô acho
 89. que / cum setenta-e-um ... esses dias tô sintino sim ... um tombo qu'eu tomei ... inda eu
 90. sinto nessa perna aqui ((mostrando a perna))... mas ... é o / o qu'eu tô sintino até hoje eu
 91. / eu sô ãa pessoa qu'eu nũ sinto nada ... sofri dimais ... mas tem arrependimento do /do
 92. tanto qu'eu sufri ((termina de contar emocionado))

E: e como o sinhô conheceu a / a esposa do sinhô?

93. JF: o' ... a minha isposa falá a verdade assim ... é ... eu sô obrigado ... a / a ixpricá direito
 94. cumé qu'é ... purque ... eu era bem novo ainda ... e ... hoje nũ ... quas'que nũ usa mais ...
 95. mas de primero rezava assim ... tinha igreja ... mas es rezava muito assim na / nas casa
 96. ... até que na / naque'tempo ... es nũ falava reza não ... es falava era conferença ... “ah...
 97. tal ... dia assim e assim tem ãa conferença lá na casa de fulano” ... aque' dia ia lá
 98. quando às veiz ... de lá já marcava pra oto lugá ... era casa às vuez de ... até bem longe
 99. dũa ota mas ... em / em todo lugá que / que sempre tinha ... as tais conferença ... eu
 100. sempre tava ... e ... a minha isposa tamẽi, ... ela sempre acumpanhano ... e ... um dia ...
 101. nós foi num ... nũ sei se foi num casamento ... foi num casamento que nós foi ... intão
 102. ea sempre ia ... e eu tamẽi sempre ia ... mas um dia ... nós tava era num / num
 103. casamento mesmo ... e ... de primero usava muito fazê essas quitanda de/ de fubá e ...
 104. intão ... e juntava aque' povão ... e ... e nisso que / que nós tava lá perto da mesa ... eu
 105. nũ recordo agora qualé ... eu sei qu'ela ... mandô / pediu ... a / a ãa garotinha assim
 106. ((mostrando o tamanho da garota)) que ea tava com vontade de falá comigo ... pensei
 107. “não ... eh falei ... mas ... o que que ela qué cumigo ... nós nũ / sempre vê um ao oto ...
 108. mas nũ ... ela é qué ãa conversa comigo” ... e ... vai o / eu pensei falei “ não ... ela tá
 109. quereno conversá comigo ... eu vô chamá ela assim ... num / num cantim mais separado
 110. ... nós intendê”... ea vai e falô comigo... falô “ ah eu ... eu já bem tempo ... ãa vontade
 111. de chamá ocê pra nós dois cunversá ... mas... cê sempre tá assim mais de longe e ...

112. parece que tem às veiz até um mucado de averte de chegá per'da gente” ... eu falei “de
 113. fato”... “eu nũ vô dismenti ocê não ... porque nós dois conhece um ao oto assim ... pra
 114. lá ... mas ... nũ é que nós tem custume de / de tá cunversano cum ao oto ... intão ... ocê
 115. mandô me chamá ... eu vim ... mas já vô te ixpricá indeusd'agora ... vim inucente ...
 116. se for ar /argũa coisa qu'eu devo cê já pode i iscrareceno tamẽi dũa veiz porque ... às
 117. veiz a gente faiz ãa coisa às veiz até sem pensá” ... falô “não eu até mandei chamá
 118. ocê ... tava com vontade de batê um / um papuzim com'cê tô achano ocê / vejo
 119. cê cunversano com / com os colega ... cê tem um / tem um jeitim bão da gente batê um
 120. papô” ... falei “bão ... ah aí eu intão ... o negoço agora já é deferente ... qu'eu até inda
 121. falei mês'cum ea “cê acha ... pu'que eu ... por conta d'eu cunversá muito ... cê acha
 122. qu'eu tô / tô bom pra / pra batê um papo com cê ... o mesmo que cê tá achano ni mim eu
 123. acho é / no cê tamẽi ... mas e: ... sempre eu vejo ocê assim pra lá ... eu tamẽi tô sempre
 124. pra cá” ... ea falô “ma'intão ... no / nós pode batê um papo?” ... falei “pode uai”
 125. intão nós cunversemo ali bastante tempo ... quando o pessual cumeçô a ispalhá pra i
 126. imbora ... aí ea me chamô pra i imbora junto cum ela ... eu pensei cumigo na hora “o
 127. negoço tá começano a mudá” ... e ... vai ea já envinha imbora mesmo ... eu vim junto
 128. ... aí eu já / já fui direto ...já fui até na casa dela ... e: conversemo bastante ... e ... até
 129. namoremo bem tempo ... um dia ... teve um / um colega meu ... qu'eu nũ alembro agora
 130. ... qualé ... eu sei que um dia ê falô cumigo “Santim ... iscuta ãa coisa ocê ... tá
 131. namorano” ... que minha isposa o nome dela é Manuela ... ê falô “cê tá namorano a / a
 132. Manuelina ... cumé que cê arrumô ... que ocêis encontrô pu'que nós tem rudiado ela
 133. de todo jeito e ea tá / tá sempre ... assim mei' de fora nũ / nũ dano muita atenção nós”
 134. ... (falei co'es o') ... “o que vô dizê ocêis é isso ... toda vida eu tratei ela bem ... um dia
 135. lá no casamento ... na / ela me chamô ... mandô me chama ... que quiria batê um
 136. papuzim cumigo ... intão nós cumecemo a cunversano ... ela ... já me pringuntô ...
 137. s'eu namorava pra casá ou namorava pra inrolá ... inda falei memo cum ela que ... eu da
 138. / da minha parte tava mei' novo ... mas achava milhê casá do que ficá ... um dia com
 139. ãa e um dia com ota ... ela me respondeu o mesmo ... ea tinha vontade de arrumá um
 140. namorado pra casá mas ... é com ãa pessoa que / que pudesse casá e honrá o casamento
 141. falei não da minha parte ... o / o qu'eu ... tivé jeito d'eu / d'eu fazê ... pra nós i
 142. acertano bem ... eu faço ... agora cê faz da / da sua parte ... e s'eu fizê tamẽi argũa coisa
 143. que te contrariá ... cê nũ precisa mandá recado pra mim não ... cê memo fala cumigo ... e
 144. o memo ... coisa que falô com cê ... s'ocê fez algum trem pra me disagradá ... eu vô

145. recramá é com cê ... pu'que o cê que fa / fazeno pra me desagradá ... eu tem que
146. procurá é ocê ... pu'que ocê que me procurô" ... e:: ... namoremo bem tempo ... e ... um
147. dia ... ea falô " já tem bem tempo que / que nós tão namorano ... o: o pai mesmo já falô
148. que ... que acha o / ocê um jeito bão ... e ... ocê tem distino de casá cumigo" ... falei co'
149. ea ...falá com cê a verdade assim ... qu'eu até falei memo com ela " o' ... com cê tô
150. interano duas namorada só ... mas ... se fosse um / um caso que / pra dá certo ... eu da
151. minha parte ... eu achava mió casá do que ficá namorano assim toda vida" ... ea falô " é
152. pu'que o pai já falô que ... cê tava qu'em casa e ... inda nũ falô nada co'ele ... e ...e ê
153. tamẽi acha que ocê tá / tá de acordo pa nós casá ... falei primeira coisa qu'eu sinto ...
154. sastifeito esse pobrema ... pu'que s'ocê acha que ... eu tô suficiente pra entrá na famia ...
155. eu da minha parte tamẽi ... qu'eu digo o mesmo ... já bem tempo eu tem vontade de
156. encontrá c'ocê mas sempre assim mei' avexado de chegá per'd'ocê pu'que ... nós nũ /
157. nũ tem muito costume c'um ao oto nada ... e ea vai pegô a falá pois ... "s'ocê acha
158. qu'eu tô de acordo pra entrá na famia ... ocê tamẽi tá a mema coisa pra mim" ... e vai fui
159. lá ãas veiz ... um dia ea falô cumigo ... "o pai inda tava falano s'o / s'ocê ... tivesse
160. cum'tenção de casá memo ... ê faiz o / o casamento nosso cum todo prazer" ...
161. falei ... "tá bom ...eu vô isperá passá mais uns quinze dia ... dessa conversa nossa" ...
162. ea falô "ah cê vai mandá pedi o casamento" falei "não eu memo falo"...
163. um home muito sistemático ... porque ... co'ê ti / tudo tinha de sê sério ...
164. aí decorreu os quinze dia ... eu fui pu'que ... eu / naque' tempo
165. tinha negoço de / de forró assim pra todo lado ... intão sábadu er / era
166. quas' direto ... era num lugá ou num oto nós tava nos forró ... tava
167. sempre junto ... e vai quando ... foi pra vencê os quinze dia ... vencê no / no dumingo ...
168. no sábadu nos tivemo um forró eu inda falei co'ela "o'... cê ... aprepara pro seu lado
169. qu'eu" ... até inda brinquei co'ela ... falei "ah nũ sei s'eu tem corage de falá não ... mas
170. eu / eu vô falá com seu pai no casamento" ea falô "cê tá brincano ou cê no / falano
171. sério"... falei "não ... nós cunversemo muito tempo já e conversano ... já de acordo qu'ê
172. um troço que quarqué um podia iscutá ... igual'eu falei c'ocê que s'ocê tivesse tenção
173. certa de / de casá comigo ... continuava a vino cá ... e tô vino ... intão o / nos quinze dia
174. que nós conversemo ... eu: eu vô falá com seu pai ... posso falá?" ea falô "pode" ... ah
175. quando chegô no tale dumingo ... cheguei lá tive lá muito tempo ... ê vei cá na sala me
176. sodô ... tivemo ali um mucado cunversano ... depois ê saiu lá pra cuzim ... eu peguei e
177. falei co'ela "o' aques dia nós tivemo cunversano e ... ocê mem'inda / inda quiria sabê

178. da resposta cumé que ficava ... cê tá destinada mesmo ... a / a ficá seno minha
179. companhia? ... eu da /da minha parte eu inda nũ /nũ fugi fora não” ... ea falô “não intão tá
180. bõo ... ocê intão ... tem corage de falá cum pai”... eu falei “ eu tem ... (falei aí) ... e com
181. ota ... já vô te adiantá indeusd’agora ... nũ quero que faiz eu passá vergonha ... que eu da
182. minha parte se Deus quisé ... eu ... só qu’eu já vô te falá indeusd’agora eu nũ so’ rico
183. não ... mas ... se Deus quisé o /o qu’eu tratá ... é um troço qu’eu trato qu’eu posso
184. cumpri ... aí já tava quais’ na hora d’eu vim imbora ... falei co’ela “ ah ... vai lá na
185. cuzinha e ... chama seu pai pra mim dispidi ê pa / pa i imbora” “ah mais cê tá quereno i”
186. “ah não já / já tá bem tarde ... vai lá e cham’ele ... eu prciso i imbora”...mas que qu’eu
187. quiria é conversá co’ele ... o nome dele até era Luiz Rudrigue ... aí quando ê chegô na
188. sale ... ê falô “ocê mandô me chamá?” eu falei “seu Luiz ... nũ vô inganá o sinhõ não ...
189. mandei chamá ... pu’que já tá na hora da gente i /i caçano o camim de casa ... já ... já
190. amolei os cês um mucado ... e tá na hora memo da gente ... i arredano po lad’casa ... eu
191. vai e mandei chamá o sinhõ e pra dispidi do sinhõre ... mas ãntes de / d’eu dispidi ... eu
192. quero ãa cunversinha cum o sinhõ mas ãa cunversinha piquena ... o / eu sei que sinhõ já
193. / já tá na hora de deitá e ... já tá ficano tarde mesmo ... ê falô “não por conta diss’ tá
194. ficano tarde não eu jávô deitá mas ocê po’ ficá aí tranquilo” eu falei “não ... é hora
195. mesmo da gente i tá saíno” ... eu vai falei c’ele “o’ seu Luiz já tem bem tempo qu’eu tô
196. vino aí ... eu té já tava isperano a mais tempo do sinhõ a ... às veiz a / até procurá
197. ãa cunversa mais séria comigo ... mas acontece que o sinhõ nũ até hoje nũ falô mas
198. o ... sinhõ sabe qu’eu mesmo ... eu ricunheço da minha parte qu’eu tem amolado ocêis
199. bem ... vem sempre pra cá custuma é / é quarta-fera ... sábadõ dumingo sempre tô aí ...
200. já amolei cês bastante ... mas o: ... eu tava quereno sabe do sinhõ um / um negoço que /
201. qu’até inda fa’ / falei co’ já / já cunversei cum a Manuelina ãa purção de veiz ... e ... se
202. caso sinhõ achá que nũ tá certo ... da minha parte o meu prazer é o mesmo ... mas o: ...
203. se sinhõ achá que tá certo ... e / eu inda mió eu acho” ... “ bom ... s’ocê sente argũa coisa
204. intão ... cê iscrarece pu’que ... nós vão ... procurá jei’de miorá” ... pu’que el’era
205. um home sistemático mas é nũ é home de mintira co’ele tamẽi não ê falô “ah ... o:cê
206. fala intão uai se tem coisa te prejudicano ... ocê: ... pode falá o que que é ... pu’que se
207. for argũa coisa ... que ... nós tão te prejudicano ... po’iscrareceno indeusd’agora que ...
208. nós só arruma jeito pa miorá ... pa / pa piorá não” eu falei c’ele “ não seu Luiz ... o
209. negoço é esse ... eu nũ vo’ iscondê não ... eu já tem um / um tempuzim bem bõo qu’eu
210. tô vino ... aqui ... sei qu’eu já’molei ocêis até bem tarde da noite ... e acontece ... que o

211. tanto qu'eu amolei ocêis ... o / até agora ... eu nũ tem nada a recramá d'cêis um fundo de
 212. aguia” ... mas o: ... eu vai tinha vontade de sabê ... pu'que eu até inda falei mês' co'ele
 213. “nũ vô inganá o sinhô não ... eu ...urh ... tem vonta'de entrá na famia ...intão hoje ... falá
 214. cum sinhô a verdade assim nũ vô rudiá toco não ... hoje eu vim memo cum tenção de /
 215. de sabê do sinhôre qu'eu tinha vontade ... tinha não ... eu tem vontade de entrá na famia
 216. ... o: o que que o ... o sinhô acha ... se tá de acordo ou não” ... ((começa a contar
 217. emocionado)) muita coisa ... muitas veiz nũ dá bem pra eu falá ((termina de contar
 218. emocionado))... mas aí ê já faleceu bem tempo ... eu vai falei co'ele qu'eu tinha vontade
 219. de entrá na famia ... ê falô “o' ... é ãa coisa bão dimais ... pu'que eu até agora ... nũ falei
 220. nada c'ocê ... e nũ ia falá agora tão dipressa ... mas ... s'ocê ... acha minha fia de acordo
 221. ... pra entrá ... pro'cê entrá na famia ... muito mais ... nós sente filiz” ... e ... () “intão ...
 222. o sinhô acha que da /da parte do sinhôre ocêis acha que tá de acordo ... da minha parte o
 223. sinhô pode ficá com coração aberto ... que'eu tô vin'aqui esse tempo tudo ... inda nũ
 224. falei nada cum sinhô ... já tem bem tempo qu'eu tô vin'áí ... mas ... vim mesmo hoje ...
 225. distinado a falá cum sinhôre ... qu'eu da minha parte eu tô liberado ... ê falô “bãõ ... da
 226. sua parte ... s'ocê tá liberado ... da minha parte tamẽi ... eu fico sa / até sastifeito d'ocê
 227. ((começa a contar emocionado)) honrá nossa famia ((termina de contar emocionado))...
 228. e ... até chegá agora ... no ponto c'ocê chegô ... eu sinto muito sastifeito ... e: ... só nũ dá
 229. ... pra mim fazê isso assim ... da / c'ũa semana na ota ... às veiz nũ dá pra nós ... acertá
 230. isso não mas o ... sio / s'ocê pode / acha que minha fia tá suficiente ... pra entrá na famia
 231. ... eu sinto sastifeito pu'que da minha parte tamẽi ... eu sinto sastifeito” ... e ... vai inda
 232. namoremo bem tempo ... e adispois peguemo dá / dá andamento no casamento ... e
 233. casemo e graças a Deus ... é ãa maravilha ... ((conta emocionado))

E: o sinhô tá com quantos filhos?

234. JF: oito

E: oito

235. JF: vivo são sete ... o mais véi meu faleceu

E: e aquele desenho que tem ali na entrada da / daquelas onças?

236. JF: aquil'ê ... é ãa / ãa minina sigurano o rabo de duas onça

E: e ... ah

237. JF: cê reparô dereito?

E: não

238. JF: eu nũ tũ bem certo s'ẽ dali ou s'ẽ de cá ((apontando para as laterais da casa)) mas ẽ
239. ... ali eu acho / me parece qu'ẽ do / porque ... tem um: ... s'ẽ ã siriema ... ou s'ẽ dua'
240. siriema ... me parece ... nũ sei s'ẽ dali ou s'ẽ de cá ... cumeno ã cobra ...
241. e tem duas minina garrada no rabo dũa onça ... duas minina nã ... ã minina agarrada
242. no rabo dũa ... agarrada no rabo da ota ... eu acho que as / a da / da minina ẽ ali
243. ((apontando para a parede))

E: quem que pintũ?

244. JF: ih ... nũ alembro nã ... que nũ foi do meu tempo ... no tempo que pintũ essa casa ...
245. eu / eu nem nascido eu nũ era

PARTE DA TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE UM MORADOR URBANO DE
BELO HORIZONTE/MG DO NHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS

ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E ANNY TORRES

ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 17 DE ABRIL DE 1991

Entrevista – fita 01 – lado A

TP: D. Alaíde, gostaríamos inicialmente que a senhora nos desse seus dados biográficos – data de nascimento, nome dos pais, irmãos, quantos irmãos, nascida aonde...

ALO: Então, meu nome todo é Alaíde Lisboa de Oliveira que já tem, nasci em Lambari. Meu pai, João de Almeida Lisboa, a mãe, Maria Rita Vilhena Lisboa. O pai era político e a mãe, dona de casa, muito inteligente [*riso*].

TP: A senhora já nos disse anteriormente que a senhora é de uma família de muitos filhos. Eram quantos filhos D. Alaíde?

ALO: A mamãe teve 14 filhos, cinco morreram pequenos, e nove chegaram a idade adulta. Então, embora naquele período fosse difícil estudo, cultura, havia muita preocupação de cultura na família. A minha mãe cursou pouco tempo, porque casou-se com 14 anos e meio. Então ela tinha de escola pouco tempo, mas tinha uma inteligência muito, muito boa mesmo. Então, ela gostava muito de ler. Ela gostava de ler e transmitiu, o meu pai também gostava de ler, e transmitiram o gosto para a família. E tinham interesses de cultura e de formar, não é? Ter curso superior era uma coisa. E ela dizia, também, que não queria muito que ficássemos interessados nas coisas da casa, “*porque minhas filhas também vão estudar, não é.*” Tinha uma preocupação com o estudo das filhas. De sorte que quando nós chegamos à idade adulta, cinco, os homens, os cinco tiveram curso superior. Um médico e 4 advogados, e esses advogados, dois deles foram farmacêuticos antes de estudarem direito. E isso numa época que // não era muito comum // não

era fácil a formatura. E as filhas educadas de acordo com a época, Curso Normal. Agora, no meu caso específico, eu fiz o Curso Normal. Depois teve a escola de aperfeiçoamento pedagógico que era considerado série de curso superior, que você tinha que ter o Normal para você fazer o curso, e tinha que ter uma certa prática. Então eu fiz o Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico de Minas Gerais, Ai eu fui convidada logo depois para lecionar Português no Instituto de Educação porque também naquele tempo eles procuravam assim uma pessoa que teria alguma cultura, quer dizer, a metodologia, metodologia geral, especial, Português e Literatura, e tinha feito o curso. Mas, português, não havia a Faculdade de Filosofia ainda. Então eles não exigiram Curso Superior de Letras. Então quem demonstrava interesse pelas letras – e eu nesse tempo ainda não escrevia propriamente, mas já estava assim, quando fazia algum discurso era publicado no jornal e estava iniciando a literatura infantil na escola – e fui convidada para dar português no Instituto de Educação. E lecionei 18 anos Português lá, porque antes eu tinha sido professora primária, não é. Também não foi muito tempo, porque logo que saí do colégio, eu fui nomeada professora primária e peguei classe de alfabetização. Porque naquele tempo quando tinha uma pessoa inexperiente tinha que ficar com classes mais atrasadas. E a alfabetização era mais atrasada, não é? E hoje é o contrário, a alfabetização você procura gente experimentada. E parece que eu tinha uma vocação para ensino, grande, e eu fui substituta nessa alfabetização, durante três meses. E no fim de três meses, eu já tinha algumas alfabetizadas e tinha muito interesse, e eu trabalhava bem com elas. Depois eu fui designada pelo Secretário de Educação para ir, para estudar os testes no Rio de Janeiro e ver – estava naquele período de valorização dos testes de Paulo Maranhão... outros lá. Então, frequentava aquelas escolas em que eles eram inspetores, ou diretores de ensino, orientava para ver... Era a primeira vez que eu conhecia as palavras – testes. Pedagogia então, quando é que eu conheci a palavra pedagogia? Eu vi no jornal, foi no Mário Casassanta que eu ouvi, não se falava. Mesmo o curso pedagógico, não tinha essa força... que você falava pedagogia, o que era pedagogia. E, teste quando apareceu, que veio e fez muito sucesso nos Estados Unidos, então teste chegou aqui, mas era uma coisa muito vaga, a determinar. Aí, eu mandava relatórios e esses relatórios foram publicados. Aí que eu falo, que foi o primeiro momento meu de interesse de escrever, porque o Secretário – era naquele tempo, era o diretor de instrução que chamava, era uma espécie de Secretário-Adjunto que trabalhava no setor de educação – era o Mário Casassanta. Então eu mandava os relatórios para ele. Ele então, me escreveu e pediu licença para publicar em revista de ensino. E disse: “Os *belos e grande relatórios da Alaíde*”. [risos] Então, levei susto não é? Mas, já foi um estímulo, isso já faz mais de 50 anos. Eu lembro como se fosse

hoje. A carta chegando, como a gente gosta de // ser estimulada. Machado de Assis disse que o estímulo faz bem para o corpo e para alma, não é?

TP: Mas Dona Alaíde, a senhora já nos deu aí, uma série de informações sobre o início de sua atividade profissional. Mas eu queria voltar um pouquinho atrás com a senhora. Porque a senhora estava nos dizendo que a senhora é de uma família onde nove irmãos cresceram até a vida adulta. Eu queria que a senhora nos contasse... desses nove irmãos, a senhora estava em que lugar? A senhora era dos mais velhos, dos mais novos?

ALO: Eu era do meio do caminho [*risos*]. Mas na nossa família, como foi sempre assim, engraçado, desde meu pai. O meu pai também tinha esse cuidado com a idade e eu lembro que brincavam até com ele, e foi convidado - ele era deputado, deputado estadual por muitas vezes - foi convidado para ser senador. E naquele tempo, realmente senador, já eram pessoas mais velhas. Mas bastava ter 35 anos para ser senador e ele já tinha // que a lei exigia //, e ele já tinha. Mas quando ele foi convidado para senador disse: “*Não, não tenho idade*” [*risos*]. Então você vê que já é de família. E outra vez, brincaram com ele que, se é do jeito que você está falando, você casou com cinco anos. Porque fazia as contas, não é, então ele disse: sempre fui precoce. [*risos*] Não recusou o casamento com cinco anos [*risos*]. Ele era muito espirituoso também. E até, também, o Paulo Pinheiro Chagas tem os versos que ele fez no..., publicou até no..., esqueci... O Paulo Pinheiro Chagas, você conhece? Foi deputado, foi secretário e foi colega dele também. // Então publicou no livro. Era um primo, um Pinheiro que fez uma quadra, foi um banquete, num congresso de Estação de Águas, Congresso de Crenologia, não é? Então fez uma quadrinha assim: “*dá-se um prêmio de verdade, um Palácio na Gamboa, a quem disser a idade do deputado Lisboa*”. Então, no cardápio. Ele foi e escreveu atrás: “*não sou homem de fitas, nem dou trela a marmanjos. Informe às moças bonitas que tenho a idade dos anjos*”. [*risos*]

AT: É congresso de quê?

ALO: Crenologia, que chama, crenologia. De águas minerais, não é? Eram as estâncias. Ele era presidente do... sempre foi chefe do... antigamente a gente chamava câmara municipal. Mas acho que não tinha nome de Câmara ainda não. Mas ele era o chefe dessa Comissão Municipal, que hoje é Câmara Municipal. E depois, como deputado, acho que quando deputado, ainda guardava essa chefia, sabe?!

TP: D. Alaíde, seus pais são nascidos também em Lambari?

ALO: Não. O meu pai, ele nasceu em Macaé, no Estado do Rio. E até brincavam, porque na ocasião eles falavam que Washington Luiz era o paulista de Macaé, não é? Porque nasceu em Macaé e foi ser governador. Então eles brincavam e que papai era o mineiro de Macaé. Ele foi para Lambari com vinte anos mais ou menos, vinte e poucos, ele trabalhava na firma de Sardinha. Era uma firma de [som de telefone chamando] [silêncio] //.

TP: A senhora então, estava nos contando sobre o seu pai, que ele não era de Lambari. Que ele nasceu em Macaé.

ALO: Isso em Macaé. Foi para lá novo trabalhar nessa firma de sardinha. Então vocês não são da geração da tinta Sardinha. Eu sou da geração da tinta Sardinha. Eles fabricavam essa tinta e vendiam para as escolas, então as escolas antigamente, elas tinham na carteira, assim um furinho redondo e um potinho de vidro, com a tinta, era tinta Sardinha sempre. E tinha também uma drogaria também da Sardinha. De sorte que meu pai trabalhava, mocinho trabalhava lá com ele, e veio para Lambari. E chegando lá, a filha do Sardinha ficou doente e veio fazer tratamento. E a filha sarou, e o Sardinha tinha aberto uma farmácia para ele ficar trabalhando na farmácia, porque era prático em farmácia, não é? E quando foi, vendeu a farmácia para papai, que era empregado dele. Então a farmácia era da empresa. E essa farmácia, que a vida inteira, o tempo todo, antes de se casar, era a farmácia. E antigamente isso que falo muito, os políticos eram diferentes naquele tempo, não é? Porque os políticos antigamente, sobretudo o estadual, por exemplo, o deputado estadual, ele trabalhava três meses por ano para o governo e os outros meses, férias. Mas não ganhava nas férias. Quando falaram em ganhar nas férias, meu pai levou o maior susto, *não trabalho no governo como é que pode ganhar nas férias, não é?* Então, cada um tinha sua profissão. Quer dizer, trabalhava três meses, tinha aquela gratificação, sempre assim... bem... // uma boa gratificação //. Não, era uma gratificação... tudo de acordo com a possibilidade do Estado. Era num regime de economia, de certo cuidado. E ele tinha passagem para ir, tinha um passe para ir de trem, voltar de trem. Porque naquele tempo era trem. Então ganhava aquela importância, aqueles três meses e depois, era trabalhar na farmácia, como farmacêutico. Então ele deixava alguém substituindo. E assim eram os outros médicos por exemplo, que iam três meses, se afastavam um pouco da clínica, depois assumiam, fazendeiros, iam assumir sua fazenda, porque naquele tempo tinha muito fazendeiro. Padre ia assumir sua paróquia, porque naquele tempo podia, a Igreja [*inaudível*] e havia até sacerdotes muito virtuosos e bons, que defendiam ideias, morais e boas na Assembleia. Quer dizer, não chamava assembleia, chamava Câmara Estadual. Depois é que mudou para assembleia.

TP: Então D. Alaíde, o seu pai, ao longo da vida ele manteve a farmácia como atividade fundamental.

ALO: Manteve a farmácia. Depois ele foi deputado, foi até presidente da Assembleia, duas vezes. Porque naquele tempo o presidente é que convidava, o Governador do Estado chamava Presidente de Minas. // Era Presidente do Estado //. Então o Presidente convidava e dava o nome e a assembleia votava. E ele disse: “*o que é isso, cheio de juristas*”, porque o pessoal dizia, chamava de doutor, e ele dizia: “*não sou doutor*”, mas o pessoal dizia que ele era *douto*. Lia muito, muito inteligente, estudioso e tudo. De sorte que sabia mais que muito doutor. Então, de sorte que ele foi convidado e ele respondeu isso, não é? O Presidente falou com ele, disse: “*Não, esse lugar ninguém pede e ninguém recusa quando é convidado*. Ele tinha autoridade até para... A gente pensa que essas coisas, que democracia... isso também é democracia. Porque se transferiu para eles o direito de escolher, o direito de indicar, então pronto, foi transferido, ele tem o poder. Porque essa coisa de isolar muito, é como o meu filho vendo às vezes os problemas de democracia. Então ele foi eleito, depois de eleito... Quando ele quis ser deputado federal também, o Presidente chamou e disse: “*você não vai - chamava - entrar na chapa*”. Tinha chapa de deputado estadual, ele tinha sido acho de umas quatro legislaturas. Depois tinha a chapa de deputado federal, e essa chapa em geral quando fazia a chapa a turma toda era eleita, em geral. Quando começou a aparecer partidos assim, de oposição, aí um ou outro perderia. E quando ele pretendeu, o Presidente disse: “*não vai agora porque ele quer fazer o orçamento da...*” ele era delegado da parte do orçamento da Assembleia, não é? E disse: “*você tem que preparar um colega para o seu lugar daqui há três anos*”, porque era de 3 em 3 anos lá, aqui eram quatro, não é? “*Você irá na chapa.*” Então quando terminou esse prazo de três anos, o Presidente passou um telegrama para ele, comunicando que ele tinha entrado na chapa. Quer dizer, tudo era combinado, então era assim o telegrama: quem confia é que mata a caça. Ele respondeu: quem tem padrinho não morre pagão. Porque o presidente quis ele. Aí, ele foi ser deputado federal. Foi aí que eu entro, indo para o Rio.

TP: Então, a família morou em Lambari até o momento que...

ALO: Mas aí no fim, morava ainda porque não ia, transferia os sete meses, e voltava para Lambari, não é? Transferia sete meses, já foi desligado um pouco porque era mais tempo, mas quando voltava assumia ainda a farmácia, mais na direção. Porque como deputado estadual trabalhava mesmo, como farmacêutico fazendo... fazendo as pílulas, as cápsulas, pesando lá, ainda corrigindo um pouquinho os médicos, algum recém-formado que errasse nos cálculos,

nas combinações químicas dos remédios, não é? Ele era muito perito nessas coisas, muito inteligente.

TP: D. Alaíde, então toda a sua infância foi passada em Lambari.

ALO: Em Lambari, a infância e depois fui para o Colégio Sion, interno não é? // Em Campanha // Aí também, fui para Campanha, fiz o curso preparatório, depois fiz o Normal. Naquele tempo o Normal era de quatro anos, não é?

TP: O preparatório, D. Alaíde, naquela época, equivalia ao que foi o ginásio depois...

ALO: Não, o preparatório era um ano só de admissão. Era uma espécie de admissão, chamava o ano preparatório. Você podia fazer em um ano ou em seis meses, era um curso de admissão, depois para entrar no Normal, que eram quatro anos. Porque agora é dividido em ginásio e mais três. Naquele tempo, a gente fazia // então o normal era feito em quatro anos //. Agora, lá no Sion eles diziam que a gente tinha um programa um pouquinho mais aberto, mais amplo do que o programa do Estado porque eles chamavam... programa Sion, uma espécie de curso de Sion. Então, francês a gente estudava muito além do que era exigido no curso comum. E desenho também era extra, música, também. Você fazia o curso como se fosse... mas era paralelo, junto, porque era internato, não é? A gente tinha aulas de manhã e à tarde, de sorte que cumpria o horário de escola normal e estendia outras aquisições.

TP: E quando a senhora foi para o colégio em Campanha, a senhora foi a única da família ou as suas irmãs também foram?

ALO: Não. Já era, as duas já tinham formado. [*nomes das irmãs – inaudível*] formou lá, a Maria, também minha irmã, tinha sido formada lá no colégio.

TP: E a sua mãe, nesse meio tempo, ainda continuava em Lambari. E vocês passavam férias em Lambari.

ALO: Férias em Lambari. E também visitava a gente assim... tinha visita uma vez por mês, podia ser o pai ou a mãe, ou irmão [*inaudível - <barulho de carros>*].

TP: E o transporte nessa época era sempre o trem.

ALO: Trem. E o horário dele era terrível, porque saía... a gente chegava de madrugada, não sei que horas, passava, então para sair era de madrugada, duas, três horas, para voltar para Lambari. Era pertinho, não é?

TP: A senhora se lembra quanto tempo de viagem?

ALO: Eram duas horas // duas horas //.

TP: Só que às vezes, a viagem tinha que ser feita de madrugada...

ALO: O horário era mesmo assim, o trem vinha de Cruzeiro que era de São Paulo, então a hora que chegava, acho que chegava meia noite ou duas horas, era o fim da linha. Campanha era o fim da linha.

TP: Então D. Alaíde, a senhora fazia essa viagem sozinha ou seu pai ou sua mãe acompanhava.

ALO: Não, ia sempre alguém acompanhando, mas às vezes ia um, porque tinha mais pessoas que fossem ao colégio, que era da cidade, então era responsável. E lá as religiosas já de madrugada esperando na estação. Elas esperavam e ia diretamente para o colégio.

TP: E como era essa viagem para a senhora? Era motivo de alegria, a senhora...

ALO: Eu achava interessante, porque andava de trem. A primeira vez a gente acha mais, depois acostuma, já perde um pouco de graça. Mas de qualquer forma a gente sempre gostava de olhar nesses pedaços a gente não tinha muito hora de olhar de dia, porque era sempre escuro. Então você via as cidades iluminadas, na janela, de repente parava numa estação, a gente olhava. A gente ia bem, // era uma viagem curta, relativamente curta // conversávamos, podia conversar muito, não era cansativo. Engraçado, sempre fui para o colégio com naturalidade, enfrentei todo o trabalho, toda aquela... aquele regime, que era muito cuidado, eu não estranhava porque não havia muita diferença entre os cuidados de família e os cuidados do colégio. Eu me lembro, por exemplo, quando nas férias, uma vez que fui, o papai sempre apanhava, a gente menina ainda. Nas férias a gente ia no clube, dançava, tinha festa... cidade de águas e cidade muito frequentada por muitos veranistas, que chamavam de São Paulo, do Rio, de Belo Horizonte. E orquestras todo ano, nesse período, orquestras do Rio, o meu pai acompanhava a gente. Ia no sábado, no domingo, tinha lá uma dança. E eu me lembro que a mamãe, um dia, no dia seguinte, ela falou seu pai ficou um pouco preocupado com você ontem, porque você dançou muitas vezes com o mesmo moço. Porque você não podia dançar muitas vezes com o mesmo moço // senão era um compromisso //. Era em geral, era porque você estava namorando, um namorado. Porque você não podia namorar. Mas ninguém ligava não. Porque podia gostar, podia brincar, podia rir, podia falar, então não ficava... Namoro também era simbólico, eu falo que no meu tempo... não se distinguia namorado de qualquer pessoa conhecida não // de amigo //... porque era só

conversar, trocar ideia, trocar livro, emprestar livro e falar sobre o livro, às vezes nem chegava falar eu gosto de você, não é?

TP: D. Alaíde, antes da gente chegar nessa fase boa – fase dos namoros - as lembranças de infância da senhora em Lambari... assim uma infância mais remota, de brincadeiras, quais eram os cuidados? Porque a senhora nos disse que eram quatro meninos e cinco meninas na sua casa, não é?

ALO: Cinco meninos e quatro meninas //

TP: Ah, era o contrário. E as brincadeiras? Vocês brincavam muito dentro de casa... havia uma diferença entre os brinquedos dos meninos e das meninas, vocês brincavam na rua, nos rios, como era isso?

ALO: Nossa casa tinha um rio que passava no fundo. Tal como você viu. Aquilo já era uma distração para a gente porque você podia pescar, então meu pai era um pescador e a gente ficava espantado, porque no dia em que ele queria peixe, era só chegar no quintal e tirava, parecia que os peixes conheciam o anzol dele. A gente ia, esperava, esperava, o peixe custava para chegar no anzol da gente. Ele explica bem, ou fazendo uma isca especial, aliás o anzol dele não era esse anzol que você comparava pronto não, era uma agulha que esquentava e curvava. Então não tinha nem aquele ganchinho de prender o peixe. Era preciso ter uma habilidade tal para tirar o peixe sem que ele caísse na água de novo, não é? Mas parece que isso era mais fácil para pescar, eu não sei. Só sei que ele pescava assim. Então era muito difícil para a gente. Nós brincávamos no quintal, brincávamos também de... isso os meninos, os irmãos. Ela recomendava muito e a gente não gostava muito de muita amizade, fora não. E quando alguma amiga ia em casa, ou colega de quando estava estudando no grupo, esse dia eu lembro, nos tínhamos uma amiga que gostava muito de costurar e tinha essa minha madrinha que eu falei nela, também morava em casa e ajudava. Então, chegou visita... chegou companheira, elas não faziam mais nada. Era acompanhar, arranjar uma distração, mas ela sempre por perto. Nunca você ficava sozinho com... estranhos para ela. Não ficava. Por isso que também, o pai quando me viu dançando com o mesmo moço, porque ele não sabia quem era o moço.

TP: D. Alaíde, e a senhora ficou em casa até a faixa de seis, sete anos porque...

ALO: Não, fiquei até mais. Porque até depois // não havia pré-escolar, naquela época //... porque grupo escolar nós fizemos no grupo, não é? A gente brincava... o seguinte, porque nas férias também, a gente brincava esses brinquedos, bete que chamava, que a gente jogava bola

longe, ficava contando enquanto o outro ia buscar. Nunca mais vi esse brinquedo, não é? Era com a bola e tinha umas tábuas assim, a gente batia. Os meninos sempre tinham mais força e mandavam a bola mais longe. Enquanto a bola ia, a gente contava: “*um, dois, três...*”, quanto mais depressa você pudesse mais você ganhava. Quando você chegava com a bola, que você tinha ido buscar, aí parava, perdeu tantos pontos. E depois, a gente brincava muito era de - eu chamo *birosca* - // *birosca* // que chama, não é? A gente fazia um buraco na terra e às vezes fazia uns muito bonitos, trabalhados até, não é? Porque tinha aquela *birosca* que escondia, parece um jogo, não é? Você fazia e a gente jogava, e jogava em vez de ser, não havia bolinha de gude não é? Então // não havia bolinha //, era com o pinhão. O pinhão substituía. Agora o pinhão de preferência, o que chamava [patureca] [*riso*]. Um pinhãozinho mais arredondado, menor parecido com bolinha. Então nós jogávamos muito. Era uma coisa que a gente gostava de jogar // meninos e meninas // e depois quando... eu brinco sempre, porque quando a gente acabava, vamos lançar os pinhões lá na brasa para comer. Porque o pinhão... ou cozido ou assado. Mas a vitória representava também você ter pinhão para assar lá na brasa, não é? Na brasa, a gente gostava muito. Esse era um brinquedo, que agora estou me lembrando justamente. // está bom para senhora lembrar //. Agora, havia uma diferença assim, por exemplo, em geral, coisas da rua eram os meninos que faziam, sabe? E as meninas menos. Mas a mamãe sempre dizia que tinha que educar os meninos com certa reserva, porque não adiantava que eles estavam sempre em casa com as irmãs, e que precisavam ser também educados de uma maneira mais-ou-menos igual, não é? Então em casa era assim, se tinha alguma coisa mais pesada para fazer, subir no forro para consertar alguma coisa, ou tem goteira lá em cima, então era os meninos // pedia para os meninos //. Agora, as meninas tinha cuidados, se está chovendo, fechar janelas. Dava funções diferenciadas. Mas era bem dividido. Não havia muita briga não // havia harmonia //. É... interessante. Até me lembro quando a gente conversava: às vezes um chegava, estava todo mundo sentado conversando: “*onde é que está o mel hoje*”. Então, se era na sala, sala de visita, de jantar, ou se era num quarto, então todo mundo se reunia para conversar era “*onde estava o mel*” era a hora que a gente tinha de bater um papo, não é? Ela teve um jeito qualquer de criar a gente com harmonia... Se casou com 14 anos // uma menina não é? // E tinha uma inteligência um pouco fora do comum, surpreendente. Lia livros sobre educação, me lembro ela lendo um livro sobre educação e que falava, que ela viu lá nos livros, acho que uma tradução de livro americano, não sei que livro, porque a gente naquele tempo não tinha essa curiosidade, não é? Então fala assim: não se toma um objeto perigoso da mão de criança à força. Estava escrito. Então, a criança estava lá com uma faca, você troca, você me dá essa faca que eu dou

isso para você. E isso ela lia nos livros, isso estava nos livros de educação, eu não sei, nunca identifiquei. Volta e meia ela sabia de umas orientações dadas através desse livro que ela lia. Papai gostava muito desses livros, assim [*inaudível*] luta, valor de Wagner, esses livros mais sérios não é? A gente já ouvia falar neles desde cedo. Isso tudo eu acho que influenciou na formação.

TP: Agora, D. Alaíde, a sua mãe, ela no que diz respeito ao universo doméstico – a senhora está dizendo que ela procurava educar filhos e filhas sem muita distinção. Agora, com relação ao trabalho doméstico mesmo, ela sempre teve empregada que ajudava nas tarefas domésticas...

ALO: Isso... isso sempre, uma vez que nossa vida era uma vida de muito equilíbrio, porque o que se ganhava era tantos filhos, não é? Então era tudo com bastante cuidado, sem desperdício. Isso aí não podia desperdiçar. Desperdiçar era um verbo que a gente tinha que ter cuidado porque desperdiçar era uma coisa um pouco grave. Então tudo que podia aproveitar era aproveitado. Tinha a vida assim equilibrada, não podia desperdiçar nada, mas isso sempre teve, a cozinheira, sempre. E lavadeira, passadeira e arrumar, acho que as duas arrumavam lá, sabe? E tinha duas, às vezes três. Engraçado, no interior, antigamente mesmo aquelas que não tinham muitos recursos, tinham sempre uma empregada. Eu mesmo quando casei, por exemplo, nós dois trabalhamos, começando a vida, quatro filhos logo se seguiram, mas eu tive uma época de três empregadas. Hoje, mesmo que você possa pagar as três já representa uma coisa, não é? // não usa muito // já acha que está, você acha que está apertando o orçamento um pouco, não é? E a gente não pensava em orçamento não.

TP: A senhora não nos contou, a senhora disse que seu pai nasceu em Macaé. E a sua mãe?

ALO: A minha mãe nasceu em Campanha. // Em Campanha.// Pegadinho em Lambari, não é? E mudou para Lambari porque a irmã dela ficou doente e os médicos receitaram águas minerais, era melhor que ficasse [*inaudível*] que era bom que morasse em estação de águas, não é? Então se mudaram para Lambari. E aí, acho que foi uma época justamente que ela conheceu meu pai. Ele já estava com 23 anos e ela com 14. Então foram à festa, fez o pedido de casamento. Porque era assim, quase que se ajoelhar e/

TP: Então, continuando D. Alaíde. Eu queria que a senhora nos contasse um pouquinho... a senhora estava nos dizendo que a senhora passou a sua infância em Lambari. Lambari

já era, nessa época, uma cidade que já tinha uma infraestrutura de turismo, hotéis, como estação de água que era?

ALO: Justamente, isso é que a gente fala, porque nós costumamos falar que gente que nasce em Lambari é mais sociável. Porque justamente recebe... tem que sempre tratar bem, porque sabe que a vida da cidade depende muito deles. E importante dizer que nunca vi fábrica, essas coisas por lá, não é? Ninguém teve preocupação de fazer fábrica e nem nada, porque a “fábrica” era fazer hotel. Hotel e hotéis muitos. E isso era bom porque hotéis que já exigiam higiene. Quando, por exemplo, apareceu o chuveiro, num instantinho o chuveiro chegou lá. Porque antigamente não existia, quando eu nasci, ainda não era chuveiro não, mas já havia banheira, mas não nas casas todas. Mas você já aprendia que havia banheiras, banheiras grandes. Banhos para turma toda. Depois quando todos viram o chuveiro também começou logo lá, sabe. Era cidade, assim, civilizada. A gente tinha contato. Papai tinha muita relação com fazendeiros. Porque como ele era político, ele era muito relacionado, porque político você sabe como é que é, lida com todo mundo... todos que votavam nele. Então, visita, tinha muito contato com... compadres, tinha muitos afilhados, era padrinho de uma porção de gente. E na estação a gente... Depois que a gente ficou mocinha, a gente tinha alguma relação também com [*inaudível*] porque o meu pai tendo essa farmácia e era deputado, então qualquer político que chegasse, qualquer pessoa que sabia ia procurar. [*inaudível – falas simultâneas*] Depois o meu irmão mais velho foi médico também. Então todo pessoal procurava, teve um relacionamento com esse pessoal que vinha de fora. Me lembro, por exemplo, Pedro Lessa, era um jurista muito conhecido na época, e ele passou pelo grupo escolar e estávamos cantando, porque a gente cantava, porque antigamente a gente cantava um hino antes da sala, então isso preparava a gente, talvez até poeticamente para fazer... trabalhar aquelas outras quatro horas. E na saída também, reunia, cantava outro hino na despedida. Então, não sei porque tiraram, acharam que seria formal, mas às vezes as coisas formais não são formais para gente. Às vezes são formais de aparência e na realidade não são. Então a gente cantava feliz, cantando. E esse Pedro Lessa parou na beirada da calçada e ficou ouvindo o canto todo: “*Salve, lindo pendão da esperança.*” Até é engraçado que... Hino da Bandeira não é? E como o Hino da Bandeira começa com “*salve lindo*” e se você cantou “*salve lindo*” ficou o nome de “*salve lindo.*” “*Salve lindo pendão da esperança*”, “*salve lindo*” o quê? “*Salve lindo pendão da esperança...*” Então ele foi... Quando eu cheguei... na minha casa, então o papai falou: “*Olha, o Pedro Lessa passou lá no grupo e gostou muito de ouvir o canto, o Hino da Bandeira, e disse que vai contar a Olavo Bilac que ele ouviu a letra*”, porque a letra é de Olavo Bilac, ele ouviu a letra dele, cantada no grupo, que

ele passou para ouvir. Então eu falei assim: “*Mas então Olavo Bilac existe?*” Porque a gente acha que poeta [risos] é uma coisa que está longe. E ele conhece? Porque a gente conhecia Pedro Lessa que era um homem muito importante, mas a gente conhecia pessoalmente, e tinha livros, mas não ao alcance da gente. E Bilac era muito ao alcance. Foi o primeiro contato assim com // alguém de mais projeção // de poesia, conhece Olavo Bilac. Eu brinco porque depois tinha irmã poeta, não é? E aí então achei que era, existe, era realidade mesmo, o poeta. A primeira vez foi nesse outro, depois foi com ela. Mas você vê que a gente... tudo isso, traz contatos que são um pouco intelectualizados. Parece que não é nada, mas você chega em casa, seu pai dizer diz que vai contar a Olavo Bilac, então você sente um nível alto, não é?

TP: D. Alaíde, a senhora quando menina, com os irmãos morando em Lambari, vocês costumavam passear? Lambari tinha uma estação de águas, era uma estação de águas e tinha um // porque de águas. // Vocês costumavam passear nos fins de semana?

ALO: No parque a gente ia muito, porque o parque até a minha casa era perto do parque. E no parque a gente ria muito, achava muita graça nos veranistas, porque lá a gente só bebia água mineral, não é? Mas havia um pessoal da cidade, por exemplo, lá em casa na hora do almoço, um pouco antes do almoço, mandar encher o garrafão de água para trazer para a mesa, água fresquinha, não é? E na hora de jantar também ia. Então os meninos em geral que iam. Agora, quando os meninos não podiam, a gente mesmo ia buscar. Então a gente achava muito engraçado porque a gente ia tirar, beber água enquanto tem sede, levava o garrafão quantas vezes você queria beber. E os veranistas ficavam assim... [inaudível], porque em geral os copos deles marcando quantos mililitros. Então eles jogavam assim fora um pouco [riso] // dosavam // dosando para tomar aquela dose certinha, não é? Que o médico em geral punha um tanto, porque os médicos receitavam determinadas tantas gramas... gramas, isso eu acho que já não sei. // mililitros // E a gente não acreditava, a gente achava um pouco, fazia um pouco de ironia com isso sabe? // Porque era tão comum para vocês // E achava que talvez eram eles que estavam errados. Não sei se eles é que estavam certos. Porque quem sabe se não devia dosar mesmo, não é? Porque a água... Isso é que nós costumamos a acostumar fora de lá. Porque a água em Lambari é diferente das outras estâncias, nas outras estâncias, acho que quase todas é com torneiras que fecha. E na nossa não. Assim, tem um tanque, assim redondo, grande, com oito bicas jorrando sem parar, dia e noite, dia e noite. Você chega lá, só chegar assim e encher, não é? Isso um de oito, outro de quatro, outro de um, de um, aquela fartura de água, nada de torneira // não se fechava // não sei como não acabou, eu não sei de onde vem aquela água [risos]

[*inaudível*]... a fonte. E a gente gostava porque sempre que a gente via a água... parecia que fervia, porque é gasosa, não é? Água gasosa então ela // ficava em efervescência //.